



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71)3283 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br

ISAMAR NEIVA

**A EXPRESSÃO DE FUTURIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
CONTEMPORÂNEO: A VARIAÇÃO EM DADOS DO PROJETO ALiB**

SALVADOR
2012

ISAMAR NEIVA

**A EXPRESSÃO DE FUTURIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
CONTEMPORÂNEO: A VARIAÇÃO EM DADOS DO PROJETO ALiB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguística Histórica

Orientador: Professor Doutor Américo Venâncio
Lopes Machado Filho

SALVADOR
2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

ISAMAR NEIVA

**A EXPRESSÃO DE FUTURIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO
CONTEMPORÂNEO: A VARIAÇÃO EM DADOS DO PROJETO ALiB**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Salvador, 25 de outubro de 2012.

Banca Examinadora

AMÉRICO VENÂNCIO LOPES MACHADO FILHO
Doutor em Letras, UFBA
Universidade Federal da Bahia (Orientador)

CIBELE BRANDÃO DE OLIVEIRA
Doutor em Letras, UnB
Universidade de Brasília – UnB

TÂNIA CONCEIÇÃO FREIRE LOBO
Doutor em Letras, UFBA
Universidade Federal da Bahia

Sistema de Bibliotecas – UFBA

Neiva, Isamar.

A expressão de futuridade no português brasileiro contemporâneo : a variação em dados do projeto ALiB / Isamar Neiva. - 2012.
193 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2012.

1. Língua portuguesa - Brasil - Verbos. 2. Língua portuguesa - Brasil - Variação.
3. Sociolinguística. 4. Língua portuguesa - Morfologia. 5. Língua portuguesa - Sintaxe.
6. Língua portuguesa - Tempo verbal. I. Machado Filho, Américo Venâncio Lopes.
II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.5

A minha mãe, pela dedicação de uma vida inteira a cuidar de mim com amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu Mestre e Senhor, meu Pai, Companheiro e Amigo por ser meu escudo, refúgio e o sentido de minha existência. Se não fosse o Senhor Jesus, que esteve sempre ao meu lado, não teria conseguido sobreviver ao caos, chegar ao fim da caminhada e concluir a pesquisa.

Ao orientador, o professor doutor Américo Venâncio Lopes Machado Filho, por ser o exemplo de profissional a ser seguido: íntegro, humano e capaz; e por me fazer enxergar o horizonte onde e quando eu só via neblina. E à sua linda família, Silvana, Lis e Nuno, pelo imensurável carinho de sempre.

À Banca Examinadora, as professoras doutoras Tânia Lobo e Cibele Brandão pelas contribuições teóricas acerca do conteúdo desta dissertação e pelo modo tranquilo como conduziram um dos momentos mais cruciais de minha vida.

À professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, de quem a saudade só me deixa dizer obrigada.

Às professoras Jacyra Mota e Suzana Cardoso, minhas mães acadêmicas, pelo apoio nas decisões mais difíceis e pela oportunidade de pertencer à Família ALiB.

Aos coordenadores do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – os professores Célia Telles e Sávio Siqueira pela atenção.

Aos professores das disciplinas que cursei durante o Mestrado – Emília Helena, Célia Telles, Risonete Batista, Alícia Duá Lose, Ilza Ribeiro, Denise e Sávio Siqueira, a quem também agradeço pelo *abstract*, pelo conhecimento adquirido em sala, pela motivação e estímulo.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – pelo investimento com o qual pude aprofundar o conteúdo acadêmico.

A minha mãe, por ser a melhor mãe do mundo, a única que poderia ser a minha. A quem dediquei minha graduação e agora dedico meu mestrado.

A Dil, minha mais que tia e amiga, por ter contribuído para que meus espinhos brotassem flores.

A minha família pela proteção e cuidado. Ratifico que Deus é fiel e cumpre as suas promessas. Por ora, retribuo ao investimento e à credibilidade com abraço, lágrimas e mais estudo. Tio Tonho e Tia Ia, a recompensa vem de Deus, mas a gratidão é minha.

Aos meus primos e primas, em especial a Enéias, Nordélia, Carla, Manassés e Jadilson, pelo incentivo, compreensão e apoio. Afirmo a todos que vale a pena “pescar” as próprias ilusões e transformá-las em caminhos reais.

À turma 2, da disciplina LET A 13, 2010.2, com a qual realizei o estágio docente, pelo acolhimento.

Ao Sr. Wilson e aos “meninos” da Secretaria da Pós-Graduação – Ricardo Luís e Thiago Rodrigues – pela disposição e cuidado. Vocês valem ouro! Aos amigos e colegas de curso, sobretudo à turma 2010 do mestrado. Fabrício, Lúcio, Andréa, Ionaia, Maria do Carmo, Gilce, Jaqueline, Sandra e Marla, pela amizade sincera.

Talita e Léo pelo apoio desmedido e bibliográfico quando precisei; Amanda pelo suporte amigo e técnico metodológico sobretudo na quantificação dos dados; Michel pela lição de vida e coragem e por ter ajudado a levantar os dados e a me levantar quando precisei de um abraço. Carol, por ser escancaradamente a fiel eterna amiga secreta. Nara e Carmem, pela lealdade de sempre, em todos os momentos.

Ao Grupo PROHPOR que me abraçou com carinho, na caminhada do mestrado, sobretudo a Hirão e Lisana – com os quais sempre pude contar – e aos novos companheiros – Luiz, Juriti e Jane – por me inspirarem a cada dia a ter gosto pela pesquisa.

Ao Dr. Elsimar Coutinho e aos médicos do SMURB, por fazer surgir das cinzas da minha dor uma chama de esperança.

A todos que, direta ou indiretamente, fazem parte dessa trajetória, obrigada!

Doravante, o *futuro* continua.

“O futuro é um labirinto para quem não sabe o que quer”
Charlie Brown Jr.

“Quem me dera ao menos uma vez
Explicar o que ninguém consegue entender
Que o que aconteceu ainda está por vir
E o futuro não é mais como era antigamente.”
Legião Urbana

“A Língua não é um ser acabado
mas um devir permanente e um acontecimento vivo.”
Lorck

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado visa observar que contextos linguísticos e extralinguísticos favorecem a variação das formas verbais que expressam futuridade no português brasileiro contemporâneo. Fundamentou-se, para tanto, no aporte teórico e metodológico da Linguística Histórica, notadamente da Dialectologia Pluridimensional e da Sociolinguística Variacionista Laboviana. O *corpus* analisado constitui-se de 200 inquéritos realizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB – em 25 capitais, nas quais se documentou a fala de oito informantes, dispostos equitativamente quanto ao gênero, às faixas etárias selecionadas –18 a 30 e 50 a 65 anos – e ao grau de escolaridade – fundamental e universitário. A análise quantitativa e qualitativa dos dados restringe-se às construções que expressam futuridade iminente em relação ao momento da fala e às estruturas condicionadas a uma situação hipotética anterior, a partir das respostas dos informantes às questões específicas constantes do Questionário ALiB, formuladas da seguinte maneira: “O que você fará amanhã?” e “O que você faria se ganhasse na loteria?”, respectivamente. Documentou-se a oscilação de uso das variantes quanto ao tempo/aspecto, a partir do confronto entre as formas sintéticas canônicas e não canônicas – *presente* com valor de *futuro* e *imperfecto* usado em lugar do *condicional* – lê-se *futuro do presente*, conforme a NGB –; e quanto ao comportamento morfossintático, a partir da presença/ausência de marca temporal no verbo e do confronto entre as formas sintéticas canônicas – *futuro* e *condicional* – com construções analíticas – “vou trabalhar” e “ia comprar” e sintético-analíticas – “irei trabalhar” e “iria comprar”. Os dados foram submetidos ao Programa *Goldvarb*, obedecendo a uma codificação, previamente realizada, constituída de 10 variáveis independentes: i) quatro grupos de fatores linguístico-estruturais – a presença/ausência de elemento condicionante e/ou marcador temporal, conjugação verbal, a extensão lexical dos verbos e o tipo de verbo –; ii) dois grupos de fatores pragmático-discursivos – o paralelismo discursivo e a ocorrência do âmbito da estrutura frasal, sob a perspectiva do efeito gatilho –; iii) três variáveis sociais – gênero, faixa etária e escolaridade, além da variável diatópica. Os resultados atestaram que a forma canônica *futuro* se encontra em desuso em prol da *forma analítica*, em contraponto ao *condicional*, para que a marcação morfológica é mais evidente, e que as expressões de futuridade – iminente e condicionada a uma situação hipotética anterior – se comportam de maneira diferenciada no que tange aos contextos favorecedores. Admitindo que o valor semântico da expressão de futuridade pode ser assumido, quer por uma categoria mórfica, imposto pela morfossintaxe, quer pelos elementos disponíveis no discurso, apresentam-se, além da descrição dos usos, argumentos que respaldam a afirmação de que as formas verbais podem ser substituídas entre si porque há condições intra, inter e extralinguísticas favoráveis à oscilação de uso das formas verbais que expressam futuridade no português brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: Variação linguística. Morfossintaxe. Expressão de futuridade. Verbos.

ABSTRACT

This MA research study aims at observing which linguistic and extralinguistic contexts favor the variation of verb forms that express futurity in contemporary Brazilian Portuguese. The work has been grounded in the theoretical and methodological foundation of Historic Linguistics, particularly Pluridimensional Dialectology and Labovian Variationist Sociolinguistics. The analyzed corpus comprises 200 inquiries from the ALIB Project – Brazil’s Linguistic Atlas – in 25 capital cities in which it was documented the speech of eight informants, equally distributed in terms of gender, age group – 18 to 30 and 50 to 65 years old – and educational background – primary and university levels. The quantitative and qualitative data analysis is restricted to constructions which express imminent futurity in relation to moment of speech and to the structures conditioned by a hypothetical previous situation, based on informants’ answers to the questions in the ALIB questionnaire, organized in the following way: “What are you going to do tomorrow?” and “What would you do if you won the lottery?”, respectively. It was documented the oscillation in use of variants related to time/aspect, departing from the confrontation between the canonic and non-canonic synthetic forms – present with value of *future* and *imperfect* used in place of the *conditional* – *future of the present*, according to NGB –; and related to the morphosyntactic behavior, from the presence/absence of the temporal mark in the verb and the confrontation between the canonic synthetic forms – *future* and *conditional* – with analytical constructions – “I’m going to (vou trabalhar)” and “I was going to buy (ia comprar)” and synthetic-analytical – “I will work (irei trabalhar)” and “I would go and buy (iria comprar)”. The data was submitted to the *Goldvarb* Program, following a codification, previously conducted, which comprises 10 independent variables: i) four groups of linguist-structural factors – presence/absence of a conditioning element and/or and temporal marker, verb conjugation, verb lexical extension and verb type –; (ii) two groups of discursive-pragmatic factors – discursive parallelism and the occurrence at the level of the sentence structure, under the perspective of the trigger effect –; iii) three social variables – gender, age, and educational background, besides the diatopic variable. Results have proved that the canonic form *future* has been used much less than the *analytical form*, in contrast with the *conditional* – as the morphological mark is much more evident, and the expressions of futurity – imminent and conditioned to a previous hypothetical situation – behave differently as for the favoring contexts. Admitting that the semantic value of the expression of futurity can be assumed, be it for a morpheme category, imposed morphosyntax, or for the elements available in the discourse, the work presents, besides the description of uses, arguments which sustain the statement that verb forms can be replaced by one another as there are inter, intra and extralinguistic conditions which favor the oscillation in use of those verb forms that express futurity in contemporary Brazilian Portuguese.

Key-words: Linguistic variation; morphosyntax; expression of futurity; verbs.

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 – Percentuais obtidos com a análise univariada concernente à expressão de <i>futuridade iminente em relação ao momento da fala</i> | 101 |
| Gráfico 2 – Percentuais da rodada geral concernentes à expressão de <i>futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior</i> | 102 |
| Gráfico 3 – Incidência do ‘Paralelismo discursivo’ na seleção do <i>presente</i> contraposto ao <i>futuro sintético</i> | 110 |
| Gráfico 4 – Incidência do ‘Paralelismo discursivo’ na seleção do <i>futuro analítico</i> contraposto ao <i>futuro sintético</i> | 111 |
| Gráfico 5 – Incidência do ‘Paralelismo discursivo’ na seleção do <i>futuro analítico</i> contraposto ao <i>presente</i> | 112 |
| Gráfico 6 – Incidência do ‘Presença/ausência de marcadores temporais’ na seleção do <i>presente</i> contraposto ao <i>futuro sintético</i> | 117 |
| Gráfico 7 – Incidência do ‘Presença/ausência de marcadores temporais’ na seleção do <i>futuro analítico</i> contraposto ao <i>futuro sintético</i> | 118 |
| Gráfico 8 – Incidência da variável ‘Extensão lexical do verbo’ na seleção do <i>presente</i> contraposto ao <i>futuro sintético</i> | 119 |
| Gráfico 9 – Incidência da variável ‘Grau de regularidade verbal’ na seleção do <i>futuro analítico</i> contraposto ao <i>futuro sintético</i> | 121 |
| Gráfico 10 – Incidência da variável ‘Grau de regularidade verbal’ na seleção do <i>futuro analítico</i> contraposto ao <i>presente</i> | 122 |
| Gráfico 11 – Incidência da variável ‘Conjugação verbal’ na seleção do <i>futuro analítico</i> contraposto ao <i>futuro sintético</i> | 123 |
| Gráfico 12 – Incidência da variável ‘Conjugação verbal’ na seleção do <i>futuro analítico</i> contraposto ao <i>presente</i> | 124 |

| | |
|--|-----|
| Gráfico 13 – Incidência da variável ‘Conjugação verbal’ na seleção do <i>futuro analítico</i> contraposto ao <i>presente</i> – RODADA SEM O VERBO FAZER..... | 125 |
| Gráfico 14 – Distribuição dos resultados da rodada univariada quanto à conjugação verbal. | 126 |
| Gráfico 15 – Realizações dos verbos mais usados | 127 |
| Gráfico 16 – Incidência da variável ‘Diatopia’ na seleção do <i>presente</i> contraposto ao <i>futuro sintético</i> | 130 |
| Gráfico 17 – Incidência da variável ‘Gênero’ na seleção do <i>presente</i> contraposto ao <i>futuro sintético</i> | 135 |
| Gráfico 18 – Incidência da variável ‘Escolaridade’ na seleção do <i>futuro analítico</i> contraposto ao <i>futuro sintético</i> | 136 |
| Gráfico 19 – Incidência da variável ‘Escolaridade’ na seleção do <i>presente</i> contraposto ao <i>futuro sintético</i> | 137 |
| Gráfico 20 – Distribuição dos resultados do cruzamento das variáveis ‘Escolaridade’ e ‘Ordem das sentenças’ | 138 |
| Gráfico 21 – Incidência da variável ‘Paralelismo discursivo’ na seleção de uso do <i>imperfeito</i> contraposto ao <i>condicional sintético</i> | 140 |
| Gráfico 22 - Incidência do ‘Paralelismo discursivo’ na seleção de uso do <i>condicional analítico</i> contraposto ao <i>condicional sintético</i> | 141 |
| Gráfico 23 – Incidência da variável ‘Paralelismo discursivo’ no uso do <i>imperfeito</i> contraposto ao <i>condicional analítico</i> | 142 |
| Gráfico 24 - Incidência do ‘Gênero’ na seleção de uso do <i>condicional analítico</i> contraposto ao <i>condicional sintético</i> | 144 |
| Gráfico 25 - Incidência do ‘Gênero’ na seleção de uso do <i>imperfeito</i> contraposto ao <i>condicional analítico</i> | 145 |

| | |
|--|-----|
| Gráfico 26 – Distribuição dos resultados da rodada univariada quanto ao ‘Gênero’ | 146 |
| Gráfico 27 - Incidência da ‘Escolaridade’ na seleção de uso do <i>imperfecto</i> contraposto ao <i>condicional sintético</i> | 147 |
| Gráfico 28 - Incidência da ‘Escolaridade’ na seleção de uso do <i>imperfecto</i> contraposto ao <i>condicional analítico</i> | 147 |
| Gráfico 29 – Distribuição dos resultados do cruzamento das variáveis ‘Escolaridade’ e ‘Ordem das respostas’ | 148 |
| Gráfico 30 – Incidência da ‘Presença/ausência do elemento condicional ‘se’ na seleção do <i>imperfecto</i> contraposto ao <i>condicional sintético</i> | 153 |
| Gráfico 31 - Distribuição dos resultados do cruzamento das variáveis ‘Ordem das sentenças’ e ‘Presença/ausência de “se”’ | 154 |
| Gráfico 32 – Incidência da variável ‘Grau de regularidade verbal’ na seleção do <i>imperfecto</i> contraposto ao <i>condicional analítico</i> | 156 |
| Gráfico 33 – Distribuição da rodada univariada quanto ao ‘Grau de regularidade verbal’ ... | 156 |
| Gráfico 34 – Incidência da variável ‘Conjugação verbal’ na seleção do <i>imperfecto</i> contraposto ao <i>condicional sintético</i> | 157 |
| Gráfico 35 – Incidência da variável ‘Conjugação verbal’ na seleção do <i>imperfecto</i> contraposto ao <i>condicional analítico</i> | 158 |
| Gráfico 36 – Distribuição da realização do <i>presente</i> como forma de expressão de futuridade iminente ao momento da fala..... | 163 |
| Gráfico 37 – Distribuição do infinitivo – cruzamento das variáveis pragmático-discursivas | 172 |
| Gráfico 38 – Distribuição do infinitivo – cruzamento das variáveis pragmático-discursivas | 173 |

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 – Caracterização dos tempos verbais do modo indicativo por Mattos e Silva (1989)
..... **Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 2: Empregos dos tempos verbais latinos do modo Indicativo, com base em Faria (1958) **Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 3 – Quadro sinótico das reestruturações do paradigma verbal no processo de caracterização do português..... **Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 4 – Processo de formação dos tempos verbais *futuro do presente* e *futuro do pretérito* na passagem do latim para o português **Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 5: Quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu.
..... **Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 6: Distinção entre *tempo* e *aspecto*, conforme Castilho (2010)**Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 7: Distinção entre tempo e aspecto (MIRA MATEUS, 2003)**Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 8: Distinção entre auxiliares modais e não modais, com base na proposta de Perini (2010) **Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 9: Subclasses dos verbos e esquemas relacionais **Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 10: Conceito e usos dos tempos verbais do modo indicativo**Erro! Indicador não definido.**
- Quadro 11: Interpretação da proposta de Costa (1990) a respeito da distinção entre tempo e aspecto **Erro! Indicador não definido.**

| | |
|--|--------------------------------------|
| Quadro 12: Interpretação da proposta de Ilari (2001) a respeito da distinção entre dêixis e anáfora | Erro! Indicador não definido. |
| Quadro 13: Interpretação da proposta de Corôa (2005) a respeito das teorias | Erro! Indicador não definido. |
| Quadro 14 - QUADRO OPERATÓRIO: Proposta de Fernandes (2007) | Erro! Indicador não definido. |
| Quadro 15 – Esquema de cores utilizado na análise dos dados | 80 |
| Quadro 16 – Paradigma geral das formas documentadas como respostas à pergunta “O que você fará amanhã?” | 83 |
| Quadro 17 – Paradigma geral das formas documentadas como respostas à pergunta “O que você faria se ganhasse na loteria?..... | 83 |
| Quadro 18 – Delimitação das variantes registradas nas respostas à pergunta“O que você fará amanhã?” | 86 |
| Quadro 19 – Paradigma geral das formas documentadas como respostas à pergunta “O que você faria se ganhasse na loteria?..... | 88 |
| Quadro 20 – Paradigma sintético das variantes adotadas em ambas as análises quantitativo-qualitativa dos dados concernentes à expressão de futuridade..... | 100 |
| Quadro 21 – Paradigma geral dos grupos de fatores selecionados pelo <i>Goldvarb</i> nas rodadas binárias | 106 |
| Quadro 22 – Paradigma geral dos grupos de fatores selecionados pelo <i>Goldvarb</i> nas rodadas binárias | 107 |
| Quadro 23: Grupos selecionados nas rodadas COM FAZER e SEM FAZER..... | 124 |
| Quadro 24 – Distribuição diatópica das variantes documentadas que expressam <i>futuridade iminente em relação ao momento da fala</i> | 131 |

Quadro 25: Distribuição diatópica das variantes documentadas que expressam *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior* 149

Quadro 26 – Confronto entre os tipos de expressão de futuridade: Hipóteses *versus* resultados 160

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: BRASIL SEM FUTURO SINTÉTICO – distribuição diatópica da presença/ausência do futuro sintético 132

FIGURA 2: Distribuição diatópica da expressão de futuridade iminente em relação ao momento da fala.....134

FIGURA 3: Distribuição diatópica da expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior.....152

SUMÁRIO

| | | |
|---------|---|--------------------------------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | Erro! Indicador não definido. |
| 2 | DISCUSSÕES PRELIMINARES | 24 |
| 2.1 | O “PASSADO” DO FUTURO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOS FUTUROS EM PORTUGUÊS..... | 26 |
| 2.1.1 | Entendendo o sistema verbal latino | 28 |
| 2.1.2 | A formação dos futuros no português: caminhos sinuosos | 32 |
| 2.2 | O FUTURO HOJE: CONTORNOS DA QUESTÃO EM COMPÊNDIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA | 37 |
| 2.2.1 | Esquadrinhando gramáticas e “soltando o verbo”: algumas definições de <i>verbo</i> e das categorias verbais..... | 38 |
| 2.2.1.1 | <i>Definições semânticas de cada tempo verbal e seus respectivos empregos</i> | <i>50</i> |
| 2.2.2 | Enxergando o <i>verbo</i> através de estudos linguísticos: um panorama..... | 56 |
| 2.2.3 | Reflexões sobre os olhares | 67 |
| 3 | METODOLOGIA | 69 |
| 3.1 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA..... | 72 |
| 3.1.2 | Constituição do <i>corpus</i> e coleta dos dados | 73 |
| 3.1.3 | Audição, transcrição e seleção dos dados | 75 |
| 3.1.4 | Elaboração dos grupos de fatores, codificação e quantificação dos dados..... | 77 |
| 3.2 | ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS..... | 80 |

| | | |
|--------------|---|------------|
| 4 | ANÁLISE DOS DADOS..... | 81 |
| 4.1 | ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DOS DADOS | 85 |
| 4.1.1 | Delimitação das variantes e expurgo das respostas invalidadas..... | 85 |
| 4.1.1.1 | <i>Inviabilidade de observação da resposta do informante gerada pela formulação equivocada da pergunta</i> | <i>90</i> |
| 4.1.1.2 | <i>Não correspondência da resposta às duas situações propostas.....</i> | <i>94</i> |
| 4.1.1.3 | <i>Elipse do verbo, de modo que a futuridade passa a ser expressa apenas pelo discurso.....</i> | <i>98</i> |
| 4.1.1.4 | <i>Invalidação da resposta e conseqüente não êxito do jogo de linguagem.....</i> | <i>99</i> |
| 4.1.2 | Quantificação dos dados – resultados gerais | 100 |
| 4.1.3 | Quantificação dos dados – resultados das análises multivariadas | 104 |
| 4.1.3.1 | <i>Os contextos favorecedores da oscilação de uso das formas verbais que expressam futuridade iminente em relação ao momento da fala</i> | <i>109</i> |
| 4.1.3.1.1 | <i>‘Paralelismo discursivo’</i> | <i>110</i> |
| 4.1.3.1.2 | <i>‘Presença/ausência de marcadores temporais’</i> | <i>114</i> |
| 4.1.3.1.3 | <i>‘Extensão lexical dos verbos’</i> | <i>119</i> |
| 4.1.3.1.4 | <i>‘Grau de regularidade verbal’</i> | <i>120</i> |
| 4.1.3.1.5 | <i>Conjugação verbal</i> | <i>123</i> |
| 4.1.3.1.6 | <i>Diatopia</i> | <i>129</i> |
| 4.1.3.1.7 | <i>Gênero.....</i> | <i>135</i> |
| 4.1.3.1.8 | <i>Escolaridade</i> | <i>136</i> |
| 4.1.3.2 | <i>Os contextos favorecedores da oscilação de uso das formas verbais que expressam futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior</i> | <i>139</i> |
| 4.1.3.2.1 | <i>‘Paralelismo discursivo’</i> | <i>140</i> |
| 4.1.3.2.2 | <i>‘Gênero’</i> | <i>144</i> |
| 4.1.3.2.3 | <i>‘Escolaridade’</i> | <i>147</i> |

| | | |
|-----------|--|------------|
| 4.1.3.2.4 | ‘Diatopia’ | 149 |
| 4.1.3.2.5 | ‘Presença/ausência de elemento condicional <i>se</i> ’ | 152 |
| 4.1.3.2.6 | ‘Grau de regularidade verbal’ | 155 |
| 4.1.3.2.7 | ‘Conjugação verbal’ | 157 |
| 4.2 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONFRONTO ENTRE AS ANÁLISES – HIPÓTESES <i>VERSUS</i> RESULTADOS | 159 |
| 4.3 | ANÁLISE QUALITATIVA DE ALGUMAS ESTRUTURAS DOCUMENTADAS | 161 |
| 4.3.1 | “A semente do amanhã”: diagnosticando o <i>presente</i> com valor de futuro | 162 |
| 4.3.1.1 | <i>O verbo auxiliar “ir”: um compositor de futuros</i> | <i>164</i> |
| 4.3.2 | Resultados das rodadas binárias com o infinitivo..... | 169 |
| | A REALIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA <i>VERSUS</i> OS COMPÊNDIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA..... | 174 |
| 5 | A REALIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA <i>VERSUS</i> OS COMPÊNDIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA | 175 |
| 5.1 | O PROBLEMA DO CONCEITO / DEFINIÇÃO | 176 |
| 5.2 | O PROBLEMA DO USO | 177 |
| 5.3 | O PROBLEMA DA NOMENCLATURA..... | 179 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 182 |
| | REFERÊNCIAS | 186 |
| | GLOSSÁRIO | 192 |

INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

No âmbito acadêmico, muitos trabalhos têm sido realizados visando diminuir a distância entre a realidade linguística brasileira e o ensino de língua. Tem-se, porém, observado que esses estudos não têm causado efeito de maneira a modificar paradigmas, embora, em muitos casos, focalizem a relação entre língua e sociedade.

Entre maio e junho de 2011, a mídia brasileira protagonizou uma cena polêmica acerca de um livro didático que previa a variação linguística no âmbito do nível morfossintático. A partir de então, os linguistas – sociolinguistas, em geral – tiveram seus “quinze minutos de fama”, a partir da repercussão dada ao fato, mas foram e continuam sendo vistos, por muitos, como “vilões” que assassinaram ou, ao menos, intentaram contra a vida da língua portuguesa.

Ora, num país em que parte da população defende a legalização de drogas, a liberdade de expressão e de afetividade, dentre outras coisas, é, no mínimo, intrigante que não se admita a variação linguística. Diante disso, pressupõe-se que o discurso de quebra de preconceitos e valorização do indivíduo tem sido hipócrita. Em suma e mais uma vez, a Educação é a grande vítima do descaso social e político.

Faz-se necessário, pois, que os estudiosos de língua continuem a penetrar no reino das palavras como o poeta “à procura da poesia” e dos “poemas que esperam ser escritos”, com atenção e sem omitir os fatos e sem desconsiderar a sua supremacia, despindo-se, sobretudo, de todo e qualquer prejulgamento.

Afinal, os usos linguísticos ecoam por descobertas, se insinuam insistentemente e, muitas vezes, explodem na voz abafada dos excluídos. Aliás, talvez por essa razão, seus utentes, abandonados, estigmatizados, marginalizados, vítimas da discriminação, se tornem invisíveis, camuflados por tantos preconceitos sociais. A tentativa de se tornar audível soa, para alguns puristas, como alguém que oferece seu corpo em troca da própria sobrevivência ou até mesmo como quem deseja morbidamente revelar a todos o prazer do diferente, o prazer daquilo que foge aos padrões de uma sociedade que não se (re)conhece em sua história.

Assim, partindo do pressuposto de que há necessidade de atenuação da distância entre a realidade linguística brasileira e o ensino de língua, de alargamento das “tendas” dos estudos linguísticos e de que se realize uma abordagem adequada sobre a variação linguística nas escolas brasileiras, faz-se relevante conhecer, cada vez mais, os usos linguísticos, e através de

da descrição de fenômenos analisados, contribuir para o fornecimento de material de suporte para o ensino-aprendizagem.

Um fato intrigante na língua se refere à possibilidade de substituição de formas verbais que refletem e indicam o tempo. Em eventos de fala do português brasileiro, tem-se observado oscilação de uso das formas verbais que expressam futuridade tanto no que concerne ao tempo / aspecto, quanto ao comportamento morfossintático, *i. e.*, quer seja com a forma sintética – uso do morfema modo-temporal – quer seja com a perífrase verbal – uso do verbo *infinitivo* precedido por auxiliar, em geral, o verbo *ir*).

Considerando que, no tocante à relação intrínseca entre língua e sociedade, os eventos de fala são produtos da atividade da linguagem em funcionamento – os quais revelam traços do cotidiano –, admite-se que a observação dos usos são fundamentais para a apreensão de características sócio-históricas e, sobretudo, linguísticas.

De acordo com os princípios de Benveniste o acontecimento discursivo, função primordial da enunciação, implica definir interlocutores, demarcar espaços e “reinventar” o tempo. Aliás, como afirma Rangel, (2005, pp. 9-10) “[...] tudo se passa como se, ancorando-se no tempo de sua própria enunciação (MF)¹, o discurso inaugurasse uma primeira temporalidade”.

Mas, afinal, o que é o tempo? Santo Agostinho tem uma curiosa resposta para tal questão: “Se não perguntam sei, se me pedem para explicá-lo, já não sei.”. Não obstante, há sempre como tentar descrevê-lo.

Sob essa perspectiva, desenvolveu-se esta pesquisa sobre *a expressão de futuridade no português brasileiro contemporâneo* considerando a história e os fatos do presente e tendo por objetivos: i) descrever o comportamento das formas verbais que expressam futuridade, e ii) identificar a incidência dos fatores linguísticos, sociais e pragmático-discursivos condicionantes da variação, considerando que a oscilação das formas verbais ocorre, geralmente, sob a perspectiva do efeito gatilho.

Para a averiguação do comportamento das formas verbais que expressam futuridade no português brasileiro contemporâneo, aventaram-se as seguintes hipóteses: i) os falantes tendem a empregar as formas *presente* e *imperfecto*, em detrimento das formas padrão, *futuro* e *condicional*, respectivamente; iii) a forma sintética é favorecida pelo emprego do *presente*

¹ O autor faz menção ao momento da fala (MF), um dos três pontos temporais, propostos por Reichenbach, a saber: o momento do evento (ME), o momento da referência (MR), e momento da fala (MF).

como expressão de *futuro* e do *imperfecto* como expressão de *condicional*; iii) quanto ao comportamento morfossintático, os falantes optam, com mais frequência, pelo uso da forma analítica em detrimento da forma sintética, tanto no que se refere à expressão de *futuro do presente*, quanto à expressão de *futuro do pretérito*.

No que tange à incidência dos contextos linguísticos e extralinguísticos para a seleção das formas verbais, considerou-se que os contextos linguísticos são mais favorecedores ao uso das variantes sintéticas e analíticas não canônicas. No que se refere à incidência dos aspectos pragmático-discursivos, aventou-se a hipótese de que os falantes tendem à repetição da forma dentro do contexto frasal, favorecendo o paralelismo discursivo, sob a perspectiva do efeito gatilho, admitindo que este favorece o emprego das formas *futuro* e *condicional*, com respectivos morfemas modo-temporais.

No *Capítulo 2 – Discussões preliminares* –, apresentam-se um breve panorama da constituição histórica do futuro verbal no português, a fim de que se possam interpretar os eventos de fala do português brasileiro contemporâneo, e uma revisão do que se tem tratado sobre o tema em gramáticas, manuais de língua portuguesa e em estudos linguísticos. Importa a esta pesquisa não apenas investigar os comentários das gramáticas e manuais a respeito do comportamento das formas verbais que expressam futuridade, mas descrever a caracterização de seus elementos compositores, sobretudo no que tange à discussão sobre *tempo*, *modo* e *aspecto*, e refletir a respeito da relevância dos elementos coadjuvantes, dentre os quais se destacam os marcadores temporais, para a seleção de determinada variante.

No *Capítulo 3 – Metodologia* –, detalham-se os procedimentos metodológicos adotados durante o desenvolvimento da investigação, ressaltando alguns dos pressupostos teóricos com os quais foi possível fundamentar o desenvolvimento do estudo e a argumentação que constitui a análise dos dados.

No *Capítulo 4 – Análise dos dados* – discutem-se, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista e da Dialectologia Plurimensional, os resultados obtidos na quantificação dos dados. O cotejo das considerações tecidas sobre a abordagem do fenômeno estudado em gramáticas língua portuguesa com a análise dos dados obtidos é realizada no *Capítulo 5*, em que também se apresenta uma análise qualitativa acerca de algumas formas documentadas e quantificadas que requereram da pesquisa um olhar mais acurado.

Por fim, as *Considerações finais*.

CAPÍTULO 2

DISCUSSÕES PRELIMINARES

2 DISCUSSÕES PRELIMINARES

[...] A existência humana é permanente *antecipação* do futuro, daquilo que ainda não é; é um trazer o futuro ao presente, como intenção, obrigação ou possibilidade; e esta antecipação é o que lingüisticamente se expressa mediante as formas modais [...] Mas, para que o futuro possa constantemente “ser antecipado”, fazer-se “compresente” com os outros dois momentos do tempo, é necessário também que se afaste, que se projete como momento “exterior” para o qual tende a existência; e é este afastamento, esta “exterioridade” do futuro, o que se expressa mediante as formas que, de maneira imprópria, foram chamadas “puramente temporais”. Por isso não é de estranhar que em muitas línguas o futuro seja materialmente “frágil” (instável) e seja expresso pelo presente ou seja refeito periodicamente mediante formas de valor modal, pois o sentido da existência, em maior ou menor medida, é próprio de todos os homens; e não é de estranhar que as formas modais se “temporalizem”, pois a dispersão dos momentos do tempo é o corolário de seu modo de se tornarem compresentes. (COSERIU, 1979, p. 147)

Como se vê, a assertiva supracitada destaca o caráter modal do futuro detrimento do caráter estritamente temporal. Embora seja bastante elucidativa, a explicação proposta não justifica as possíveis motivações que resultaram na substituição do futuro latino por formas analíticas – modais – na formação das línguas românicas.

Coseriu (1979) considera que o problema de uma determinada mudança ou de uma série de alterações numa língua é sempre um problema histórico, ao qual importa a realidade dinâmica da língua e o conhecimento das condições gerais da mudança. Como exemplificação da relação inovação/tradição, o autor cita o processo de constituição do futuro no português, evidenciando, dentre as possíveis motivações para a transformação da forma sintética de futuro para a analítica, as motivações linguísticas – funcionais – que implicam explicações históricas.

Com base nesses pressupostos, importa a esta pesquisa observar o processo de formação do futuro no português e as mudanças ocorridas no percurso, na tentativa de compreender o processo de variação das formas que expressam futuridade no português brasileiro contemporâneo e, por conseguinte, investigar como alguns autores – gramáticos e linguistas – abordam essa variação.

A presente discussão obedece, pois, à seguinte ordem: i) panorama histórico concernente à formação dos futuros – *futuro do presente* e *futuro do pretérito* – no português; ii) composição do cenário atual – século XX e XXI – da abordagem do tema em gramáticas e manuais de língua portuguesa, bem como em estudos linguísticos; iii) reflexões acerca da abordagem sobre o futuro, desde a sua formação.

2.1 O “PASSADO” DO FUTURO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOS FUTUROS EM PORTUGUÊS

[...] o passado pode informar sobre as variações e mudanças em curso no presente, da mesma forma que a análise de variação e mudança no presente abre caminhos para uma melhor interpretação de fatos do passado. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 48)

A ação de entrever o passado através de fatos do presente e interpretar o presente através dos fatores históricos do passado expressa a indissociabilidade do sincrônico e do diacrônico e a possibilidade de estudo pós século XIX, com as orientações desenvolvidas pela teoria da variação e da mudança linguística do tipo laboviano.

Os estudos linguísticos, mesmo os de base em dados sincrônicos, necessitam de um olhar no passado, a fim de que se possa, a partir das origens, entender o hoje e conjecturar o amanhã através do curso, decurso e transcurso da língua.

Considerando a história e a variabilidade da língua, é válido lembrar que na passagem do latim para as línguas românicas, em especial no processo de constituição do português, vários paradigmas sofreram profundas reestruturações. Dentre as alterações no paradigma verbal destacam-se a não marcação morfológica do *aspecto* e a possibilidade de substituição entre os elementos da categoria de *tempo*, as quais ocorrem em função da flexibilidade do sistema e da intencionalidade do falante em comunicar-se e em adaptar-se socialmente dentro de uma comunidade linguística.

Há de se considerar, pois, através de fatos do presente, especificamente no que concerne ao português brasileiro contemporâneo, as alterações que o paradigma verbal tem sofrido – o enfraquecimento da morfologia verbal, em virtude da não concordância verbo-nominal; a obliteração de modos verbais; a preponderância de uso do modo indicativo substituindo os demais; e, ainda, oscilação de uso das formas verbais que expressam futuridade quanto à categoria de *tempo* e de *aspecto* e quanto ao comportamento morfossintático.

Antes, porém, de tecer considerações acerca da formação do futuro em português – foco desta seção –, ressaltam-se algumas definições prévias descritas por Mattos e Silva (1989) em que se distinguem as categorias verbais *tempo*, *modo* e *aspecto*.

Morficamente é impossível separar o modo e o tempo em português: ambos estão cumulativamente representados por um único elemento significativo, o morfema modo-temporal. Esses dois categorizados verbais têm valores distintos, funcionando diversamente no sistema.

Pode-se definir o modo verbal como “a atitude do falante em relação ao *status* factual do que está dizendo, isto é, sua certeza e ênfase, sua incerteza ou dúvida, etc.” (LYONS, 1979: 322); e o tempo verbal como a expressão da “relação que se estabelece entre o tempo da ação, do acontecimento ou do estado referidos na frase e o momento do enunciado” (LYONS, 1979: 320).

O modo e o tempo, como o número e pessoa, são categorias obrigatórias do verbo em português e são expressas pelos mecanismos flexionados já descritos. Há categorias verbais que se podem considerar facultativas, como o “desenvolvimento” e a “modalidade” (POTTIER, 1969: 35), ou, na terminologia tradicional, o aspecto, que não são expressas por mecanismos flexionais, mas por sequências ou locuções verbais.

(MATTOS E SILVA, 1989, p. 402)

Como se avalia, embora *tempo* e *modo* sejam descritos como indissociáveis e interdependentes, admite-se o funcionamento diversificado no sistema verbal. Em contrapartida, o *aspecto* é não obrigatório, expresso por estruturas não flexionais.

No que tange aos tempos verbais no português, especificamente, os tempos verbais no modo indicativo, Mattos e Silva (1989, p. 413) apresenta características cronológicas e traços aspectuais – quanto à duração, como se observa no quadro, a seguir.

Quadro 1 – Caracterização dos tempos verbais do modo indicativo por Mattos e Silva (1989)

| <i>tempos verbais do indicativo</i> <i>relação com o momento do enunciado</i> | <i>IdPr</i> <i>Presente</i> | <i>IdPt1</i> <i>Pretérito imperfeito</i> | <i>IdPt2</i> <i>Pretérito perfeito</i> | <i>IdPt3</i> <i>Pretérito mais-que-perfeito</i> | <i>IdFT1</i> <i>Futuro do presente</i> | <i>IdFT2</i> <i>Futuro do pretérito</i> |
|--|--------------------------------|---|---|--|---|--|
| <i>coincidência</i> | + | - | - | - | - | - |
| <i>anterioridade</i> | - | + | + | - | - | + |
| <i>dupla anterioridade</i> | - | - | - | + | - | - |
| <i>término</i> | - | - | + | + | - | - |
| <i>em realização</i> | + | + | - | - | - | - |
| <i>a realizar-se</i> | - | - | - | - | + | - |
| <i>não realização</i> | - | - | - | - | - | + |

A autora destaca, entretanto, a possibilidade de anular as distinções modo-temporais básicas. Em relação ao futuro, às páginas 421-425, a autora registra o uso da forma *presente* do indicativo como expressão do *futuro do presente*, embora em poucas realizações, na documentação examinada – *Os diálogos de São Gregório*, versão trecentista – bem como a extensão do *imperfeito* do indicativo para a expressão do *futuro do pretérito*.

Mas, “pra chegar até aqui”, um longo caminho sinuoso foi trilhado. É relevante, pois, olhar para trás e entender o “futuro” de ontem, de hoje, e quiçá, de amanhã.

2.1.1 Entendendo o sistema verbal latino

Furlan (2006) apresenta algumas características da gramática da língua latina, sobretudo no que concerne ao âmbito morfológico, pontuando com detalhes suas peculiaridades, e provocando no leitor o desejo de se aprofundar no assunto e perceber as similitudes com o atual paradigma verbal da língua portuguesa. No que concerne ao verbo, assevera ser

[...] uma palavra lexical que se conjuga e traduz o processo temporal e modal da ação do sujeito, com cuja pessoa concorda. Rico em informações paradigmáticas e sintagmáticas, é o núcleo ou protagonista gramatical da frase. Por isso os latinos o chamaram de **verbum**, “palavra, termo, expressão”, que derivou para as línguas românicas. (FURLAN, 2006, p. 102)

Essa definição de verbo caracteriza-o semântica e morfossintaticamente. O autor admite, à página 103, que se deva considerar relevante em relação ao estudo dos verbos os recursos morfológicos de que dispunham no latim, sobretudo por se propuserem a expressar categorias gramaticais como conjugações, vozes, modos e *aspecto* relativo à duração, traduzido em três radicais – o *infectum*, para os tempos de ação inacabada; o *perfectum*, para os tempos de ação conclusas e o *supino*, para algumas formas nominais.

Câmara Jr. (1976, pp.127-128) assevera que em latim havia três categorias verbais: i) o *aspecto*, cuja marcação morfológica comunicava duração – conclusa ou inconclusa –; ii) a ocasião da ocorrência ou vista do momento em que se fazia a comunicação; iii) modo ou expressão de apreciação do falante a respeito do que dizia.

Assim, os verbos latinos dispunham de uma ampla possibilidade de flexão no que concerne ao *aspecto*, ao *modo*, ao *tempo*, às pessoas e à voz. Esse sistema era orientado, semanticamente, para o sujeito da frase e para os seus complementos, componentes intrínsecos à significação verbal.

Entretanto, com o passar do tempo, a noção de *aspecto* conclusivo entrou em conflito com a noção temporal de presente resultando na interpretação de uma forma que designava o tempo pretérito. Segundo Mattos e Silva (2006), quando o *aspecto* verbal deixa de ser marcado morfológicamente no latim padrão, já não se tinha, muito nitidamente, uma clara oposição.

Segundo Faria (1958),

o sufixo temporal segue-se ao radical verbal, e indica o tempo, e, implicitamente, o modo, em que está o verbo. Daí se conclui que cada tempo terá o seu sufixo especial, que por isso mesmo variará de um tempo para outro, como também de um modo para outro. (FARIA, 1958, p. 157)

Intrigante, porém, é perceber que algumas formas verbais podem ser substituídas por outras independentemente pertencerem, ou não, ao mesmo modo, através de usos distintos, também considerados como metafóricos ou ficcionais. Há de se considerar, contudo, a não arbitrariedade dessas substituições.

Observem-se, a seguir, alguns empregos metafóricos dos tempos verbais latinos, com base em Faria (1958).

Quadro 2: Empregos dos tempos verbais latinos do modo Indicativo, com base em Faria (1958)

| TEMPOS VERBAIS | | SENTIDO PRÓPRIO | OUTROS SENTIDOS |
|----------------|-------------------------------|---|---|
| INFECTUM | Presente do indicativo | “[...] exprime ação em sua elaboração, no momento em que ela se realiza, dando-lhe igualmente a idéia de duração [...]” (p. 375) | a) “[...] acepções figuradas, como indicar simplesmente uma tentativa, como também uma ação futura ou mesmo passada.” (p. 376) b) Presente histórico – “[...] empregado em lugar do perfeito (como, aliás, também em português), para dar mais vivacidade e vigor à narração, sendo usado pelos poetas mesmo fora da narração.” (p. 376) |
| | Imperfeito | “[...] transfere ao passado a mesma natureza da ação expressa pelo presente, servindo, por conseguinte, para indicar a ação verbal em sua elaboração, ou dando-lhe uma idéia de duração ou repetição.” (p. 376) | a) “para indicar a simultaneidade no passado” b) para exprimir uma simples tentativa, como o presente c) facultativamente, para inserir ponto de vista do destinatário de uma carta. (p. 377) |
| | Futuro Imperfeito | indica que a ação verbal irá se realizar num futuro próximo ou remoto. (p. 378) | [...] acepções em que mais se avizinha do subjuntivo de um lado, e do imperativo de outro. a) Futuro volitivo jussivo – empregado para exprimir “ordem, comando, equivalendo a um imperativo atenuado, sendo o emprego muito freqüente na linguagem familiar” (p. 378) b) Futuro volitivo deliberativo – usado para indicar “por parte do sujeito uma deliberação íntima, dúvida ou hesitação, por vezes reação a uma ordem, caso em que é particularmente freqüente em frases interrogativas ou exclamativas.” (p. 378) c) Futuro optativo – muito aproximado do subjuntivo optativo, exprime um desejo d) Futuro acrônico – exprime, como o presente acrônico, uma verdade ou conceito geral de valor permanente. |
| PERFECTUM | Pretérito perfeito | Indica “uma ação acabada, ou uma ação passada em relação ao presente, equivalendo ao perfeito grego.” (p. 379) | a) Emprega-se “[...] com valor de futuro, especialmente quando a êle se junta uma oração condicional, indicando-se assim que a ação por êle expressa é considerada como certa e inevitável.” b) Perfeito histórico ou aorístico – “indica uma simples ação passada, sem relação alguma com o presente, sendo freqüentemente usado para indicar uma verdade conhecida por experiência comprovada [...]”, e em geral, é acompanhado das palavras <i>interdum, saepe, multi, nemo, plerique</i> . (p. 380) |
| | Mais-que-perfeito | “indica ação passada antes de outra também passada, exprimindo assim uma ação acabada no passado, ou ainda os resultados passados de uma ação consumada.” (p. 380) | Obs.: Não são citados outros usos |
| | Futuro perfeito | “exprime um fato futuro que será realizado, porém, antes de outro também futuro.” (p. 381) | |

Como se verifica, desde o latim a substituição entre os tempos verbais é possível. Dentre outros usos, destaca-se que a forma do *presente* do indicativo – em acepções metafóricas – e o pretérito perfeito – em estruturas condicionais, evidenciando a inevitabilidade da ação a ser realizada – indicavam futuro, que por seu turno, não era suscetível à realização.

Considerando que “nada surge no sistema que não tenha existido antes na norma” (COSERIU, 1979) e, de igual forma, nada desaparece do sistema funcional a não ser através de uma ampla seleção realizada pela norma, é possível conhecer as alterações sofridas no paradigma verbal latino em prol da constituição do português. E sob essa perspectiva, é possível dizer que foram marcadas por “perdas e ganhos”.

Sobre as perdas sofridas pelo latim literário, especificamente ao sistema verbal latino, Coutinho (1962, p. 322), assevera:

Apesar de a maioria dos tempos da conjugação latina se ter conservado na portuguesa, com emprêgo, alguns, todavia, se estenderam a funções novas, outros desapareceram, tornando-se assim necessária a criação de novos tempos para os substituir. (COUTINHO, 1962, p. 322)

Observem-se, a seguir, algumas reestruturações do paradigma verbal nesse percurso, as quais caracterizaram o português.

Quadro 3 – Quadro sinótico das reestruturações do paradigma verbal no processo de caracterização do português

| SITUAÇÃO | FORMAS VERBAIS |
|---|--|
| FORMAS QUE PERMANECERAM | <i>Presente, Imperfeito, Perfeito, Mais-que-perfeito.</i> |
| FORMAS QUE FORAM EXTINTAS | <i>Futuro imperfeito do indicativo, Futuro do imperativo, Perfeito do infinitivo, Participio presente, Participio futuro ativo, Gerundivo, Supino</i> |
| FORMAS QUE PERMANECERAM COM EMPREGOS DIFERENTES | <i>Imperfeito do subjuntivo > infinitivo pessoal, Mais-que-perfeito do subjuntivo > imperfeito do subjuntivo, Futuro perfeito do indicativo + perfeito do subjuntivo > futuro do subjuntivo, Presente do subjuntivo</i> |
| CRIAÇÕES ROMÂNICAS | <i>Futuro, Condicional, Tempos compostos, Formas passivas analítica</i> |

Como se percebe, o paradigma verbal latino, constituído de formas sintéticas é fortemente alterado em prol da criação de formas analíticas, dentre as quais se destacam o *futuro do presente* e o *futuro do pretérito - condicional*. É válido ressaltar que a utilização de formas perifrásticas surgiu em virtude da necessidade de uma expressão para o passado imediato, geralmente através da combinação entre o verbo *habeo* e o participio passado.

Lentamente, esse modelo perifrástico se generalizou de maneira a se referir a um passado perfectivo anterior a outro também passado — atualmente, traduz-se pelo tempo pretérito mais-que-perfeito em português.

Assim, entre “perdas e ganhos”, neutralizações, alomorfias, coexistências de formas e a subsequentes substituições de formas antigas por inovadoras, eis que emerge o futuro.

2.1.2 A formação dos futuros no português: caminhos sinuosos

Em matéria de morfologia e sintaxe, a evolução que se processa do latim ao galego-português é semelhante à que leva às outras línguas românicas, em particular ao castelhano. [...] O sistema dos tempos e dos modos altera-se e multiplicam-se as formas perifrásticas. O futuro simples (ex.: *amabo*) é substituído, como em toda a România ocidental, por uma perífrase construída com *habere* — *amare habeo* —, donde se origina o fut/uro galego-português *amarei*. [...] (TEYSSIER, 1997, p. 17)

Considerando o fato de que as mudanças linguísticas são motivadas por fatores externos e internos, apresentam-se alguns fatores que podem ter contribuído para a formação do futuro em português.

Segundo Williams (1973, p. 211) duas formas de futuro eram comuns no latim vulgar, um “formado de *de* mais infinitivo após as formas do presente do indicativo do verbo haver, e.g., *hei de ir*, enquanto o outro era formado pela adição, como sufixos, ao infinitivo das formas do presente do indicativo do verbo haver (menos *hav-* da primeira e segunda pessoas do plural)”.

Assim, uma primeira pressuposição refere-se ao fato de que, ao contrário do latim clássico que apresentava duas formas indicativas de futuro – o futuro imperfeito e o futuro perfeito –, o latim vulgar não propiciava o uso do futuro, sendo substituído por perífrases com auxiliar *sum* ou *habeo* e, predominantemente, pelo presente.

Sob essa perspectiva, assume-se que a partir do momento em que duas ou mais formas passam a coexistir com valores semelhantes, tende-se à frequência e predominância de uso de uma em detrimento e conseguinte desuso da outra. Entretanto, é preciso considerar que nem sempre a forma inovadora – a que assume o valor de verdade de outra preexistente – prevalece sobre a forma mais antiga, de modo que a variação pode pressupor a mudança, mas esta não implica, necessariamente, aquela.

No que tange, especificamente, às formas de futuro – *futuro do presente e condicional* – Coutinho (1962, p. 324-325) admite que

[...] a razão do desaparecimento do futuro em *-bo* no latim vulgar, na primeira e segunda conjugação, explica-se pela semelhança de algumas formas com as do perfeito do indicativo: *amabit-amavit, amabimus-amavimus*; do futuro em *-am*, na terceira e quarta conjugação, igualmente pela semelhança de algumas formas com as do indicativo e subjuntivo presente: *leges-legis, leget-legit, legam-legam*. [...] Recorreu-se então, entre outras, a uma perífrase verbal, formada pelo infinitivo de um verbo e o indicativo de *habere*. Com a significação de simples futuro, tal perífrase já aparecia em alguns escritores da decadência do latim. A princípio, havia certa liberdade na colocação do infinitivo, que podia vir antes ou depois de *habeo*. No último período do latim vulgar, ou talvez na primeira fase do romance, passou êle regularmente ao primeiro lugar da construção. Entre nós, nunca se obliterou a consciência da composição dêste tempo. Tanto assim é que se pode intercalar nêlo o pronome oblíquo, o mesmo acontecendo ao condicional, e dizer *amá-lo-ei, puni-lo-ei*. (COUTINHO, 1962, pp. 324-325)

Depreende-se da assertiva supracitada que as semelhanças entre formas verbais – futuro em *-bo* e perfeito do indicativo em *-v* – bem como similaridades entre o indicativo e o subjuntivo, são causas para o desaparecimento do futuro latino e conseqüente busca por outra estrutura – de sintética para analítica, constituída pelo infinitivo seguido de *habere*. Segundo o autor, a necessidade de eliminação na linguagem falada é decorrente de usos equivocados dessas formas. Há, porém, que considerar a variabilidade e a flexibilidade do sistema linguístico.

É válido lembrar que, ainda hoje, pode-se perceber resquícios do período pré-românico e usos extensivos do fenômeno designado betacismo – troca do fonema [v] por [b].

A proximidade fonética entre os elementos [-b] e [-v] é registrada tanto no português europeu – sobretudo no norte, onde é possível ouvir-se “baca” e “vola” para vaca e bola –, quanto no Brasil, em que a variação em alguns vocábulos ocorre como em *vassoura* por *bassoura* e *bravo* por *brabo*.

No que tange à posição do infinitivo na perífrase, Coutinho (1962) admite que antes de optar-se pela construção regular – infinitivo + *habeo* –, o infinitivo era usado, indistintamente, em posição anterior e posterior a *habeo*. Para o autor, esta é uma razão possível pela qual se pode introduzir um clítico antes do morfema modo-temporal, em português.

Ressalta-se que, ainda hoje – embora com uso restrito e escasso – a mesóclise é possível. Interessante é perceber, que a construção analítica atual no português – [*ir* + *infinitivo*] – também propicia a intercalação de clíticos e de alguns advérbios.

Note-se, ainda, que para a constituição da forma – **infinitivo** + **habere** –, tendo em vista a perda do caráter conclusivo e (ou) inconclusivo — expressos pelas formas de *perfectum* e

infectum — foram tomados os verbos em sua forma infinitiva seguida do verbo *habere*, tanto no pretérito, quanto no presente, ocasionando o que atualmente se designa futuro do pretérito e futuro do presente, respectivamente.

No âmbito formal, é possível dizer que o futuro foi motivado, possivelmente por alguns fatos mórficos, como, por exemplo, a redução dos tempos verbais. Castilho (2010, pp. 403-405) aponta a gramaticalização dos verbos *ter* e *haver* como motivadores para a formação do futuro do presente simples e composto e do futuro do pretérito simples e composto.

Conforme o autor, o latim vulgar, a construção latina de infinitivo + *habere* reunia três características posse, futuridade e modalização. E é da estrutura possessiva desses verbos que deu surgiram, por redução fonética, duas novas formas verbais perifrásticas latinas – que substituíram, entre os séculos VII e VIII d.C, o futuro em *-bo* para a primeira conjugação e em *-am* para as segunda e terceira conjugações latinas – das quais provieram o *futuro do presente* e o *futuro do pretérito* no português e em outras línguas românicas.

No que tange ao cunho modal constante na perífrase constituída de *habere* subsequente ao infinitivo é percebida em *scribere habeo*, de Cícero – exemplo bastante comum entre os autores – que se traduz por “tenho que escrever”, forma que, inclusive, também usada hoje, no português brasileiro contemporâneo.

Sobre o futuro românico, às páginas 129 e 130, Câmara Jr. (1976) admite que as motivações pra o uso de um futuro com coloração modal são distintas no que tange ao latim clássico e ao latim vulgar. Percebe-se, pois, nitidamente, que as formas analíticas de futuro constituídas de *habere* possuíam um caráter modal de posse e (ou) de obrigatoriedade, sendo esvaziado com o tempo, mas permanecendo em construções cristalizadas como *hei de vencer*, *há de se considerar* – de uso recorrente neste texto.

No que tange, especificamente, ao *condicional – futuro do pretérito*, conforme a NGB – Willians (1973, p. 212) admite ter-se formado como o futuro do indicativo, com exceção ao uso do *imperfeito* em lugar do *presente*. Coutinho (1962, p. 325) assevera que na

[...] composição, as formas do imperfeito de *habere* muito se modificaram. Por dissimilação, *habebam*, *habebas*, etc., reduziram-se a *abéam, *abéas, etc., cujo grupo átono *ab-* caiu do mesmo modo que no futuro. ficou destarte o imperfeito reduzido a -*éam, -*éas, -*éat, -*éamus, -*éatis, -*éant, que se transformaram em *-ia, -ias, -ia, -iamos, -íeis, -iam* (cf. *mea>mia* (arc)) (COUTINHO, 1962, p. 325)

Com base no exposto, é possível citar três principais estágios de mudança sofrida pelas formas analíticas *amare habeo* e *amare habebam*, na formação de *amarei* e *amaria*, respectivos *futuro do presente* e *futuro do pretérito*: i) auxiliarização do verbo *habere*; ii)

perda do sentido de posse, passando a expressar obrigatoriedade e iii) redução fonológica, que resultou na formação de morfemas indicadores de futuro. Observem-se, a seguir, os percursos:

Quadro 4 – Processo de formação dos tempos verbais *futuro do presente* e *futuro do pretérito* na passagem do latim para o português

| | PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS FORMAS VERBAIS |
|----------------------------|---|
| FUTURO DO PRESENTE | <p><i>AMARE + HABEO > amar + * hai(o) > AMAREI.</i> <i>AMARE + HABES > amar + * has > AMARÁS.</i> <i>AMARE + HABET > amar + * hat > AMARÁ</i> <i>AMARE + HABEMUS > amar + * h (ab) emos > AMAREMOS.</i> <i>AMARE + HABETIS > amar + * (ab) etis > AMAREIS.</i> <i>AMARE + HABENT > amar + * haunt > AMA-RÃO.</i></p> |
| FUTURO DO PRETÉRITO | <p><i>AMARE + HABEBAM > amar + * h (ab/ea) > AMARIA.</i> <i>AMARE + HABEBAS > amar + * h (ab/eas) > AMARIAS.</i> <i>AMARE + HABEBAT > amar + * h (ab/eat) > AMARIA.</i> <i>AMARE + HABABAMUS > amar + * h (ab/ amus) > AMARÍAMOS.</i> <i>AMARE + HABEBATIS > amar + * h (ab/eatis) > AMARÍEIS.</i> <i>AMARE + HABEBANT > amar + * h (ab/eant) > AMARIAM.</i></p> |

É válido ressaltar que a redução ou erosão fonológica é um fenômeno comum nas línguas como um estágio do processo de gramaticalização, como ocorre com “vossa mercê” ao atual “cê”, que coocorre com “você”, no português brasileiro, por exemplo. Assim, atesta-se que, do ponto de vista da estrutura linguística, houve aglutinação dos dois vocábulos – infinitivo e auxiliar –, com uma redução fonética violenta das formas de *habere*.

No que concerne ao *futuro do pretérito*, Castilho (2010, p. 404) admite:

Amare *habebam* passou pelas seguintes alterações: *amare habebam > amare aveva > *amaravéa > *amarea > amaria*. Esta explicação sobre a origem do futuro do pretérito, anteriormente conhecido como condicional, estava bem assente na romanística quando Marilza Oliveira (2003/2004) balançou fortemente o coreto, mostrando que um caminho mais óbvio é a partir de *amare + iva*, sendo esta segunda forma o imperfeito do indicativo vulgar de *ire*. Recomendo que você não morra antes de ler o texto de Oliveira. (CASTILHO, 2010, p. 404)

Obedecendo a esse apelo tão incisivo, atentou-se à indicação dada por Castilho. Observou-se, pois, a partir dos exemplos apresentados por Oliveira (2003), a coexistência entre *infinitivo + ia* e *havia + infinitivo*, de modo que se podem pressupor duas hipóteses para a formação do futuro do pretérito – condicional –, já que ambos

auxiliaries had a functional status, generated under Inflectional node. The difference between them is that only the auxiliary *ia* had a phonological reduced form, what allowed it to agglutinate to the infinitive, turning into an affix. (OLIVEIRA, 2003)

Atestou-se, até aqui, a sinuosidade e a instabilidade do futuro que se traduz da seguinte maneira: i) extinção da forma sintética de futuro no latim, em prol da forma analítica constituída por infinitivo seguido de *habere*; ii) surgimento das formas sintéticas de futuro, provenientes da redução fonológica de *habere*, tornando-se um afixo. Formaram-se, assim, as formas sintéticas *futuro do presente* e *futuro do pretérito*.

Mas, como as mudanças além de graduais são contínuas, “[...] depois de tanta trabalhadeira para formar a forma *sairei*, deixando na poeirada das estradas aquele *hei de vencer*, damos-lhe um pontapé e começamos tudo de novo, formando nova perífrase, agora com o verbo ir: *vou sair*.” (CASTILHO, 2010, p. 405)

Segundo Mercer (2011) e Oliveira e Olinda (2009), a partir dos séculos XV e XVI, e mais frequentemente usada nos séculos XIX e XX, as formas analíticas [*vou + infinitivo*] e [*ia + infinitivo*] passaram a coexistir e concorrer com o *futuro do presente* e o *futuro do pretérito*, respectivamente.

Sobre esse fato, Castilho (2010, p. 404-405) atesta que as formas sintéticas e analíticas supracitadas convivem, hoje, harmonicamente, a ponto de ser possível a realização de ambas em um mesmo enunciado, como em “**Será** que **vai chover** hoje?”. Esse exemplo dado pelo autor, porém, não parece elucidar a evidência dos fatos em eventos de fala do no português brasileiro contemporâneo, haja vista parecer ser o “será” uma forma já cristalizada assim como “quem dera” – forma em que não se percebe as propriedades intrínsecas ao mais-que-perfeito.

Embora se possa, a partir dos fatos passados aqui exposto, pressupor mais uma mudança, por ora, apenas se atesta a variação.

2.2 O FUTURO HOJE: CONTORNOS DA QUESTÃO EM COMPÊNDIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Verifica-se, na atualidade, um distanciamento significativo entre a realidade linguística brasileira e o enfoque normativo do português, sobretudo pela percepção de que gramáticas e manuais não abordam a variação linguística de maneira a atender às necessidades do ensino da língua, sobretudo, por não explicitarem os contextos favorecedores ao emprego de variantes.

Em contrapartida, alguns estudos linguísticos contemporâneos têm sido realizados com o objetivo de revelar problemas apresentados em gramáticas e manuais escolares. Rebello (2005) apresenta, como lapsos de algumas gramáticas, a não-especificidade dos contextos em que pode ocorrer a variação entre as formas utilizadas para exprimir futuridade (*futuro* ou *condicional*) e a omissão quanto às estratégias de uso das formas perifrásticas, sobretudo a forma constituída por *infinitivo* antecedido de auxiliar *ir* – forma documentada no século XIV e que tem sido utilizada nos eventos de fala, no português do Brasil.

Isso revela a urgência de se estudar, sob a perspectiva científica, os contextos favorecedores de usos variáveis de formas verbais que expressem futuridade, com vistas a contribuir para a explicitação e oportuna correção de alguns lapsos e omissões de gramáticas e de manuais a esse respeito.

Importa a esta pesquisa, então, não apenas investigar os comentários das gramáticas e manuais a respeito do comportamento do “futuro” mas, sobretudo, descrever a caracterização de seus elementos compositores, sobretudo no que tange à discussão sobre *tempo*, *modo* e *aspecto* verbais, e refletir a respeito da relevância dos elementos coadjuvantes, dentre os quais se destacam os marcadores temporais, para a seleção de determinada variante. Além disso, faz-se necessário refletir a respeito da nomenclatura dos termos e das categorias verbais.

Para tanto, buscou-se investigar como gramáticas, manuais de língua portuguesa e estudos linguísticos têm abordado o verbo, as categorias verbais *tempo*, *modo* e *aspecto* e, por conseguinte, a variação entre as formas que expressam os tempos verbais.

Evidentemente, toda a pesquisa tem por objetivo compreender como funciona a expressão de futuridade no português brasileiro e que elementos gramaticais ou lexicais se revelam em seus usos.

2.2.1 Esquadrinhando gramáticas e “soltando o verbo”: algumas definições de *verbo* e das categorias verbais

*Senhora gramática
perdoai os meus pecados
se não perdoardes
senhora
eu errarei mais.*
(Solano, 2006, p. 14, grifo nosso)

Perini (2006) admite que o objetivo de classificar as palavras e as unidades morfossintáticas consiste, basicamente, no agrupamento de elementos que possuam comportamento gramatical semelhante e, ao questionar-se sobre o sentido de comportamento gramatical, admite ser necessário distinguir a descrição das formas – os aspectos formais, ou seja, morfossintáticos – e a do significado – os aspectos semânticos –, a partir do estabelecimento de traços. Sob essa perspectiva, fez-se necessário identificar os comportamentos morfossintáticos e os atributos semânticos dos verbos, com que se trabalhou.

Esta investigação foi realizada com base em 12 gramáticas – (ALMEIDA, 1985); (BECHARA, 1999); (CASTILHO, 2010); (CUNHA, 1986); (CUNHA E CINTRA, 2007); (FARACO E MOURA, 1999); (MOURA NEVES, 2000); (MIRA MATEUS, 2003); (PERINI, 2006); (PERINI, 2010); (ROCHA LIMA, 1986); (SACCONI, 1987).

Indubitavelmente, a definição de classes de palavras ou a de classes gramaticais nas gramáticas de língua portuguesa ainda é bastante incipiente e falha. Essa discussão, embora aliciante, não caberá aqui nesta pesquisa.

Registre-se, entretanto, de antemão que, com base nos pressupostos da Teoria Gerativa Minimalista, o *verbo* parece indicar o ponto de partida da enunciação, como sendo o elemento que rege os demais em um enunciado e que seleciona argumentos ou adjuntos à direita e à esquerda, se e quando necessário, a depender de sua natureza morfossintática.

A partir da observação das gramáticas selecionadas, pode-se perceber que, no que tange à definição de verbos, algumas priorizam o caráter semântico – (ALMEIDA, 1985); (CUNHA, 1986) e (SACCONI, 1986) –, outras optam por enfatizar o critério morfológico ou formal – (BECHARA, 1999); (PERINI, 2002); (PERINI, 2010); (MIRA MATEUS, 2003) e (MOURA NEVES, 2000) –, e algumas parecem mesclar ambas as perspectivas – (FARACO E MOURA, 1999); (ROCHA LIMA, 1987) e (CASTILHO, 2010).

Almeida (1985, p. 81) define verbos sob a perspectiva semântica, afirmando que se trata de um grupo de “palavras que encerram ideia de ação (escrever, cortar, andar, ferir) ou estado [...]”. Inversamente, Perini, em duas obras (2002 e 2010), apenas apresenta características formais, isto é, com pequenas alternâncias textuais, assume a posição de que “os verbos se caracterizam pela oposição em tempo, modo, pessoa e número” (PERINI, 2010, p. 307).

Em Faraco e Moura² (1999, p. 324), o *verbo* é definido como “a palavra que exprime ação, estado, mudança de estado, fenômeno natural e outros processos, flexionando-se em pessoa, número, modo, tempo e voz”. Rocha Lima (1987, p. 107), por seu turno, diz que o *verbo* “que denota ação, estado, ou fenômeno, é a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais”, os quais fazem com que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: voz, modo, tempo, número e pessoa.

Ao considerar o *verbo* como uma “unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza no falar seu significado lexical”, Bechara (1999, p. 209), embora não apresente na definição as flexões ou categorias, assinala o *verbo* como uma unidade lexico-gramatical evidenciando a proeminência do traço gramatical em detrimento dos atributos semânticos.

Mira Mateus (2003) e Moura Neves (2000) assumem a posição de definir verbo a partir da subdivisão em subclasses caracterizando-as. Moura Neves (2000, p. 25) ressalta o caráter formal do verbo caracterizando-o pela capacidade de constituir predicados, os quais possuem propriedades sintáticas e semânticas e admite que somente “[...] não constituem predicados os verbos que modalizam [...], os que indicam aspecto [...] e os auxiliam a indicação de tempo e de voz.”.

Considerando a confluência das ideias de Cunha (1986, p. 367) e Sacconi (1986 p. 110), vê-se que, para ambos, o *verbo* exprime um acontecimento representado ou situado no tempo, e, portanto, implica naturalmente um processo, um desenvolvimento. Diferente das definições que apresentam as flexões verbais na definição de *verbo*, esses autores apenas citam o *tempo*, não sendo este uma categoria gramatical.

² No entanto, vale ressaltar que Faraco e Moura (1999, p. 327), em outro trecho de sua obra, admite o *aspecto* como “a expressão das várias fases de desenvolvimento do processo verbal, isto é, o começo, a duração ou o resultado da ação.”

A definição de Castilho (2010) afigura-se mais completa, admitindo o *verbo* como

classe de palavra caracterizada (i) lexicamente por representar a categoria cognitiva de EVENTO, (ii) morfológicamente por dispor de morfemas modo-temporais e número-pessoais, (iii) sintaticamente por funcionar como núcleo do sintagma verbal e por atribuir casos e papéis temáticos aos argumentos da sentença, (iv) semanticamente por expressar o tempo, o modo, a voz e o aspecto, (v) discursivamente por caracterizar textos narrativos, descritivos e argumentativos. Os verbos integram diferentes graus de gramaticalização: (i) verbo pleno, quando organiza uma sentença selecionando seus argumentos, (ii) verbo funcional, quando compartilha essa função com outras classes, e (iii) verbo auxiliar, quando perde a propriedade de projeção, transferida para o verbo auxiliado (infinitivo, gerúndio e particípio), constituindo uma perífrase. (CASTILHO, 2010, p. 696)

Com base no excerto, pode-se depreender que os verbos estão relacionados a todos os níveis da língua, de modo que não se trata apenas de um elemento com propriedades morfossintáticas, mas também léxico-semânticas e discursivas.

O que não se entende é porque o autor relaciona modo, tempo e aspecto semanticamente, já que em algumas normas brasileiras esses elementos são expressos morfológicamente, em outras morfossintaticamente ou mesmo discursivamente.

Isso posto, ressalta-se a importância da flexão modo-temporal para a identificação exclusiva do verbo, já que outras flexões como a de número e pessoa também caracterizam os nomes. Faz-se necessário, porém, ressaltar que a flexão verbal, no português, é um recurso de marcação morfológica variável, haja vista poder-se manifestar através de outros recursos da língua, em especial o morfossintático.

A propósito, como se tem observado em eventos de fala do português brasileiro, e mais notadamente no português popular brasileiro, a flexão número-pessoal nos verbos tem apresentado certa tendência de apagamento, e em casos extremos, chegando a não se manifestar morfológicamente em nenhuma das pessoas do discurso – como se têm documentado registros em Helvécia, no sul da Bahia – os quais requerem, obrigatoriamente, o preenchimento do sujeito.

Em contrapartida, mesmo dispondo da evidência de que nem sempre os elementos morfológicos de número e pessoa são usados pelos brasileiros na composição do enunciado, as gramáticas tradicionais insistem em registrar que a flexão se caracteriza por obrigatoriedade e sistematicidade na língua portuguesa.

Indaga-se, diante do exposto, se não é este também o caso da marcação modo-temporal, já que se tem observado a substituição de um tempo verbal por outro ou o uso de

formas perifrásticas em lugar das formas sintéticas, sobretudo no que concerne ao tema estudado.

Diante do que ora se apresenta e a fim de identificar motivações linguísticas para a oscilação de uso de formas verbais no português brasileiro, torna-se relevante pontuar considerações dos autores a respeito das categorias *modo* e *aspecto* em contraponto ao *tempo*.

É válido lembrar que concerne ao fato de que algumas categorias verbais são sempre interligadas, é possível admitir a indissociabilidade do *tempo* da categoria de *modo*, bem como ocorre com as categorias de número e pessoa. No que tange, porém, à distinção do *tempo* e *aspecto*, há controvérsias entre autores, que merecem destaque na presente análise.

Contrapondo *modo* ao *tempo*, Cunha (1986, p. 429) bem como Faraco e Moura (1999, pp. 325-326) admitem que enquanto o *modo* indica a atitude do locutor em relação ao fato que enuncia, o “*tempo* localiza o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-o seja à pessoa que fala, seja a outro fato em causa.”. Evidencia-se, assim, que a diferença entre ambas as categorias está na participação ativa do falante no enunciado – como ocorre com o *modo* – e na autonomia do enunciado, de modo que o *tempo* é determinado sem interferência do falante.

Para Castilho (2010), *modo* é a avaliação que o falante faz sobre o *dictum* – informação veiculada pela sentença –, considerando-o real, irreal, possível ou necessário. O autor ressalta a existência de três modos no português brasileiro – o indicativo, o subjuntivo e o imperativo – que convergem no que tange à propriedade discursiva de representar atos de fala.

Em contrapartida, Cunha e Cintra (2007, p. 380) admitem que os modos são diferentes formas assumidas pelo verbo “para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que anuncia”, enquanto Almeida (1985, p. 225) assegura que “a conjugação de um verbo vem a ser a maneira por que se realiza a ação expressa por esse verbo”.

Perini (2002, pp. 257-259), por seu turno, assume a posição de que a distinção entre os modos verbais indicativo e subjuntivo no português brasileiro tende a ser meramente formal, haja vista os traços que a caracteriza ser semanticamente não motivados dos verbos. Ou seja, para o autor, os recursos lexicais e (ou) a semântica do verbo – constante no radical – os que mais determinam os caracteres de certeza e de dúvida, peculiares ao indicativo e subjuntivo, respectivamente. Nesse contexto, o autor não apresenta uma definição de *modo* mas explicita a variação possível entre o indicativo e o subjuntivo.

Aliás, reforçando esses pressupostos, é válido ressaltar que se tem observado no português brasileiro contemporâneo a frequente substituição do subjuntivo pelo indicativo – sobretudo em orações subordinadas –, bem como do imperativo pelo indicativo, como estratégia de polidez.

Depreende-se das definições apresentadas que *modo* é uma propriedade ou característica relacionada ao falante e à enunciação. Similarmente, e com mais clareza, Bechara (2009) pauta a argumentação acerca das categorias verbais a partir de um quadro apresentado por Coseriu, representado a seguir:

Quadro 5: Quadro sinótico das categorias gerais do sistema verbal, apresentado por Coseriu.

| | | <i>Que afetam os participantes</i> | | <i>Que não afetam os participantes</i> | |
|--------------------------------------|-----------------------|------------------------------------|--------------------------------|--|--------------------------------|
| | | <i>caracterizadora</i> | <i>determinante de relação</i> | <i>caracterizadora</i> | <i>determinante de relação</i> |
| <i>determinadas linguisticamente</i> | <i>qualificadora</i> | GÊNERO | | ESTADO | |
| | <i>quantificadora</i> | NÚMERO | VOZ | ASPECTO | TAXIS |
| <i>determinadas pelo discurso</i> | | PESSOA | MODO | TEMPO | EVIDÊNCIA |

Fonte: (BECHARA, 2009)

Como se observa, *modo* se aproxima de *tempo* por serem, ambos, determinados pelo discurso, mas difere quanto ao fato de afetar os participantes de “maneira determinante de relação”, ou seja, estabelece uma relação entre os participantes e o acontecimento comunicado, o que não ocorre com o tempo, que exerce função caracterizadora que não afeta os participantes.

Assim, é possível admitir que *tempo* e *modo* podem ser identificados não apenas através dos sufixos modo-temporais do verbo, mas em outros recursos gramaticais para a sua manifestação, quer seja no âmbito mórfico, quer seja morfossintático ou, ainda, discursivo.

Pode-se concluir, por ora, que embora interligados *tempo* e *modo* mantêm características peculiares que se referem especificamente ao traço de envolvimento dos participantes.

Em contrapartida, conforme se pode depreender do quadro sinótico apresentado, *tempo* e *aspecto* diferem entre si no que se refere ao critério da determinação, de maneira que ao passo em que o *aspecto* é determinado linguisticamente, o *tempo* é determinado pelo discurso. Ambas as categorias, porém, não afetam os participantes ao exercer a função caracterizadora, ou seja, atuam sobre o enunciado.

A discussão acerca das características que distinguem *tempo* e *modo* é pertinente a este estudo, sobretudo porque algumas gramáticas de língua portuguesa, como Bechara (2009), além da própria nomenclatura gramatical portuguesa, têm adotado o tempo *futuro do pretérito* conforme a NGB como *condicional* sendo este ora um *tempo* ora um *modo*, como se verá mais adiante. Quanto ao *aspecto* verbal, Castilho (2010, p. 417) admite que se trata de

[...] uma propriedade da predicação que consiste em representar os graus do desenvolvimento do estado de coisas aí codificado, ou seja, as fases que ele pode compreender. O termo *aspecto* [...] capta outra propriedade dessa categoria: trata-se de um ponto de vista sobre o estado de coisas.

Tendo por fundamento o fato de que o *aspecto* não dispõe de morfologia própria no português, o autor admite que seus significados podem ser codificados pelo utente da língua a partir da combinação de diversos ingredientes linguísticos.

A fim de descrever as opções do falante do *PB* ao codificar o *aspecto*, o autor, com base em três fases históricas da Aspectologia – a fase léxico-semântica, a fase semântico-sintática, ou composicional e a fase discursiva – admite ser necessário i) a escolha de item lexical “marcado pela classe acional requerida por sua necessidade expressiva”; ii) a confirmação ou alteração da “classe acional, por meio de recursos morfológicos e sintáticos”; iii) a acomodação do aspecto “configurado na articulação discursiva”.

Castilho (2010, p. 417) considera que a distinção entre *tempo* e *aspecto* equivale à distinção dos campos linguísticos em simbólico e dêitico proposta por Bühler (1934/1961), de maneira que “o aspecto integra o campo simbólico, e o tempo, o campo dêitico.” Observe-se o *Quadro 6*:

Quadro 6: Distinção entre *tempo* e *aspecto*, conforme Castilho (2010)

| CATEGORIAS VERBAIS CARACTERÍSTICAS | TEMPO | ASPECTO |
|---------------------------------------|---|---|
| LINEARIDADE PRINCÍPIO DO INTERVALO | Por ser uma “propriedade de predicação cuja interpretação tem de ser remetida à situação de fala”, pode representar simultaneidade, anterioridade e posterioridade. | Não depende da postulação de conceitos como o de intervalo e de inserção do ponto primário na linha do tempo. |
| AUTONOMIA | Pressupõe o aspecto. | Não pressupõe o tempo. Sua autonomia provém da propriedade simbólica que lhe é intrínseca. |

Fonte: (CASTILHO, 2010)

Partindo do princípio da autonomia, depreende-se que não há interdependência entre as categorias. Embora determinado linguisticamente – conforme o quadro sinótico proposto por Coseriu, antes comentado – o *aspecto* é não dêitico, ou seja, é mais abstrato do que as categorias *modo e tempo*.

Segundo Mira Mateus (2003, p. 129), a categoria de *Tempo* serve para localizar situações (eventos ou estados) expressas nas línguas em diferentes tipos de enunciado, cujas formas mais comuns são os tempos verbais, os advérbios ou expressões adverbiais de tempo e outras construções temporais. A autora considera, ainda, a existência de três momentos essenciais, designando-os como pontos: i) ponto da fala (F), que coincide com o momento da fala; ii) ponto do evento (E), que diz respeito ao tempo do acontecimento descrito pela frase, e iii) ponto da referência (R), que serve como ponto de intermédio a partir do qual se pode situar o evento.

Em contrapartida ao *tempo*, admite que o *Aspecto*, por seu turno, fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação. Admite, além disso, que a distinção entre aspecto gramatical – representado através de morfemas e flexões – e aspecto lexical – representa o modo de ser da ação – não é completamente adequada, e que o *Aspecto*, na frase, sofre influência de vários fatores, sobretudo em línguas que não apresentam a marca específica de aspecto, como é o caso do português, de maneira que:

[...] para além da natureza semântica dos predicados, as informações aspectuais distribuem-se pelos afixos que contêm também informação temporal, pelas construções com auxiliares e semi-auxiliares (tem lido, começou a ler, está a ler), e também através da combinação de vários elementos na frase associados aos anteriores, como sejam certos adverbiais e a natureza sintático-semântica dos sintagmas nominais, em particular dos que constituem complementos subcategorizados. (MIRA MATEUS, 2003, p. 133)

Verifica-se, conforme Mira Mateus (2003), que é possível enxergar a incidência **de** *noções aspectuais* também em construções analíticas e não exclusivamente nas marcações estritamente morfológicas, ou seja, há um espraiamento para estruturas morfossintáticas, sintáticas, ou mesmo discursivas.

Conforme se pode observar no *Quadro 3*, a seguir, a distinção entre *tempo* e *aspecto* apresentada por Mira Mateus (2003) não é apenas semântica, mas também, morfológica.

Quadro 7: Distinção entre tempo e aspecto (MIRA MATEUS, 2003)

| CATEGORIAS VERBAIS CARACTERÍSTICAS | TEMPO | ASPECTO |
|---------------------------------------|--|--|
| LINEARIDADE PRINCÍPIO DO INTERVALO | Apresenta ordenação linear de unidades atômicas | Permite olhar para a sua estrutura interna; sub-atômico |
| AUTONOMIA | Categoria relacional: quer seja dêitico ou anafórico | Centra-se na estrutura interna, sem necessitar de se relacionar com outros elementos |

Fonte: (MIRA MATEUS, 2003, p. 133)

Observando os quadros 6 e 7, pode-se atestar que Castilho (2010) e Mira Mateus (2003) convergem no que tange à autonomia, considerando o *tempo* mais relacional e dependente do que o *aspecto*.

Como já fora exposto anteriormente, a definição de verbo por Sacconi (1986, p.110) não inclui o *aspecto* como uma categoria ou flexão verbal. Contudo, em nota de observação, o autor comenta sobre aspecto, admitindo se tratar da duração do processo, como se pode observar no excerto a seguir:

O aspecto não se confunde com o tempo, pois este exprime o momento em que o fato se dá; aquele se refere à duração do processo verbal, importando a idéia de começo, curso, fim e freqüência que o verbo encerra em si mesmo. Para se conhecer o tempo, conjuga-se o verbo; o aspecto, ao contrário, pode ser analisado independentemente da conjugação (...) sem a referência de tempo.

(SACCONI, 1986, p. 112)

No tocante ao uso de locuções verbais para expressar aspecto, Sacconi (1986, p. 151) admite que a língua portuguesa “não dispõe de flexões próprias suficientes para exprimir com rigor todos os momentos do processo verbal. Vale-se, então, dos verbos auxiliares, que se usam para exprimir os mais diferentes aspectos da ação”.

Ao fim e ao cabo, essa acepção apresenta uma relevante contribuição se interpretada com olhar renovado de que a língua procura sempre uma forma para compensar algumas lacunas de níveis do sistema. Note-se que lacuna, aqui, não tem significado pejorativo.

Perini (2010, p. 220) considera que, embora não haja forte delimitação entre o *tempo* e *aspecto*, as suas relações semânticas se codificam formalmente, quer através de oposições diferenças morfológicas expressas por sufixos, quer através do uso de auxiliares, formadores de formas analíticas. O autor admite, ainda, que as “formas compostas merecem ser incluídas no paradigma verbal ao lado das formas simples, pois desempenham papéis análogos.” Assim sendo, no que tange ao ponto de vista sintático e semântico, não há, para o autor, distinção

entre as formas simples e compostas, embora as gramáticas tradicionais, em geral, apenas admitam um determinado tipo de forma composta, especificamente, a constituída por *ter* + *particípio verbal*.

Observou-se que além de Perini (2010), demais autores abordam a relação entre a expressão do aspecto e formas analíticas, como se optou por designar as locuções verbais estudadas.

Para Almeida (1986), a auxiliaridade “se dá ou porque o tempo é por natureza composto ou porque verbo está na voz passiva”. Outros autores consideram e concordam em admitir que na locução verbal apenas se conjuga o auxiliar. Assim sendo, por inferência, seria possível admitir que o auxiliar exerce a mesma função que os morfemas que indicam modo-tempo e número-pessoa.

Perini (2010, p. 210) considera que o infinitivo, também chamado de forma nominal, exerce a função de núcleo do SN, mas em alguns casos funciona como uma unidade para efeitos de valência do verbo, de modo que o infinitivo vale para toda a construção [AUX. + (prep.) + infinitivo]. Para este autor, é “[...] a transparência valencial que caracteriza o verbo como auxiliar” (PERINI, 2010, p. 237).

O autor caracteriza *ter*, *ir* e *estar* como os três principais auxiliares formadores de tempos compostos, os quais se agregam, respectivamente, às formas nominais *particípio*, *infinitivo* e *gerúndio*. Analogamente aos demais auxiliares no que tange ao comportamento sintático e valencial, os verbos modais se agregam a um grupo semanticamente heterogêneo. Os modais se conectam a um infinitivo através de preposição. Dentre os modais mais frequentes destaca-se o emprego da construção *ter* + *que (de)* como auxiliar.

Para a distinção entre os auxiliares modais e os não modais, apresenta quatro principais propriedades de construção do auxiliar. Para melhor entendimento, optou-se pela elaboração de um quadro sintético, como se observa a seguir:

Quadro 8: Distinção entre auxiliares modais e não modais, com base na proposta de Perini (2010)

| Tipos de auxiliares | MODAIS | NÃO MODAIS |
|---|--------|------------|
| Características | | |
| Manutenção da carga semântica no auxiliar | + | - |
| Sujeitos do auxiliar distinto do verbo principal | - | - |
| Transparência valencial | + | + |
| Possibilidade de um elemento de negação anteceder o auxiliar ou o verbo principal | + | - |

Fonte: (PERINI, 2010, p. 237)

Como se percebe, as propriedades que de fato distinguem os auxiliares modais dos não modais são a manutenção da carga semântica no auxiliar e a possibilidade de um elemento de negação anteceder o auxiliar ou o verbo principal. Há, evidentemente, que admitir essas propriedades como possibilidades e não como regras ou fórmulas.

Como já fora dito, Mira Mateus (2003) não apresenta uma definição explícita de verbo, mas o apresenta e o caracteriza com base em subclasses e esquemas relacionais, como se pode observar no *Quadro 9*, a seguir:

Quadro 9: Subclasses dos verbos e esquemas relacionais

| Tipos de verbos | | |
|---|---|------------|
| Verbos Principais | Verbos Ditransitivos | |
| | Verbos de três lugares | |
| | Verbos Transitivos-predicativos | |
| | Verbos Transitivos | |
| | Verbos de dois com um argumento interno objecto directo | |
| | Verbos de dois lugares com um argumento interno oblíquo lugares | |
| | Verbos Inergativos | |
| | Verbos Inacusativos | |
| | Verbos de zero lugares | |
| Verbos Copulativos | | |
| Verbos Auxiliares | | |
| Verbos Principais de alternância | Verbos de alternância causativa | |
| | Verbos de alternância locativa | |
| | Verbos simétricos | |
| | Verbos Transitivos que admitem queda do objecto | |
| Entre verbos principais e verbos auxiliares | Verbos leves | |
| | Semiauxiliares | Temporais |
| | | Aspectuais |
| Modais | | |

Fonte: (MIRA MATEUS, 2003)

No que concerne, especificamente, aos verbos auxiliares, Mira Mateus (2003, pp. 304-316), admite que se caracterizam por não terem “grelha temática” e por subcategorizarem um complemento de natureza verbal: um SV – sintagma verbal. De modo que os verbos semiauxiliares, peculiarmente, caracterizam-se pelo esvaziamento de significado lexical, e respondem afirmativamente a alguns mas não a todos os critérios de auxiliaridade, a saber: i) a impossibilidade de completiva finita; ii) a presença de um só advérbio de tempo de cada tipo; iii) a possibilidade de uma só negação frásica, quando precedendo o auxiliar; iv) a atração obrigatória do clítico pelo auxiliar.

Admite-se, ainda, que os semiauxiliares mais próximos dos auxiliares “puros” são o verbo temporal *ir* seguido de infinitivo e os verbos aspectuais que, na variante padrão do português europeu, se constroem com a preposição e uma forma infinitiva do verbo auxiliado

(o chamado infinitivo gerundivo); estes verbos respondem afirmativamente aos três primeiros critérios de auxiliaridade acima enunciados, mas não atraem obrigatoriamente o pronome clítico. Em contrapartida, os verbos modais *dever* e *poder* apenas respondem positivamente aos dois primeiros critérios de auxiliaridade: i) a impossibilidade de completiva finita; ii) a presença de um só advérbio de tempo de cada tipo. Com efeito, estes aceitam mais do que uma instância de negação frásica, podendo o operador de negação frásica precedê-los ou ao verbo auxiliado e não atraem obrigatoriamente o pronome clítico.

Em correlação aos critérios de auxiliaridade abordados por Mira Mateus (2003), supracitados, Castilho (2010, p. 397) apresenta três testes que focalizam a coesividade sintática para a identificação dos verbos auxiliares,: i) sujeito da expressão; ii) escopo da negação; iii) inserção de expressões entre V1 e V2.

No tocante ao problema da auxiliaridade, tendo por fundamento a gramaticalização dos verbos, Castilho (2010, p. 397) admite que o processo de migração dos verbos ocorre de verbos plenos para funcionais e destes para verbos auxiliares. De maneira que os verbos que funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papéis temáticos, reduzem-se, primeiramente, a verbos funcionais, ou seja, a portadores de marcas morfológicas e especializando-se na constituição de sentenças apresentacionais, atributivas e equativas, e ao final do processo de gramaticalização, apenas desempenham papel assemelhado ao dos funcionais, com a diferença que à sua direita ocorrem verbos plenos em forma nominal, aos quais atribuem categorias de pessoa e número, especializando-se como indicadores de aspecto, tempo, voz e modo. Observe-se o seguinte esquema:

| |
|--|
| verbo pleno > verbo funcional > verbo auxiliar (>) condição de afixos (>) Ø |
|--|

No que tange às alterações do sentido lexical do verbo auxiliar é possível perceber casos em que o sentido é mantido – casos em que há composicionalidade semântica – e em que o sentido foi alterado. Para a distinção o autor analisa duas perífrases – ambas perífrases de futuro, caracterizadas em dois processos semânticos distintos: a) *ir + caminhar*, ou seja, dois verbos de movimento, em que há, portanto, composicionalidade de sentido e b) *ir + estar*, ou seja, em que o verbo *ir* perde a característica semântica de deslocamento.

Com bases nos exemplos citados, o autor distingue, respectivamente, como auxiliante e auxiliar. A estes Mira Mateus (2003) considera como semiauxiliares. No que tange às *perífrases de infinitivo*, Castilho (2010, p. 450) admite que se tratam de especificadores de

tempo, sobretudo a perífrase constituída por *ir (vou)* ou *haver (hei de) + infinitivo*, que expressam futuro e *ir (imperfeito) + infinitivo*, com valor de futuro do pretérito.

Em suma, é válido ressaltar que das 12 gramáticas analisadas nesta pesquisa, apenas quatro incluíram ao paradigma verbal o uso da forma perifrástica *ir + infinitivo* – (CASTILHO, 2010); (CUNHA, 1986); (CUNNHA E CITRA, 2007); (PERINI, 2010).

No que tange à distinção entre as categorias verbais *tempo*, *modo* e *aspecto* pode-se atestar que a autonomia do *aspecto* não inviabiliza o caráter indissolúvel das categorias verbais, as quais são passíveis de identificação a partir de suas características.

No que concerne ao *tempo*, especificamente, observou-se que se caracteriza por momentos – da fala, do evento e da referência – que refletem noções de simultaneidade, anterioridade e posterioridade. Entretanto, não se trata de algo estático e podem ser empregados com outros valores. Por essa razão, tornou-se relevante observar como as gramáticas abordam a possibilidade de substituição de um tempo por outro.

Conforme Perini (2010, pp. 219-220) o “tempo verbal tem a ver basicamente com a situação de eventos e estados no tempo cronológico. Assim, podemos localizar no tempo o mesmo evento através da forma do verbo [...]”. Entende-se por evento, aqui, a ação do enunciado, e assim, o momento do evento se caracteriza como o tempo cronológico.

Considerando o fato de que o momento da fala é sempre o presente, pode-se pressupor que o momento da referência é o que mais importa ao falante, de modo que, se a intenção é tornar um fato mais próximo – independente do momento do evento ser passado ou futuro –, o falante se vale do presente. Aliás, esse é um recurso bastante usado em textos jornalísticos. Similarmente, as formas que caracterizam os tempos verbais podem ser empregados com uma nova referência, que pode ou não ter influência aspectual.

Importa a esta pesquisa, dentre outras metas, identificar elementos ou contextos que licenciam a substituição do futuro pelo presente e do condicional – futuro do pretérito – pelo imperfeito. Assim, buscou-se observar como as gramáticas apresentam os usos dos tempos verbais, como se verá na próxima seção.

2.2.1.1 Definições semânticas de cada tempo verbal e seus respectivos empregos

É válido ressaltar que alguns autores distinguem “tempo cronológico” de “tempo verbal”. No que tange ao *tempo*, Castilho (2010) admite a existência de três situações de uso: i) *tempo real*, ou seja, “estado de coisas coincidente com o tempo cronológico”; ii) *tempo fictício*, ou seja, deslocamento do falante a um “espaço-tempo imaginário, que não coincide com seu tempo real”; iii) *uso atemporal*, quando há deslocamento do falante ao domínio do vago, do impreciso. No que se refere ao uso do *tempo fictício*, o autor admite que o falante:

[...] lançará mão dos “usos metafóricos das formas verbais”, arrastando consigo sua simultaneidade/anterioridade/posterioridade. A terminologia adotada pelos descritores do tempo tenta apanhar essas metáforas, quando aludem ao presente universal (presente extenso/ presente das verdades eternas/ presente genérico, situado no domínio da vagueza), ao presente histórico ao *praesens pro futuro* (=o futuro, no tempo cronológico) etc. [...] (CASTILHO, 2010, p.432)

Entende-se por tempo fictício ou metafórico a possibilidade de uso de um tempo com valores distintos do real, do prototípico, ou mesmo a substituição de uma forma verbal por outra, independente do modo e do tempo verbais.

No *Quadro 10*, a seguir, apresentam-se definições e usos de todos os seis tempos verbais encontrados nas gramáticas de língua portuguesa analisadas.

Quadro 10: Conceito e usos dos tempos verbais do modo indicativo

| | PRESENTE | PRETÉRITO PERFEITO | PRETÉRITO IMPERFEITO | PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO | FUTURO DO PRESENTE | FUTURO DO PRETÉRITO |
|-------------------|---|---|--|--|--|---|
| ALMEIDA (1985) | <p>DEFINIÇÃO: Indica que a ação é praticada no momento da fala. É também empregado para indicar uma ação habitual, constante, um fato real, uma verdade. Ação praticada até o momento da declaração. (p.228)</p> <p>USOS: Em lugar de <i>pretérito perfeito</i>: presente histórico; em lugar de <i>futuro</i> para anunciar um acontecimento próximo (p. 228)</p> | <p>DEFINIÇÃO: Denota que a ação foi completamente realizada, sem necessidade de referência a nenhuma outra ação, nem anterior nem contemporânea. (p.229)</p> <p>USOS: Não apresenta outros usos possíveis.</p> | <p>DEFINIÇÃO: A ação expressa é anterior ao ato da palavra, mas a ação foi praticada no mesmo tempo em que outra se deu o fato passado. (p.229)</p> <p>USOS: Pode ser empregado em lugar de <i>presente</i> para dar ênfase a uma exclamação e para indicar idéia aproximada. (p.230)</p> | <p>DEFINIÇÃO: A ação expressa é passada em referência ao ato da palavra e, além disso, é ainda passada com relação ao tempo indicado no período. (p.229)</p> <p>USOS: Pode substituir o <i>futuro do pretérito</i>. (p.231)</p> | <p>DEFINIÇÃO: Indica que a ação será praticada depois do ato da palavra. É o que, expresso por uma só palavra, indica, simplesmente, ação que irá realizar-se, sem estabelecer relação com outra ação: <i>sairei</i>. (p.230)</p> <p>USOS: Não apresenta outros usos possíveis.</p> | <p>Aparece:</p> <p>a) no período hipotético, quando a hipótese é possível; b) na subordinada a verbo que esteja no passado e implique declaração; c) para indicar aproximação, imprecisão; d) para evidenciar uma suposição; e) para suavizar a manifestação de um desejo; f) para suavizar uma pergunta, um pedido de informação. (p. 231)</p> |
| BECHARA (2009) | <p>DEFINIÇÃO: a rigor, se caracteriza pelo traço “negativo” ou “neutral” em relação ao pretérito e ao futuro, que são termos “positivos”, isto é, aplicados ao ocorrido o que lhe permite poder empregar-se, em determinados contextos, “em lugar” do passado e do futuro. (p.276)</p> <p>USOS: Emprega-se: a) pelo <i>pretérito</i> em narrações animadas e seguidas (presente histórico), como para dar a fatos passados o sabor de novidade das coisas atuais; b) pelo <i>futuro do indicativo</i> para indicar com ênfase uma decisão; c) pelo <i>pretérito imperfeito do subjuntivo</i>; d) pelo <i>futuro do subjuntivo</i>. (p. 276)</p> | <p>DEFINIÇÃO: Tempo que enquadra a ação dentro de um espaço determinado (p. 278)</p> <p>USOS: Em certas orações temporais aparece o pretérito perfeito onde se esperaria o <i>mais-que-perfeito</i>. (p. 278)</p> | <p>DEFINIÇÃO: É um membro não marcado, extensivo, de uma oposição que encerra três membros, dois dos quais são marcados e intensivos: o <i>mais-que-perfeito</i> e o chamado <i>condicional presente</i>, na forma simples. (p.277)</p> <p>USOS: Pode substituir, principalmente na conversação, o <i>futuro do pretérito</i>, quando se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante; para denotar um fato certo como consequência de outro que não se deu. (p. 278)</p> | <p>DEFINIÇÃO: Denota uma ação anterior a outra já passada. (p.279)</p> <p>USOS: Emprega-se em lugar do <i>mais-que-perfeito simples</i>; em lugar do <i>futuro do pretérito do indicativo</i> e do <i>pretérito do subjuntivo</i>, o que serve hoje como traço estilístico de linguagem solene. (p. 279)</p> | <p>DEFINIÇÃO: Denotam uma ação que ainda vai ser realizar (p.279)</p> <p>USOS: Em lugar do <i>presente</i>, expressa incerteza ou idéia aproximada, simples possibilidade ou asseveração modesta. Em lugar do imperativo, exprime uma ordem ou recomendação, principalmente nas prescrições e recomendações morais. (p. 279)</p> | <p>USOS: O futuro do pretérito é empregado para denotar, também:</p> <p>a) que um fato se dará, agora ou no futuro, dependendo de certa condição; b) asseveração modesta em relação ao passado, admiração por um fato se ter realizado; c) incerteza (p. 280)</p> |

| | PRESENTE | PRETÉRITO PERFEITO | PRETÉRITO IMPERFEITO | PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO | FUTURO DO PRESENTE | FUTURO DO PRETÉRITO |
|-----------------------|--|--|---|---|--|---|
| CASTILHO (2010) | <p>Presente real: indica simultaneidade com o momento da fala e pode expressar hábito. Presente metafórico: a) pelo <i>passado</i>; b) pelo <i>futuro do presente</i>; c) pelo <i>futuro do pretérito</i>; d) pelo <i>futuro do subjuntivo/do indicativo</i> na sentença complexa condicional; e) pelo <i>imperfeito do subjuntivo</i>.</p> <p>Presente atemporal: usado para expressar verdades eternas, predisposições, etc. (p. 432-433)</p> | <p>Pretérito perfeito simples: indica anterioridade que pode ser: pontual, durativa ou iterativa. Pretérito perfeito metafórico: a) pelo <i>imperfeito</i>; b) pelo <i>mais-que-perfeito</i>; c) pelo <i>futuro do presente</i>; d) pelo <i>futuro do presente composto</i>; e) pelo <i>pretérito perfeito do subjuntivo</i>. Pretérito perfeito atemporal: a) pretérito aorístico; b) pretérito nos marcadores discursivos. (p. 433)</p> | <p>Pretérito imperfeito real: indica anterioridade não pontual. Pretérito imperfeito metafórico: a) pelo <i>presente</i>, nos usos de atenuação e polidez; b) pelo <i>pretérito perfeito</i>, no chamado "imperfeito de ruptura"; c) pelo <i>imperfeito do subjuntivo</i>; d) pelo <i>futuro do pretérito</i>, no discurso indireto e no discurso indireto livre. Pretérito imperfeito atemporal: "imperfeito de conato" (p.433)</p> | <p>Pretérito mais-que-perfeito simples e composto real: indica anterioridade remota em relação a outra ação anterior. Pretérito mais-que-perfeito metafórico: a) pelo <i>imperfeito do subjuntivo</i>, na prótase da sentença condicional, e pelo <i>futuro do pretérito</i>, na linguagem literária formal; b) pelo <i>pretérito perfeito</i> nos usos de atenuação ou polidez; c) em expressões cristalizadas. (p. 434)</p> | <p>Futuro do presente simples e composto real: indica posterioridade problemática em relação ao ato de fala. Futuro do presente metafórico: a) pelo <i>presente do indicativo</i>, nos usos de atenuação e polidez; b) futuro jussivo, nas leis, decretos, contratos; pelo <i>presente do subjuntivo</i>; pelo <i>pretérito perfeito simples</i>, no chamado "futuro profético". Futuro atemporal ou gnômico (p. 434)</p> | <p>Futuro do pretérito simples e composto real: indica posterioridade problemática em relação a um ato de fala anterior/remoto. Futuro do pretérito metafórico: a) pelo <i>presente do indicativo</i>, quando se manifesta opinião de modo reservado, ou nos usos de atenuação ou polidez; b) pelo <i>pretérito imperfeito do indicativo</i>; c) pelo <i>pretérito perfeito simples do indicativo</i>. (p. 434)</p> |
| CUNHA E CINTRA (2007) | <p>Emprega-se para: a) enunciar um fato atual, isto é, que ocorre no momento em que se fala (presente momentâneo); b) indicar ações e estados permanentes (presente durativo); c) expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (presente habitual ou frequentativo); d) dar vivacidade a fatos ocorridos no passado (presente histórico ou narrativo); e) para marcar um fato futuro, mas próximo, caso em que, para impedir qualquer ambiguidade, se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial. (p. 448-449)</p> | <p>DEFINIÇÃO: Indica uma ação que se produziu em certo momento do passado. (p. 454)</p> <p>USOS: a) acompanhados de advérbios ou locuções adverbiais exprimem ação repetida; b) na linguagem coloquial, pelo futuro do presente composto. (p. 455-456)</p> | <p>DEFINIÇÃO: designa um fato passado, mas não concluído. Encerra uma ideia de continuidade e duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos. (p. 451)</p> <p>USOS: a) para indicar, entre ações simultâneas, a que estava processando quando sobreveio a outra; b) para denotar uma ação passada habitual ou repetida; c) para designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes; d) pelo <i>futuro do pretérito</i>, para denotar um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer; e) pelo presente como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido (p. 451-452)</p> | <p>DEFINIÇÃO: indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada.</p> <p>USOS: Pode denotar: a) um fato vagamente situado no passado; b) um fato passado em relação ao momento presente, quando se deseja atenuar uma afirmação ou pedido; c) na linguagem literária, em lugar do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito do subjuntivo; d) na linguagem corrente fixou-se em frases exclamativas. (p. 457-458)</p> | <p>Emprega-se para: a) indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala; b) para exprimir a incerteza sobre fatos atuais; c) como forma polida de presente; d) como expressão de uma súplica, de um desejo, de uma ordem; e) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos de realização provável. (458-459) Substitutos do futuro, na língua falada: locuções constituídas de: a) [<i>haver (pres.) + prep. de + inf.</i>], para exprimir a intenção de realizar um ato futuro; b) [<i>ter (pres.) + prep. de + inf.</i>], para indicar uma ação futura de caráter obrigatório, independente da vontade do sujeito; [<i>ir (pres.) + inf.</i>], para indicar uma ação futura imediata. (p. 460-461)</p> | <p>Emprega-se para: a) designar ações posteriores à época de que se fala; b) exprimir a incerteza sobre os fatos passados; c) como forma polida de presente, em geral denotadoras de desejo; d) em certas frases interrogativas e exclamativas, para denotar surpresa ou indignação; nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão. (p. 462-463)</p> |

| | PRESENTE | PRETÉRITO PERFEITO | PRETÉRITO IMPERFEITO | PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO | FUTURO DO PRESENTE | FUTURO DO PRETÉRITO |
|--------------------------|--|---|--|--|---|--|
| FARACO E MOURA (1999) | <p>DEFINIÇÃO: Expressa um fato que ocorre no momento em que se fala. Expressa uma verdade científica, uma lei, um fato real que data de muito tempo e deve durar por tempo indefinido. É chamado presente durativo. Expressa uma ação habitual ou freqüente. Nesse caso, é chamado de presente habitual ou freqüentativo. (p.345)</p> <p>USOS: É utilizado em lugar do <i>futuro</i> e o futuro do subjuntivo.. É utilizado para substituir o <i>imperativo</i>, expressando de forma delicada um pedido ou ordem. (p. 345)</p> | <p>DEFINIÇÃO: Indica um processo completamente concluído em relação ao momento em que se fala. A forma composta expressa um processo passado que se repetiu ou se repete até o presente. (p. 346)</p> <p>USOS: Não apresenta outros usos possíveis.</p> | <p>DEFINIÇÃO: Expressa um fato não concluído no passado. Expressa um fato habitual ou repetido no passado. É chamado pretérito imperfeito freqüentativo. (p. 345)</p> <p>USOS: Substitui o futuro do pretérito. Substitui o presente do indicativo para conotar maior polidez. (p. 346)</p> | <p>DEFINIÇÃO: Expressa um fato passado, que ocorreu antes de outro, também passado. Portanto, o mais-que-perfeito exprime um fato duplamente passado: é passado em relação ao momento da fala; é passado em relação ao momento em que se realizou outro fato. (p. 346)</p> <p>USOS: Na linguagem literária pode substituir o futuro do pretérito. É usado em orações optativas. Na linguagem coloquial prefere-se a forma composta.</p> | <p>Expressa um fato (realizável ou não) posterior ao momento em que se fala. Portanto, no momento da fala, o fato é ainda inexistente. Pode evidenciar incerteza a respeito de um fato presente. (p. 346)</p> <p>Pode substituir o imperativo: com valor categórico ou com valor de sugestão. (p. 347)</p> | <p>Expressa um fato futuro em relação a outro já passado. O futuro do pretérito, em relação ao momento em que se fala, é atemporal, pois tanto pode indicar passado (haveria dificuldades ontem) como futuro (haveria dificuldades amanhã). (p. 347)</p> <p>Substitui o presente do indicativo, para atenuar uma ordem ou pedido. Pode ser substituído pelo pretérito imperfeito do indicativo. Pode expressar incerteza, dúvida, possibilidade. (p. 347)</p> |
| MIRA MATEUS (2003) | <p>Apresenta tipicamente um valor aspectual de habitualidade e não estritamente de tempo. (p. 154)</p> <p>“Em construções apropriadas, pode ser utilizado para referir um tempo posterior ao tempo da enunciação, nomeadamente quando apoiado por advérbias e quando o predicado seleccionado é um evento” [...] pode ainda apresentar uma projecção do passado ou ser usado em instruções, com valor modal próximo ao deontico.</p> | <p>É claramente o tempo do passado e sempre terminativo. Quanto ao aspecto é inflexível. (p. 156)</p> <p>Embora o ponto de perspectiva seja tipicamente o tempo da enunciação, pode articular-se com um tempo posterior: quando.... já concluiu o curso</p> | <p>Tempo “gramatical com informações de passado, mas que em muitas construções não apresenta características temporais.” (p.156) Por ser um tempo alargado, pode alterar o tipo de evento. Não denota sempre o tempo, mas pode expressar modalidade. Pode ainda, haver uma projecção para um futuro (imminente) eventualmente articulado com um condicional. Obs.: estabelece-se pelo SE condicional ou pelo advérbio.</p> | <p>---</p> <p>Não há referências ao mais-que-perfeito simples, apenas se refere ao composto</p> | <p>Raramente expressa tempo posterior ao tempo da enunciação. Trata-se, tendencialmente, de algo mais próximo de um modo do que de um tempo. (p. 158)</p> <p>Em português europeu a posterioridade é fundamentalmente dada pelo presente do indicativo com o contributo de advérbias de tempo de projecção futura ou então pela <u>construção ir+infinitivo</u></p> | <p>Comporta-se como tal desde que a perspectiva temporal seja passado. Se esse ponto for um tempo futuro, então adquire um valor modal. Obs.: as sentenças condicionais não permitem advérbio evidenciando, que não se trata de um tempo.</p> |

| | PRESENTE | PRETÉRITO PERFEITO | PRETÉRITO IMPERFEITO | PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO | FUTURO DO PRESENTE | FUTURO DO PRETÉRITO |
|-------------------|---|---|--|--|---|---|
| PERINI (2010) | <p>DEFINIÇÃO: expressa, basicamente, eventos ou estados atuais.</p> <p>USOS: É usado para exprimir: a) um evento habitual; b) uma verdade geral, que não depende de tempo. Pode ser usado para: a) expressar um evento futuro (normalmente acompanhado de uma expressão temporal que elimina a ambiguidade); b) expressar um evento passado, quando se deseja dar um caráter mais vivo a uma narração.</p> | <p>DEFINIÇÃO: focaliza os limites temporais da situação descrita.</p> | <p>DEFINIÇÃO: indica um evento ou estado habitual, ou uma qualidade considerada como válida para um período extenso no passado.</p> | <p>Não é usado no português brasileiro.</p> | <p>Chamado de futuro simples. O futuro é expresso no português brasileiro através da construção perifrástica [ir (presente)+ infinitivo], designada futuro composto.</p> | <p>Chamado de condicional, expressa: a) um evento que poderia ocorrer sob condições expressas ou subentendidas. Interpreta-se como contendo uma afirmação não factual; b) futuro em relação a um evento passado; c) pedido, acrescentando um matiz de polidez, quando com verbos de desejo. É substituído: a) opcionalmente, pela construção condicional composto [ir (imperfeito) + infinitivo]; b) pelo imperfeito do indicativo.</p> |
| SACCONI (1986) | <p>DEFINIÇÃO: Acontece no momento em que se fala; é durativo e pode ser expresso por perífrase; é uma verdade universal; é habitual</p> <p>USOS: Emprega-se: a) como Presente histórico ou narrativo; b) pelo Futuro do presente: para indicar que o fato se dará em época próxima (neste caso, segundo o autor, o adjunto adverbial é indispensável); c) para indicar se dará num tempo indeterminado.</p> | <p>DEFINIÇÃO: Indica um passado já concluído; idem mas cujos efeitos perduram no presente (perfeito permansivo); habitual ou iterativo.</p> <p>Pode ser substituído: a) pelo futuro do presente composto; b) pelo mais-que-perfeito nas orações temporais</p> | <p>DEFINIÇÃO: Exprime um fato passado não concluído ou que perdurou muito antes de concluir-se.</p> <p>Pode ser substituído: a) pelo presente para atenuar um pedido; pelo futuro do pretérito em três situações: Simplesmente substituindo um pelo outro, caracterizando-se, assim, a língua falada; Para indicar que o fato seria consequência certa e imediata de outro, que é irreal (obs.: sentenças condicionais, mas não fala isso); Para exprimir a nossa vontade, mas de modo cortês.</p> | <p>DEFINIÇÃO: Um fato passado anterior a outro também passado; Um fato vagamente situado no passado; Um fato passado em referência ao momento presente, quando tal fato não é absolutamente certo.</p> <p>Na língua cuidada, pelo futuro do pretérito (em condicionais, mas ele não fala, exemplifica); Pelo pretérito imperfeito do subjuntivo. Em nota, considera o uso pelo futuro do pretérito em orações optativas que exprimem desejo (Quisera poder estudar; quem me dera...</p> | <p>DEFINIÇÃO: Um fato posterior certo (presença de adv., mas não fala) Um fato atual duvidoso (comum em frases interrogativas. Said Ali deulhe o nome de problemático. Futuro jussivo; Ordem atenuada ou pedido; Futuro eventual: que pode acontecer ou não; Fato tomado como verdade absoluta.</p> <p>-- Não há</p> | <p>DEFINIÇÃO: Um fato posterior a certo momento passado; Um fato futuro certo, mas ainda dependente de certa condição; Futuro duvidoso (nesse caso substitui o futuro problemático); Incerteza sobre fatos passados; Polidez para fato presente.</p> |

Observou-se que alguns autores apresentam a variação entre as formas verbais que refletem os tempos gramaticais. No que tange, especificamente, ao registro das variações que se referem estritamente aos futuros – *futuro do presente* e *futuro do pretérito*, conforme a NGB, pode-se notar que foram apresentadas em todas as gramáticas analisadas.

Observou-se que dentre essas, algumas como Sacconi (1989); Perini (2010); Mira Mateus (2003) consideram obrigatória a presença de marcadores temporais junto ao *presente* com valor de *futuro*.

Das gramáticas que registram a substituição do *condicional* pelo *imperfeito*, três consideram ser um uso restrito à linguagem falada e (ou) coloquial. A respeito da frequência de uso do PB Perini (2010, p. 226) considera que as “versões com o imperfeito parecem mais coloquiais e espontâneas o que as com o condicional.”

Aliás, no que tange à terminologia empregada aos tempos verbais, notou-se que apenas o *futuro do pretérito* apresenta divergência entre os autores, haja vista ser chamado por Perini (2010) de *condicional*. Bechara (2009, pp. 222-223) utiliza o termo *futuro do pretérito* para a forma “cantaria”, por exemplo, e considera que esta implica também a modalidade condicional, já que admite a existência de cinco modos verbais na língua portuguesa. É válido ressaltar que a posição considera o *condicional* um *modo* e não um *tempo* é assumida pela Nomenclatura Gramatical Portuguesa, de 1967.

Além dessa variação, documenta-se em Almeida (1985); Castilho (2010); Cunha e Cintra (2007); Faraco e Moura (1999) e Sacconi (1986) a possibilidade de emprego do *mais-que-perfeito* pelo *futuro do pretérito*, considerando, porém, ser esta uma variação estilística – usada em contextos linguagem literária e (ou) restrito a construções cristalizadas.

2.2.2 Enxergando o *verbo* através de estudos linguísticos: um panorama

“Estamos acostumados a considerar a ação verbal apenas sob o ponto de vista do *tempo*.” (ROCHA, 1990, p. 225). Com esta assertiva, inicia-se a discussão cujo fim é estabelecer um panorama acerca das considerações de verbo e categorias verbais apresentadas em sete estudos linguísticos cujo enfoque seja ao menos uma das categorias verbais tempo, modo e aspecto: Castilho (1968); Câmara Jr. (2007); Corôa (2005); Costa (1990); Fernandes Jr. (2007); Ilari (2001a) e Travaglia (1981).

Complementam o presente exame as seguintes obras: Borba (1979); Câmara Jr. (1976); Câmara Jr. (1989); Câmara Jr. (2004); Castro e Pinto & Parreira (1990); Garcia (1986); Ilari (2001b); Macambira (1998) e Rocha (1999). Alguns estudos sobre a expressão de futuridade também compõem esta fundamentação teórica, como Oliveira (2006); Freitag (2005).

Como fora visto, algumas gramáticas consideram *tempo*, *modo* e *aspecto* como categorias ou flexões verbais, outras não. Entre os linguistas, as controvérsias giram em torno das relações entre as categorias.

Inversamente a algumas das gramáticas antes analisadas que abdicam do *aspecto* como uma flexão ou categoria peculiar a todos os tempos verbais e que o consideram o *tempo* como uma característica estritamente verbal em relação aos nomes, Macambira (1998) – com base em Meillet (1958, p. 152) –, considera que o *verbo* é mais aspectivo do que temporal e admite que o sufixo modo-temporal é de fato modo-aspectivo-temporal, de modo que todos os tempos verbais possuem aspecto.

Entretanto, à página 39, ao estabelecer um padrão estrutural dos verbos, o autor utiliza a fórmula de Câmara Jr. (2007) – [R + VT + SMT + SNP] – admitindo que todo tempo verbal deve necessariamente conter quatro formas: o radical, a vogal temática, o sufixo modo-temporal e o sufixo número-pessoal, entendendo-se o termo sufixo como equivalente a desinência, não incluindo, portanto, o *aspecto* no sufixo modo-temporal.

Como se percebe, o autor se contradiz em sua argumentação acerca das categorias verbais, mais especificamente à flexão modo-temporal ou modo-aspectiva-temporal.

Antes de prosseguir com a discussão acerca das categorias verbais é válido ressaltar como alguns autores definem flexão, especificamente, a verbal.

Laroca (2005, p. 11) assevera que a gramática greco-latina usava o termo flexão como oposição à sintaxe e somente partir do século XIX, instaura-se o termo morfologia,

englobando flexão e derivação. Sob essa perspectiva, flexão e sintaxe são estanques. Contudo, a autora admite que “nenhuma parte de uma língua pode ser descrita adequadamente sem referência a todas as outras partes. Tal princípio significa que a fonêmica, a morfologia e a sintaxe de uma língua não podem ser descritas sem referência umas às outras.”.

Assim, é possível admitir que as categorias ou flexões verbais *tempo*, *modo* e *aspecto* não são estritamente morfológicas, ou seja, podem ser expressas através de outros elementos linguísticos situados no âmbito da morfossintaxe e (ou) do discurso.

Câmara Jr. (1976, p. 126) admite que a flexão verbal é simultaneamente orientada em dois sentidos – a indicação do sujeito e a designação de “certas características que acompanham obrigatoriamente, dentro da língua, a significação intrínseca da forma verbal”.

Para Rocha (1999, p. 225), “flexão é um mecanismo lingüístico controlado ao mesmo tempo por regras morfológicas e sintáticas”. Aliás, sobre a flexão verbal, o autor considera que enquanto os morfemas número-pessoais são exigidos pela natureza da frase, os modo-temporais – estritamente verbais – são exigidos pela situação. Ou seja, determinados pela morfossintaxe e pelo discurso.

No que se refere ao *aspecto*, Rocha (1999) considera possível o admitir como uma flexão haja vista ser também controlado por regras morfológicas e sintáticas. Entretanto, o autor explicita que não se trata de um mecanismo, mas de um fenômeno linguístico que se manifesta através de recursos lexicais, de recursos morfológicos como a flexão e a derivação, e de recursos sintáticos como o uso das perífrases verbais, das quais se destaca a constituída do auxiliar *ir* seguido de infinitivo [*you + inf.*] que corresponde ao *aspecto* inceptivo.

Considerando a assertiva de Macambira (1998), de que o verbo é mais aspectivo, tornou-se relevante observar como categorias verbais *tempo*, *modo* e – sobretudo – o *aspecto* são abordadas entre os linguistas, ressaltando, prioritariamente, o trabalho de Castilho (1968) – primeiro estudo sobre o *aspecto*, no Brasil.

Castilho (1968, p. 14) define *aspecto* como “a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação espacial do processo” e o caracteriza como “uma categoria de natureza léxico-sintática, pois em sua caracterização interagem o sentido que a raiz do verbo contém e elementos sintáticos tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional” (CASTILHO, 1968, p. 14).

Pode-se inferir, com base na assertiva que se trata de uma categoria semântica situada no nível do discurso – o produto de um ato de enunciação. Ou seja, é a manifestação da língua na comunicação efetiva entre os membros de uma comunidade. Ressalta-se, ainda, que em

uma abordagem sobre o “surgimento” do *aspecto*, o autor admite que, inicialmente essa categoria verbal foi considerada como uma “qualidade do tempo”, mas, com o desenvolvimento de pesquisas, foram-se percebendo as suas características peculiares. Para o autor, porém, os estudos não conseguiram diluir o conflito entre *aspecto* e “modo da ação” que provém da interpretação prévia e equivocada de *aspecto*. Eis, portanto, a necessidade de esclarecer características peculiares de cada categoria verbal.

É importante lembrar que o *aspecto*, em português, não possui um morfema específico, haja vista manifestar-se com ou através da categoria gramatical de tempo. Segundo Borba (1979, p. 222) nas línguas modernas ocidentais “o tempo predomina sobre o aspecto”.

Aliás, observou-se que os estudos linguísticos basilares desta investigação optam por caracterizar *tempo*, *modo* e *aspecto* a partir das diferenças entre as categorias em lugar de apresentar definições, independentemente.

Castilho (1968, p. 15-41), em contrapartida, admite que o *modo* “indica a atitude do sujeito em relação ao processo verbal, que pode ser encarado como algo real (Indicativo), eventual (Subjuntivo) ou necessário (Imperativo)”, enquanto o *aspecto* é “o ponto de vista subjetivo do falante sobre o desenvolvimento da ação”. Admite, ainda, que enquanto o “modo da ação representa uma compreensão *lato sensu* das noções aspectuais, uma vez que abrange um número ilimitado de possibilidades, englobando e ultrapassando a bipolaridade que caracteriza o aspecto”, o aspecto restringe-se “a uma compreensão *stricto sensu* do problema, pois se reporta apenas aos graus de realização da ação e não à sua natureza mesma”.

Embora apresente distinções entre aspecto e modo da ação, Castilho (1968, p. 42) admite a possibilidade de entrelaçamento dessas categorias “nos casos em que a flexão temporal ou os adjuntos adverbiais provocam alterações no valor semântico do verbo” e assume a posição de que o aprofundamento das diferenças entre aspecto e modo da ação não deve ser considerado já que este contém aquele. e assume a posição de que

Segundo Borba (1979), a diferença entre *aspecto* e *modo* nas línguas românicas é meramente terminológica e arbitrária. Considera que o modo

expressa a maneira como a ação ou estado do verbo é executada. Virtualmente é um aspecto e, como ele, muitas vezes é formado por determinativos (+) típicos. A razão pela qual se diz “modo” e não “aspecto” está no fato de que os gramáticos gregos e latinos (de quem herdamos a nomenclatura gramatical) reconheceram o modo e ignoraram o aspecto. (BORBA, 1979, pp. 224-225)

Travaglia (1981, p. 29-30) ao avaliar o conceito de *aspecto* e as noções aspectuais, discute pontos relevantes para sua definição, dentre os quais, ressalta a confusão dessa categoria verbal com elementos não aspectuais relacionados ao modo verbal e à modalidade. O autor admite *aspecto* como categoria verbal ligada ao TEMPO – “ideia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase” – e o distingue de mais dois sentidos: tempo – categoria verbal, correspondente às épocas – e tempo flexional – flexão temporal.

Não obstante possa parecer, *a priori*, esdrúxula essa distinção é também feita por outros autores como Corôa (2005) e Fernandes Jr. (2007), porém através de outras terminologias.

No que tange à categoria do *tempo*, Castilho (1968, p. 15) considera que sua função consiste em localizar “o processo em um momento, servindo-se de pontos de referência: o próprio falante, o momento em que se desenrola outro processo e o momento em que idealmente se situa o falante, deslocando-se em pensamento para o passado ou para o futuro”. Opõe-se assim, à proposta coseriana – *Quadro 5, cf. p. 41*–, de que o *tempo* é determinado pelo discurso de maneira caracterizadora sem afetar os participantes. Admite, assim, que o *tempo* se empenha, sobretudo, em sua vinculação com um dado momento, enquanto o *aspecto* “está mais essencialmente ligado à noção de processo”.

Segundo Costa (1990, p. 16), “a referência de tempo conta em português (e em outras línguas também, é claro) com duas categorias lingüísticas para a sua expressão: o Tempo e o Aspecto.” A autora admite, ainda, que o aspecto é um “recurso expressivo do português que nos amarra ainda mais a essa contingência existencial – o tempo – e ao seu eterno (e implacável) fluir.” (COSTA, 1990, p. 9).

Observem-se algumas características apresentadas:

Quadro 11: Interpretação da proposta de Costa (1990) a respeito da distinção entre tempo e aspecto

| | ASPECTO | TEMPO |
|------------------------------|---|---|
| DEFINIÇÃO | “[...] categoria lingüística que informa se o falante em comparação ou não a constituição temporal interna dos fatos enunciados. Essa referência independe do ponto-dêitico da enunciação, visto que centra o tempo no fato e não o fato no tempo.” | “[...] categoria que marca na língua, através de lexemas, de morfemas, de perífrases, a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, <i>tomando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação.</i> ” |
| NOÇÕES SEMÂNTICAS | Noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. | Localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação. |
| MODO DE TRATAR O FATO | Como passível de conter frações de tempo que decorrem dentro de seus limites. | Enquanto ponto distribuído na linha do tempo. |

Como se pode observar, Costa (1990, p. 15) admite que ambas as categorias são linguísticas, sendo a dêixis o fator de diferenciação, haja vista ser o tempo uma categoria dêitica e o aspecto uma categoria não-dêitica. Aliás, para a autora:

Tratar de tempo e de espaço em língua é se aproximar da noção de dêixis, que é faculdade que têm as línguas de designar os referentes através da sua localização no tempo e no espaço, tomando como ponto de referência básica o falante.” (COSTA, 1990, p. 15)

Para elucidar a diferença entre ambas as categorias, é válido ressaltar o conceito de dêixis. Segundo Ilari (2001b, p. 55) chamam-se dêiticas

[...] as expressões que se interpretam por referência a elementos do contexto extralinguístico em que ocorre a fala. A palavra **dêitico** contém a idéia de apontar, e as expressões dêiticas mais típicas apontam para elementos fisicamente presentes na situação de fala. É o caso dos pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, *eu* e *você* que, na maioria de seus empregos, remetem para a pessoa que fala e para a pessoa com quem se fala.

O autor distingue, ainda, dêixis de anáfora apresentando características quanto ao conceito e a função e revelando elementos linguísticos que expressam ambos os processos linguísticos. Observe-se:

Quadro 12: Interpretação da proposta de Ilari (2001) a respeito da distinção entre dêixis e anáfora

| | DÊIXIS | ANÁFORA |
|-------------------------------|---|--|
| CONCEITO | Refere-se “[...] principalmente às pessoas que participam da interação verbal, ou a lugares e tempos que são localizados a partir da situação de fala. | Refere-se [...] a pessoas e objetos, tempos, lugares, fatos etc. mencionadas em outros pontos do mesmo texto; |
| ELEMENTOS LINGUÍSTICOS | “Realiza-se sobretudo por meio dos pronomes, dos artigos, dos tempos dos verbos e de certos advérbios.” | “[...] são úteis os pronomes, o artigo definido, os tempos verbais (particularmente aqueles que indicam tempo relativo), e os advérbios.” |
| FUNÇÃO | Realiza uma espécie de “ancoragem” da fala na realidade. Para entender a importância dessa ancoragem, convém imaginar a dificuldade que teríamos para entender de quem partiu um pedido de socorro trazido pelo mar numa garrafa fechada, sem data, sem referências a lugares e assinado por um desconhecido. | Na opinião de muitos estudiosos, a anáfora não é apenas um fenômeno entre outros que acontecem nos textos: é o fenômeno que constitui os textos, garantindo sua coesão. Todo texto seria, nesse sentido, uma espécie de grande “tecido anafórico”. |

Com base no exposto, pode-se admitir que o *aspecto* é não dêitico porque trata de uma categoria expressa e interpretada linguisticamente, sem interferência de contextos extralinguísticos.

Destaca-se do *Quadro 12* a ideia de que apenas os tempos verbais que indicam tempo relativo podem expressar anáfora. Com base em Corôa (2005), entende-se por tempo relativo a possibilidade de um tempo – uma forma verbal – assumir o valor de verdade de outro tempo, como ocorre quando o presente é usado com valor de futuro, e corresponde, assim, ao tempo fictício de que tratou Castilho (2010), comentado na seção anterior.

Embora admita *tempus* como uma categoria dêitica e *aspecto* como o que há de não-dêitico na categoria de tempo, Corôa (2005) considera que o *aspecto* deve ser entendido como uma categoria gramatical e o modo de ser da ação como uma categoria léxico-semântica. Assim, o aspecto situa-se no tempo, mas não tem relação com modo.

Corôa (2005, p. 66), cujo trabalho se propõe a realizar uma redefinição funcional, se opõe à proposta de Castilho (1968, p. 14) ao distinguir aspecto de modo de ser da ação pelos recursos que utilizam. A autora admite que quando o radical de um verbo sofre uma variação morfológica, esta ocorre no domínio do *aspecto*, e quando a variação consiste em um processo léxico-semântico e se realiza nos valores dependentes do radical, esta ocorre no domínio do modo de ser da ação.

É válido ressaltar, porém, que além dos recursos morfológicos e os lexicais, os recursos morfossintáticos, bem como os discursivos, também podem alterar o valor semântico de uma forma verbal.

Para uma redefinição funcional de tempo pautada na interpretação semântica, Corôa (2005), apresenta três teorias que se apoiam em diferentes perspectivas: a do tempo absoluto, a do tempo relacional e a do tempo relativo.

Com fins didáticos, observe-se, a seguir, um quadro sinótico de sua proposta.

Quadro 13: Interpretação da proposta de Corôa (2005) a respeito das teorias

| | TEORIA DO TEMPO ABSOLUTO | TEORIA DO TEMPO RELACIONAL | TEORIA DO TEMPO RELATIVO |
|-----------------------------|--|---|---|
| INFLUÊNCIA | Newton e Galileu | Aristóteles | Einstein |
| PRESSUPOSTOS | “[...] o tempo tem existência ontológica, ou seja, existe fora dos eventos.” (p. 26) | “[...] O tempo é a ordem das coisas não contemporâneas e todos os elementos podem ser ordenados pela relação de contemporaneidade (coexistência) ou de anterioridade/posterioridade temporal (sucessão).” (p. 27) | em que se pode atribuir um valor de verdade a partir de um sistema de referência ou de uma convenção adotada. |
| OBJETOS IRREDUTÍVEIS | Momentos e eventos | Eventos | Momentos, eventos e referências |

Entre as teorias apresentadas, Corôa (2005, p. 87) admite ser a relativa a mais adequada para uma reinterpretação dos tempos verbais, uma vez que “[...] as relações e designações temporais são relativas, mas que a relatividade não é total, pois se dá com respeito a sistemas de referência e não com respeito a observadores individuais arbitrários”.

A propósito, os pressupostos de Reichenbach, adotados por Corôa (2005) dentre outros linguistas, convergem com os postulados da teoria do tempo relativo, sobretudo no que concerne aos construtos basilares de sua proposta: o momento do evento, o ponto de referência e o momento da fala³.

Em contrapartida a Corôa (2005), Fernandes Jr (2007) na obra *Cronológica*⁴, questiona posicionamento de Reichenbach (1948) de que o sistema temporal de uma língua se alicerça em três pontos ou segmentos teóricos na linha do tempo: o momento da fala, o momento da referência e o momento do evento, pois admite que com esse modelo de interpretação, não se percebe a fala como um evento, um ‘comportamento’ do falante, podendo ser considerada uma forma de ‘existência’ relacionada com o tempo, como se observa no excerto, a seguir:

[...] MF pode ser considerado o tempo da ‘existência’ da enunciação, que serve de referência tanto para o aspecto quanto para a indicação do tempo presente da categoria verbal. (FERNANDES JR., 2007, p. 37)

Para o autor, não há razão de se ter um momento para o ato e outro para a referência, na ‘linha’ do tempo, e admite, ainda, que o

[...] sistema de referência de uma língua é constituído de elementos lexicais com referências a existências e de marcadores temporais com referências a momentos na ‘linha’ do tempo.

Dentro desse sistema de referências, o sujeito de um enunciado deve confrontar as existências relacionando-as com o tempo. Como a existência de um comportamento é dependente da existência de um ser, provavelmente o sujeito do enunciado deva fazer uma sincronia entre elas. (FERNANDES JR., 2007, p. 33).

³ Ilari propõe a interpretação temporal das orações do português com base nos três construtos temporais. (p. 38)

⁴ CRONOLOGÍSTICA é um estudo pragmático que descreve o aspecto verbal concluso e inconcluso com três momentos referenciais (Momento da Fala, Momento no Passado, Momento no Futuro) como ponto de vista da temporalidade de cada forma verbal aplicada em diferentes estruturas discursivas, baseando-se nos modelos Quadro Operatório e Gráfico Cronológico, orientados pelas categorias de tempo e modo da forma verbal e pelas relações pragmáticas dela com outras formas verbais.

Para melhor explicitar sua proposta, Fernandes Jr (2007, p. 40) desenvolve um quadro operatório que “representa o resultado do raciocínio aplicado entre o ponto de vista do tempo da ‘existência’ do ‘comportamento’ relativo à forma verbal que comporta as categorias de tempo e modo”, como se observa, a seguir:

Quadro 14 - QUADRO OPERATÓRIO: Proposta de Fernandes (2007)

| PONTO DE VISTA | CONCEITO | TEMPO E MODO VERBAL |
|----------------|---------------------------|---|
| MP | <i>Momento no Passado</i> | imperfeito do indicativo e do subjuntivo futuro do pretérito do indicativo |
| MF | Momento da fala | presente do indicativo, do subjuntivo e do imperativo perfeito do indicativo mais-que- perfeito do indicativo |
| MFt | Momento no Futuro | futuro do presente do indicativo |

Fernandes Jr. (2007) considera, assim, a possibilidade de que o único segmento na linha do tempo ajustado a uma medida cronológica é o momento da fala e admite outras medidas cronológicas: TEC (*Tempo de Existência do Comportamento*) e os segmentos referênciais: MP (momento no passado) e MFt (momento no futuro). Admite, ainda, que:

O **tempo cronológico** é, então, uma ordenação analógica de unidades de ‘medidas’ sucessivas construídas pelo raciocínio de cada um e orientadas pelo momento da fala (MF), que é o momento de interação entre os raciocínios do sujeito e do interlocutor. Os Marcadores Temporais também servem para orientar essas ‘medidas’, permitindo, em alguns casos, aproximar os valores cronológicos instituídos por um e outro. É evidente que não são valores epistêmicos, mas virtuais. Só MF representa um valor da medida cronológico, definida pelo sujeito e seu interlocutor. Assim, o tempo cronológico representado pela ‘linha do tempo’ no modelo de descrição é elaborado pela lógica do raciocínio, estabelecendo construtos analógicos virtuais compatíveis com MF e organizados conforme a necessidade de produção ou interpretação da comunicação lingüística. O tempo cronológico não é vinculado à comunicação, mas é a comunicação que está alienada ao tempo cronológico. (FERNANDES Jr., 2007, p. 78)

Vale destacar que o autor considera determinados usos inaceitáveis, do ponto de vista cronológico, o que evidencia certa fragilidade nos argumentos ao final do texto, sobretudo porque somente o ponto de vista cronológico não dá conta de explicar, justificar ou revelar como procede e se processa a variação entre os tempos verbais, e mais especificamente a esta pesquisa, entre as formas verbais que expressam futuridade.

Aliás, sobre essa questão, ressaltam-se, aqui os trabalhos de Castilho (1968); Travaglia (1981) e Corôa (2005).

Quanto ao tempo, em *Prontuário Ortográfico Moderno*, Castro e Pinto & Parreira (1990, p. 207) admitem a distinção entre tempos absolutos – presente, futuro do presente ou futuro imperfeito e pretérito perfeito – e os tempos relativos – imperfeito, mais-que-perfeito e o futuro perfeito, que expressa uma ação futura a ser concluída antes de outra ação também futura – e apresentam, dentre os casos especiais de empregos dos tempos, o fato de o *presente* assumir valor de *futuro*.

Quanto ao futuro, Castilho (1968) admite que “as suas muitas funções modais restringem-lhe a atuação no complexo expressivo do aspecto. A noção de aspecto aflora sempre que tais funções se neutralizem, como no caso da repetição no futuro, do futuro perfeito pontual, ou quando se repete o próprio verbo”.

Travaglia (1981, pp. 314-315) assume a posição de que o futuro – quando expresso, apenas, por flexões temporais – restringe a atualização dos aspectos, possivelmente, em razão do seu “valor modal” e a “realização virtual” atribuída à situação. Em contrapartida, o autor admite que com “verbos simples, só há aspecto no futuro, se o verbo é de situação estática ou com a ajuda de adjuntos adverbiais.”

Atestou-se, com base em Travaglia (1981), que tanto o presente como o imperfeito quando usados com valor de futuro e futuro do pretérito, respectivamente, não atualizam *aspecto*. De igual forma, as perífrases constituídas de *ir* seguido de infinitivo também não veiculam aspecto ao marcar tempo futuro, independente da flexão usada no auxiliar.

Inversamente, Garcia (2007, pp. 69-71) admite que a possibilidade de substituição de uma verbal que reflete um tempo gramatical por outra, podem ser realizadas sob diferentes matizes de aspecto, dentre as quais o autor destaca o uso do presente com valor de futuro e de imperfeito como expressão de futuro do pretérito.

No que se refere ao presente, o autor admite seis possibilidades que expressam: a) habitualidade ou frequência, o chamado presente universal ou acronístico; b) realce para fatos passados; c) citação; d) ação condicional hipotética no passado; e) ação próxima e, em certos casos, decidida – “amanhã não há aula; será que ele vem?” – e; f) promessa, advertência ou ameaça – também substituindo o futuro. Como se pode perceber, o presente pode ser empregado para exprimir, além do sentido real – estritamente temporal – valores aspectuais de passado, de futuro e atemporal.

No que concerne ao emprego do *imperfeito*, são citadas por Garcia (2007) cinco valores: a) simultaneidade; b) habitualidade no passado; c) vontade ou desejo, “mas em tom

delicado, cortês e um tanto tímido, como que para despertar simpatia do interlocutor” (p.71); d) ideias e opiniões; e) futuro do pretérito, na linguagem familiar ou coloquial.

No tópico *As formas de futuro*, Corôa (2005, p. 55) afirma que qualquer estudo a respeito do futuro não pode ignorar a importância das oposições modais, sobretudo haja vista ser o futuro “apenas uma possibilidade” e admite, citando Lyons (1977), que

[...] a futuridade nunca é um conceito puramente temporal, pois inclui necessariamente um elemento de predição ou alguma noção modal. Por isso, em geral, as línguas não tratam de predições gramaticalmente paralelas às asserções sobre passado e presente. Também não é o caso de se basearem os *tempora* entre passado e presente, pois o que geralmente se define como presente, em inglês e em muitas outras línguas, seria mais adequadamente descrito como não-passado; enquanto o uso de sentenças nas formas de passado localizam o evento referido num tempo de passado com respeito ao momento da enunciação, o uso do chamado presente não implica necessariamente contemporaneidade com o momento da enunciação. (CORÔA, 2005, p. 44)

Em contrapartida, com base em Martin (1981) a autora considera que inversamente ao futuro, o condicional – lê-se futuro do pretérito – “inscreve o processo em um vir-a-ser carregado de incerteza. Por sua natureza, o condicional não se concebe além da conjectura: a realização ou não de algo não lhe é pertinente.” (CORÔA, 2005, p. 57).

Sob essa perspectiva, pode-se concluir que os rumos dos futuros – do presente e do pretérito – se opõem e, nesse sentido, a variação e mudança podem seguir caminhos também distintos. Dentre outras metas, esta pesquisa se propõe a verificar se há, no português brasileiro, convergência entre ambos os tipos de expressão de futuridade.

Em interpretação acerca das categorias verbais *aspecto*, *tempo* e *modo*, Câmara Jr. (2007) considera que as formas temporais se sobrepõem às formas modais, a exemplo da obliteração mórfica do modo optativo e, atualmente, ao desuso do subjuntivo em prol do indicativo. Fato que é, à propósito, assim como o emprego do indicativo pelo imperativo, nitidamente percebido em eventos de fala do português brasileiro, como já se falou, e que têm sido objeto de estudos linguísticos sincrônicos e diacrônicos,

[...] sabemos, aliás, que o fenômeno é bastante forte e generalizado no português do Brasil, onde – mais do que construções como *me diga*, *me faça um favor*, *me passe uns cobres* [...] se nos deparam *me diz*, *me faz favor*, *me passa uns cobres*. Assim, a multiplicidade dos modos formais tende, nitidamente, a simplificar-se em proveito do indicativo como modo formal único. (CÂMARA JR., 2007, p. 18)

Diante do exposto, admite-se que assim como a substituição entre os modos verbais – e preferência entre os falantes do português brasileiro, o emprego do indicativo em detrimento dos demais modos – é também possível comutar os tempos ou formas verbais.

No que tange ao futuro, especificamente, Câmara Jr. (2007) admite que sofre interferência das categorias de tempo e de modo, afinal,

[...] o que importa expressar não é a rigor, neste caso, que o fato se vai dar, mas que o sujeito falante sente a sua inevitabilidade às vezes até incômoda, ou a impõe ao meio ambiente como imposição da sua vontade” (CÂMARA JR. 2007, p. 26)

Correlacionando a assertiva aos princípios de Reichenbach, no que tange ao futuro, pode-se inferir que o fato a ser realizado – o evento – subjaz ao momento da referência e ao momento da fala, de modo a ser o falante, um participante ativo da ação. Por conseguinte, com base na proposta de Coseriu, é possível dizer que o *futuro* possui propriedades modais que se sobrepõem ao caráter temporal.

Além de ponderar a necessidade de uma nomenclatura adequada, sobretudo no que concerne ao condicional – e (ou) futuro do pretérito, como designam algumas gramáticas –, Câmara Jr. (2007, p. 4) admite que o condicional possui uma “características de um 'modo' de realização do processo verbal e, não, do 'tempo' da sua ocorrência” e, portanto, não escapa às contingências de expressão modal, que faz parte da essência da categoria de futuro.

Como se percebe, as controvérsias sobre o *condicional* não se restringem à nomenclatura, perpassam, inclusive, ao âmbito das categorias verbais, já que, para alguns, se trata de um modo e para outros um tempo.

Em suma, tomando como ponto de partida Castilho (1968) pôde-se atestar: i) os estudos linguísticos selecionados comungam do pressuposto de que *aspecto* e *tempo* mantêm uma relação intrínseca, mas se peculiarizam no que concerne à dêixis; ii) Corôa (2005) e Travaglia (1981) discordam da ideia de que *aspecto* como modo de ser da ação.

Retomando a citação com qual foi iniciada essa seção, atesta-se ser preciso estar atento à influência do *aspecto* na variação entre as formas que expressam tempos verbais. E no que concerne à maneira de expressar o futuro, pode-se admitir sua influência, se a noção de *aspecto* não significar apenas duração, mas estiver relacionada ao “modo de ser da ação”, que por seu turno, se confunde com *tempo fictício* ou a possibilidade de uma forma verbal expressar outro tempo e outro modo.

2.2.3 Reflexões sobre os olhares

*Estava terminado o desfile do Modo Indicativo, que exprime o que é, ou a realidade do momento. Houve um pequeno descanso antes de começar o desfile do Modo **Condicional**, muito mais modesto que o outro, pois se compunha apenas de seis soldados – TERIA, TERIAS, TERIA, TERÍAMOS, TERÍEIS e TERIAM. Emília não gostou deste Modo; achou-o com cara de mosca-morta.*

(Monteiro Lobato. In: *Emília no país da Gramática*, 2008, p. 55)

O excerto supracitado, de Monteiro Lobato, em *Emília no País da Gramática*, suscita vários questionamentos, sobretudo no que concerne à terminologia adotada nos compêndios de língua portuguesa no Brasil, dentre os quais se destacam: i) o modo indicativo como modo que exprime a realidade do momento; ii) a terminologia *condicional* empregada em lugar do *futuro do pretérito*, como um modo e não como um tempo; iii) o fato de Emília não gostar do *condicional*.

Como se viu, gramáticos e linguistas convergem no que tange ao espraiamento do uso do modo indicativo. No tocante ao imperativo, em um trabalho piloto, Neiva (2010b), observou que algumas estratégias de polidez são realizadas com base na alteração do imperativo pelo indicativo.

É válido ressaltar que o emprego do indicativo em lugar do subjuntivo e do imperativo consiste em um fato correlato à variação entre os pronomes *tu* e *você*. Neiva (2009), em estudo sobre a variação *tu / você*, atestou que o não uso da forma flexional em segunda pessoa — P2 — quer seja no indicativo, quer seja no imperativo, resulta do desequilíbrio provocado pela inserção do *você* no paradigma pronominal do português brasileiro e está associado à provável mudança em direção à forma não-padrão que, por conseguinte, se articula com a variação no quadro dos oblíquos e possessivos.

Evidentemente, a oscilação entre as formas verbais que expressam futuridade não está intimamente relacionada aos fenômenos supracitados. Porém, é relevante pensar que se o paradigma verbal tem sofrido alterações no que tange à flexão número-pessoa e, no que concerne ao modo, já há preferência do uso do indicativo em detrimento dos demais modos, não é (seria?) espantoso ver que as formas verbais – expressas por sufixos modo-temporais – também possam exercer novos valores e serem representados morfossintaticamente, por formas analíticas e sintético-analíticas ou mesmo através de marcadores discursivos.

Sobre a possibilidade de uso de uma forma verbal por outra, Bechara (2009, p. 277) admite

[...] o mais-que-perfeito significa um “anterior”, enquanto o condicional presente (futuro do pretérito) um “depois”. Daí o imperfeito não significar nem “antes” nem “depois” e, por isso, pode ocupar todo o espaço da oposição. Isso implica que não se pode, a rigor, atribuir ao imperfeito a pura e simples significação de passado, a não ser que ele seja considerado um “presente” do passado. Como um segundo “presente” pode – como ocorre com o presente próprio, que tem seu pretérito representado pelo perfeito simples, e o seu futuro representado pelo futuro simples – tem seu próprio passado (o mais-que-perfeito) e o seu próprio futuro (o condicional presente). Por isso, o presente pode substituir o pretérito perfeito simples e o futuro, mas o imperfeito não. (BECHARA, 2009, p. 277)

Destaca-se, por fim, que o fato de Emília não ter gostado do *condicional* – quer seja um tempo, quer seja um modo – (re)acende a questão de norma linguística.

Tendo, pois, construído o arcabouço teórico sobre o fenômeno a que se propõe investigar, passa-se à observação empírica dos fatos linguísticos. Passa-se, assim, aos pressupostos e procedimentos metodológicos.

CAPÍTULO 3
METODOLOGIA

3 METODOLOGIA

Mergulhar em uma pesquisa requer recursos e vontade. Assim como a jovem mariposa do conto⁵ atribuído a Rubem Alves não se contenta em voar em torno das lâmpadas, mas se apaixonou por uma estrela, o pesquisador deve sentir o imprescindível desejo de voar mais alto, tendo o cuidado de não se tornar, porém, uma espécie de Ícaro, sobretudo no que concerne à utilização de material adequado ao alvo que se propõe atingir.

Para tanto, faz-se necessário ao “mergulhador” o estudo apurado do mar onde se lançará, a fim de estar ciente de que precisa descobrir se sob os corais há outras vidas a serem observadas ou se permanecerá a olhar exclusivamente para a beleza inerte cuja vida parece de pedra. Esta experiência, certamente, possibilita ao pesquisador maior habilidade em suas descobertas e também em suas escolhas, sobretudo no momento de executar a tarefa mais árdua: decidir qual caminho trilhar e quais ferramentas utilizar, haja vista que nem sempre o caminho mais curto ou o já conhecido é o mais seguro.

Para a escolha do caminho e das ferramentas utilizadas neste trabalho consideraram-se as concepções de sujeito e de língua, tendo por enfoque o tema em análise – a futuridade verbal –, as hipóteses e os objetivos específicos adotados no projeto delineado, *a priori*.

Embora se reconheça a possibilidade de realização de estudos linguísticos focalizando a língua ou juntamente com o homem que a fala, *i. e.*, que é possível considerar apenas fatores intralinguísticos em uma perspectiva associal ou, por outra via, admitir a influência de fatores extralinguísticos, de que a história faz parte, optou-se pela última, considerando o aporte teórico e metodológico da Linguística Histórica, notadamente da Dialectologia Pluridimensional e da Sociolinguística Variacionista Laboviana.

Sob a perspectiva da Linguística Histórica, doravante L. H., da Teoria Variacionista Laboviana, não obstante a Teoria da Enunciação e dos Estudos do Discurso, ao focar-se em fatos linguísticos concernentes à futuridade verbal, esta pesquisa considera o tempo, o espaço e a história como motivações extralinguísticas, admite o falante como indivíduo social e ideológico haja vista pertencer a uma comunidade linguística, e, por conseguinte, admite a heterogeneidade sincrônica e ordenada da língua, os processos sócio-históricos e os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos.

⁵ Embora a autoria desse conto seja atribuída a Rubem Alves, ressalta-se que foi encontrado na obra virtual *Coletâneas de Histórias*, de Wagner Luis Marques.

Como se sabe, a “Sociolinguística estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais” (MOLLICA, 2003, p. 9). Assim, por admitir que a relação entre a língua e os fatos sociais não deve ser ignorada nos estudos dos fenômenos linguísticos, interessa à teoria observar as atitudes linguísticas como consequências da soma das crenças, dos conhecimentos e afetividade do falante com relação aos fatores socioculturais, políticos, históricos e institucionais.

A Sociolinguística Variacionista considera, ainda, que “[...] (o) conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como é usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos.” (LABOV, 2008, p. 12).

Tendo por meta identificar a incidência e o condicionamento dos contextos intra e extralinguísticos no tocante ao comportamento das formas verbais que expressam futuridade no português brasileiro, foram adotados, nesta pesquisa, dois métodos de análise: i) o método quantitativo-qualitativo de análise de regra variável, cuja finalidade consiste em mostrar a relevância dos fatores contextuais que incidem sobre a variável linguística estudada, a partir da separação, quantificação e interpretação dos dados; e ii) o método qualitativo pautado no âmbito da estrutura linguística procedendo, assim, a uma análise acurada de algumas formas verbais que expressam futuridade documentadas. Buscou-se, ainda, proceder ao cotejo dos dados obtidos nas análises com os preceitos patentes em gramáticas e manuais de língua portuguesa.

Assim, em contraposição aos pressupostos saussurianos, parte-se do conceito de língua como instrumento de interação social sujeito a variações e mudanças e, admite que os usos linguísticos podem ser condicionados por fatores internos e externos, sendo o indivíduo social também responsável pelo processo e mecanismo de mutabilidade linguística, de modo a ser igualmente responsável pelas alterações.

Pormenorizam-se, a seguir, os procedimentos metodológicos utilizados neste “mergulho” acerca da expressão de futuridade nos verbos em português brasileiro contemporâneo.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA

É relevante dizer que a escolha de um dos métodos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa – o método quantitativo-qualitativo – deve-se, sobretudo, aos objetivos específicos deste trabalho e ao *corpus* analisado – eventos de fala do português brasileiro, documentados através de gravações do tipo laboviano realizadas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB.

Assumindo o fato de que a pesquisa dialetal e sociolinguística é inerentemente quantitativa, sobretudo por considerar a variabilidade, as tendências de uso, as relações de mais e menos e probabilidades ou frequências, fez-se necessário a adoção de medidas estatísticas, testes de significância e confiabilidade e técnicas analíticas quantitativas. Assim, a partir da descrição dos usos e conseqüente conhecimento da realidade linguística brasileira realizada com base no método quantitativo-qualitativo que visa a identificar e explicar fenômenos linguísticos, pode-se pressupor níveis ou estágios de mudança linguística.

Segundo Guy e Zilles (2007, p. 20), o curso de qualquer pesquisa quantitativa é realizado em três principais fases: seleção do *corpus* e coleta dos dados, tratamento dos dados e interpretação dos dados.

Em trabalhos sociolinguísticos realizados com base em entrevistas do tipo laboviano, a coleta dos dados consiste na audição e transcrição das entrevistas, de acordo com as necessidades do pesquisador. Na etapa seguinte, os dados são revistos, codificados com base em uma série de grupos de fatores adotada no trabalho e, submetidos ao *software* de quantificação específico ou uso de operações matemáticas manuais. *A posteriori*, procede-se à interpretação e análise dos dados a partir da elaboração de gráficos e tabelas com os quais é possível examinar e apontar os resultados quantitativos. Por fim, procedeu-se à análise qualitativa dos resultados obtidos com a quantificação dos dados.

Para a elaboração desta pesquisa, buscou-se obedecer fidedignamente às etapas supracitadas, as quais passam a ser descritas, aqui, conforme os critérios e necessidades exigidos pelo tema em estudo.

3.1.2 Constituição do *corpus* e coleta dos dados

Como já fora dito neste trabalho, percebe-se, nitidamente, em eventos de fala do português brasileiro, oscilação de uso das formas verbais que expressam futuridade. Verifica-se, porém, o distanciamento significativo entre a realidade linguística brasileira e o ensino normativo do português, haja vista que as gramáticas e manuais escolares não abordam a variação linguística de maneira a atender as necessidades de ensino da língua, sobretudo, por não explicitar os contextos favorecedores ao emprego de variantes.

No âmbito acadêmico, estudos têm sido realizados, visando diminuir a distância entre a realidade linguística brasileira e o ensino de língua. Interessa, pois, a esta pesquisa contribuir para o conhecimento mais aproximado da realidade linguística no que tange às realizações das formas verbais que expressam futuridade, a partir da descrição do fenômeno, bem como da reflexão sobre os usos e dos contextos e fatores linguísticos e extralinguísticos.

Ressalta-se que o interesse pelo tema – as formas verbais que expressam futuridade – emergiu da observação do fenômeno em diferentes meios audiovisuais fora do âmbito acadêmico, mas e sobretudo, através da observação da oscilação de uso da expressão de futuridade em inquéritos realizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB – no desenvolvimento de uma pesquisa anterior de Iniciação Científica sobre a variação dos pronomes *tu / você* em eventos de fala do português brasileiro.

Considerando os fatos, optou-se por trabalhar a variação no domínio da fala, visando a contemplar o condicionamento de fatores sociais gênero, sexo e escolaridade e, a estabelecer um panorama geodialetal, sobretudo por admitir a diversidade cultural brasileira e os processos sócio-históricos relevantes para a constituição do português brasileiro. Sob esta perspectiva, constituiu-se o *corpus* de análise para esta pesquisa com base nos dados obtidos em inquéritos linguísticos realizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – o Projeto ALiB, conforme a metodologia por este adotada.

É importante ressaltar, ainda, que se trata de um Projeto de cunho nacional cujo objetivo é o mapeamento do território brasileiro no que concerne aos fenômenos linguísticos, iniciado em 1996, muito embora o sonho e anseio de muitos pesquisadores de construção de um atlas linguístico brasileiro tenham emergido em momento anterior, cuja primeira manifestação em prol de sua elaboração remonta ao ano de 1952:

[...] a intenção de elaborar o atlas lingüístico do Brasil que toma forma de lei através do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, cujo Art.3º., assenta como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa a ‘elaboração do atlas lingüístico do Brasil’. Tal determinação foi regulamentada pela Portaria nº536, de 26 de maio de 1952, que, ao baixar instruções referentes à execução do decreto de criação do Centro de Pesquisas Casa de Rui Barbosa, estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do atlas lingüístico do Brasil. (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 44)

Desde 2001, momento inaugural da coleta de dados, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB –, com base nos métodos de gravação da fala dos informantes, realiza inquéritos lingüísticos valendo-se de perguntas que contemplam os níveis fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático da língua; as relações pragmático-discursivas; a interação mais espontânea, a partir de temas semi-dirigidos; e a concepção do falante a respeito da língua. Investigam-se, para tanto, os usos lingüísticos em 250 localidades, capitais e municípios de estados brasileiros, selecionadas de acordo com critérios demográficos, sócio-históricos e culturais.

A presente pesquisa restringiu-se ao tratamento dos dados concernentes às capitais, visando a obter um panorama do emprego das formas verbais que expressam futuridade em área urbana. Considerando o fato de que até a presente data o Projeto ALiB conta com 92,8% das entrevistas realizadas, sobretudo todos inquéritos concernentes às capitais, não se fez necessária a realização de entrevistas.

No que tange à seleção dos entrevistados, ressalta-se que o Projeto ALiB documenta em cada capital, através do método de gravação do tipo laboviano, a fala de oito indivíduos nascidos e residentes na capital de cujos pais são oriundos, e que possuem pouca mobilidade geográfica. Os critérios para a rigorosa constituição do perfil dos informantes visam a deprender, além da diatopia, três variáveis sociais: a variável diagenérica, a diageracional e a diastrática; para tanto, realiza-se a seleção equitativa dos informantes no que tange ao gênero/sexo, às faixas etárias selecionadas – faixa 1, de 18 a 30 anos, e faixa 2, de 50 a 65 anos – e no que se refere ao grau de escolaridade – fundamental e universitário.

Após a seleção dos informantes, os inquéritos são realizados com base em um questionário específico, o Questionário ALiB 2001, em que são formuladas perguntas onomasiológicas e semasiológicas que contemplam os níveis da língua, as relações pragmático-discursivas; a interação mais espontânea, a partir de temas semidirigidos; e a concepção do falante a respeito da língua.

Para o desenvolvimento deste trabalho, tornou-se necessária a delimitação do *corpus*, restringindo-se apenas à observação e análise de duas questões específicas, constantes do

Questionário ALiB 2001, formuladas da seguinte maneira: “O que você fará amanhã?” e “O que você faria se ganhasse na loteria?”, com as quais se é possível averiguar a variação de uso das formas verbais empregadas pelos informantes.

Considerando a necessidade de realizar um estudo aprofundado a respeito dos contextos específicos em que ocorrem as formas verbais que expressam futuridade buscou-se, *a priori*, descrever, analisar quantitativa e qualitativamente os dados e proceder a uma reflexão concernente ao fenômeno em estudo, para que em estudos posteriores se possam analisar outros contextos e outros valores semânticos expressos pelas formas verbais documentadas no presente trabalho.

Em suma, esta pesquisa desenvolveu-se conforme a metodologia adotada pelo Projeto ALiB, de cuja base se extraíram os dados avaliados no *corpus* constituído de 200 inquéritos realizados pelo Projeto ALiB, oito em cada uma das 25 capitais.

Tendo, pois, delimitado o *corpus*, procedeu-se à audição e transcrição dos dados.

3.1.3 Audição, transcrição e seleção dos dados

É válido destacar que a fim de que se realize um estudo adequado da oralidade, os pesquisadores em Dialectologia e Sociolinguística – o Projeto ALiB, por exemplo – têm utilizado gravadores de voz como forma de arquivar a fala dos informantes para que, a partir da audição e transcrição dos enunciados *à posteriori*, possam extrair o máximo de informações linguísticas e socioculturais intrínsecas e (ou) correlacionadas às formas linguísticas empregadas. Para tanto, a elaboração e uso de questionário é importante para o direcionamento da pesquisa e requer do pesquisador habilidade e cuidado no que tange à fidedignidade dos dados, sobretudo, no que se refere ao fato de não causar indução da resposta.

Assim sendo, importa ao pesquisador, sobretudo àquele que opte por realizar entrevistas em gravação por questionário, ser dinâmico e perspicaz em sua abordagem, buscando, portanto, extrair do informante não apenas o item lexical a que deseja pesquisar, mas também os contextos linguístico e social.

Caruso (1998) aponta algumas dificuldades encontradas no trabalho de campo, sobretudo no que tange à realização da entrevista que se vale do método de gravação da fala dos informantes, cujos critérios já foram mencionados. Admite a percepção de que durante a

entrevista algumas questões apresentavam problemas, sobretudo as questões em que se prevê a variação léxico-semântica. Eis a importância da audição prévia dos inquiridos para a elaboração de investigações realizadas com base na coleta de dados.

Obviamente, o método de gravação e o procedimento de questionário pode, de certa forma, gerar artificialidade discursiva. A partir da observação de alguns fenômenos linguísticos em trabalhos anteriores, pode-se comprovar o não favorecimento do uso de algumas formas linguísticas, sobretudo as que estão estritamente ligadas à conversação livre, em entrevistas que utilizam o método de gravação, do tipo laboviano.

No que tange a esta pesquisa, a audição dos inquiridos permitiu a percepção de que a dinamicidade do documentador no momento do inquirido faz com que o informante tenha uma fala menos tensa ou polida, sem hesitar o estigma. Buscou-se, pois, observar o comportamento durante a realização da pergunta e a obtenção da resposta, ressaltando, ainda que superficialmente, a concepção do falante sobre a forma empregada.

Segundo Paiva (2003, p. 135), transcrever os dados extraídos dos inquiridos linguísticos que simulam eventos de fala é “[...] transpor o discurso falado, de forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes, necessidade que decorre do fato de que não conseguimos estudar o oral através do próprio oral”. Admitindo a necessidade de que se busque captar não apenas a forma linguística, mas também a real intenção do falante, faz-se necessário que esta transcrição seja rigorosa e o mais inequívoca possível, respeitando assim, as hesitações e marcas da oralidade.

É válido ressaltar que os critérios de transcrição se diferenciam a depender do interesse de cada do pesquisador. No campo das transcrições de inquiridos linguísticos gravados e executados com base em questionários recomenda-se o estabelecimento do texto através da chamada transcrição grafemática.

Para a execução do trabalho, a partir da audição e da transcrição grafemática, foram observadas as respostas dos informantes às questões concernentes às formas verbais que expressam futuridade, avaliando a formulação da pergunta feita pelo inquiridor, sob a perspectiva do efeito gatilho. Os dados coletados tiveram tratamento qualitativo inicial, de modo a ser necessário, mais uma vez, delimitar o *corpus*, com base na determinação das variantes.

Concomitante à audição e transcrição dos dados, procedeu-se ao registro geral de todas as formas verbais com valor de futuro empregadas pelos informantes. Tornou-se necessário, porém, não considerar, na análise quantitativa dos dados, alguns itens considerando a sua validação como variante da forma canônica. Às respostas que não foram

quantificadas, porém, buscou-se dar tratamento diferenciado, analisando apenas qualitativamente. Os critérios de seleção das formas para a análise quantitativa são descritas com detalhes e exemplificação no capítulo Análise dos dados.

3.1.4 Elaboração dos grupos de fatores, codificação e quantificação dos dados

Após a constituição do *corpus*, coleta e seleção dos dados, com o objetivo de se obterem resultados estatísticos que mostrassem os principais fatores influenciadores da variação estudada e o cotejo da frequência de uso das ocorrências das variáveis, procedeu-se à codificação dos dados, a partir da elaboração de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos – sociais e pragmático-discursivos – condicionantes relativos aos usos do fenômeno.

A elaboração dos grupos de fatores linguísticos foi realizada a partir da observação da pergunta formulada pelo inquiridor, no momento da entrevista. Como dito previamente, para a obtenção das respostas, os inquiridores / entrevistadores se valem de um questionário em que constam o fenômeno a ser observado e a formulação da pergunta.

Pautando-se na fundamentação teórica, em leituras realizadas durante o período de execução, nas hipóteses e nos objetivos específicos apresentados nesta pesquisa, optou-se pela observação de 10 grupos de fatores: i) quatro grupos de fatores linguístico-estruturais; ii) dois grupos de fatores pragmático-discursivos; iii) a variável diatópica; e iv) três variáveis sociais.

No que concerne aos grupos de fatores linguísticos buscou-se observar características morfológicas e sintáticas: i) a extensão lexical do verbo, partindo do pressuposto da economia linguística e da erosão fonológica; ii) o paradigma verbal; iii) a conjugação verbal, e iv) a presença/ausência de marcadores temporais – para o futuro iminente – e a presença/ausência do elemento condicional “se” – para o futuro hipotético e condicionado.

No tocante aos grupos de fatores pragmático-discursivos, observou-se como as variantes ocorrem no âmbito da estrutura frasal, sob a perspectiva do efeito gatilho. Para tanto, as ocorrências foram analisadas de acordo com o paralelismo discursivo e com a ordem em que aparecem no contexto frasal.

Partindo do fato de que não há como ignorar a nítida diversidade geográfica em relação aos níveis da língua, sendo o Brasil formado e marcado pela diversidade sociocultural justificável por seu processo histórico, a presente análise considerou também a variável

diatópica, tendo por objetivo contribuir para a descrição dos fenômenos linguísticos a fim que se possa conhecer a realidade brasileira.

Dentre os fatores externos ou extralinguísticos destacam-se as variáveis sociais que se constituem de extrema importância para o estudo sociolinguístico e contribuem para a peculiaridade do falar. Selecionam-se, portanto, para o presente trabalho três variáveis sociais: o gênero, a escolaridade e a faixa etária, obedecendo a metodologia adotada pelo Projeto ALiB. Em seguida, procedeu-se à quantificação dos dados, realiza com base em uma codificação prévia dos dados.

É importante ressaltar que a codificação e conseguinte análise dos dados foram realizadas segregadamente: procedeu-se à codificação dos dados concernentes à expressão de futuridade habitual, com base nas respostas à pergunta “O que você fará amanhã?” e, em seguida, à codificação dos dados respectivos às sentenças condicionais que expressam hipótese, obtidos com a pergunta “O que você faria se ganhasse na loteria?”. Tornou-se necessário, pois, padronizar os fatores analisados, de maneira a observá-los em ambas as análises quantitativas e, em momento posterior, confrontá-los, a fim de perceber se possuem comportamentos diferentes.

Como fora dito, buscou-se, no presente trabalho, observar as respostas dos informantes a partir da realização da pergunta. Ocorre, porém, que nem sempre a formulação da pergunta é realizada sem alterações. Algumas formas obtidas não foram submetidas à quantificação dos dados por não possuírem o mesmo valor de verdade, e outras mesmo adequadas à pergunta ao contexto proposto, porém, não foram consideradas na análise quantitativa final dos dados, sobretudo em razão da baixa frequência e alguns problemas encontrados durante o processo de levantamento dos dados. Esse procedimento foi realizado a fim de extinguir os chamados *knockouts*, para que, assim, se pudessem obter pesos relativos, e por conseguinte, propiciando maior confiabilidade dos resultados.

Para tanto, tornou-se necessário verificar os “erros”, os quais se tornam também relevantes à pesquisa, tendo em vista que a não-realização também é um dado relevante. Tendo obtido os resultados das rodadas, em peso relativo, passou-se à análise qualitativa dos dados.

Como já fora dito, para o desenvolvimento desta pesquisa utilizou-se o *software Goldvarb 2001*, uma aplicação para análise multivariacional que realiza os cálculos estatísticos e probabilísticos, equivalente à versão para *Windows* do pacote de programas *Varbrul*, “um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY, ZILLES, 2007, p.105).

É interessante ressaltar que a submissão dos dados a um *software* específico de quantificação é importante para o desenvolvimento de estudos que visam a analisar a incidência ou condicionamento de fatores ou contextos para a variação dos usos. Têm-se adotado, portanto, em estudos sociolinguísticos o uso de *softwares* com os quais seja possível obter pesos relativos, e por conseguinte, propiciar maior confiabilidade dos resultados, já que uma análise pautada apenas em percentuais pode enviesar dos resultados e, por conseguinte, não representar a legitimidade dos fatos.

É válido ressaltar que cada uma das variáveis independentes representa uma hipótese de possíveis implicações sobre a variável dependente que pode, com o procedimento, ser corroborada ou refutada. O uso de um *software* de quantificação específico explicita, portanto, a relevância dos fatores ou contextos adotados no estudo no que tange ao uso de uma ou outra variante. Por outra via, a refutação de uma hipótese não invalida a pesquisa.

Isto posto, passa-se à análise detalhada dos resultados, sobretudo no que concerne aos grupos de fatores selecionados pelo *Goldvarb*. Os detalhes, hipóteses e objetivos iniciais concernentes a cada um dos grupos de fatores adotados neste trabalho são descritos junto à análise.

Com o andamento do processo de elaboração da dissertação, sentiu-se a necessidade de utilizar o programa *WordSmith 4.0*, tendo em vista a sua contribuição para a percepção mais acurada de contextos linguísticos em que a forma verbal estudada possa ocorrer.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Para a apresentação dos resultados das análises foram utilizados gráficos, tabelas, quadros, imagens, além do seguinte esquema de cores para identificação das formas verbais.

Na análise dos dados foram utilizados *quadros* – para a identificação das variantes documentadas –, *gráficos* para a apresentação dos resultados e *imagens* para a visualização mais explícita da diatopia.

Com fins didáticos, optou-se por selecionar modelos de gráficos para cada tipo de resultado: i) *pizza*, utilizado para a apresentação dos percentuais obtidos na rodada geral ou univariada; ii) *coluna*, para a apresentação dos resultados em peso relativo obtidos em cada uma das análises binárias selecionadas pelo *Goldvarb* na rodada *step up* e *step down*; iii) *barras*, para o registro dos dados em peso relativo concernentes à diatopia; iv) *área*, usado para a visualização dos resultados obtidos com o cruzamento dos dados, realizado a partir da ferramenta *cross tabulation* do *Goldvarb*.

Utilizou-se, ainda, o seguinte esquema de cores para a identificação de cada uma das formas verbais documentadas:

Quadro 15 – Esquema de cores utilizado na análise dos dados

| Formas verbais que expressam <i>futuridade iminente em relação ao momento da fala</i> | | Formas verbais que expressam <i>futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior</i> | |
|---|--|--|---|
| | <i>Futuro sintético</i> – “trabalharei” | | <i>Condicional sintético</i> – “compraria” |
| | <i>Futuro analítico</i> – “vou trabalhar” | | <i>Condicional analítica</i> – “ia comprar” |
| | <i>Presente</i> – “trabalho” | | <i>Imperfeito</i> – “comprava” |
| | <i>Futuro sintético-analítico</i> – “irei trabalhar” | | <i>Condicional sintético-analítico</i> – “iria comprar” |
| | <i>Infinitivo</i> – “trabalhar” | | <i>Infinitivo</i> – “comprar” |
| | Rodada entre as variantes de futuro | | Rodada entre as variantes de condicional |

É válido salientar que os mapas constantes na análise foram confeccionados para uma melhor visualização dos resultados que concernem, estritamente, às capitais e não a todo o estado. Uma investigação que inclua também outras localidades de cada estado poderá confirmar o que ora se apresenta, além de evidenciar possíveis diferenças entre capitais e cidades interioranas.

Isso posto, passa-se à análise dos dados.

CAPÍTULO 4
ANÁLISE DOS DADOS

4 ANÁLISE DOS DADOS

Como se viu, esta pesquisa faz parte do rol dos estudos que visam a estimular a abordagem adequada sobre a variação linguística, dentro e fora esfera acadêmica, a partir da descrição e reflexão dos fenômenos linguísticos, especificamente, no que concerne à expressão de futuridade.

Assim, tendo constituído o *corpus* com base na audição e transcrição de 200 inquéritos realizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB – concernente a 25 capitais, cuja delimitação tornou-se necessária para a execução desta pesquisa, buscou-se analisar quantitativa e qualitativamente as respostas dos informantes a duas questões específicas, constantes do Questionário ALiB 2001, formuladas da seguinte maneira: “O que você fará amanhã?” e “O que você faria se ganhasse na loteria?”, com as quais se foi possível averiguar a variação de uso das formas que expressam futuridade nas seguintes situações propostas:

i) execução de ações ou atividades pelo próprio indivíduo em um futuro próximo – amanhã –, a fim de registrar o uso de formas que expressam *futuridade iminente em relação ao momento da fala*;

ii) concretização de ações pelo próprio indivíduo, com base em uma situação condicional, previamente elaborada e sugerida pelo inquiridor – se ganhasse na loteria –, a fim de documentar o uso de formas que expressem *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*.

Embora o projeto delineado para esta pesquisa consista, prioritariamente, na observação da expressão de futuridade quanto ao tempo/aspecto e quanto ao comportamento morfossintático – forma sintética *versus* forma analítica – em ambas as situações, evidentemente, buscou-se não ignorar a coocorrência de outras formas.

Para tanto, concomitante à audição e transcrição dos dados, procedeu-se ao registro geral de todas as formas obtidas como respostas às perguntas específicas do Questionário ALiB 2001: “O que você fará amanhã?” e “O que você faria se ganhasse na loteria?”.

Observem-se os resultados, a partir dos quadros 16 e 17, a seguir:

Quadro 16 – Paradigma geral das formas documentadas como respostas à pergunta “O que você fará amanhã?”

| Formas sintéticas | | | | | | | Formas sintético-analíticas | | Formas analíticas | | | | | | | | Formas elípticas | |
|--|-------------------------------|-------------------------------|--------------------------|---------------------------------------|----------------------------|----------------------------|------------------------------------|---------------------------|-------------------------------------|--|------------------------------|---------------------------|---------------------------------------|-------------------------------------|--|----------------------------------|---|----------------|
| com morfema modo-temporal [v (rad.+mmt+mp)] | | | | com morfema zero [rad.+mmt (Ø)+mp] | | | [TER (fut.) + que + inf.] | [IR (fut.) + inf.] | [TER (pres.) + que + inf.] | [marc. + TER (pres.) + que + inf.] | [IR. (imperf.) + inf.] | [IR (pres.) + inf.] | [marc. + IR. (pres.) + inf.] | [IR. (imperf.) + inf.] | [ESTAR (pres.) + PRETENDER (ger.) + inf.] | [PRETENDER (pres.) + inf.] | Ausência de marca temporal [inf.] | [V (Ø) + N] |
| Futuro | | condicional | presente | | | | | | | | | | | | | | | |
| [V] | [marc.+ V] | [V +marc.] | [V] | [V] | [marc. + V] | [V + marc.] | | | | | | | | | | | | |
| <i>trabalharei</i> | <i>amanhã trabalharei</i> | <i>trabalharei amanhã</i> | <i>faria um bolo</i> | <i>trabalho</i> | <i>amanhã trabalho</i> | <i>trabalho amanhã</i> | <i>terei que trabalhar</i> | <i>irei trabalhar</i> | <i>tenho que trabalhar</i> | <i>amanhã tenho que trabalhar</i> | <i>ia sair</i> | <i>vou trabalhar</i> | <i>amanhã vou trabalhar</i> | <i>vou trabalhar amanhã</i> | <i>estou pretendendo trocar um livro</i> | <i>pretendo ir</i> | <i>trabalhar</i> | <i>serviço</i> |

Quadro 17 – Paradigma geral das formas documentadas como respostas à pergunta “O que você faria se ganhasse na loteria?”

| Formas sintéticas | | | Formas sintético-analíticas | | | Formas Analíticas | | | | | Formas elípticas | |
|---|-----------------|--------------------------------------|-------------------------------------|---------------------------------------|-------------------------|------------------------------------|-----------------------------------|--------------------------------|-----------------------------|------------------------|--|---------------------------|
| Com morfema modo-temporal [rad.+mmt+mp] | | Com morfema zero [rad.+mmt(Ø)+mp] | [TER (cond.) + QUE + inf.] | [PROCURAR (cond.) + inf.] | [IR (cond.) + inf.] | [GOSTAR (cond.) + DE + inf.] | [PROCURAR (imperf.) + inf.] | [PODER (imperf.) + inf.] | [IR (imperf.) + inf.] | [IR (pres.) + inf.] | Ausência de marca temporal [inf.] | [V (Ø) + N] |
| padrão | | Presente | | | | | | | | | | |
| <i>compraria</i> | <i>comprava</i> | <i>compro</i> | <i>teria que pensar</i> | <i>procuraria dar um conforto</i> | <i>iria comprar</i> | <i>gostaria de comprar</i> | <i>procurava ajudar</i> | <i>podia me candidatar</i> | <i>ia querê viagá</i> | <i>vou repor</i> | <i>comprar</i> | <i>um apartamento</i> |

Pode-se perceber, no *Quadro 16*, o registro de 19 formas distintas de *expressão de futuridade iminente em relação ao momento da fala*. Já no tocante ao uso das formas que expressam *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*, documentaram-se 13 formas distintas, como mostrou o *Quadro 17*.

No que tange, especificamente, às respostas obtidas com a pergunta “O que você fará amanhã?” descritas no *Quadro 16*, nota-se que em algumas formas verbais documentadas a expressão de futuridade se encontra para além da flexão modo-temporal do verbo, *i. e.*, se revela através de elementos morfossintáticos como o uso de formas analíticas e a presença de marcadores temporais junto às formas verbais não canônicas, tendo em vista que esta, quando ante ou posposta ao *futuro sintético*, apenas reforça a futuridade expressa na flexão.

Observa-se ainda, em ambos os quadros, que a oscilação de uso das formas verbais documentadas ocorre quanto ao tempo/aspecto, refletindo-se na marcação morfológica do verbo, *i. e.*, nas possibilidades de marcação flexional – canônica ou não canônica – e não flexional – com morfema zero –; quanto ao comportamento morfossintático com o uso das formas analíticas e sintético-analíticas; e ainda quanto à elipse da marcação temporal no verbo ou do próprio verbo, em que apenas o argumento apareça.

Considerando, porém, os objetivos específicos deste estudo, tornou-se necessário categorizar as formas documentadas na tentativa de averiguar a sua validação como variante da forma canônica, ou seja, verificar se possuem o mesmo valor de verdade no contexto sugerido, atentando à formulação da pergunta feita pelo inquiridor. Assim, somente foram quantificados os usos que se configuram variantes das formas canônicas – *futuro sintético* e *condicional sintético*. A quantificação e análise dos dados foram realizadas segregadamente.

A partir dos resultados obtidos na quantificação dos dados realizada com o programa *Goldvarb*, buscou-se analisar quantitativo e qualitativamente os dados sob a perspectiva da Sociolinguística. Concomitantemente, realizou-se uma análise qualitativa dos dados pautada no âmbito formal da pesquisa linguística.

Considerando que um dos procedimentos da pesquisa visa ao cotejo dos dados com os preceitos normativos e as descrições patentes em gramáticas de língua portuguesa, buscou-se refletir a respeito do que se percebeu na investigação do tratamento dado por essas ao fato linguístico em variação, a partir do uso em eventos de fala do português brasileiro.

Assim, este capítulo apresenta a seguinte estrutura: i) análise quantitativo-qualitativa dos dados; ii) análise qualitativa algumas estruturas documentadas ; iii) cotejo dos dados com preceitos normativos e descritivos patentes em gramáticas de língua portuguesa.

4.1 ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DOS DADOS

Considerando que a análise sociolinguística é essencialmente quantitativa e que seu objetivo final “não é produzir números, mas identificar e explicar fenômenos linguísticos” (GUY e ZILLES, 2007, p. 31), buscou-se obedecer aos procedimentos metodológicos, sobretudo no que concerne à delimitação das variantes.

Antes, porém, de descrever o procedimento de quantificação dos dados, ressalta-se a distinção entre variantes e variáveis. Segundo Tarallo (1986, p. 8) “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade [...]”, cujo conjunto se designa de variável dependente, ou seja, o fenômeno que se objetiva estudar, e sobre o qual incidem contextos e fatores linguísticos e extralinguísticos denominados de variáveis independentes.

Com fins didáticos, apresentam-se, nessa seção: i) delimitação das variantes e expurgo das respostas invalidadas; ii) resultados das rodadas eneáreas e análise prévia do registro das variantes documentadas; iii) resultados das rodadas binárias concernentes às construções que expressam *futuridade iminente em relação ao momento da fala*; iv) resultados das rodadas binárias que se referem às formas que expressam futuridade condicionadas a uma situação hipotética anterior; e v) confronto dos futuros.

4.1.1 Delimitação das variantes e expurgo das respostas invalidadas

A partir da observação do registro geral das formas documentadas, percebeu-se que alguns itens obtidos nas respostas dos informantes não possuíam o mesmo valor de verdade e não estavam adequados ao contexto proposto nas duas perguntas basilares para esta pesquisa. Observem-se no *Quadro 18*, a seguir, quais formas documentadas foram consideradas na quantificação dos dados concernentes aos usos que expressam *futuridade iminente em relação ao momento da fala*.

Quadro 18 – Delimitação das variantes registradas nas respostas à pergunta “O que você fará amanhã?”

| FORMAS SINTÉTICAS | | | | | | | FORMAS SINTÉTICO-ANALÍTICAS | | FORMAS ANALÍTICAS | | | | | | | | FORMAS ELÍPTICAS | | |
|---|-------------------------------|-------------------------------|--------------------------|--|-----------------------------------|----------------------------|--|-------------------------------------|---------------------------------------|--|------------------------------|----------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|--|--------------------------------------|------------------|-----------------------------------|-----------------------|
| com morfema modo-temporal [v (rad.+mmt+mnp)] | | | | com morfema zero [rad.+mmt (Ø)+mnp] | | | TER (futuro) QUE + infinitivo | IR (presente) + infinitivo | TER (presente) QUE + infinitivo | | | IR (presente) + infinitivo | | | | PRETENDER + infinitivo / gerúndio | | elipse de marca temporal | elipse de verbo |
| Futuro | | | condicional | presente | | | [TER (fut.) + que + inf.] | [IR (fut.) + inf.] | [TER (pres.) + que + inf.] | [marc. + TER (pres.) + que + inf.] | [IR. (imperf.) + inf.] | [IR (pres.) + inf.] | [marc. + IR. (pres.) + inf.] | [IR. (pres.) + inf. + marc.] | [ESTAR (pres.) + PRETENDER (ger.) + inf.] | [PRETENDER (pres.) + inf.] | [inf.] | [V (Ø) + N] | |
| [V] | [marc.+ V] | [V +marc.] | [V] | [V] | [marc. + V] | [V + marc.] | | | | | | | | | | | | | |
| <i>trabalharei</i> | <i>amanhã trabalharei</i> | <i>trabalharei amanhã</i> | <i>faria um bolo</i> | <i>trabalho</i> | <i>amanhã eu trabalho</i> | <i>trabalho amanhã</i> | <i>tere que trabalhar</i> | <i>irei trabalhar</i> | <i>tenho que trabalhar</i> | <i>amanhã tenho que trabalhar</i> | <i>ia sair</i> | <i>vou trabalhar</i> | <i>amanhã vou trabalhar</i> | <i>vou trabalhar amanhã</i> | <i>estou pretendendo trocar um livro</i> | <i>pretendo ir</i> | <i>trabalhar</i> | <i>serviço</i> | |
| + | + | + | - | + | + | + | - | + | - | - | - | + | + | + | - | - | + | - | |
| futuro sintético | | | | presente | | | | Futuro sintético- analítico | | | | futuro analítico | | | | | infinitivo | | |

Legenda

| | |
|--|---------------------------------|
| | Forma canônica |
| | Variante (formas quantificadas) |
| | Formas não quantificadas |

Como se pode perceber, das 19 formas documentadas apenas 11 foram consideradas variantes da forma canônica – *futuro sintético* –, a saber: as formas sintéticas cuja marcação modo-temporal é nula – *presente* –, o *futuro sintético-analítico* construído pelo futuro de *ir* seguido de *infinitivo* – [*irei + inf.*] –, as formas analíticas construídas pelo presente de *ir* seguido de *infinitivo* – [*vou + inf.*] –, e a forma elíptica – *infinitivo* – estando, todas, acompanhadas, ou não, do marcador temporal “amanhã”.

É válido ressaltar, porém, que, para a quantificação, as variantes foram agrupadas conforme a forma verbal empregada, de maneira a assumir a presença/ausência do marcador temporal “amanhã” como um dos 10 grupos de fatores adotados na pesquisa. Com o agrupamento, o paradigma conciso das variantes circunscreveu-se a cinco formas: futuro sintético, *futuro analítico*, futuro sintético-analítico de futuro, presente e infinitivo.

No que se refere ao uso de formas que expressam *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior* – *Quadro 19* – foram consideradas variantes, e portanto, submetidas à análise quantitativa, apenas cinco das 13 formas documentadas, a saber: a forma canônica *condicional sintético* –, o *imperfeito* – forma sintética não padrão –, o *condicional analítico* – [*ia + inf.*] –, o *condicional sintético-analítico* – [*iria + inf.*], e o *infinitivo* – forma elíptica.

Assim, em ambas as análises, foi possível avaliar a oscilação de uso das variantes quanto ao tempo/aspecto, a partir do confronto entre as formas sintéticas canônica e não canônica; quanto ao comportamento morfossintático, a partir da presença/ausência de marca temporal no verbo e dos confrontos binários entre a forma sintética padrão – *condicional sintético* – e a variante sintético-analítica – “*iria comprar*” –, e entre o *condicional sintético* e o *condicional analítico*

Observe-se o *Quadro 19*, a seguir:

Quadro 19 – Paradigma geral das formas documentadas como respostas à pergunta “O que você faria se ganhasse na loteria?”

| Formas sintéticas | | | Formas sintético-analíticas | | | | Formas Analíticas | | | | | Formas elípticas | |
|--|-------------------|------------------------------------|-----------------------------|-----------------------------------|--|------------------------------|-----------------------------|----------------------------|-----------------------|---------------------|------------------------------|-----------------------------------|-----------------------|
| Com morfema modo-temporal [rad.+mmt+mnt] | | Com morfema zero [rad.+mmt(Ø)+mnt] | [TER (cond.) + QUE + inf.] | [PROCURAR (cond.) + inf.] | [IR (cond.) + inf.] | [GOSTAR (cond.) + DE + inf.] | [PROCURAR (imperf.) + inf.] | [PODER (imperf.) + inf.] | [IR (imperf.) + inf.] | [IR (pres.) + inf.] | [IR (imperf.) + inf.] | Ausência de marca temporal [inf.] | [V (Ø) + N] |
| condicional | imperfeito | presente | | | | | | | | | | | |
| <i>compraria</i> | <i>comprava</i> | <i>compro</i> | <i>teria que pensar</i> | <i>procuraria dar um conforto</i> | <i>iria comprar</i> | <i>gostaria de comprar</i> | <i>procurava ajudar</i> | <i>podia me candidatar</i> | <i>ia querê viajá</i> | <i>vou repor</i> | <i>ia comprar</i> | <i>comprar</i> | <i>um apartamento</i> |
| + | + | - | - | - | + | - | - | - | - | - | + | + | - |
| condicional sintético | imperfeito | | | | condicional sintético-analítico | | | | | | condicional analítico | infinitivo | |

Legenda

| | |
|---|----------------------------------|
| + | Forma canônica |
| + | Variantes (formas quantificadas) |
| - | Formas não quantificadas |

Ressalta-se que a nomenclatura dada a cada uma das variantes foi determinada com base nos escopos desta pesquisa que visa a observar a variação quanto à categoria tempo/aspecto e quanto ao comportamento morfossintático. Ponderou-se, ainda, a padronização dos termos empregados em ambas as análises quantitativas concernentes a ambas as perguntas específicas.

Considerando que esta pesquisa tem por princípio opor a forma padrão a outras formas que possuam o mesmo valor de verdade, optou-se por chamar *forma sintética canônica* aos *futuro do presente* e *futuro do pretérito*, conforme a NGB, e por intitula-los, respectivamente, de *futuro* e de *condicional*, a fim de restringir o termo a cada situação proposta nas perguntas específicas basilares para esta pesquisa. Discutir-se-á, em momento oportuno, nesta pesquisa, a terminologia usada em compêndios de língua portuguesa.

Para a oposição da forma canônica quanto à categoria tempo/aspecto, atribuiu-se a designação *forma sintética não canônica*. Nesse âmbito, contrapõem-se ao *futuro* e ao *condicional*, respectivamente, o *presente* e o *imperfeito*, os quais foram assim designados pelo objetivo de manter nomes não duplos às variantes.

No que tange às perífrases verbais – variantes classificadas quanto ao comportamento morfossintático – avaliou-se que tanto na construção de “irei trabalhar” quanto na de “iria comprar” emprega-se o auxiliar na forma canônica – *futuro* e *condicional*. Já nas expressões “vou trabalhar” e “ia comprar”, o auxiliar corresponde à variante sintética *presente* e *imperfeito*, respectivamente. Assim, para melhor exposição dos dados, deu-se a preferência por distinguir essas formas, de modo a atribuir o termo *sintético-analítico* às construções de futuro e de condicional em que o auxiliar *ir* se encontra nas formas canônicas – *irei* e *iria* – e *formas analíticas* às que empregam o auxiliar na variante sintética não canônica.

O termo *forma elíptica de marcação temporal* foi determinado em função da ideia aventada, durante o desenvolvimento da pesquisa, de que o uso do *infinitivo* como expressão de futuridade fosse, de fato, a elipse do auxiliar *ir* em uma perífrase. Este fato requereu da pesquisa, um estudo mais detalhado em que hipóteses e considerações serão discutidas.

Para a apresentação da análise quantitativa final dos dados, foram consideradas a variante canônica – forma sintética –, e duas variantes: uma sintética não canônica e outra analítica. A forma elíptica de marcação temporal expressa pelo *infinitivo* e as variantes sintético-analíticas também foram quantificadas, contudo, por apresentarem algumas questões problemáticas no âmbito da quantificação e por requerem uma descrição mais detalhada, optou-se por analisá-las à parte.

É válido ressaltar que a delimitação das variantes não foi realizada de maneira aleatória. Estabeleceram-se, para tanto, os seguintes critérios para a seleção das formas para a análise quantitativa dos dados, sem ignorar, porém, da análise qualitativa dos dados os demais itens registrados:

- i) inviabilidade de observação da resposta do informante gerada pela formulação equivocada da pergunta – em que há fuga contextual, indução da resposta, e reformulação da pergunta usando uma variante;
- ii) não correspondência da resposta às duas situações propostas – em que as respostas não exprimem *futuridade iminente em relação ao momento da fala* e não exprimem futuridade condicionada a uma ação hipotética anterior;
- iii) elipse do verbo, de modo que a futuridade é unicamente expressa pelo discurso;
- iv) invalidação da resposta do informante – as chamadas “não respostas” –, de modo a prejudicar o êxito do jogo de linguagem.

Às respostas que apresentam alguma das inadequações supracitadas buscou-se dar tratamento diferenciado, analisando qualitativamente cada construção, com base nos critérios adotados na pesquisa. Passa-se, assim, à descrição detalhada dos critérios de seleção das formas para a análise quantitativa dos dados, a fim de justificar o expurgo das demais formas documentadas.

4.1.1.1 Inviabilidade de observação da resposta do informante gerada pela formulação equivocada da pergunta

Um dos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa refere-se à observação da formulação da pergunta. Ao decidir analisar apenas as questões específicas, buscou-se averiguar as respostas dos informantes, sobretudo, na perspectiva do efeito gatilho – em casos de interação, como em entrevistas sociolinguísticas, tendência à repetição de usos, ou traços associados, na resposta do entrevistado que foram antes veiculados na pergunta do entrevistador. Para tanto, fez-se necessário selecionar formas em que não houvesse fuga contextual ao que fora proposto na formulação da pergunta pelo inquiridor.

A pergunta “O que você fará amanhã?” pressupõe certeza do indivíduo quanto às ações a serem realizadas num futuro próximo, amanhã. Observou-se, porém, na documentação dos dados, algumas deturpações na formulação da pergunta como a fuga

contextual, a indução da resposta e a reformulação da pergunta usando uma variante. Observem-se algumas construções:

*INQ.- O quê que o senhor **pensa fazer domingo?** Qual tua fantasia?*
(QMS 043, ALiB. Curitiba, Informante 7: homem, faixa 2, universitário)

INQ. – E o que que cê tá pensando em fazer amanhã ?
INF. – Amanhã que eu tô pensando em fazer!?! Quando eu chegá, tô pensando em chega aí vô fazê minhas tarefa que eu tenho que fazê todo dia nê, aí vô (init.) unas saias pra e pra festa e pra cozinha ajeitá cabelo.
(QMS 043. ALiB. Fortaleza, Informante 4: mulher, faixa 2, nível fundamental)

Como se percebe, nas formulações supracitadas há fuga total da situação proposta intrínseca à pergunta específica do Questionário ALiB 2001. A expressão “pensar em fazer” sugere hipótese em relação a algo incerto, de modo que as ações a serem realizadas são previstas pelo informante e não expressam certeza. Dessa forma, as respostas dos informantes às questões formuladas a partir de expressões como as descritas acima foram desconsideradas, independente da forma por eles empregada.

Além da fuga da proposta, algumas formulações feitas pelo inquiridor pressupõem, ainda, rotina ou habitualidade, como se observa nos excertos a seguir:

*INQ.- O que o senhor **pensa fazer amanhã?** Vamos **supor sua rotina** mais ou menos, **amanhã eu vou**, amanhã...*
(QMS 043, ALiB. Curitiba, Informante 3: homem, faixa 2, nível fundamental)

INQ.- O que você fará amanhã?
INF. – Amanhã vô fazer o mesmo que eu fiz, do dia-dia no trabalho.
INQ. – Então você sai de casa, logo que você acorda, fala um pouquinho.
INF. – Abro os olhos ((risos)) me acordo, abro os olhos, me levanto aí tomo banho, escovo os dente tal, tomo café, ajeito minha, meu almoço, pego o ônibus e chego ao meu setô de trabalho.
(QMS 043, ALiB. João Pessoa, Informante 1: homem, faixa 1, nível fundamental)

Diante do que já fora exposto, é possível considerar que a formulação equivocada da pergunta pode propiciar ambiguidade no que tange à interpretação e, por conseguinte, gerar reflexo da ideia sugerida nas respostas dos informantes. No que concerne ao excerto a seguir, nota-se que a forma empregada pelo informante expressa hipótese em relação ao futuro.

Observe-se:

INQ. – Que é que cê tá pensando em fazê amanhã? O que é que cê fará amanhã?
INF. – Amanhã é quinta-feira?! É... Oh se eu fosse solteira eu ia pro Chico do Caranguejo (risos)
INQ. – Mas na situação atual o que é que você fará amanhã?(rindo)
INF. – Amanhã quinta-feira tá no meio da semana meu marido ainda tá trabalhando é eu ficaria em casa assistindo filma se desse eu como as crianças tão de férias eu poderia fazer com eles alguma coisa né, ou sairia um pouquinho assim pra passear.
 (QMS 043, ALiB. Fortaleza, Informante 2: mulher, faixa 1, nível fundamental)

Como se pode perceber, o inquiridor refaz a pergunta logo em seguida, mas a resposta do informante sugere irrealidade em relação a um futuro hipotético cuja ação é condicionada por uma ação anterior – “se eu fosse solteira [...]”.

Esse dado é relevante para o desenvolvimento deste estudo, sobretudo no que concerne ao cotejo das sentenças que expressam futuro próximo e as construções que expressam *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*. Buscou-se, pois, paralelamente, observar a resposta do mesmo informante para a pergunta “O que você faria se ganhasse na loteria?”. Notou-se que o uso da forma canônica – condicional sintético – ocorre em toda a construção o informante. Observe-se:

INF. – O quê que eu faria!? Sinceramente aí olhe, sinceramente, sinceramente assim como mulher eu daria um pé na bunda do meu marido (risos) , daria um pé na bunda do meu marido, é realizaria assim o sonho que a minha mãe tem, que ela é uma pessoa assim maravilhosa na minha vida e só pensaria em primeiro lugar nos meus filhos.
 (QMS 044, ALiB. Fortaleza, Informante 2: mulher, faixa 1, nível fundamental)

Embora se admita a importância do dado para a pesquisa, por ser um dado com apenas duas ocorrências, a quantificação junto às demais formas não se fez necessária já que conforme os pressupostos da teoria variacionista dados obscuros ou que apresentem dúvidas quanto à interpretação devem ser excluídos. Analise-se outro excerto:

INQ. – E o que é que tu farás amanhã?
INF. – Amanhã num sei.
INQ. – Mais imagina aí o que é que tu farás amanhã?
INF. – Ah eu faria um bolo
INQ. – Mas de certeza mesmo. Que que tu faras amanhã?
INF. – Certeza eu faria, eu ia saí puma festa
INQ. – Isso é certeza?
INF. – Certeza
 (QMS 043, ALiB. São Luis, Informante 2: mulher, faixa 1, nível fundamental)

Observa-se que a segunda ocorrência da forma condicional sintético ocorre em decorrência do contexto proposto pelo inquiridor de “imaginar” ações a serem realizadas em um futuro próximo – amanhã. Em seguida, o inquiridor tenta induzir o informante a uma resposta que expresse a ideia de certeza, ou seja, que a informante utilize uma forma verbal cuja ideia de hipótese não lhe seja intrínseca. A informante, em contrapartida, admite ser certeza o que se propõe a fazer – “Certeza eu faria, eu ia saí puma festa”.

Diferentemente da resposta antes observada à pergunta “O que você fará amanhã?” em que o informante utiliza apenas a forma canônica, nessa resposta encontram-se duas variantes: o condicional sintético – “faria” – e a forma analítica – “eu **ia saí** puma festa”. Já no que se refere a resposta à pergunta “O que você faria se ganhasse na loteria?”, a forma analítica construída de auxiliar *ir* seguido de infinitivo não ocorre, mas sim a forma sintética *impefeito* do indicativo, como se pode notar, a seguir:

*INF. – Ah que eu faria!? Ah eu **comprava** um terreno saia daí, **construia** uma casa meio que não seja de taipa de tijolo, **moraria** com a minha famia lá dentro*
(QMS 044, ALiB. João Pessoa, Informante 1: homem, faixa 1, nível fundamental)

Documentou-se, ainda, indução da resposta na formulação da pergunta, como se percebe no trecho abaixo:

*INQ.- Então, o que o senhor fará amanhã? Como que é mesmo o senhor... Amanhã o senhor... diz que **vai a Goiânia** né?*
*INF.- **Amanhã eu vou a Goiânia.***
*INQ.- Hã, e... e **fará** e **irá** como? **Irá de...***
*INF.- **Não, eu vou de avião.***
(QMS, ALiB. Campo Grande, Informante 7: homem, faixa 2, universitário)

Nota-se, que depois da primeira indução da resposta em que inquiridor e informante utilizam a variante presente sintético, o inquiridor se vale de formas com o uso do futuro sintético – “fará”, “irá” –, em contrapartida, o informante somente aplica a forma antes utilizada – “[...] eu **vou** de avião”.

É válido ressaltar que com a observação dos dados, uma análise mais aprofundada, sobre o uso do *presente* foi realizada, sobretudo no que concerne, especificamente, ao emprego do verbo *ir* expressando deslocamento. Os detalhes dessa investigação podem ser vistos na análise quantitativo-qualitativa dos dados.

Para a delimitação das variantes a serem consideradas na análise quantitativa dos dados, foram desconsiderados os dados obtidos mediante a reformulação da pergunta pelo

inquiridor com o uso de uma variante, haja vista que o informante não compreende a forma canônica empregada *a priori*, como se pode perceber nos trechos a seguir:

INQ.- O que é que a senhora fará amanhã?

INF. – O que que eu fará amanhã?

INQ.- O que é que a senhora vai fazer amanhã?

INF. – Ah! O que eu vou fazer amanhã. [...]

(QMS 043, ALiB. Porto Alegre, Informante 4: mulher, faixa 2, nível fundamental)

Como se pode perceber, as reformulações da pergunta são feitas usando a variante *futuro analítico* [*you* + infinitivo]. A análise quantitativa dos dados corroborou a pressuposição de que o frequente uso da variante *futuro analítico* tem gerado o desuso da forma canônica – “*fará*” –, e no que concerne especificamente ao dado supracitado, é possível pressupor que nem mesmo faça parte da gramática do informante, já que não se trata apenas de não uso da forma canônica, mas de seu possível desconhecimento.

4.1.1.2 Não correspondência da resposta às duas situações propostas

Considerando o fato de que o trabalho se restringe à investigação do comportamento de variantes no que tange à oscilação de uso das formas verbais que expressam futuridadade em dois contextos distintos, buscou-se desconsiderar as formas documentadas que não correspondem às duas situações propostas.

Dentre os dados documentados, foram consideradas respostas que não correspondem à situação proposta – *expressão da futuridadade iminente em relação ao momento da fala* – as seguintes construções:

- a) respostas em que se expressa previsão ou incerteza em relação à ação futura;
- b) respostas que apresentam formas construídas com o verbo *pretender* seguido de *infinitivo* [*pretender (pres.) + inf.*];
- c) respostas nas quais se registram o emprego de *ter que (de)* seguido de infinitivo, como ocorre em *tenho que fazer* [*ter (pres.) que/de + inf.*] e *terei que fazer* [*ter (fut.) + que + inf.*];

No que tange às sentenças que não correspondem à expressão de futuridadade condicionada a uma ação hipotética anterior, destacam-se:

- a) formas constituídas com o verbo *procurar* seguido de infinitivo, como ocorre em *procuraria fazer* [procurar (*cond.*) + *inf.*] e *procurava fazer* [procurar (*imperf.*) + *inf.*];
- b) formas analíticas e sintético-analíticas construídas com auxiliares modais, sobretudo o verbo *poder*;
- c) locuções verbais construídas com auxiliar e dois verbos [ir (*imperf.*) + *inf.* + *inf.*]
- d) respostas nas quais se registram o emprego de *ter que (de)* seguido de infinitivo [ter (*cond.*) que + *inf.*]

Para melhor observação dos dados, exemplificam-se, primeiramente, as respostas invalidadas obtidas com a pergunta “O que você fará amanhã?” e, em seguida, as formas não quantificadas obtidas nas respostas dos informantes à pergunta “O que você faria se ganhasse na loteria?”.

Já fora dito que a pergunta “O que você fará amanhã?” tem por meta documentar o uso de formas que expressam *futuridade iminente em relação ao momento da fala*. Assim, as respostas que expressam previsão ou incerteza em relação à ação futura não foram consideradas na análise quantitativa. Observem-se alguns exemplos:

INQ. – O que é que o senhor fará amanhã?

INF. – **Muitas coisas muita coisa planejada né pra fazer pra sai [...]**

(QMS 043, ALiB. Natal, Informante 3: homem, faixa 2, nível fundamental)

INQ. – O que é que o senhor fará amanhã?

INF. – Amanhã, **a minha previsão é** terminá um serviço que eu tô fazeno, né?

(QMS 043, ALiB. Teresina, Informante 3: homem, faixa 2, nível fundamental)

Como se pode perceber, embora a formulação da pergunta tenha sido fidedigna à situação proposta, a resposta do informante é pautada na incerteza, na conjectura feita no presente sobre o futuro, explicitada pelo uso dos termos “previsão” e “planejamento”. O contexto frasal da resposta, não se refere, portanto, à expressão de futuridade em relação a um acontecimento real/possível, mas a uma estimativa ou intenção possível/provável/irreal. Essas respostas podem se agrupar às respostas “o que está pensando em fazer, amanhã”.

Semelhantemente, registraram-se formas construídas com o verbo *pretender* seguido de infinitivo [pretender (*pres.*) + *inf.*], as quais também não pressupõem certeza, como se pode notar nos excertos a seguir:

INQ. – *O que o senhor fará amanhã, seu...?*

INF. – *Eu não sei.*

INQ. – *Hãhã?*

INF. – *Eu não sei.*

INQ. – *Não, seu V.? Não sabe o que o senhor fará amanhã? E o que o senhor pretende fazer amanhã?*

INF. – *Ah, pretendo ir pra chácara, de manhã.*

INQ. – *É?*

INF. – *Só Deus sabe né... a gente...*

INQ. – *Toda segunda?*

INF. – *Toda segunda cedo eu vô.(= vou)*

(QMS 043, ALiB. Goiânia, Informante 4: mulher, faixa 2, nível fundamental)

INQ. – *O que é que o senhor fará amanhã?*

INF. – *Preteno ir pô trabalho e quando saí eu pretendo dá uma volta em algum lugá.*

(QMS 043, ALiB. Teresina, Informante 5: homem, faixa 1, universitário)

INQ. – *O que é que a senhora fará amanhã?*

INF. – *Amanhã eu pretendo ir à danceteria defensoria pública (inint).*

(QMS 043, ALiB. Teresina, Informante 6: mulher, faixa 2, universitário)

É válido ressaltar o frequente uso do verbo *ir* nos dados documentados, quer seja em sua forma sintética no presente expressando futuro – *vou* – quer seja em construções analíticas, como auxiliar ou como verbo pleno ou verbo suporte para o auxiliar pretender, por exemplo. As construções, porém, apresentam características divergentes em relação ao traço deslocamento.

| | | |
|------------------|--------------------|-------------------|
| <i>vou</i> | <i>pretendo ir</i> | <i>vou cantar</i> |
| [+ deslocamento] | | [- deslocamento] |

Enquanto o auxiliar *ir* – “vou cantar” – possui o traço [- deslocamento], *ir*, na perífrase “pretendo ir” mantém o traço [+ deslocamento], que lhe é peculiar, sobretudo na forma sintética – *vou*. Esse foi um critério para a delimitação das variantes.

Foram também não quantificadas construções modais nas quais se registram o emprego de locuções verbais como *ter que (de)* seguido de infinitivo, como ocorre em *tenho que fazer* [ter (pres.) que/de + inf.] e *terei que fazer* [ter (fut.) + que + inf.].

INQ. – E o que você fará amanhã?

*INF. – Amanhã?... Inúmeras coisas eu **tenho que fazer**, amanhã, inclusive, é posse lá na confraria, né... eu como vou ser passada a vice-presidência... no caso... amanhã tem... inúmeras coisas pra fazê, nossa!*

INQ. – É um dia bem puxado.

INF. – Bem, demais até! Essa hora já fiz... mil e uma coisa.

(QMS 043, ALiB. Macapá, Informante 8: mulher, faixa 2, universitária)

Em contrapartida às sentenças que expressam incerteza, as construções formadas por *ter que (de)* indicam a ideia de obrigatoriedade. Portanto, não consistem variantes da forma canônica – *futuro sintético* – e, por conseguinte, não foram consideradas na análise quantitativa dos dados.

No que tange às sentenças que não correspondem à expressão de futuridade condicionada a uma ação hipotética anterior, destacam-se as formas constituídas com o verbo *procurar* seguido de *infinitivo*, como ocorre em:

*INF. – [...] **procurava tirá** essas pessoas da rua né, das droga, sofrimento*

(QMS 044, ALiB. Campo Grande, Informante 1: homem, faixa 1, nível fundamental)

*INF. – Eu **procurava... ajudar** o... próximo, alguns amigos... sabê administrá ele e fazê as outras pessoas felizes também.*

(QMS 044, ALiB. Recife, Informante 7: homem, faixa 2, universitário)

*INF. – **Procuraria dá** um conforto melhó pra minha família não é.*

(QMS 044, ALiB. Belém, Informante 7: homem, faixa 2, universitário)

Evidencia-se, também, a oscilação de uso das formas analíticas e sintético-analíticas construídas com auxiliares modais, sobretudo o verbo *poder*, para ambas as situações. Observe-se:

*INF. – aí **podia** até me **candidatá** também*

(QMS 044, ALiB. Rio Branco, Informante 1: homem, faixa 1, nível fundamental)

INQ. – E o que é que o senhor faria se o senhor ganhasse na loteria seu José?

INF. – Nada

INQ. – Nada como assim? Fale um puquinho?

*INF. – Praticamente aquele dinheiro, eu **podiria** tirá, mas (init) prá lá mesmo.*

(QMS 044, ALiB. Teresina, Informante 3: homem, faixa 2, nível fundamental)

*INF.- Bom, amanhã é sábado. É, de repente **posso í** ao supermercado **comprá** um negócio, uns ingredientes, né, compra um peixe, pá comê, que eu adoro um peixe né, e mais tarde tomá uma cervejinha né, quem sabe.*

(QMS 043; Vitória, Informante 3: homem, faixa 2, nível fundamental)

4.1.1.3 *Elipse do verbo, de modo que a futuridade passa a ser expressa apenas pelo discurso*

No que concerne às sentenças em que apenas o argumento é explicitado na sentença, o verbo elíptico não pode ser identificado, embora possa ser pressuposto. Casos como esses foram relevantes na construção da pesquisa pela percepção e evidência de que a marca de futuridade pode não ser expressa pelos verbos, já que se previa encontrar a expressão de futuridade para além da flexão modo-temporal do verbo, *i. e.*, através de elementos morfossintáticos como o uso de formas analíticas – perífrases verbais – e a presença de marcadores temporais junto a formas verbais não canônicas.

Observem-se, a seguir, exemplos extraídos do levantamento dos dados concernentes à *futuridade iminente em relação ao momento da fala*.

INQ. – *O que é que a senhora fará amanhã?*

INF. – *Manhã? **Serviço** mesmo né, meu serviço.*

(QMS 043 ALiB. Boa Vista, Informante 1: homem, faixa 1, nível fundamental)

INQ. – *O que é que a senhora fará amanhã?*

INF. – *Amanhã? Quando acordá? **Tudo de novo.** (risos)*

(QMS 043, ALiB. Goiânia; Informante 8: mulher, faixa 2, universitária)

No que tange às sentenças que expressam *futuridade condicionada a uma ação hipotética anterior*, também foram registradas formas em que há elipse do verbo, como ocorre no seguinte excerto:

INQ. – *O que você faria se ganhasse na loteria?*

INF. – *Dependendo da quati, da quantidade, **um apartamento** pra cada filho*

(QMS 044, ALiB. Salvador; Informante 4: mulher, faixa 2, nível fundamental)

Especificamente no exemplo “um apartamento”, a elipse do verbo não inviabiliza o entendimento do enunciado, haja vista que tendo sido perguntado o que faria se ganhasse na loteria, o informante pressupõe a aquisição de um algo. Embora o verbo empregado pelo inquiridor seja o verbo *fazer*, na resposta do informante, pressupõe-se que o verbo elíptico indique aquisição – adquirir, comprar, alugar. Porém, considerando o fato de que o informante insere mais uma condição expressa pela construção “dependendo da quantidade” e o objeto “para cada filho”, pode-se pressupor que o verbo em elipse indique não só aquisição como também doação – dar, doar.

No que tange ao dado “serviço”, obtido como resposta à pergunta “O que você fará amanhã?”, o verbo não pode ser identificado com clareza, já que há, ao menos, duas possibilidades: *ir para* o serviço ou *fazer* um serviço.

Como se vê, o sema do verbo elíptico pode ser pressuposto, mas não é possível pressupor a forma verbal empregada. Admite-se, pois, que, nesses usos, a expressão de futuridade – tanto a *futuridade iminente em relação ao momento da fala* quanto a *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior* – encontra-se no discurso, em que o contexto é determinante para a compreensão do enunciado.

4.1.1.4 Invalidação da resposta e conseqüente não êxito do jogo de linguagem

Algumas respostas se configuraram “não-respostas”, nas quais o informante não admite a possibilidade de determinar uma ação futura e de considerar uma ação com base na hipótese de ganhar na loteria. Observem-se alguns exemplos.

INQ. - O que, que a senhora fará amanhã?

INF. - Num sei minha filha, a vida de todo dia a gente num sabe, o que a vida, **o que tem que acontecê né.**

(QMS 043, ALiB. Macapá; Informante 4: mulher, faixa 2, nível fundamental)

INQ. - O que é que você faria se ganhasse na loteria?

INF. - Isso aí eu **num vô ganhá** porque eu num jogo (risos)

INQ. - Mas o que você faria por exemplo?

INF. - Ah num tenho neim essa esperança.

(QMS 044, ALiB. Fortaleza; Informante 8: mulher, faixa 2, universitária)

INF. - Num sei, num... num jogo, num tenho pretensão não. O que é, fô irreal, num jogo, nem de futebol eu gosto, eu sô mais pé no chão, eu não sonho com que num posso ter, nunca fiz essa projeção pro ramo de jogo, nunca peguei uma fila por causa de jogo.

(QMS 044, ALiB. Teresina; Informante 7: homem, faixa 2, universitário)

Assim, tendo realizado o expurgo das respostas invalidadas, passa-se à observação dos resultados obtidos com a quantificação dos dados.

4.1.2 Quantificação dos dados – resultados gerais

Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizou-se o *software Goldvarb 2001*, através do qual foi possível investigar possíveis contextos favorecedores da variação e, a partir da análise quantitativo-qualitativa dos resultados obtidos, identificar a incidência de cada fator e grupo de fatores sobre as variantes.

Os detalhes, hipóteses e objetivos iniciais concernentes a cada um dos grupos de fatores adotados neste trabalho são descritos junto à análise. Primeiramente, comentam-se os grupos de fatores não selecionados pelo programa em nenhuma das rodadas, justificando as hipóteses e objetivos e depois os grupos selecionados em cada uma das rodadas binárias.

Ressalta-se que, comumente, os estudos sociolinguísticos são realizados com base na aplicação ou não aplicação de uma regra variável, ou seja, consiste em um sistema de variantes binário. O fenômeno estudado nesta pesquisa, porém, compreende mais do que duas variantes, sendo necessária, pois, a realização de rodadas eneáreas, ou seja, rodadas realizadas a partir do agrupamento de todas as variantes consideradas, e rodadas binárias, em que cada variante é analisada em função da forma canônica.

Foram realizadas análises eneáreas concernentes aos dados obtidos com as duas questões específicas basilares para o desenvolvimento desta pesquisa, cada uma com cinco variantes – a forma sintética padrão, a forma sintética não padrão, a forma analítica, a forma sintético-analítica e a forma elíptica de marcação temporal. Observe-se:

Quadro 20 – Paradigma sintético das variantes adotadas em ambas as análises quantitativo-qualitativa dos dados concernentes à expressão de futuridade

| <i>Variantes</i> Perguntas | <i>Forma sintética padrão</i> | <i>Forma sintética não padrão</i> | <i>Forma sintético-analítica</i> | <i>Forma analítica</i> | <i>Forma elíptica de marcação temporal</i> | <i>Total de ocorrências</i> |
|--|--------------------------------------|-----------------------------------|---|--|--|-----------------------------|
| “O que você fará amanhã?” | Futuro sintético “trabalharei” | Presente “trabalho” | Futuro sintético-analítico “irei trabalhar” | <i>Futuro analítico</i> “vou trabalhar” | Infinitivo “trabalhar” | 417 |
| “O que você faria se ganhasse na loteria?” | Condicional sintético “comprarei” | Imperfeito “comprava” | Condicional sintético-analítico “iria comprar” | Condicional analítico “iria comprar” | Infinitivo “comprar” | 592 |

O *Quadro 20* revela fidedignidade à padronização de ambas as análises realizadas com base nas perguntas específicas adotadas neste estudo, no que tange às variantes. Esse modelo de análise foi adotado em função de um dos escopos desta pesquisa que visa confrontar

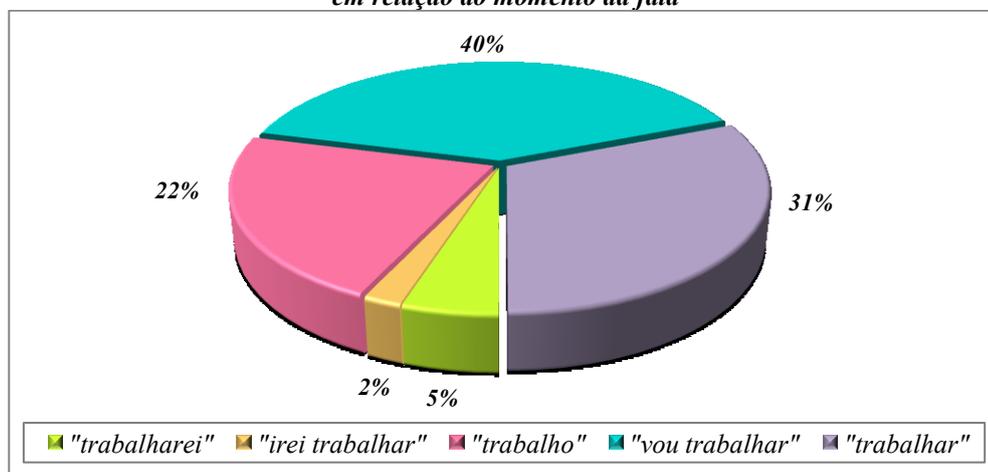
qualitativamente os resultados obtidos com ambas as análises quantitativas segregadas, a fim de verificar semelhanças e divergências entre os dois tipos de expressão de futuridade ora estudados, que também se traduzem nos dois futuros canônicos pela NGB – futuro do presente e futuro do pretérito.

As primeiras rodadas gerais válidas – análises univariadas, nas quais se verifica apenas o efeito de uma variável independente sobre a variável dependente, sem estabelecer comparações com as outras – foram realizadas com todas as cinco variantes e com todos os fatores. Nelas se observou a presença de *knockouts* – “erros” na quantificação dos dados que correspondem “a uma frequência de 0% ou de 100% para um dos valores da variável dependente.” (GUY, ZILLES, 2007, p. 158), e equivalem à não variação.

Para extinguir esses *knockouts*, tornou-se necessário desconsiderar alguns fatores. As rodadas enéreas realizadas são anexas a esta pesquisa.

Observem-se, no *Gráfico 1*, a seguir, os percentuais obtidos com a rodada enérea inicial concernente à *expressão de futuridade iminente em relação ao momento da fala*, a partir da qual documentaram-se 417 ocorrências de variantes, como visto antes no *Quadro 20*.

Gráfico 1 – Percentuais obtidos com a análise univariada concernente à expressão de *futuridade iminente em relação ao momento da fala*

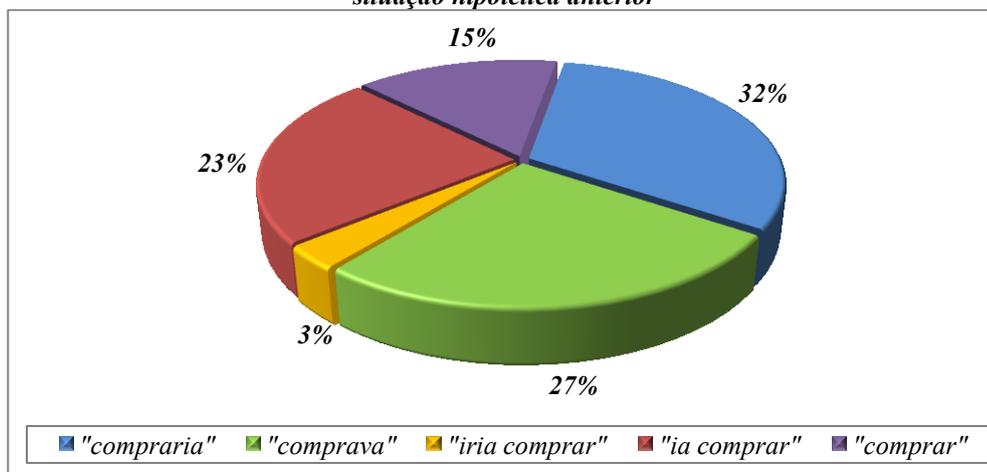


Como se pode verificar, dentre as cinco variantes documentadas, destaca-se a frequência de uso do *futuro analítico* – “vou trabalhar” –, com 40%, e da forma *presente* – “trabalho” –, 22% do total das 417 ocorrências, em detrimento da forma canônica, *futuro sintético* – “trabalharei” –, cujo percentual se revela baixo, apenas 5%.

Como se vê, a variante sintético-analítica – “irei trabalhar” – foi a menos utilizada, inclusive em relação à forma de marcação temporal elíptica expressa pelo infinitivo – “trabalhar” – que exigiu uma análise mais detalhada.

Seguindo os mesmos parâmetros de análise, apresentam-se os resultados concernentes à *expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*, a partir da qual foram documentadas 592 realizações de formas variantes. Observe-se o *Gráfico 2*:

Gráfico 2 – Percentuais da rodada geral concernentes à expressão de *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*



Verifica-se que no tocante à *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*, diferentemente do que se observou no *Gráfico 1*, a forma canônica, *condicional sintético* – “compraria” –, apresenta o maior índice em relação às demais variantes, 32% do total das 592 ocorrências. Ressaltam-se, porém, os altos índices percentuais das variantes *condicional analítico* – “ia comprar” –, e *imperfecto* – “comprava” –, que equivalem respectivamente a 23% e 27% do total das realizações. Observou-se ainda o uso do *infinitivo* em ambas as situações analisadas, embora o percentual seja baixo, apenas 15%.

A frequência de uso da forma elíptica de marcação temporal expressa pelo *infinitivo* exigiu, em ambas as análises, um estudo mais detalhado, sobretudo pela não definição de se tratar do uso do *infinitivo* como expressão de futuridade ou de elipse de auxiliar *ir*. Hipóteses e considerações serão discutidas no decorrer deste trabalho.

Uma comparação dos dados de ambas as análises apresentados nos quadros 1 e 2, antes vistos, mostra que a variante majoritária de expressão de futuro próximo é a forma analítica – “vou trabalhar” –, enquanto as formas mais frequentes que expressam futuro hipotético condicionado são as formas sintéticas: a) *condicional* – “compraria” – e b)

imperfecto – “comprava”. Isso implica dizer que a categoria de tempo/aspecto é proeminente, em relação ao comportamento morfossintático, apenas para a oscilação entre as formas que expressam futuridade hipotética condicionada.

Em tempo, ressalta-se que em trabalho-piloto⁶ (NEIVA, 2010), realizado durante o desenvolvimento desta pesquisa com base em Cartas de Luis dos Santos Vilhena compiladas na obra *A Bahia no século XVIII*, atestaram-se os seguintes resultados: i) oscilação de o uso de formas verbais que expressam futuridade, inclusive na escrita, no português brasileiro do século XVIII; ii) emprego do *futuro sintético* como a forma mais frequente, conquanto os percentuais de *futuro sintético* e *futuro analítico* encontrassem, à época, aproximados, 48% e 37% do total das 129 ocorrências; iii) uso majoritário do *condicional sintético*, com 52% do total das 158 realizações.

Três séculos depois, o paradigma da futuridade verbal encontra-se diferente: o *futuro sintético*, cuja realização é a mais frequente nos dados do século XVIII, torna-se, na fala, uma forma em desuso e o *condicional sintético* continua sendo a forma mais empregada, mas seu uso é equiparado ao uso das variantes, sobretudo o *imperfecto* – forma sintética não padrão – e a forma analítica constituída por auxiliar *ir* em *presente* seguido de *infinitivo* – “ia comprar”.

Evidentemente, embora esta pesquisa de mestrado tenha perspectiva sincrônica, não se podem desprezar os dados diacrônicos sob pena de não se compreender devidamente o presente.

Após a observação da análise quantitativa univariada, realizaram-se análises multivariadas, a partir de rodadas binárias, das quais se passará a tratar.

⁶ Nesse trabalho, observaram-se o uso e os contextos em que se apresentam as formas que expressam futuridade em oito cartas de Luis dos Santos Vilhena, que versam sobre os descontentamentos, angústias e expectativas do autor em relação à cidade do Salvador e em que estão patentes ainda comentários de Braz do Amaral, compilados na obra *A Bahia no século XVIII*.

4.1.3 Quantificação dos dados – resultados das análises multivariadas

A análise multivariada – etapa da quantificação dos dados em que são gerados os pesos relativos – foi realizada visando a combinação dos grupos de fatores. Considerando o fato de que o *software* consiste em um sistema binário, cada variante não padrão foi oposta à forma canônica.

No tocante a cada uma das análises correspondentes à *expressão de futuridade iminente em relação ao momento da fala – futuro próximo* – e à *expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior – futuro hipotético condicionado* – foram realizadas três rodadas binárias que visaram a observar: i) a variação quanto ao comportamento morfossintático – “forma analítica” *versus* “forma sintética padrão”; ii) a variação quanto a categoria tempo/aspecto – “forma sintética não padrão” *versus* “forma sintética padrão”; iii) o confronto entre as variantes não padrão – “forma analítica” *versus* “forma sintética não padrão”.

Para a realização de cada uma das rodadas binárias, optou-se por assumir a forma variante como valor de aplicação, a fim de atender à necessidade de observação do comportamento das variantes em relação à forma canônica. Ressalta-se, pois, que os resultados em peso relativo apresentados se referem à variante. Entretanto, nas rodadas em que ambas as variantes são não canônicas, optou-se por considerar, como valor de regra, aquela que se apresenta como a mais frequente.

Considerando que o *futuro analítico* é mais frequente do que o *presente* – 40% e 22%, respectivamente – e que os percentuais de *imperfeito* são maiores do que do *condicional analítico* – 27% e 23%, respectivamente –, na rodada “*futuro analítico*” *versus* “*presente*”, os pesos relativos referem-se ao *futuro analítico*, e na rodada “*imperfeito*” *versus* “*condicional analítico*”, assumiu-se o *imperfeito* como o valor de aplicação da regra variável.

Em cada rodada, alguns dos grupos de fatores adotados na pesquisa foram selecionados pelo *Goldvarb* e outros foram excluídos conforme a sua relevância no que tange à incidência dos fatores no uso de determinada variante.

No que tange à observação dos dados que expressam *futuridade iminente em relação ao momento da fala*, as três rodadas binárias foram realizadas com as seguintes variantes: i) “*futuro analítico*” *versus* “*futuro sintético*”; ii) “*presente*” *versus* “*futuro sintético*”; iii) “*futuro analítico*” *versus* “*presente*”. Todos os grupos de fatores foram averiguados.

Na rodada binária “*futuro analítico*” versus “futuro sintético” foram selecionados pelo *Goldvarb*, na ordem ora apresentada, os seguintes grupos de fatores: ‘Escolaridade’, ‘Grau de regularidade verbal’, ‘Paralelismo discursivo’, ‘Presença/ausência de marcadores temporais’ e ‘Conjugação verbal’. Nessa rodada o *input* – média global de aplicação da regra, que funciona como um ponto de referência para o fenômeno variável, possibilitando a interpretação dos pesos para cada um dos fatores – foi 0,944, o *log likelihood* foi equivalente a -53,426 e o nível de significância 0,028.

Na rodada binária que visa a observar a variação quanto a categoria tempo/aspecto – “presente” versus “futuro sintético” – o *software* selecionou seis variáveis independentes, na seguinte ordem: ‘Extensão lexical dos verbos’, ‘Paralelismo discursivo’, ‘Presença/ausência de marcadores temporais’, ‘Escolaridade’, ‘Diatopia’ e ‘Gênero’. O *input* dessa rodada foi 0,054, o *log likelihood* -14,745 e o nível de significância equivalente a 0,011.

No confronto entre as duas variantes não padrão – “forma analítica” versus “presente” –, foram selecionados apenas três grupos de fatores: ‘Paradigma verbal quanto à regularidade’, ‘Conjugação verbal’ e ‘Paralelismo discursivo’. Os *input*, *log likelihood* e o nível de significância equivaleram, respectivamente, a 0,719, -117,531 e 0,007.

Em síntese, apenas os grupos de fatores ‘Ordem das sentenças’ e ‘Faixa etária’ não foram selecionados em nenhuma das três rodadas, como mostra o *Quadro 21*.

Quadro 21 – Paradigma geral dos grupos de fatores selecionados pelo *Goldvarb* nas rodadas binárias

| Rodadas binárias <i>Grupos de fatores</i> | “futuro analítico” versus “futuro sintético” | “presente” versus “futuro sintético” | “futuro analítico” versus “presente” |
|--|--|--|--|
| <i>Presença/ausência de marcadores temporais</i> | + | + | - |
| <i>Extensão lexical dos verbos</i> | - | + | - |
| <i>Grau de regularidade verbal</i> | + | - | + |
| <i>Conjugação verbal</i> | + | - | + |
| <i>Paralelismo discursivo</i> | + | + | + |
| <i>Ordem das sentenças</i> | - | - | - |
| <i>Diatopia</i> | - | + | - |
| <i>Faixa etária</i> | - | - | - |
| <i>Gênero</i> | - | + | - |
| <i>Escolaridade</i> | + | + | - |
| | <i>Input = 0,944</i> <i>Log likelihood = -53,426</i> <i>Significance = 0,028</i> | <i>Input = 0,054</i> <i>Log likelihood = -14,745</i> <i>Significance = 0,011</i> | <i>Input = 0,719,</i> <i>Log likelihood = -117,531</i> <i>Significance = 0,007</i> |

Legenda

| | |
|---|------------------------------------|
| + | Grupos de fatores selecionados |
| - | Grupos de fatores não selecionados |

Como se pode observar, ainda, apenas a variável ‘Paralelismo discursivo’ foi selecionada pelo *software* em todas as três rodadas binárias realizadas.

No que concerne à observação dos dados que expressam *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*, as três rodadas binárias foram realizadas com as seguintes variantes: i) “condicional analítico” versus “condicional sintético”; ii) “imperfeito” versus condicional sintético; iii) “imperfeito” versus “condicional analítico”. O *Quadro 22*, a seguir, mostra o comportamento dos grupos de fatores, a partir dos resultados obtidos com o *software*:

Quadro 22 – Paradigma geral dos grupos de fatores selecionados pelo *Goldvarb* nas rodadas binárias

| Rodadas binárias <i>Grupos de fatores</i> | “condicional analítico” <i>versus</i> “condicional sintético” | “imperfeito” <i>versus</i> “condicional sintético” | “imperfeito” <i>versus</i> “condicional analítico” |
|--|---|--|--|
| <i>Presença/ausência de elemento condicional ‘se’*</i> | - | + | - |
| <i>Extensão lexical dos verbos</i> | - | - | - |
| <i>Grau de regularidade verbal</i> | - | - | + |
| <i>Conjugação verbal*</i> | - | + | + |
| <i>Paralelismo discursivo</i> | + | + | + |
| <i>Ordem das sentenças</i> | - | - | - |
| <i>Diatopia*</i> | - | + | - |
| <i>Faixa etária</i> | - | - | - |
| <i>Gênero</i> | + | - | + |
| <i>Escolaridade</i> | - | + | + |
| | <i>Input = Log likelihood = Significance =</i> | <i>Input = Log likelihood = Significance =</i> | <i>Input =, Log likelihood = Significance =</i> |

| Legenda | |
|----------------|---|
| + | Grupos de fatores selecionados |
| + | *Grupos de fatores apenas selecionados <i>step down</i> |
| - | Grupos de fatores não selecionados |

Conforme o que se apresenta no *Quadro 22*, percebe-se que os grupos de fatores linguístico-estruturais apenas foram selecionados nas rodadas binárias realizadas com o *imperfeito*. Notou-se, ainda, no que concerne às variáveis sociais, que apenas o ‘Gênero’ e a ‘Escolaridade’ foram selecionadas.

Similarmente aos resultados da análise que se refere à *expressão de futuridade iminente em relação ao momento da fala*, o ‘Paralelismo discursivo’ foi a única variável selecionada em todas as três rodadas concernentes à *expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*.

No que concerne à rodada binária “condicional analítico” *versus* “condicional sintético” apenas os grupos de fatores ‘Paralelismo discursivo’ e ‘Gênero’ foram selecionados

pelo *Goldvarb*, na ordem ora apresentada. Nessa rodada o *input* foi 0,423, o *log likelihood* foi equivalente a -165,648 e o nível de significância igual a 0,007.

É válido ressaltar que, geralmente, as rodadas *step up* – em que os grupos são confrontados entre si, adicionando-se um a um às rodadas – e *step down* – em que os grupos são retirados progressivamente das rodadas – são equivalentes. Há, casos porém, em que alguns grupos são selecionados apenas das rodadas *step down*.

Foi o que aconteceu no confronto binário “imperfeito” *versus* “condicional sintético”.

Na rodada *step up* de “imperfeito” *versus* “condicional sintético”, o *Goldvarb* apenas selecionou os grupos de fatores ‘Paralelismo discursivo’ e ‘Escolaridade’. Os *input*, *log likelihood* e o nível de significância equivaleram, respectivamente, a 0,458; -195,164 e 0,000. No *step down*, em contrapartida, além dos dois grupos de fatores supracitados, o software selecionou as três seguintes variáveis: ‘Presença/ausência de marcadores temporais’; ‘Conjugação verbal’; e ‘Diatopia’. Nessa rodada, o *input* foi equivalente a 0,443; o *log likelihood* = -170,763 e o nível de significância igual a 0,205.

O confronto entre as variantes não padrão – “*futuro analítico*” e “imperfeito” – teve como resultados a seleção de cinco grupos de fatores pelo *software*: ‘Paradigma verbal quanto à regularidade’, ‘Conjugação verbal’, ‘Paralelismo discursivo’, ‘Gênero’ e ‘Escolaridade’. O *input* da rodada foi equivalente a 0,533, o *log likelihood* foi -157,354 e o nível de significância igual a 0,017.

Ressalta-se, ainda, conforme observação do *Quadro 7*, que foram consideradas pelo *software* não relevantes, ou seja, não selecionadas em nenhuma das rodadas, as variáveis: ‘Extensão lexical dos verbos’, ‘Ordem das sentenças’, e a ‘Faixa etária’. Os grupos de fatores ‘Conjugação verbal’ e ‘Grau de regularidade verbal’ apenas foram selecionados pelo *Goldvarb* na rodada realizada com as variantes não padrão – *condicional analítico* e *imperfeito*.

Comparando os resultados das três rodadas em cada uma das duas análises, observa-se que são as variáveis linguístico-estruturais as que mais favorecem à oscilação de uso das variantes de *expressão de futuro iminente* enquanto as variáveis sociais incidem no uso das variantes que exprimem *futuridade hipotética condicionada*. Atesta-se, assim, que a hipótese inicial de que os fatores linguísticos incidem no uso das variantes apenas é confirmada no que tange ao futuro iminente.

Considerando que esta pesquisa objetiva analisar os contextos e fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o comportamento das formas verbais do português

brasileiro que expressam futuridade, optou-se por apresentar os resultados de cada uma das rodadas binárias em função dos grupos de fatores – as variáveis independentes. Primeiramente, apresentam-se os grupos de fatores selecionados pelo *Goldvarb* nas rodadas concernentes aos resultados da análise relativos à *expressão de futuridade iminente em relação ao momento da fala*, e em seguida os resultados que se referem à *expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*.

4.1.3.1 *Os contextos favorecedores da oscilação de uso das formas verbais que expressam futuridade iminente em relação ao momento da fala*

As rodadas binárias concernentes à oscilação de uso das formas verbais que expressam *futuridade iminente em relação ao momento da fala* apresentaram características ora similares ora divergentes quanto aos grupos de fatores selecionados pelo *software* na análise quantitativa dos dados.

Com isso, pode-se afirmar que um grupo de fatores pode incidir na oscilação de uso de determinada variante da forma canônica e não ser relevante quanto ao uso de outra, ou seja, contextos favorecedores da variação quanto ao comportamento morfossintático – “*futuro analítico*” versus “*futuro sintético*” – podem divergir daqueles que favorecem a oscilação de uso das variantes quanto à categoria tempo/aspecto – “*presente*” versus “*futuro sintético*”.

Assim, optou-se por confrontar os resultados das rodadas binárias em função de cada um dos grupos de fatores selecionados pelo programa *Goldvarb*, conforme à relevância dos contextos favorecedores da variação em estudo. Para tanto, os resultados obtidos são apresentados, na seguinte ordem: i) ‘Paralelismo discursivo’ – único grupo de fatores selecionados em todas as três rodadas; ii) as variáveis linguístico-estruturais ‘Presença/ausência de marcadores temporais’, ‘Extensão lexical dos verbo’, ‘Grau de regularidade verbal’ e ‘Conjugação verbal’; iii) a ‘Diatopia’; e iv) as variáveis sociais ‘Gênero’ e ‘Escolaridade’. Os grupos de fatores excluídos pelo *software* na quantificação dos dados – ‘Ordem das sentenças’ e ‘Faixa etária’ – serão apresentados *à posteriori*.

4.1.3.1.1 ‘Paralelismo discursivo’

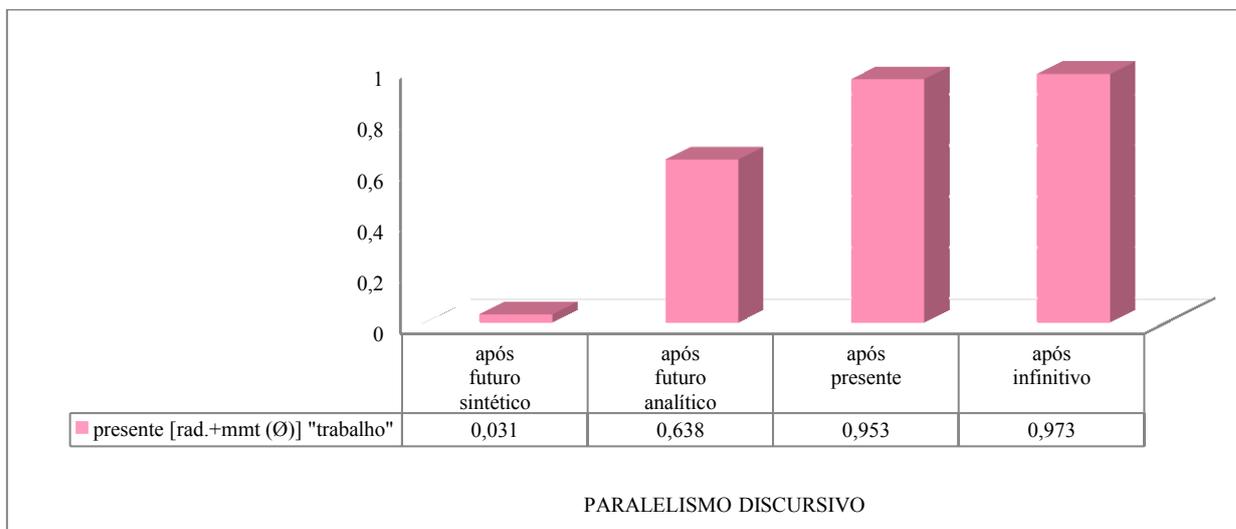
Designa-se aqui como ‘Paralelismo discursivo’ a observação de como as formas aparecem em cadeia frasal, buscando perceber se o falante tende à repetição da variante empregada na construção do período, partindo do pressuposto do efeito gatilho.

Para tanto, observou-se o comportamento após a forma empregada pelo inquiridor, partindo do pressuposto do efeito gatilho e após as formas empregadas pelo próprio locutor, partindo do pressuposto de que contextos mais amplos – não logo após a pergunta – propiciam menor grau de monitoramento da fala, e por conseguinte, o maior uso das variantes sobretudo as que possam representar estigma social.

Quanto à formulação da pergunta pelo inquiridor, as respostas dos informantes foram analisadas em duas diferentes situações: i) quando o inquiridor utiliza a forma canônica e ii) quando o inquiridor se vale da perífrase. Quanto à sequência frasal selecionaram-se três situações: i) após forma sintética padrão – o futuro sintético –; ii) após *futuro analítico*; e iii) após a forma sintética não padrão; e iv) após forma elíptica de marcação temporal expressa pelo *infinitivo*. A variante sintético-analítica foi excluída da análise quantitativa dos dados, em razão da baixa frequência de uso – apenas 2% – a fim de eliminar os *knockouts*.

Observe-se, a partir do *Gráfico 3*, a seguir, os resultados obtidos com a rodada entre as variantes *presente* e *futuro sintético*, cujo fim é a observação da variação quanto a categoria tempo/aspecto:

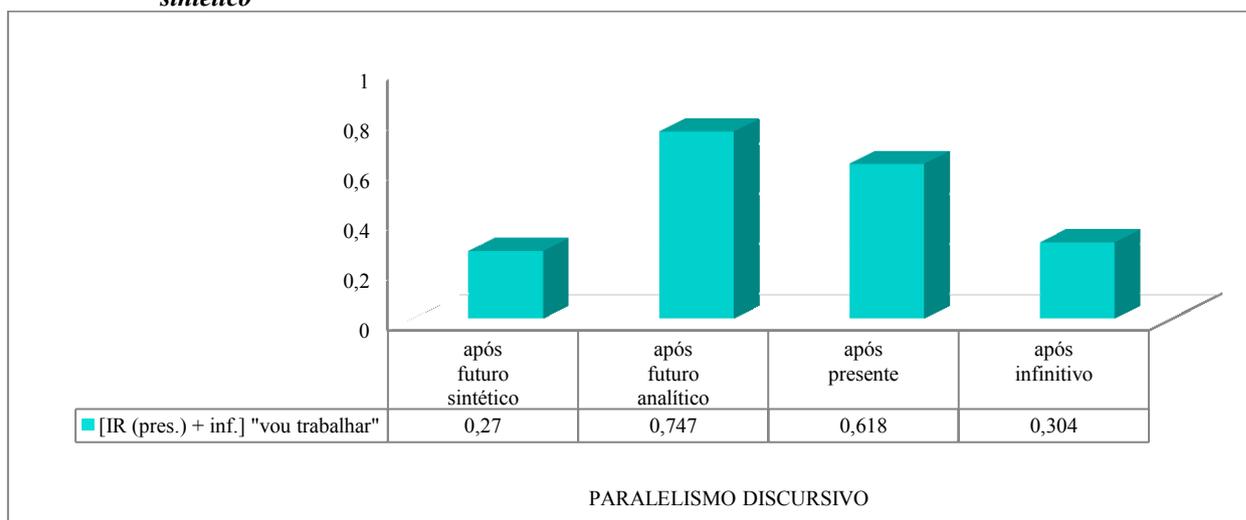
Gráfico 3 – Incidência do ‘Paralelismo discursivo’ na seleção do *presente* contraposto ao *futuro sintético*



Como se pode verificar, os maiores pesos relativos concernentes ao uso do *presente* se referem aos contextos ‘após o uso de forma elíptica de marcação temporal expressa pelo *infinitivo*’ e ‘subsequente a outra realização do *presente*’, revelando o favorecimento da regra variável. Não obstante, é válido ressaltar que o uso da forma analítica, cujo peso relativo equivale a 0,638, também favorece o uso do *presente*. Atesta-se, ainda, que a oscilação de uso da variante *presente* não é favorecida pelo contexto *presente* subsequente ao *futuro sintético*.

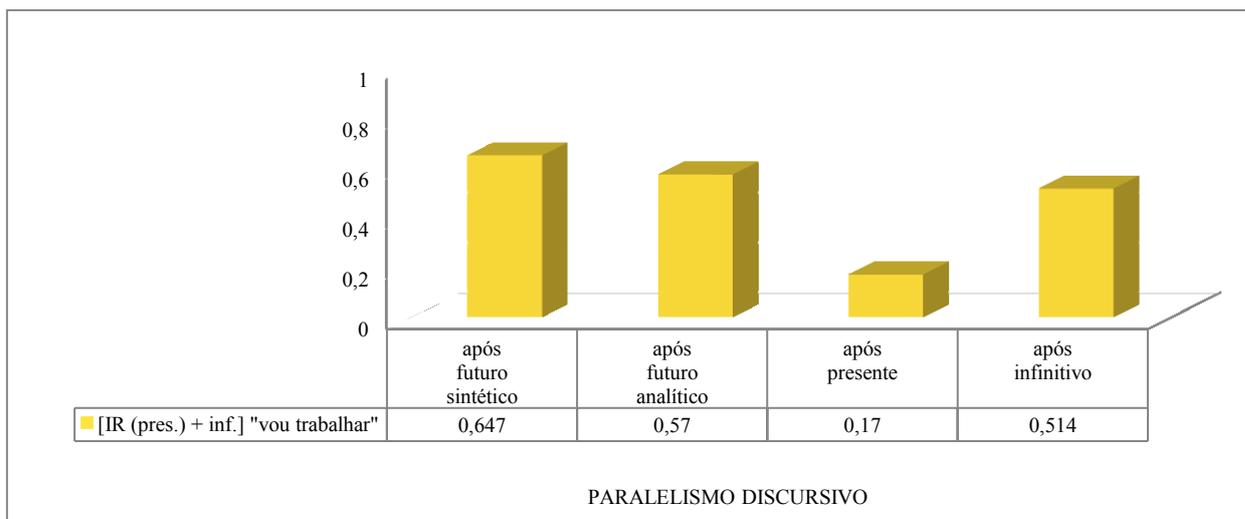
Como mostra o *Gráfico 4*, a seguir, os resultados da rodada “*futuro analítico*” versus “*futuro sintético*” – corroboraram a importância do paralelismo discursivo, já que o maior peso relativo da variante – 0,747 – refere-se à realização em cadeia – forma analítica após forma analítica – e o menor peso relativo 0,27 quando precedida do *futuro sintético*:

Gráfico 4 – Incidência do ‘Paralelismo discursivo’ na seleção do *futuro analítico* contraposto ao *futuro sintético*



Ressalta-se ainda, conforme os resultados expostos no *Gráfico 4*, que quando precedida da variante *presente*, o *futuro analítico* é também favorecido. No que tange, porém, ao contexto *futuro analítico* subsequente ao *infinitivo* – forma elíptica de marcação temporal – verifica-se o não favorecimento do uso da variante analítica.

A partir da observação dos gráficos 3 e 4, pode-se notar que quando em confronto com a forma canônica – *futuro sintético* –, as variantes *presente* e *futuro analítico* favorecem-se mutuamente. Tornou-se, pois, relevante verificar se o mesmo ocorre quando ambas as variantes não canônicas são confrontadas. Observem-se os resultados, no *Gráfico 5*, a seguir:

Gráfico 5 – Incidência do ‘Paralelismo discursivo’ na seleção do *futuro analítico* contraposto ao *presente*

Como se percebe, quando a oposição do *futuro analítico* ocorre em relação a variante *presente*, os contextos favorecedores para seu uso são a realização em cadeia – forma analítica após forma analítica –, uso subsequente à forma elíptica – infinitivo – e a realização após o *futuro sintético* – a forma padrão. Diferente dos resultados anteriores, aqui, a realização do *futuro analítico* subsequente ao uso do *futuro sintético* evidencia-se como contexto favorecedor para o uso da variante não padrão em relação à realização do *presente*.

Em síntese, é possível considerar que um mesmo falante possa utilizar em um mesmo enunciado as quatro variantes – futuro sintético, *futuro analítico*, presente e o infinitivo ou elipse da marcação temporal. Percebe-se que o falante tende à repetição da variante empregada no enunciado, mas também alterna o tipo de construção morfossintática – de forma sintética para forma analítica – e modifica a categoria de tempo/aspecto.

Observem-se alguns excertos extraídos do *corpus* de análise:

INQ. – Agora eu tava dizendo: o que você **vai fazer** amanhã? De certa forma, até já disse, né? O que você **vai fazer** amanhã. Mas, pense em outra coisa que você tá pensando em fazer amanhã, fora dessa da escola.

INF. – Amanhã é sábado. Amanhã eu **estarei** na escola (inint). Ah, é quinta, né? Não, amanhã, fora disso, não só **you fazê** isso mehmo, **venho** pra casa, cansada, **you tomar** banho, **cumê**, **pa dormir**, mas... **fazê** outra coisa, não. Pelo menos, em mente, até agora, num tenho não outra coisa fora isso.

(QMS 043 –ALiB. Maceió, informante 8 – mulher, faixa 2, universitária)

INF. – Ah! Os mesmos deveres de casa, **varrer** a casa, lavar a louça, **botar** minha avó pra tomar banho, **estudá** e a noite... eu **vou** pra uma festinha na casa de uma amiga minha.

(QMS 043. Belém, Inf.2 – mulher, faixa 1, nível fundamental)

INF. – Amanhã? Amanhã, amanhã... deixo vê. *Vô levanta*, tipo *lavá* o rosto normal, *escová* os dente, isso a... amanhã, tipo umas onze e meia, meio-dia eu *vô subi* pro meu pai, Rotina [...]

(QMS 043. São Paulo, Inf.1 – homem, faixa 1, nível fundamental)

INF. – Amanhã eu *vô acordar* cedo, *vou* pra academia, da academia, *chego* em casa, manhã eu *vô dá*, dá um banho no cachorro... depois eu *vou almoçar*, *vou descansar* que amanhã eu *tenho* que trabalhá.

(QMS 043. Goiânia Inf. 1 – homem, faixa 1, nível fundamental)

Legenda

| | |
|--|-------------------------|
| | <i>Futuro sintético</i> |
| | <i>Futuro analítico</i> |
| | <i>Presente</i> |
| | <i>Infinitivo</i> |

Nota-se, no primeiro excerto, que o informante emprega as quatro variantes analisadas. Observa-se, ainda, que o inquiridor, documentador da entrevista linguística, emprega a variante *futuro analítico*. Na perspectiva do efeito gatilho, a informante tenderia a empregar a forma utilizada pelo documentador, mas isso não ocorre, a informante emprega como primeira resposta da série/cadeia frasal a forma canônica, *futuro sintético* – “estarei”. Como segunda resposta, a informante modifica a forma verbal, passando a empregar o *futuro analítico* – “vou fazê”. Em sequência, utiliza, como terceira resposta, a variante *presente* – “venho” –, alternando assim, o tipo de construção – de analítica para sintética –, ambas não padrão. Emprega ainda, como quarta resposta, novamente o *futuro analítico* – “vou tomar”. Em sequência, emprega por três vezes outra variante, a forma elíptica de marcação temporal expressa pelo *infinitivo* – “cumê”, “dormir” e “fazê”. Para estas três últimas realizações, atribuiu-se o valor de quarta resposta, sobretudo porque, em média, os informantes empregam até quatro respostas ou formas verbais, ainda que sejam semelhantes.

Como se percebe, no segundo excerto, o falante utiliza consecutivamente a forma elíptica de marcação temporal expressa pelo *infinitivo* e na sequência emprega o *presente*. No terceiro trecho, o falante emprega primeiro o *futuro analítico*, depois a forma elíptica – *infinitivo* – e retoma o uso do *futuro analítico*.

No último fragmento selecionado, vê-se que o falante utiliza formas não padrão, ora emprega o *futuro analítico*, ora o *presente*. O enunciado inicia com o uso da forma analítica. Logo em seguida, como segunda resposta, o informante emprega o *presente* e dá encadeamento ao uso da mesma variante. Depois, por três vezes consecutivas, retoma o uso do *futuro analítico* – “vô dá”, “vou almoçar” e “vou descansar”. Na sequência emprega novamente o *presente*.

Note-se, ainda, que apenas uma realização de *presente* – no primeiro excerto – ocorre sem a presença de marcador temporal, reforçando o pressuposto de que, quando o *presente* é empregado com valor de futuro, há a obrigatoriedade de um elemento – morfossintático ou pragmático-discursivo – que atualize a marca de futuridade fora do verbo.

Em contrapartida, o *futuro sintético* e o *futuro analítico* podem ser considerados como variantes prototípicas, ou seja, em que nenhum outro elemento é necessário para a atualização da marca de futuro.

Passa-se, assim, à observação dos resultados concernentes à variável que visa a analisar a incidência dos marcadores temporais na seleção de cada variante e, por conseguinte, pode confirmar o que está sendo dito.

4.1.3.1.2 ‘Presença/ausência de marcadores temporais’

Optou-se, nesta pesquisa, por categorizar os elementos que integram a sentença e interagem, modificam, reforçam ou atribuem sentido às formas verbais que expressam futuridade. Sob essa perspectiva, designam-se, aqui, marcadores temporais os elementos que se caracterizam pela possibilidade de configurar tempo, os quais a tradição gramatical, habitualmente, tem rotulado de advérbios, locuções, conjunções e, até mesmo, orações adverbiais.

É válido, porém, ressaltar que não se trata, apenas de uma questão de nomenclatura, mas também de conceito.

De acordo com Ilari (2001), os marcadores temporais podem ser construídos por um só elemento – os pontuais – ou por mais de um elemento – os fraseológicos, mas ambos constituem-se, sob a perspectiva do enunciado, como um ponto de referência no discurso.

Alguns trabalhos realizados por bolsistas de Iniciação Científica do Projeto ALiB como Paim e Guimarães (2012), Rocha (2010) e Santos (2011) têm mostrado que esses elementos linguísticos constroem identidades sociais, sobretudo na fala de dos indivíduos que possuem entre 50 e 65 anos – pertencentes à segunda faixa etária adotada pelo Projeto – haja vista projetarem significados à medida em que se referem ao passado ou ao presente.

Marroquim (1996), em *A Língua do Nordeste*, apresenta características relativas a todos os níveis da língua, em Alagoas e Pernambuco. No tópico destinado aos verbos, o autor admite ter havido uma nivelção na conjugação matuta oriunda do processo de analogia e

considera que a simplificação da linguagem no quadro da flexão verbal atingiu as pessoas e os tempos.

Considerando as afirmações de Marroquim (1996), no que se refere à simplificação no quadro da flexão número-pessoal, evidencia-se a necessidade do preenchimento do sujeito por pronomes para que haja entendimento da sentença e a comunicação se realize com êxito.

Note-se que a comparação entre a presença de marcadores temporais ressaltando a necessidade de uso junto a determinadas formas e a realização do sujeito nulo ou o preenchimento do sujeito – fato que tem sido bastante discutido entre os linguistas –, pode ser pertinente, sobretudo em função do pressuposto de que o português brasileiro é diferente do português europeu, e na tentativa de mostrar as diferenças sintáticas entre ambas as variantes.

Quanto à flexão modo-temporal, observa-se a necessidade de marcadores temporais, tradicionalmente designados advérbios temporais, em sentenças em que o *presente* é empregado como expressão de *futuro*. Quanto ao *futuro*, leia-se *futuro do presente*, afirma Marroquim (1996):

Não é usado. Em seu lugar emprega-se o presente do indicativo. Em vez de irei amanhã, diz-se sempre vou amanhã. O presente imprime maior vigor à expressão. Já é fato na língua; vai notado aqui porque deixou de ser uma opção para tornar-se regra, maneira única de dizer.

(MARROQUIM, 1996, p. 89)

No tocante às peculiaridades do português brasileiro em relação ao português europeu, Noll (2008, p. 87) admite que, no âmbito da fala, as formas preponderantes de expressão do futuro são a maneira adverbial “vou amanhã” e a perífrase “vou falar com ele”.

No que concerne ao *futuro sintético*, observa-se que sentenças como “Eu farei”, ora são substituídas pelo uso do *presente* em forma simples como em “Amanhã, eu faço”, ora são realizadas pela *futuro analítico* – “Amanhã, eu vou fazer” –, sendo que em ambas as variantes há presença de marcador temporal.

Observando os exemplos e os dados, é possível perceber que nos exemplos em que ocorrem as variantes *presente* e *futuro analítico*, insere-se o marcador temporal *amanhã*, enquanto no exemplo em que se realiza a forma canônica não há marcador. O uso porém, do marcador em três posições possíveis, sobretudo a que intercala o auxiliar e o verbo pleno é gramatical – realizável, possível na língua.

A fim de exemplificar a distinção de tempo em três sentidos, como já fora visto em... , Travaglia (1981) apresenta duas formas verbais que expressam futuridade “Amanhã irei a Santos” e “Amanhã vou a Santos”, admitindo que as formas verbais se distingam apenas quanto ao tempo flexional, haja vista que, em ambas, o tempo é futuro.

Os exemplos chamam a atenção pela presença não arbitrária do marcador temporal *amanhã* em ambas as construções, não obstante a ausência apenas causasse ambiguidade à segunda sentença “Amanhã vou a Santos”, que deixaria de expressar futuridade para expressar uma ação contínua, repetitiva, habitual, podendo ser interpretada como “Vou sempre a Santos”. Considerando os exemplos dados pelo autor, admite-se que a noção temporal/aspectual não está no verbo apenas, mas na presença do marcador temporal ou de outros elementos ou em outros níveis.

Como se observa, Marroquim (1996) e Noll (2008), ao tratar a questão, referem-se, então, ao uso do marcador temporal em sentenças nas quais essas formas verbais ocorrem. Contudo, não explicitam os contextos específicos em que isso acontece. Os exemplos dados pelos autores apenas mostram o uso de marcadores temporais pospostos ao verbo em presente sintético com valor de futuro. Já Travaglia (1981) apresenta várias possibilidades – uso de variantes –, só que apenas em uma posição.

Diante do exposto, uma questão aventa-se: o uso de marcadores temporais junto ao presente é obrigatório?

Uma das hipóteses iniciais para a pesquisa admite que nas sentenças em que o *presente* é empregado como expressão de futuro há necessidade ou obrigatoriedade de marcadores temporais, a fim de que a comunicação se perpetue sem ambiguidades e a fim de que a noção de futuro seja atualizada. Sob essa perspectiva, pressupõe-se obter maior incidência de uso de marcadores temporais junto à forma presente sintético, admitindo que a expressão de futuridade só se concretiza como gramatical e compreensível, se e somente se, junto a marcadores temporais ou em face de outras estratégias que adiante serão discutidas.

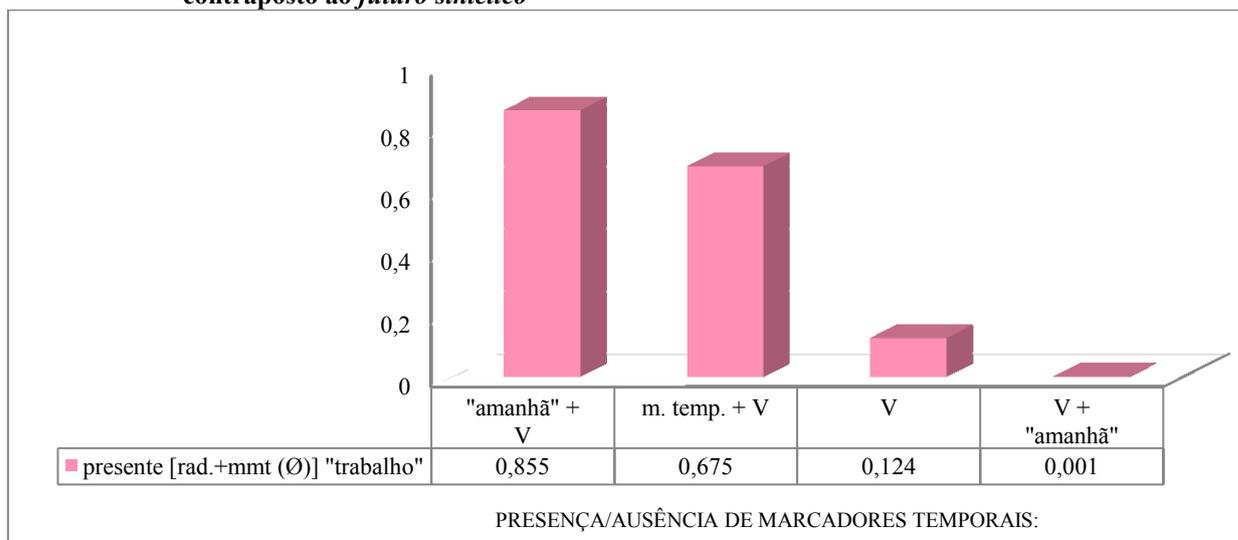
Importa, assim, à pesquisa identificar se marca de futuridade fora do verbo funciona como um reforço ou como marcação temporal de futuridade fora do verbo. Dessa maneira, identifica-se, por conseguinte, se se trata, a depender do contexto, de um item lexical ou um item morfossintático, por mais esquisito ou exótico que possa parecer ao leitor comum.

Diante das considerações apresentadas e admitindo o fato de que a pergunta “O que você fará amanhã?” é formulada com a presença de marcador temporal ‘*amanhã*’ posposto ao verbo, buscou-se observar como o informante se comporta diante da situação apresentada tendo por enfoque a incidência de uso de marcadores junto às formas verbais analisadas e a posição em que ocorrem. Foram admitidas quatro possibilidades: i) presença de marcador posposto ao verbo como na pergunta; ii) presença de marcador anteposto ao verbo; iii) presença de um marcador discursivo diferente do marcador *amanhã*, ou emprego do marcador

amanhã, pelo informante, em contexto frasal anterior; iv) ausência de marcador na resposta do informante, embora seja presente na pergunta.

Passa-se à observação dos resultados, inicialmente, no que tange aos obtidos nas rodada binária “presente” *versus* “futuro sintético”.

Gráfico 6 – Incidência do ‘Presença/ausência de marcadores temporais’ na seleção do *presente* contraposto ao *futuro sintético*



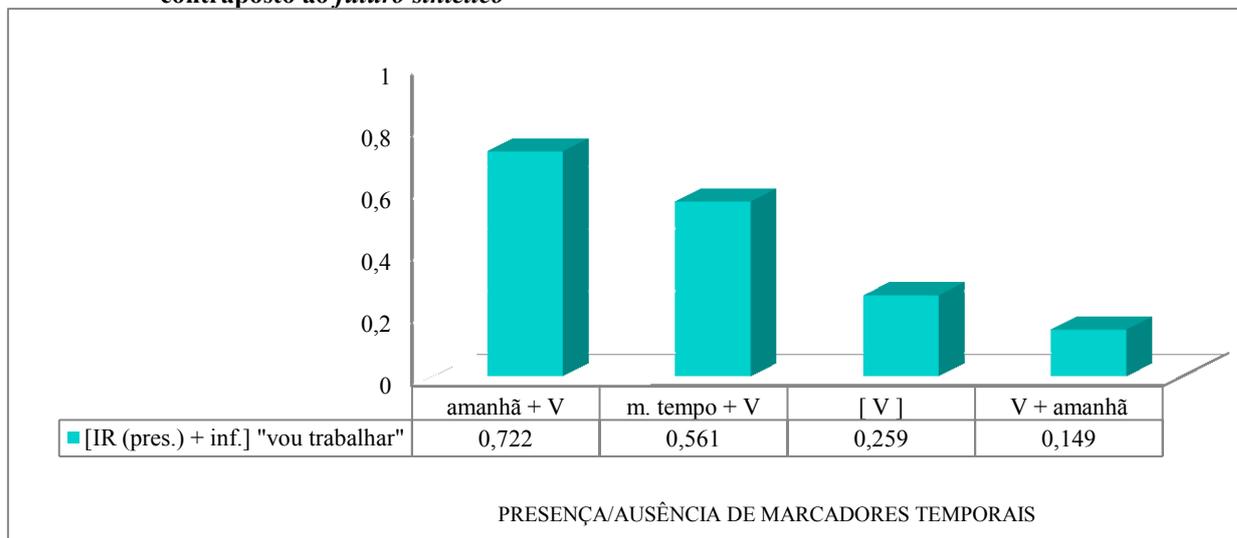
Como se pode verificar, a partir do *Gráfico 6*, a presença de um marcador temporal anteposto ao verbo favorece o uso do *presente* – peso relativo equivalente a 0,855 –, sobretudo em razão da necessidade de uma marca de futuro, já que a marcação morfológica do *presente* é nula – morfema zero.

Como se observa, tanto a ausência quanto a posposição de marcadores temporais em relação ao verbo – [V] e [V + amanhã] – desfavorecem o uso do *presente*. Porém, a realização de uso do *presente* com valor de futuro ocorre sem auxílio do marcador temporal — cuja marcação morfossintática de futuro é, pois, ausente — não é impossível, embora a probabilidade seja mínima – 0,124 de peso relativo. Admite-se, pois, que nesse contexto as ocorrências de *presente* são condicionadas pelo discurso, pelo contexto frasal e situacional, tendo em vista que o uso das marcações morfossintáticas ocorre na pergunta formulada: *O que você fará amanhã.*

Tal fato corrobora a ideia de que os níveis da língua não são autônomos, mas interdependentes e de que o sistema linguístico, em sua essência heterogêneo, é ordenado, cujos elementos que o constituem são mutuamente intercambiáveis.

Similarmente, no que tange à oscilação quanto ao comportamento morfossintático – forma analítica *versus* forma sintética canônica –, observou-se que a presença dos marcadores antepostos ao verbo favorece o uso do *futuro analítico*, como explicita o *Gráfico 7*, a seguir:

Gráfico 7 – Incidência do ‘Presença/ausência de marcadores temporais’ na seleção do *futuro analítico* contraposto ao *futuro sintético*



Comparando os resultados exibidos nos gráficos 6 e 7, pode-se perceber que ambas as variantes não padrão apresentam comportamento semelhantes quanto à presença/ausência de marcadores temporais. Ressalta-se, entretanto, que na rodada realizada com ambas as variantes, o grupo de fatores não foi selecionado pelo *Goldvarb*.

Em suma, os dados confirmam uma das hipóteses iniciais para a pesquisa: a de que as sentenças em que o *presente* é empregado como expressão de futuro recuperam a marcação temporal em elementos externos ao verbo, quer seja na estrutura frasal do locutor quer seja no discurso, a fim de que a noção de futuro seja atualizada e, por conseguinte, a comunicação se realize sem ambiguidades. Infere-se, pois, que a expressão de futuridade ou a marcação temporal, nesses casos, não se encontra no verbo, mas, em um elemento externo, o marcador temporal, que antecede o verbo.

4.1.3.1.3 ‘Extensão lexical dos verbos’

Partindo do pressuposto da economia linguística e da erosão fonológica, buscou-se observar a influência da extensão do verbo – número de sílabas – no que tange à seleção de dada forma verbal, aventando, assim, a hipótese de que, quanto maior a extensão do verbo, maior probabilidade de uso da perífrase – formas analíticas e formas sintético-analíticas.

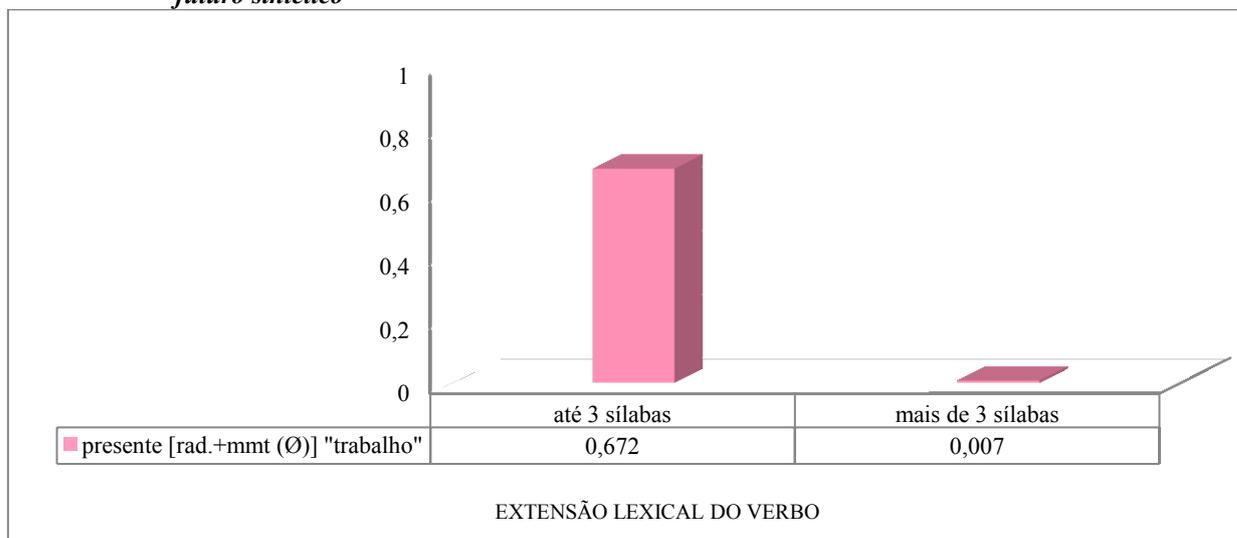
No que tange a essa variável independente, tinha-se, inicialmente, a hipótese de que quanto maior a extensão do verbo – medida em termos de quantidade de sílabas –, maior o uso das formas variantes em detrimento da forma canônica, haja vista que o uso da forma sintética de futuro implica o aumento de mais uma sílaba no verbo.

Ressalta-se que para esta pesquisa, optou-se por designar esse grupo de fatores de extensão lexical e não extensão fonológica, tendo como ponto de partida a forma canônica conjugada. Por exemplo: trabalhar: trabalharei = 4 sílabas; trabalho = 3 sílabas. Assim, para a quantificação, buscou-se opor os dados com base em dois principais blocos: i) até três sílabas; e ii) mais de três sílabas.

Este grupo de fatores apenas foi selecionado pelo *Goldvarb* na rodada binária que visa a observar a oscilação de uso das variantes quanto à categoria tempo/aspecto – “presente” *versus* “futuro sintético” e revelou-se sem relevância na rodada que visava à variação quanto ao comportamento morfossintático – “forma analítica” *versus* “forma sintética padrão”.

Observem-se, a seguir, os resultados concernentes ao *presente*.

Gráfico 8 – Incidência da variável ‘Extensão lexical do verbo’ na seleção do *presente* contraposto ao *futuro sintético*



Nota-se que, diferente do que se pressupunha, os resultados apontam para maior probabilidade de uso do *presente* em verbos com até 3 sílabas. Infere-se, porém, que isto tenha ocorrido em razão da frequente utilização do verbo pleno *ir* no *presente*.

Este fato requereu da pesquisa uma análise qualitativa mais detalhada, a ser apresentada *à posteriori*. Por ora, observem-se apenas algumas construções:

Amanhã a gente... sei ... amanhã eu **vou pra** praia, **vou pra** praia.
(QMS 043; João Pessoa. Inf. 2: mulher, faixa 1, nível fundamental)

Amanhã eu vô acordar cedo, **vou pra** academia, da academia, chego em casa, manhã eu vô dá, dá um banho no cachorro... depois eu vou almoçar, vou descansar que amanhã eu tenho que trabalhá.
(QMS 043; Goiânia. Inf. 1: homem, faixa 1, nível fundamental)

Domingo, acho que eu **vou pro** Porto da Rua
(QMS 043; Maceió. Inf. 5: homem, faixa 1, universitário)

Amanhã? Eu vou trabalhar de manhã, depois eu **vou pro** médico, que eu tenho médico marcado, depois eu vou vim aqui pra creche pra continuar trabalhando.
(QMS 043; Florianópolis. Inf. 6: mulher, faixa 1, universitário)

4.1.3.1.4 ‘Grau de regularidade verbal’

A análise dos verbos regulares e irregulares torna-se relevante, sobretudo, em razão do pressuposto de que verbos regulares mais propensos à mudança linguística, ou seja, que a mudança ocorre primeiro nos verbos regulares e, por conseguinte, se estendem aos verbos irregulares. Há, porém, controvérsias entre estudos anteriores.

No que tange à expressão de futuridade, especificamente em relação ao emprego do *futuro sintético* e suas variantes, a hipótese de que o processo em curso em direção ao uso da forma não padrão – o futuro perifrástico – se confirma em Oliveira (2006), no tocante aos dados das EFs – elocuições formais –, haja vista o peso relativo de .62 para a perífrase em verbos regulares e de .34 em verbos irregulares. O trabalho de Bragança (2008) revelou a influência desse grupo de fatores na escolha do futuro perifrástico, também comprovando ser o verbo regular o contexto mais favorável para o uso da do *futuro analítico*, conforme o índice de .65.

Admitindo o fato, e considerando a possibilidade de mudança em curso e obliteração da forma canônica – *futuro sintético* –, buscou-se averiguar se o processo de mudança obedece ao modelo correspondente a outros fenômenos. A observação deste grupo de fatores

parte, pois, do pressuposto de que a mudança linguística se dá, inicialmente, em verbos regulares para depois atingir os verbos irregulares.

Adota-se, neste trabalho, a hipótese de que as formas verbais não padrão que se constituem variantes do *futuro* e do *condicional*, quer seja no que tange à natureza morfossintática quer seja no que se refere ao tempo/aspecto, são mais comumente realizadas entre os verbos regulares.

A análise dos verbos regulares e irregulares tornou-se, pois, relevante à pesquisa, sobretudo, para confirmar ou refutar a hipótese de que, no que se refere ao *futuro sintético* e ao *condicional*, a mudança linguística ocorre em estágios diferentes.

No que tange aos resultados quanto à *expressão de futuridade iminente em relação ao momento da fala*, este grupo de fatores apenas foi selecionado na rodada que visa à observação da variação quanto ao comportamento morfossintático – “*futuro analítico*” versus “*futuro sintético*” – e na rodada entre as variantes não padrão – “*futuro analítico*” versus “*presente*”. Observem-se, a seguir, os gráficos 9 e 10 concernentes aos resultados obtidos em respectivas quantificações dos dados – “*futuro analítico*” versus “*futuro sintético*” e “*futuro analítico*” versus “*presente*”.

Gráfico 9 – Incidência da variável ‘Grau de regularidade verbal’ na seleção do *futuro analítico* contrastado ao *futuro sintético*

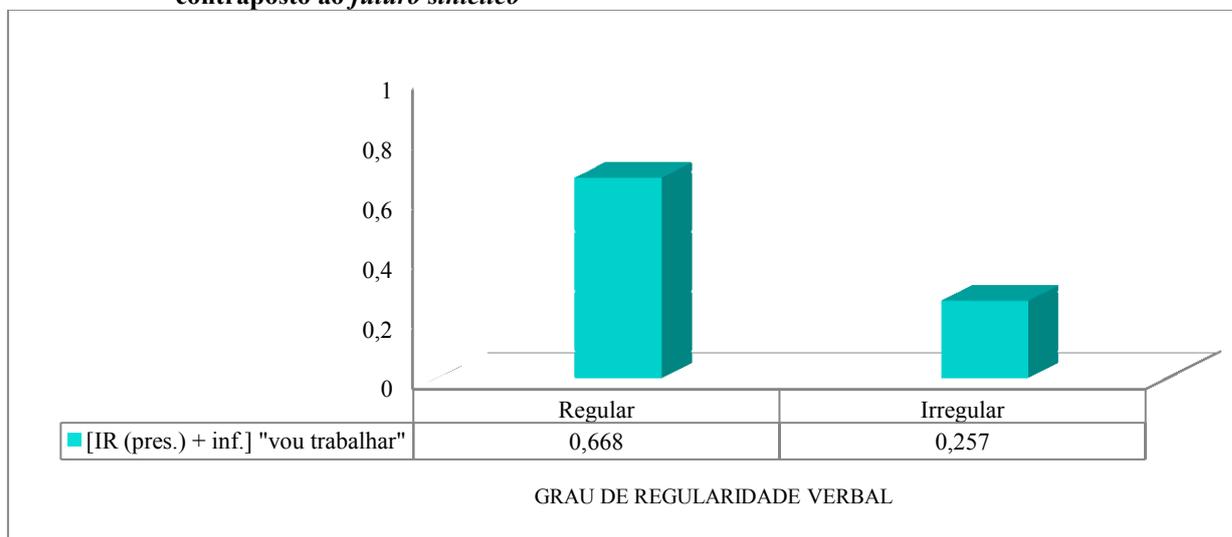
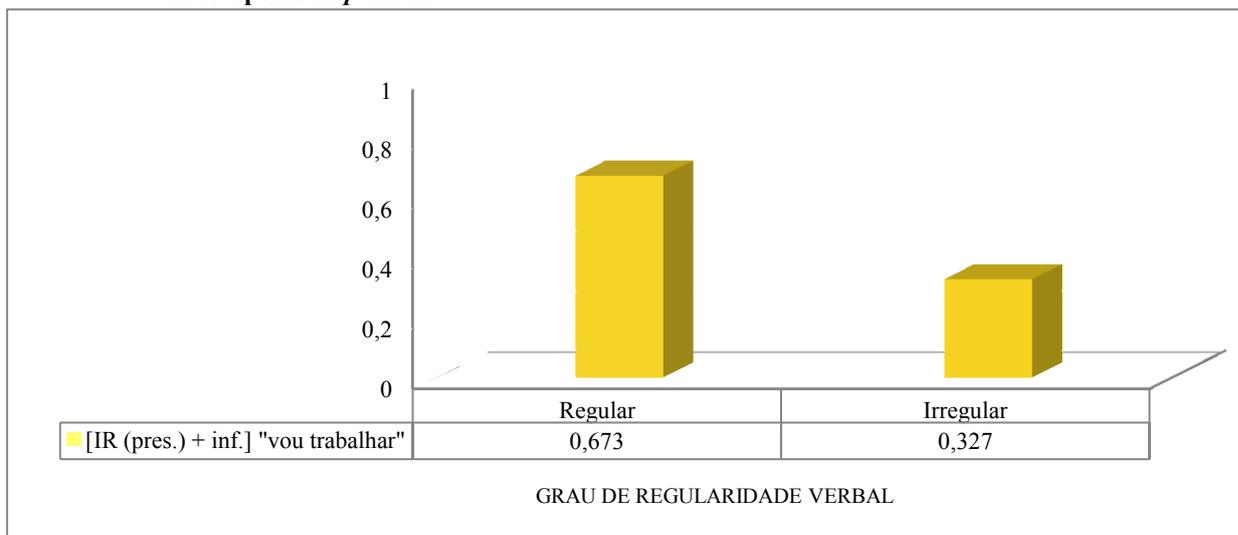


Gráfico 10 – Incidência da variável ‘Grau de regularidade verbal’ na seleção do *futuro analítico* contraposto ao *presente*



Como se observa no *Gráfico 9*, a hipótese inicial de que a probabilidade de realização da forma não padrão tende a ocorrer em verbos regulares se confirma nos dados, haja vista o peso relativo para *futuro analítico* ser de 0,67 em verbos regulares. No que tange os resultados obtidos com a rodada entre as variantes não padrão, o maior peso relativo – 0,668 – de *futuro analítico* se dá também, em verbos regulares.

O *Gráfico 10* mostra que o *presente* com valor de futuro, embora menos usado em relação ao *futuro analítico* já atinge mais aos verbos irregulares. Atribui-se o fato ao frequente uso do verbo pleno *ir*, no *presente* e do verbo *fazer*. Para constatar essa conjectura, foram realizadas rodadas-teste elidindo-os, como se verá mais adiante.

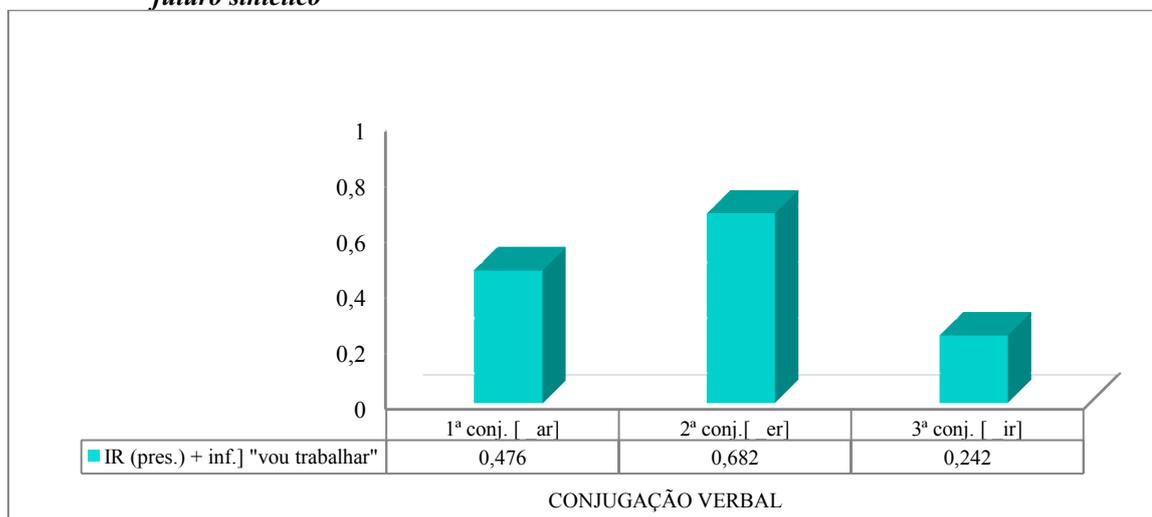
A segunda hipótese relacionada a esse grupo – de que a mudança linguística ocorre em estágios diferentes, no que se refere ao *futuro sintético* e ao *condicional* –, é, pois, também corroborada. Adiante, quando forem apresentados os resultados concernentes à *expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*, discutir-se-á mais detalhadamente acerca dos resultados ora apresentados, visando à comparação das análises.

4.1.3.1.5 ‘Conjugação verbal’

A conjugação verbal tem sido considerada, em diversos estudos linguísticos, um importante grupo de fatores a ser observado, sobretudo no que concerne à influência da saliência fônica para o estigma de determinadas formas em alguns fenômenos.

Nesta pesquisa, essa variável, foi selecionada pelo *software* nas rodadas binárias “*futuro analítico*” versus “*futuro sintético*” e “*futuro analítico*” versus “*presente*”. Observem-se, a seguir, os resultados concernentes à observação quanto ao comportamento morfossintático.

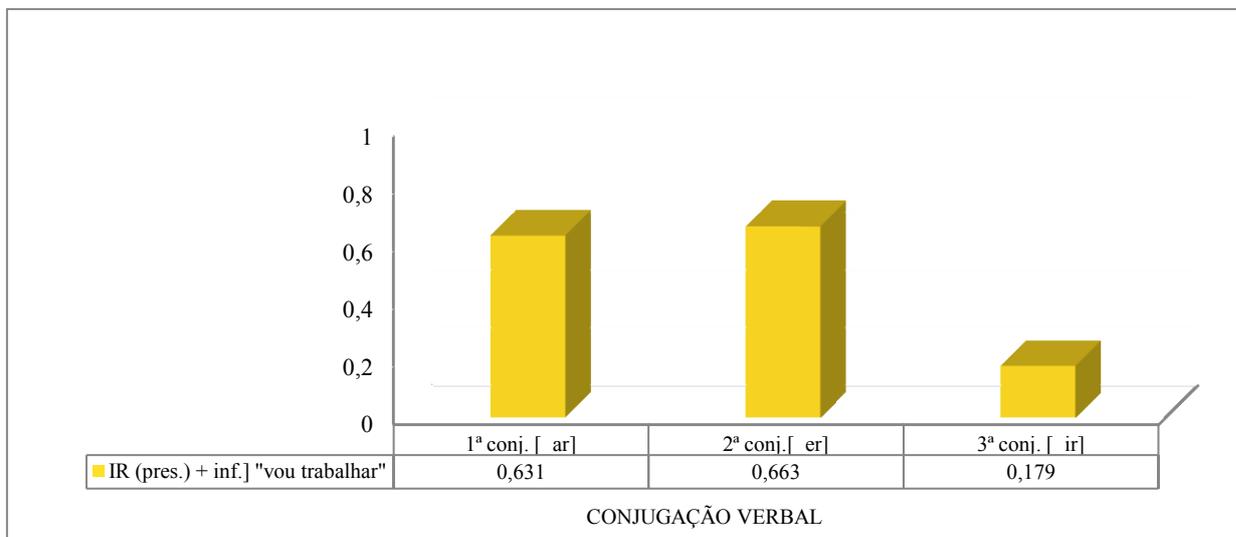
Gráfico 11 – Incidência da variável ‘Conjugação verbal’ na seleção do *futuro analítico* contraposto ao *futuro sintético*



No que tange à conjugação verbal, pois, verifica-se que somente a segunda conjugação [_er] favorece o uso do *futuro analítico*, com 0,68 de peso relativo.

Em contrapartida, os resultados da rodada entre as variantes não canônicas atestaram que as primeira e segunda conjugações – [_ar] e [_er] – favorecem o uso do *futuro analítico* quando contraposto ao *presente*, como mostra o *Gráfico 12*, a seguir:

Gráfico 12 – Incidência da variável ‘Conjugação verbal’ na seleção do *futuro analítico* contraposto ao *presente*



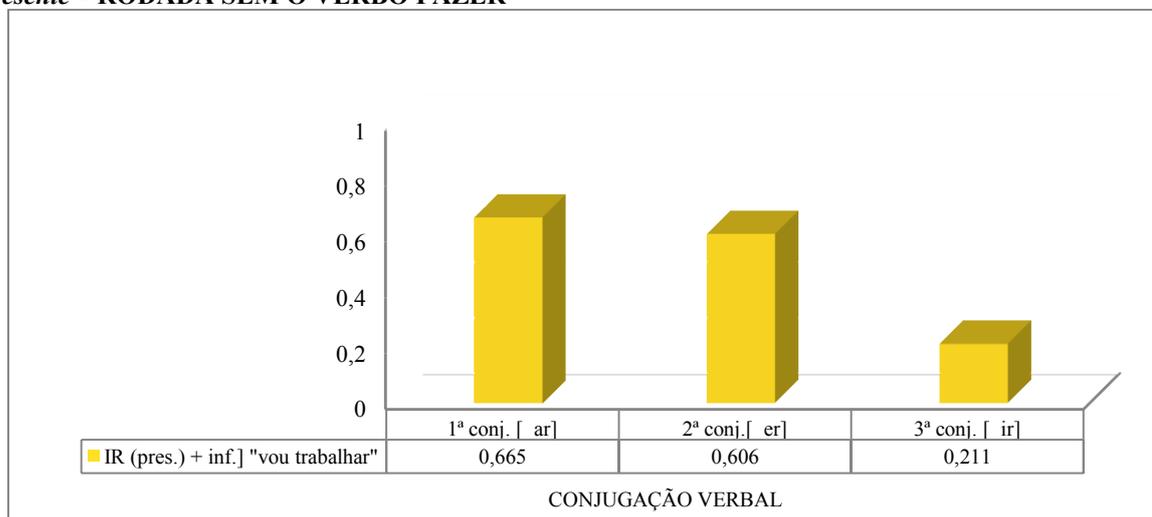
Partindo do pressuposto de que os resultados foram assim obtidos em função do uso do verbo “fazer” – o segundo mais usado em todo o *corpus*, com 65 ocorrências –, efetivaram-se rodadas-teste eliminando todas as possibilidades de realizações desse verbo. Observe-se, a seguir, um panorama comparativo – com “fazer” e sem “fazer”.

Quadro 23: Grupos selecionados nas rodadas COM FAZER e SEM FAZER

| Rodadas binárias / tipo | “ <i>futuro analítico</i> ” versus “ <i>futuro sintético</i> ” | | “ <i>presente</i> ” versus “ <i>futuro sintético</i> ” | | “ <i>futuro analítico</i> ” versus “ <i>presente</i> ” | |
|--|--|-----------|--|-----------|--|-----------|
| | Com fazer | Sem fazer | Com fazer | Sem fazer | Com fazer | Sem fazer |
| <i>Presença/ausência de marcadores temporais</i> | + | + | + | + | - | -- |
| <i>Extensão lexical dos verbos</i> | - | -- | + | -- | - | -- |
| <i>Grau de regularidade verbal</i> | + | -- | - | -- | + | + |
| <i>Conjugação verbal</i> | + | + | - | + | + | + |
| <i>Paralelismo discursivo</i> | + | + | + | + | + | + |
| <i>Ordem das sentenças</i> | - | -- | - | -- | - | -- |
| <i>Diatopia</i> | - | + | + | + | - | -- |
| <i>Faixa etária</i> | - | + | - | + | - | -- |
| <i>Gênero</i> | - | + | + | + | - | -- |
| <i>Escolaridade</i> | + | + | + | + | - | -- |

Como se observa, a variável ‘Conjugação verbal’ apenas foi selecionada pelo *Goldvarb* na rodada entre as variantes não canônicas. Observem-se os resultados:

Gráfico 13 – Incidência da variável ‘Conjugação verbal’ na seleção do *futuro analítico* contraposto ao *presente* – RODADA SEM O VERBO FAZER

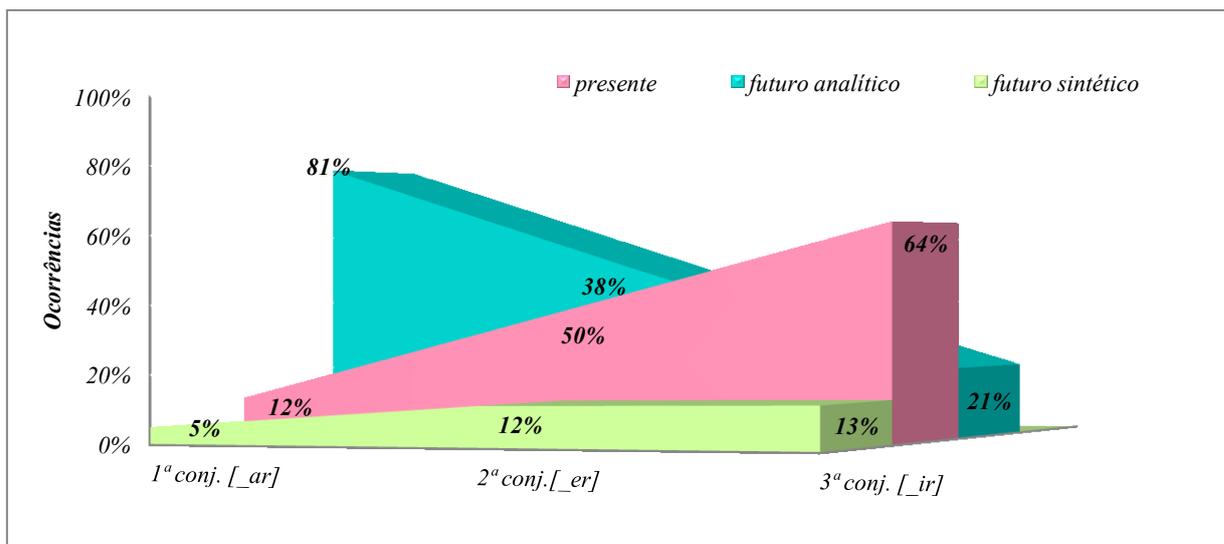


Como se verifica, mesmo sem o verbo “fazer”, as primeira e segunda conjugações são os contextos que mais favorecem o uso do *futuro analítico*, quando contraposto ao *presente*.

Entende-se, com base nos dados e na observação da lista de verbos mais usados – dentre os quais se destacam os verbos “trabalhar”, “fazer” e “ir” –, que a terceira conjugação desfavorece o uso da forma analítica tal como uma espécie de estratégia de esquiva, haja vista a realização de “vou ir”, em eventos de fala do português brasileiro, ser estigmatizada, embora seja comum, somente foi documentada em um inquérito. Esse fato também requereu da pesquisa um estudo mais detalhado, a ser apresentado *a posteriori*.

No que tange aos resultados das rodadas “*futuro analítico*” *versus* “futuro sintético” e “presente” *versus* “futuro sintético”, os resultados apontaram a não seleção dessa variável, *i. e.*, o *software* entendeu não ser um grupo de fatores relevante para a seleção de ambas as variantes não canônicas. Observem-se, entretanto, os resultados obtidos com a rodada univariada realizada com as três variantes.

Gráfico 14 – Distribuição dos resultados da rodada univariada quanto à conjugação verbal.



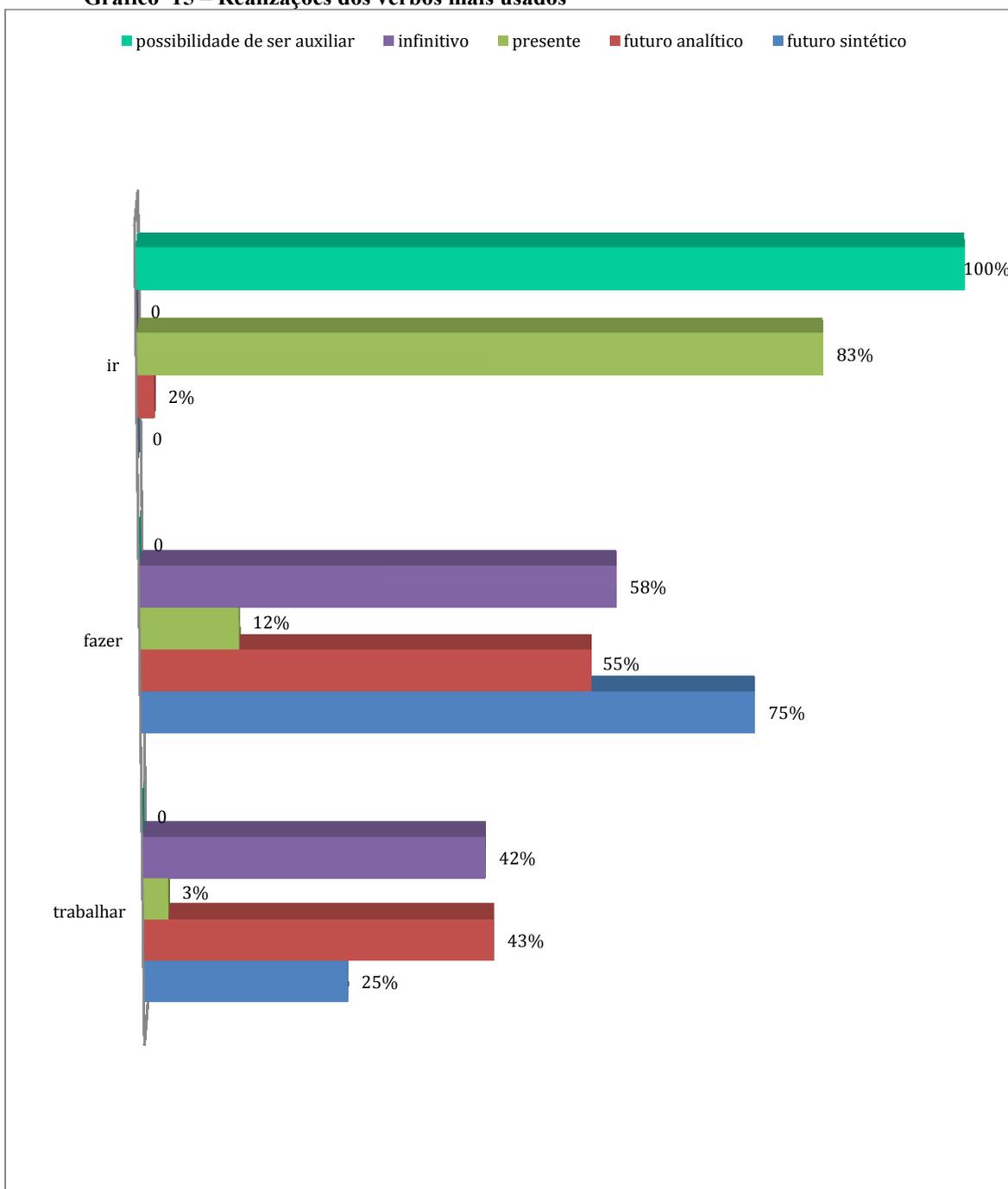
Como se observa, sem o verbo “fazer”, a primeira conjugação é o contexto em que o uso do *futuro analítico* é mais frequente. Em contrapartida, o *presente* é mais usado entre os verbos de terceira conjugação. Note-se que há uma inversão entre as variantes não canônicas, que pode ser justificada pelo fato de que poucos verbos da terceira conjugação foram documentados.

Como se verifica, o maior percentual de uso do *futuro sintético* refere-se à terceira conjugação.

Sabe-se que na língua portuguesa, os verbos da primeira conjugação [_ar] são os mais frequentes e os mais propensos à extensão. Por essa razão, partindo do pressuposto da economia linguística, a tendência ao emprego do *futuro analítico* é mais comum entre os verbos com vogal temática [-a].

Buscou-se listar todos os verbos empregados nas respostas dos informantes a fim de perceber o comportamento quanto aos usos, *i. e.*, quais tendem a ser usados na forma sintética canônica, na forma sintética não canônica, na forma analítica e na forma elíptica de marcação temporal. Foram documentados, pois, 85 verbos usados como expressão de futuridade. Observem-se os mais usados.

Gráfico 15 – Realizações dos verbos mais usados



Considerando o fato de que os verbos “trabalhar”, “fazer” e “ir” são os mais frequentes no *corpus* desta pesquisa, observou-se:

- i) O uso do verbo “fazer”, possivelmente, é condicionado pela pergunta.
- ii) Considerando a conjugação verbal, dos 12 verbos de primeira conjugação selecionados, somente o verbo “estar” é mais frequentemente usado no presente.
- iii) O uso do verbo “almoçar” é equivalente no que se refere às formas *presente* e *futuro analítico*.
- iv) Os verbos “trabalhar”, “descansar”, “ficar” e “botar” são mais frequentemente usados na forma analítica, cuja composição é verbo “ir” (auxiliar).
- v) Os verbos “estudar”, “lavar”, “levar”, “acordar”, “voltar” e “tomar” são mais frequentemente usados sem o auxiliar, sem marcação temporal explícita, ou seja, expressos pelo *infinitivo*.
- vi) As sentenças em que são encontrados expressam rotina e, geralmente, são acompanhados de outros verbos que podem ou não ter antes a forma analítica.
- vii) No que tange aos verbos de segunda conjugação, O verbo “fazer” é o mais usado, enfatizando, assim, a relevância do efeito gatilho para este trabalho.
- viii) Os verbos “ver”, “beber” e “saber” são mais frequentemente usados com a forma analítica. Os verbos “atender”, “varrer” e “resolver” são mais frequentemente usados como infinitivo. Os verbos “querer” e “ter” são únicos usados como auxiliar.
- ix) No tocante aos verbos da terceira conjugação, evidencia-se a proeminência de uso do verbo “ir”, tanto como verbo pleno quanto como verbo auxiliar, tanto no presente como no futuro. O verbo “vir” é usado com mais frequência no presente.

4.1.3.1.6 ‘Diatopia’

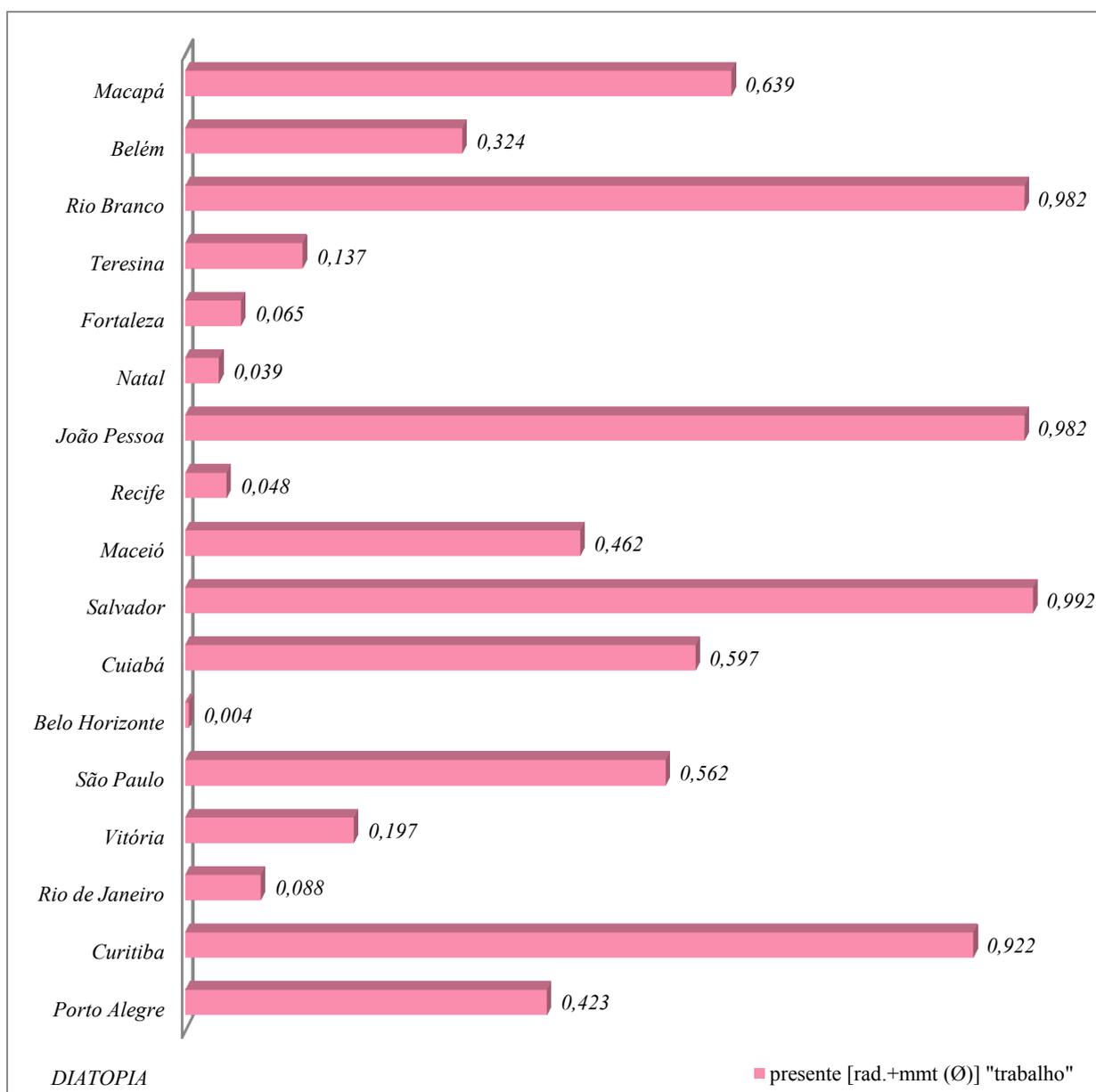
Alguns estudiosos afirmam que com o advento da Sociolinguística, a Dialectologia tenha se tornado obsoleta. Esse fato não parece ser verídico tendo em vista a necessidade que se tem, e se mantém, de descrever os fenômenos linguísticos a fim de que se possa conhecer a realidade dialetal brasileira.

Não há como ignorar a nítida diversidade geográfica em relação aos níveis da língua, sendo o Brasil formado e marcado pela diversidade sociocultural justificável por seu processo histórico. Diante disso, buscou-se analisar a frequência de uso das formas verbais em 25 capitais brasileiras, conforme a metodologia adotada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB.

É importante destacar que apenas na rodada concernente à variação quanto à categoria de tempo/aspecto – “presente” versus “futuro sintético” – este grupo de fatores foi selecionado pelo *Goldvarb*. Não obstante esse fato, serão apresentados todos resultados – em peso relativo, quando possível e em percentuais – em razão da importância da variável diatópica para este trabalho.

Na rodada “presente” versus “futuro”, o programa acusou a não-realização de *futuro sintético* em Aracaju, São Luis, Goiânia, Manaus, Boa Vista, Porto Velho e Florianópolis e de *presente* em Campo Grande. A fim de extinguir os *knockouts* gerados em função da não realização de uma das variantes, as capitais supracitadas foram excluídas da rodada. Observem-se os resultados.

Gráfico 16 – Incidência da variável ‘Diatopia’ na seleção do *presente* contraposto ao *futuro sintético*



Como se pode observar no *Gráfico 16*, as capitais Salvador, João Pessoa, Rio Branco e Curitiba apresentam os maiores pesos relativos de *presente*. Em contrapartida, Belo Horizonte é a capital em que a forma *presente* é menos favorecida.

Embora a variável ‘Diatopia’ não tenha sido selecionada pelo programa nas demais rodadas binárias, considerando a sua importância para esta pesquisa, tornou-se relevante estabelecer um panorama das formas verbais. Observem-se, a seguir, os percentuais obtidos com a rodada geral, com todas as variantes e todas as capitais.

Quadro 24 – Distribuição diatópica das variantes documentadas que expressam *futuridade iminente em relação ao momento da fala*

| | | <i>Futuro sintético</i> | <i>Presente</i> | <i>Futuro sintético-analítico</i> | <i>Futuro analítico</i> | <i>Infinitivo</i> |
|-----------------|-----------------------|-------------------------|-----------------|-----------------------------------|-------------------------|-------------------|
| NORTE | <i>Macapá</i> | -- | 33% | -- | 66% | -- |
| | <i>Boa Vista</i> | -- | 6% | -- | 6% | 86% |
| | <i>Manaus</i> | -- | 20% | -- | 70% | 10% |
| | <i>Belém</i> | 9% | 36% | -- | 22% | 31% |
| | <i>Rio Branco</i> | 5% | 5% | -- | 5% | 83% |
| | <i>Porto Velho</i> | -- | 17% | -- | 39% | 43% |
| NORDESTE | <i>São Luís</i> | -- | 45% | -- | 45% | 10% |
| | <i>Teresina</i> | 16% | 16% | -- | 50% | 16% |
| | <i>Fortaleza</i> | 27% | 18% | -- | 27% | 27% |
| | <i>Natal</i> | 27% | 18% | -- | 45% | 9% |
| | <i>João Pessoa</i> | 8% | 17% | -- | 26% | 47% |
| | <i>Recife</i> | 11% | 11% | -- | 66% | 11% |
| | <i>Maceió</i> | 5% | 11% | -- | 41% | 41% |
| | <i>Aracaju</i> | -- | 15% | -- | 47% | 36% |
| <i>Salvador</i> | 4% | 20% | -- | 60% | 16% | |
| CENTRO-OESTE | <i>Cuiabá</i> | 9% | 27% | -- | 54% | 9% |
| | <i>Campo Grande</i> | -- | -- | 6% | 60% | 33% |
| | <i>Goiânia</i> | -- | 41% | -- | 54% | 4% |
| SUDESTE | <i>Belo Horizonte</i> | 10% | 10% | -- | 42% | 36% |
| | <i>São Paulo</i> | -- | 12% | 6% | 56% | 25% |
| | <i>Vitória</i> | 11% | 16% | -- | 11% | 61% |
| | <i>Rio de Janeiro</i> | 4% | 8% | -- | 30% | 56% |
| SUL | <i>Curitiba</i> | 9% | 54% | -- | 36% | -- |
| | <i>Florianópolis</i> | -- | 60% | -- | 30% | 8% |
| | <i>Porto Alegre</i> | 7% | 7% | -- | 71% | 14% |

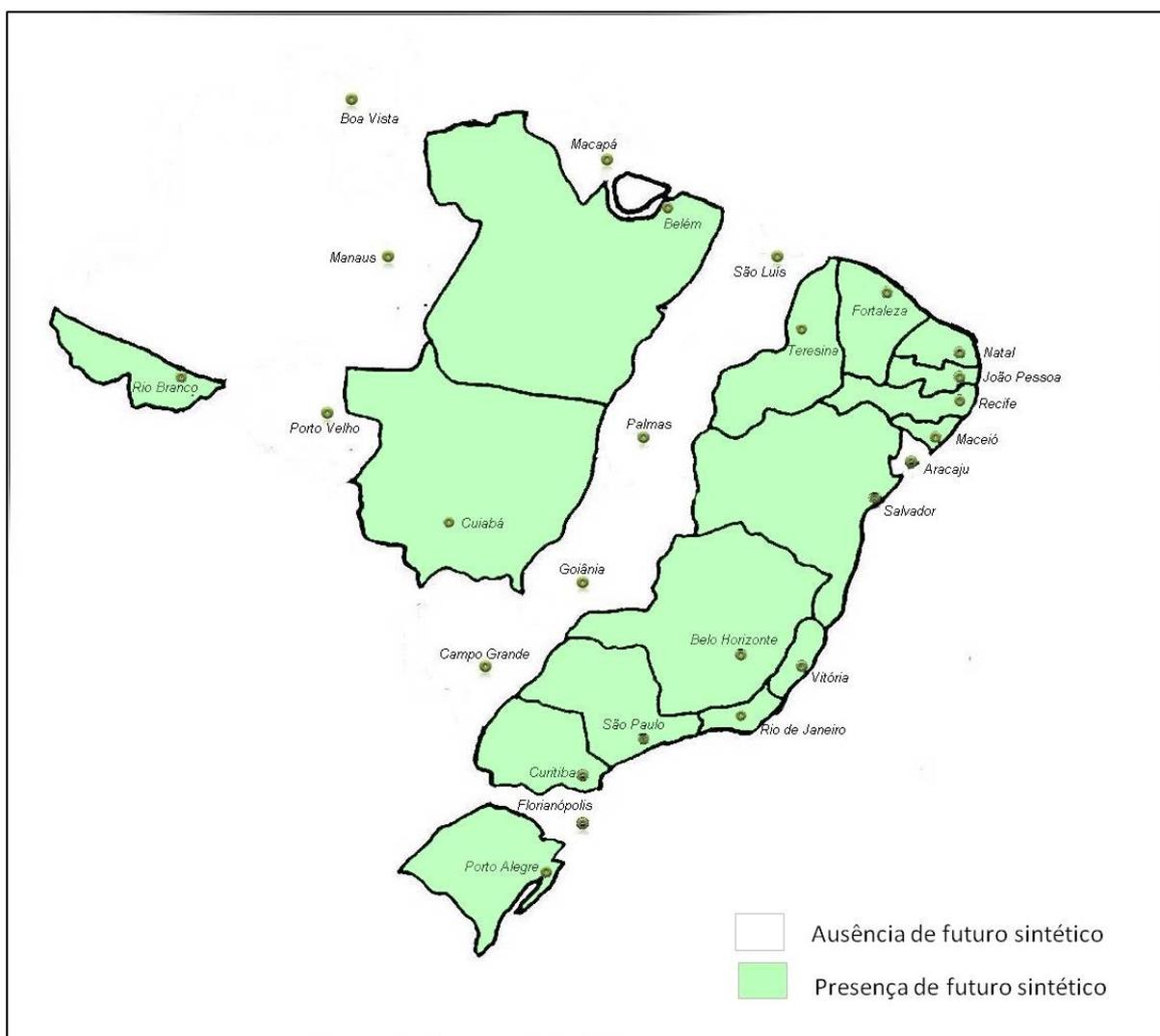
Legenda

| | |
|----|-----------------------------------|
| % | Forma verbal majoritária [> 50%] |
| % | Forma verbal mais usada [< 50%] |
| % | Segunda forma verbal mais usada |
| % | Formas menos usadas |
| -- | Não realização da forma verbal |

Diante do que fora apresentado, algumas considerações podem ser engendradas:

- i) Não há registro de uso do *futuro sintético* em nove das 25 capitais analisadas: *Macapá*, *Boa Vista*, *Manaus*, *Porto Velho*, *Aracaju*, *São Luís*, *Goiânia*, *Campo Grande* e *Florianópolis*. Documenta-se como segunda forma mais usada em apenas quatro capitais – *Rio Branco*, *Teresina*, *Natal* e *Recife*. Em outras 10 localidades em que ocorre, registram-se percentuais menores ou equivalentes a 11%. Observe-se, a seguir, a distribuição diatópica da presença/ausência do *futuro sintético*.

FIGURA 1: BRASIL SEM FUTURO SINTÉTICO – distribuição diatópica da presença/ausência do *futuro sintético*⁷



- ii) O uso do *futuro analítico* foi documentado em todas as 25 capitais. Realiza-se com mais frequência em 16 capitais, das quais em 10 é majoritária, ou seja, em que se apresentam percentuais acima de 50%, a saber: *Macapá, Manaus, Teresina, Recife, Salvador, Cuiabá, Campo Grande, Goiânia, Belo Horizonte, São Paulo e Porto Alegre*. Configura-se como a segunda forma mais usada em sete capitais – *Boa Vista, Rio Branco, Porto Velho, João Pessoa, Rio de Janeiro, Curitiba e Florianópolis*. E

⁷ É válido salientar que os mapas foram assim confeccionados para uma melhor visibilidade dos resultados que concernem, estritamente, às capitais e não a todo o estado. Uma investigação que incluía também outras localidades de cada estado poderá confirmar o que ora se apresenta, além de evidenciar possíveis diferenças entre capitais e cidades interioranas.

apenas em *Belém* e *Vitória* se registram os menores percentuais em relação às demais variantes – 22% e 11%, respectivamente.

- iii) O uso da forma *presente* com valor de futuro somente não foi documentado em Campo Grande. Seu uso é mais frequente do que o *futuro analítico* em *Curitiba*, *Florianópolis*, *Belém* e *Vitória*. Registra-se como a segunda forma mais usada em 12 capitais: *Macapá*, *Boa Vista*, *Manaus*, *Rio Branco*, *Teresina*, *Fortaleza*, *Recife*, *Maceió*, *Salvador*, *Cuiabá* e *Vitória*. O uso de ambas as variantes são equiparados em *São Luís*.
- iv) *Curitiba* e *Florianópolis* se revelam próximas e se destacam, dado que, em ambas, o uso do *presente* é majoritário – 54% e 60%, respectivamente – em relação às demais variantes, sobretudo o *futuro analítico* que se configura a segunda forma mais usada.
- v) Há equivalência de percentuais: a) de *presente* e *futuro analítico* em *Boa Vista* e *São Luís*; e b) de *futuro analítico* e *infinitivo* em *Maceió* – 41%. *Rio Branco* apresenta o mesmo percentual a 5% para as variantes *futuro sintético*, *futuro analítico* e *presente*. Os percentuais de *presente*, *futuro sintético* e *infinitivo* se apresentam equivalentes em *Teresina* e *Recife* – 16% e 11%, respectivamente. Em *Fortaleza*, os percentuais de *futuro analítico* e *infinitivo* se equiparam ao *futuro sintético* – 27%. Observe-se, a seguir:

A posteriori, os resultados concernentes à expressão de *futuro iminente* e de *futuro hipotético condicionado* nas capitais serão confrontados.

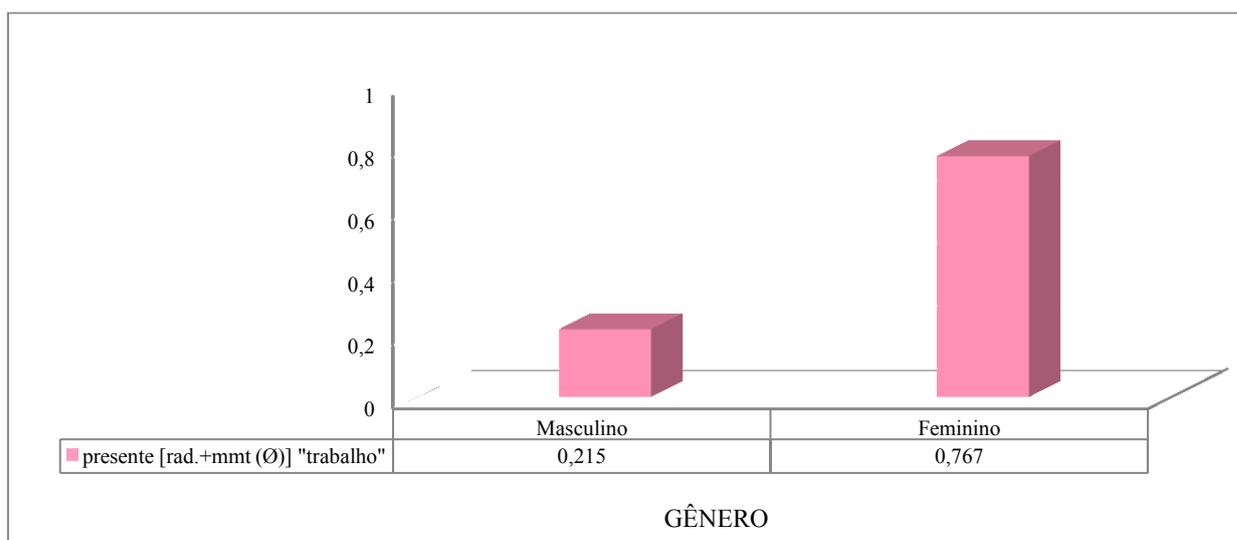
4.1.3.1.7 ‘Gênero’

A importância da observação da variável ‘Gênero’ deve-se ao fato de que homens e mulheres se diferenciam por apresentarem além de características biológicas distintas, características socioculturais também distintas, as quais podem incidir na seleção de dada forma linguística em eventos de fala.

Por admitir que a possível distinção entre homens e mulheres quanto ao emprego das formas verbais que expressam futuridade, não é biológica, mas cultural, optou-se por utilizar a nomenclatura gênero para essa variável e não sexo, embora essa seja ainda uma discussão entre os pesquisadores.

Esta variável apenas foi selecionada pelo Goldvarb na rodada que visa a observar o comportamento das formas verbais quanto à categoria tempo/aspecto – “presente” *versus* “futuro sintético”. Observem-se os resultados.

Gráfico 17 – Incidência da variável ‘Gênero’ na seleção do *presente* contraposto ao *futuro sintético*



É válido ressaltar que quanto ao gênero, tem-se afirmado em estudos sociolinguísticos que as mulheres tendem utilizar a forma mais conservadora, ou seja, a empregar a forma canônica. Não se trata, porém, de uma generalização, haja vista que nesta análise, o maior peso relativo 0,76 refere-se ao uso entre mulheres, como se observa no gráfico acima.

4.1.3.1.8 'Escolaridade'

Os estudos que consideram o fator escolaridade podem evidenciar a distinção entre a forma empregada pelos escolarizados e não escolarizados. Com o Projeto NUrC – Norma Unrbana Culta – porém, foram observados fatos linguísticos em que as formas não padrão são empregadas por universitários de cinco capitais brasileiras. Com isso, pode-se inferir que, a depender do fenômeno em questão, dada forma pode ser alvo de estigma social e, por conseguinte, menos ou não empregada na fala dos escolarizados, pressupondo admitirem o estereótipo por ela causado.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, com base na metodologia adotada pelo Projeto ALiB averiguou-se a escolaridade em dois níveis: fundamental e universitário. Na quantificação dos dados, essa variável foi selecionada pelo *software* em duas rodadas – “*futuro analítico*” versus “*futuro sintético*” e “*presente*” versus “*futuro sintético*”

Os resultados de ambas as rodadas apontaram o fator nível fundamental como favorecedor do uso da variante *futuro analítico*, como se pode verificar nos gráficos 18 e 19, a seguir:

Gráfico 18 – Incidência da variável 'Escolaridade' na seleção do *futuro analítico* contraposto ao *futuro sintético*

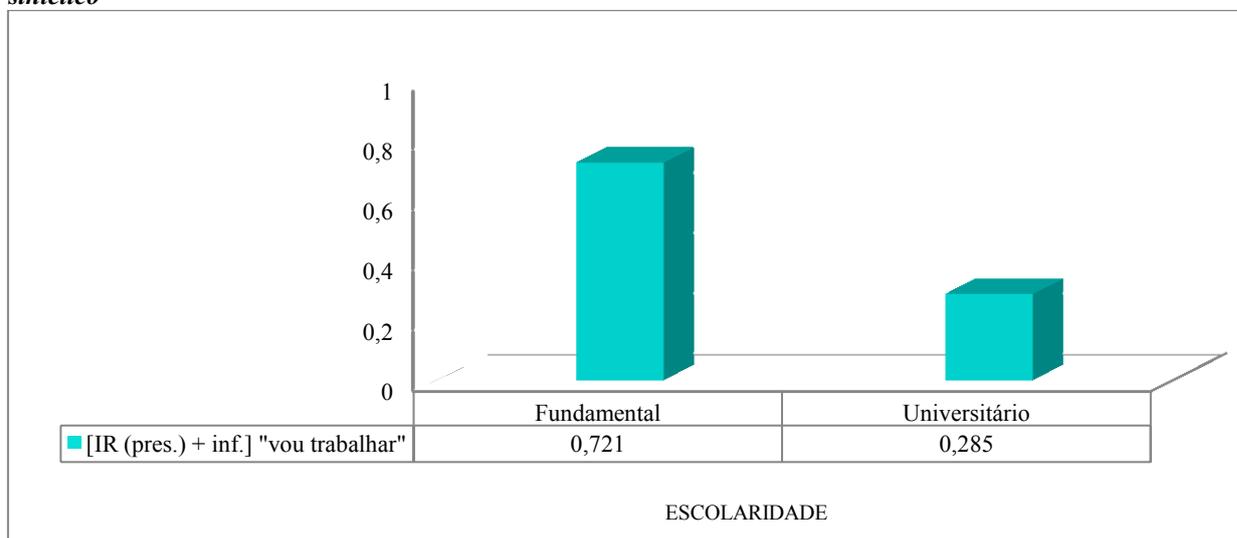
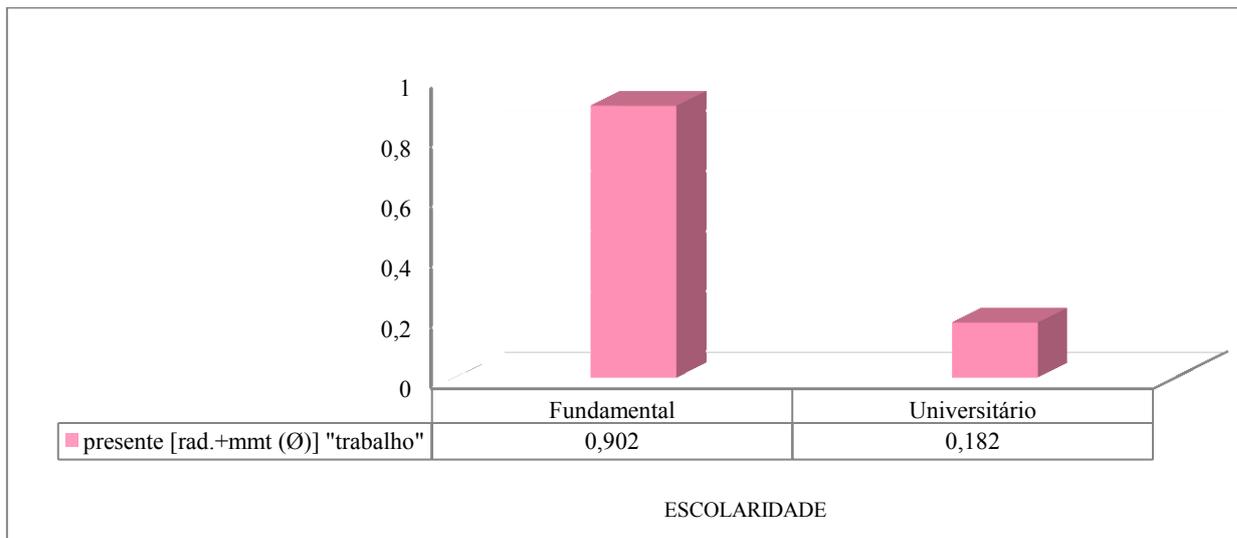


Gráfico 19 – Incidência da variável ‘Escolaridade’ na seleção do *presente* contraposto ao *futuro sintético*

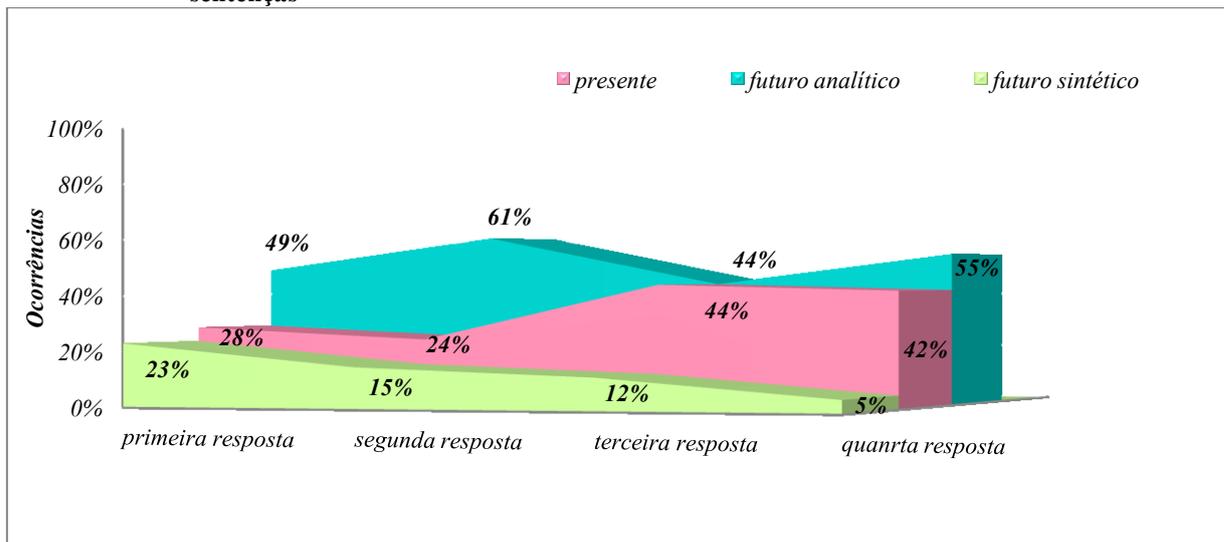


Como se observa, ambos os resultados explicitados nos gráficos supracitados apresentam expressivo favorecimento da variável não padrão em detrimento do uso da forma canônica entre os informantes menos escolarizados que não concluíram o Ensino Fundamental ou básico.

É válido ressaltar que esse fato confirma a hipótese inicial no tocante a essa variável. Importa, pois, à pesquisa investigar contextos que viabilizam o uso das variantes entre os informantes. Considerando a hipótese de que o efeito gatilho tende a incidir na seleção de dada forma e que o monitoramento da fala e de alguns usos é mais expressivo entre os indivíduos com maior nível de escolaridade, buscou-se averiguar a interação entre ‘Escolaridade’ e ‘Ordem das sentenças’ a partir do cruzamento dessas variáveis realizado através da ferramenta *cross tabulation* do *Goldvarb*.

Observem-se, a seguir, os resultados concernentes ao uso das variantes entre os universitários:

Gráfico 20 – Distribuição dos resultados do cruzamento das variáveis ‘Esolaridade’ e ‘Ordem das sentenças’



Como se percebe, a forma canônica *futuro sintético* é mais usada como primeira resposta, havendo um declive da frequência de uso ao decorrer do enunciado. Evidencia-se, pois, que a pergunta feita pelo inquiridor tendo sido realizada com a forma canônica propicia/estimula o uso da mesma na resposta do informante, haja vista o maior percentual apresentado referir-se especificamente à obtenção do item como primeira resposta.

Em contrapartida, nota-se que a frequência de uso do *presente* eleva-se nos dois últimos contextos – emprego como terceira e quarta respostas. No que tange ao uso do *futuro analítico*, percebe-se que embora haja níveis de instabilidade, vê-se que os percentuais são altos em relação às demais variantes, em todos os contextos analisados, exceto no fator ‘terceira resposta’ em que há equivalência do percentual – 44% – com o *presente*.

4.1.3.2 *Os contextos favorecedores da oscilação de uso das formas verbais que expressam futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*

A análise dos dados das formas verbais documentadas nas respostas dos informantes à pergunta “O que você faria se ganhasse na loteria?” foi realizada de maneira similar à análise das construções que expressam futuro próximo.

Apresentam-se, aqui, os resultados de cada uma das três rodadas binárias realizadas – “imperfeito” *versus* “condicional sintético”, “condicional analítico” *versus* “condicional sintético” e “imperfeito” *versus* “condicional analítico” – em função de cada um dos grupos de fatores selecionados pelo *software*. É válido ressaltar que, na rodada entre as variantes não padrão, adotou-se o valor de aplicação a variante mais utilizada, nesse caso, o *imperfeito*.

As rodadas binárias concernentes à oscilação de uso das formas verbais que expressam *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior* se revelaram díspares quanto à seleção dos grupos de fatores pelo *Goldvarb*, na análise quantitativa dos dados. Nesse paradigma, o ‘Paralelismo discursivo’ se destaca como a única variável selecionada em todas as três rodadas concernentes à *expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*.

Ressalta-se, ainda, conforme observação do *Quadro 22 – cf. p. 127 –*, que nenhuma das rodadas *software* selecionou as variáveis: ‘Extensão lexical dos verbos’, ‘Ordem das sentenças’, e a ‘Faixa etária’. Os demais grupos de fatores, em contrapartida, foram selecionados em ao menos uma das rodadas.

Assim, conforme se pode depreender quanto à relevância dos grupos de fatores selecionados pelo *Goldvarb* como os mais incisivos contextos favorecedores da variação em estudo, buscou-se apresentar os resultados obtidos, na seguinte ordem: i) ‘Paralelismo discursivo’; ii) variáveis sociais ‘Gênero’ e ‘Escolaridade’; iii) a ‘Diatopia’; e iv) as variáveis linguístico-estruturais ‘Presença/ausência de elemento condicionante *se*’, ‘Paradigma verbal quanto à regularidade’ e ‘Conjugação verbal’. Os grupos de fatores excluídos pelo *software* na quantificação dos dados serão apresentados *à posteriori*.

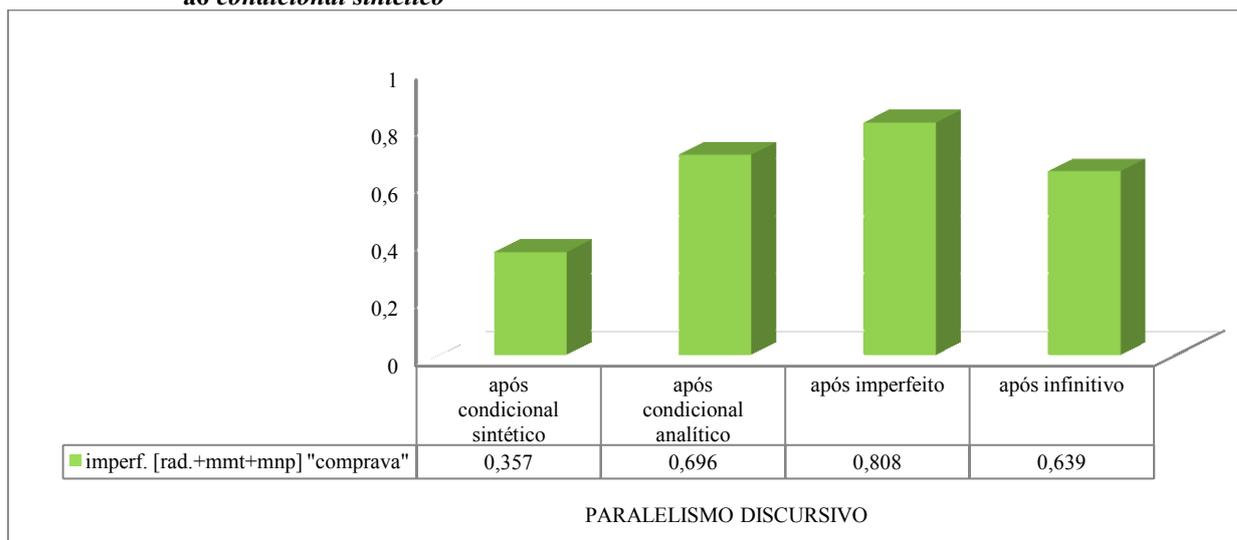
4.1.3.2.1 ‘Paralelismo discursivo’

Única variável independente selecionada pelo *Goldvarb* em todas as rodadas binárias, o ‘Paralelismo discursivo’ se revelou o grupo de fatores mais relevante para o desenvolvimento da pesquisa. Considerando a ordem de seleção dos grupos de fatores, observou-se que, somente na rodada entre as variantes não canônicas, foi o terceiro grupo de fatores a ser selecionado, já que nas demais se destacou como o primeiro e portanto o mais relevante. Assim, os resultados corroboraram a sua importância para o desenvolvimento da pesquisa.

Buscou-se analisar como as formas verbais aparecem em cadeia frasal e a tendência à repetição da variante empregada na construção do período, com base em três contextos distintos: i) ‘após *condicional sintético*’; ii) ‘após *condicional analítico*’; e iii) ‘após *imperfeito*’ e iv) após forma elíptica de marcação temporal expressa pelo *infinitivo*.

No tocante à rodada “imperfeito” *versus* “condicional sintético”, pode-se observar que o maior peso relativo se refere ao contexto “uso do *imperfeito* subsequente ao uso do *imperfeito*” – 0,811. Em contrapartida, o menor peso relativo é o concernente ao condicional sintético – 0,36 – como mostra o *Gráfico 21*.

Gráfico 21 – Incidência da variável ‘Paralelismo discursivo’ na seleção de uso do *imperfeito* contraposto ao *condicional sintético*

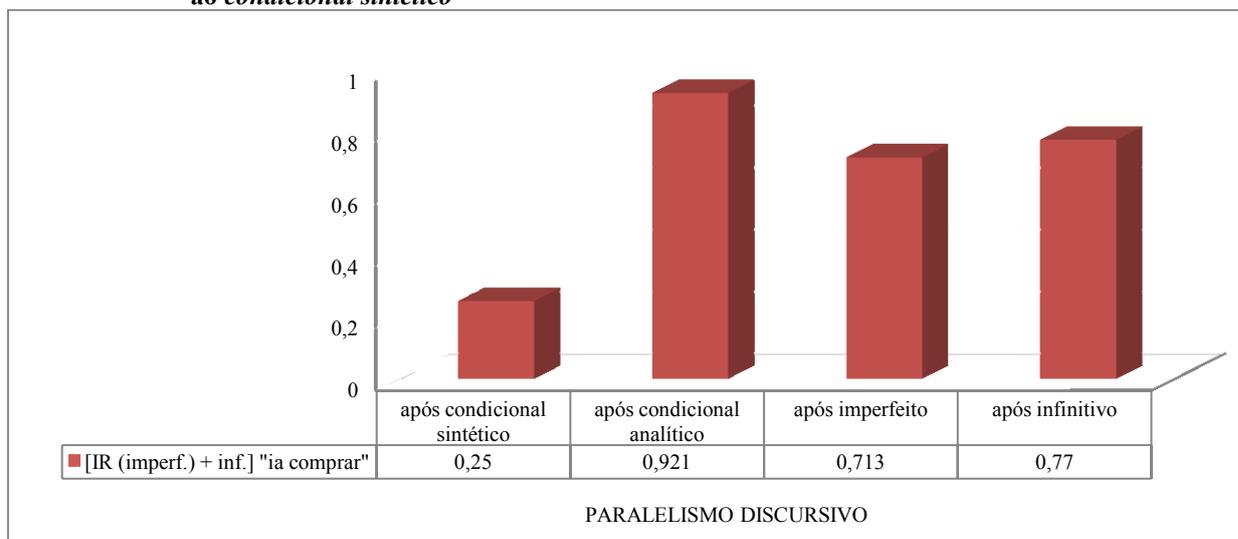


Como se pode perceber, apenas o contexto ‘após *condicional sintético*’ desfavorece o uso do *imperfeito*. Note-se, contudo, que é o contexto mais favorecedor é a realização em

cadeia – imperfeito após imperfeito – haja vista o alto peso relativo apresentado – 0,808. Os pesos relativos dos demais contextos favorecedores – ‘após condicional analítico’ e ‘após forma elíptica de marcação temporal expressa pelo *infinitivo*’ – são muito próximos – 0,696 e 0,639, respectivamente.

Observem-se, a seguir, os resultados da rodada “condicional analítico” *versus* “condicional sintético”.

Gráfico 22 - Incidência do ‘Paralelismo discursivo’ na seleção de uso do *condicional analítico* contraposto ao *condicional sintético*

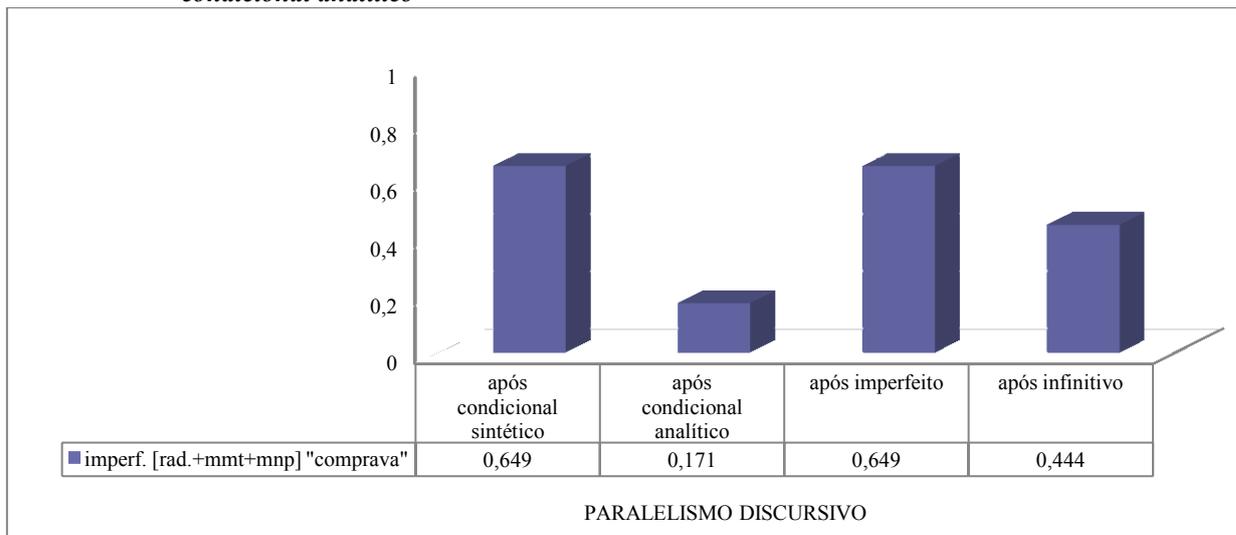


Com base no que expõe o *Gráfico 22*, atestou-se, que a realização em cadeia – *condicional analítico* após *condicional analítico* – se revela o contexto favorecedor proeminente. Em contrapartida, a realização do *condicional analítico* somente é não favorecida quando ocorre subsequente ao uso da forma canônica – *condicional sintético*.

Comparando ambos os resultados explicitados nos gráficos 21 e 22 pode-se atestar que a realização em cadeia é o contexto que mais favorece o uso da variante em análise quando contraposta à forma sintética padrão.

Similarmente ao que fora realizado na análise quantitativa das formas verbais que expressam *futuridade iminente em relação ao momento da fala*, tornou-se, aqui, relevante verificar o comportamento das variantes não canônicas quanto ao paralelismo discursivo, confrontando-as. Observem-se os resultados:

Gráfico 23 – Incidência da variável ‘Paralelismo discursivo’ no uso do *imperfeto* contraposto ao *condicional analítico*



Como se percebe, nessa rodada, os contextos ‘após *condicional sintético*’ e ‘após *imperfeto*’ apresentam pesos relativos equivalentes – 0,649 –, *i. e.*, entre ambos os contextos não há distinção quanto ao nível de favorecimento. Nas anteriores, porém, a realização em cadeia é o contexto que mais favorece o uso da variante empregada.

Observem-se alguns excertos:

INF. – Acho que muita coisa, acho que primeiro **ajudaria** meus irmãos, **daria** uma casa pra cada. **Acabaria de construir** a casa, lá em casa que tá, assim, na maió Hum ... **comprava** um carro, porque, com certeza, **ia ajudá** muito e **tentaria resolvê** alguma coisa na área de minino de rua, que é uma área que eu gosto

(QMS 044. Aracaju. Informante 6 – mulher, faixa 1, universitária)

INF. – [...] Eu **colocava** no banco e **ia pensá**. [...] Se eu fosse comprar alguma coisa, eu **comprava** alguma coisa produtiva. [...] É... eu **ia destiná** uma parte pra lazer, pra viagem, né, pra **modificá** alguma coisa, **reformá** alguma coisa e **comprá** alguma coisa que dese produção. Nunca **aplicá** em ação, nada isso aí é... e **aplicá** em imóvel, por exmplo.

(QMS 044. Goiânia, Informante 7 – homem, faixa 2, universitário)

INF. – **Ia comprar** uns imóveis pros meus filhos, **doar** umas coisas pros meus pais , pro meu sogro, meus irmãos oh, **fazia** né... **Distribuía** um pouquinho pra família [...]

(QMS 044. São Luis, Informante 7 – homem, faixa 2, universitário)

Legenda

| | |
|--|--|
| | <i>Condicional sintético</i> |
| | <i>Condicional analítico</i> |
| | <i>Imperfeto</i> |
| | <i>Infinitivo</i> |
| | <i>Condicional sintético-analítico</i> |

No primeiro fragmento selecionado, o informante inicia o enunciado utilizando a forma canônica – “ajudaria” e “daria”. Em seguida, alterna o tipo de construção – de sintética para sintético-analítica – “acabaria de construir” – mas mantém a categoria de tempo/aspecto – *condicional*. Depois, emprega o *imperfeito*, modificando tanto o tipo de construção – de sintético analítica para sintética não padrão – quanto a categoria tempo/aspecto – de *condicional* para *imperfeito*. Na continuação, usa o *condicional analítico* – “ia ajudá” e novamente torna a empregar o *condicional sintético-analítico* – “tentaria resolver”.

Observando o segundo excerto, atesta-se que, no que tange ao emprego do *imperfeito* e do *condicional analítico*, o informante alterna o tipo de construção, amiúde, mantendo, entretanto, a categoria de tempo/aspecto. É válido ressaltar que o fato de o inquiridor, empregar o condicional sintético não inviabiliza o uso da forma sintética não padrão⁸ – *imperfeito* – no início da resposta do informante, que, logo em seguida, usa a forma analítica – “ia pensá”. Depois torna a usar o *imperfeito* – “comprava” e muda novamente para o *condicional analítico* – “ia destiná”. Por fim, sucede ao encadeamento da forma elíptica expressa pelo *infinitivo* – “modificá”, “reformá”, “comprá” e “aplicá”.

Nota-se nos segundo e terceiro excertos, que o *infinitivo* somente ocorre após o uso *condicional analítico*, reforçando, assim, o pressuposto de que se trata de elipse do auxiliar “vou”. O terceiro fragmento mostra, ainda, a possibilidade de realização do imperfeito após a forma elíptica de marcação temporal.

Como se observa, nenhuma das formas verbais documentadas restringe o uso de outra variante, de modo que todas podem coocorrer em um mesmo enunciado.

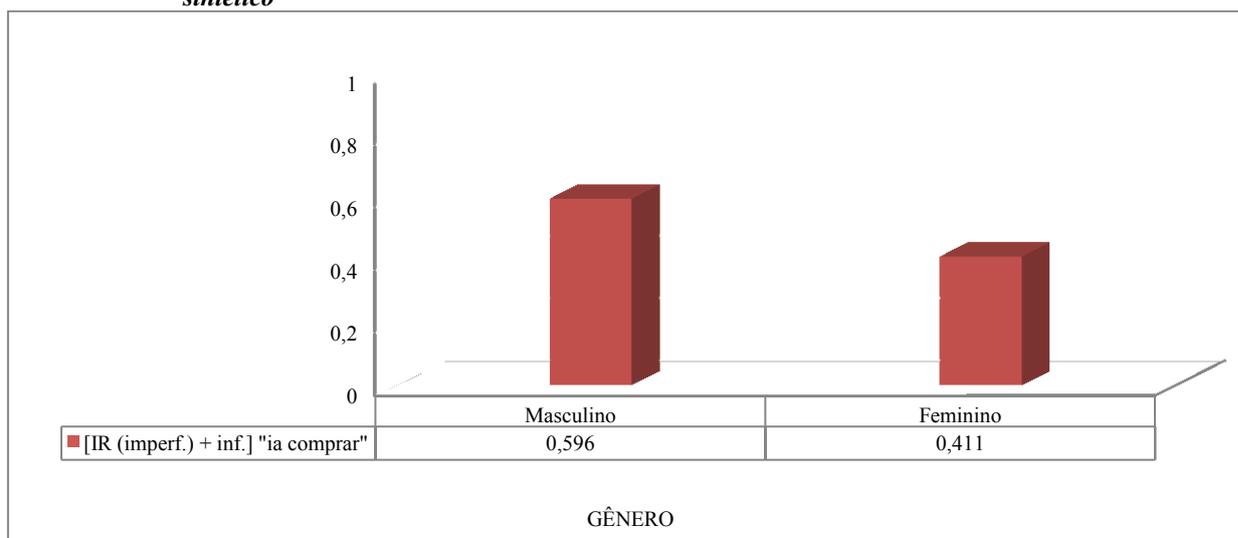
⁸ Note-se que essa tendência de uso do *imperfeito* pelo *condicional* é bastante expressiva, senão hegemônica, em Portugal, atualmente.

4.1.3.2.2 ‘Gênero’

As variáveis sociais ‘Gênero’ e ‘Escolaridade’ foram as duas mais selecionadas pelo *Goldvarb* nas rodadas realizadas na análise quantitativa concernente à *expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*. Na rodada entre as variantes não canônicas – “condicional analítico” *versus* “imperfeito” – ambas foram selecionadas. Entretanto, nas demais, o *Goldvarb* selecionou apenas uma: i) ‘Gênero’, na rodada “condicional analítico” *versus* “condicional sintético”; e ii) “Escolaridade, na rodada “imperfeito” *versus* “condicional sintético”.

Observem-se, a seguir, os resultados da rodada “condicional analítico” *versus* “condicional sintético”.

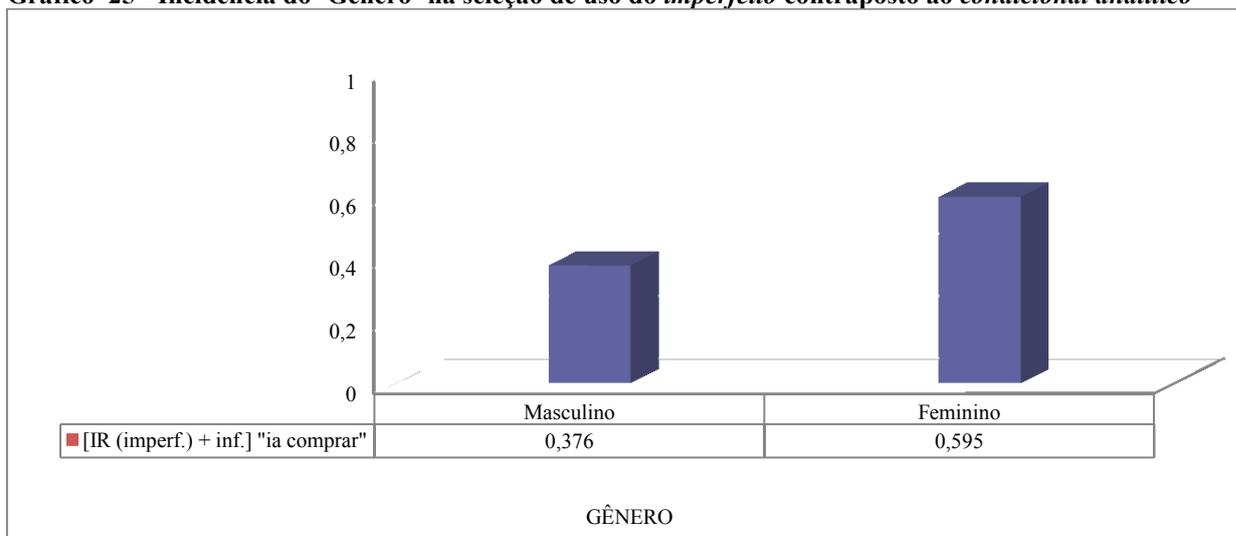
Gráfico 24 - Incidência do ‘Gênero’ na seleção de uso do *condicional analítico* contraposto ao *condicional sintético*



A partir do que expõe o *Gráfico 24*, embora os pesos relativos não se revelem distantes, os resultados confirmam a assertiva de que mulheres tendem ao emprego da forma canônica, haja vista que a probabilidade de uso de *condicional analítico* – a forma não canônica –, é maior entre homens, com peso relativo equivalente a 0,59.

A variável ‘Gênero’ também foi selecionada na rodada entre as variantes não canônicas “imperfeito” *versus* “condicional analítico”. Observem-se os resultados.

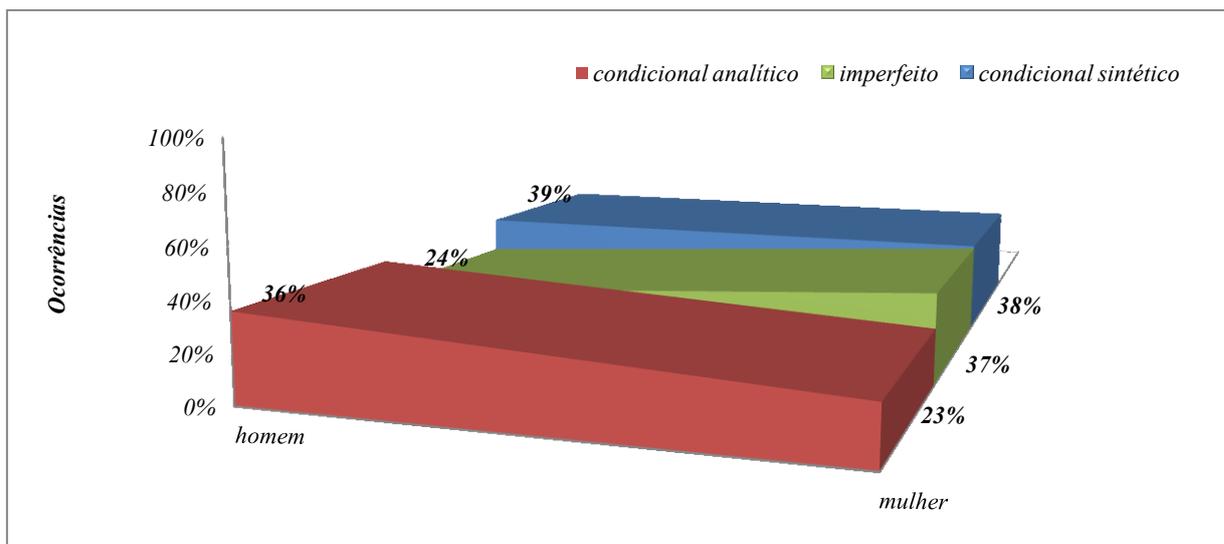
Gráfico 25 - Incidência do ‘Gênero’ na seleção de uso do *imperfecto* contraposto ao *condicional analítico*



Confrontando os resultados apresentados nos gráficos 24 e 25, pode-se atestar que o *condicional analítico* é sempre – quer seja contraposto ao condicional sintético, quer seja ao imperfecto – mais utilizado entre os homens. Diferente dos resultados relativos ao futuro iminente, os dados ora apresentados confirmam o pressuposto de que mulheres tendem ao uso da forma canônica ou a mais conservadora.

Embora não tenha sido selecionada pelo *Goldvarb* na rodada “imperfecto” *versus* “condicional sintético”, é relevante apresentar, ao menos, os percentuais obtidos na análise univariada realizada com as três variantes – condicional sintético, condicional analítico e imperfecto. Observe-se:

Gráfico 26 – Distribuição dos resultados da rodada univariada quanto ao ‘Gênero’



Como se observa, no tocante ao uso da forma canônica – *condicional sintético* – não há distinção genérica – homens e mulheres utilizam a forma de maneira equiparada, 39% e 38%. Em contrapartida no que tange ao uso das variantes não canônicas, observa-se que enquanto entre os homens a segunda forma mais frequente é o *condicional analítico*, entre as mulheres, destaca-se a realização do *imperfeito*.

4.1.3.2.3 'Escolaridade'

No que tange à 'Escolaridade', foram selecionadas pelo *software* as rodadas “imperfeito” *versus* “condicional sintético” e a rodada entre as variantes não canônicas – “imperfeito” *versus* “condicional analítico”. Observem-se os gráficos 27 e 28, a seguir.

Gráfico 27 - Incidência da 'Escolaridade' na seleção de uso do *imperfeito* contraposto ao *condicional sintético*

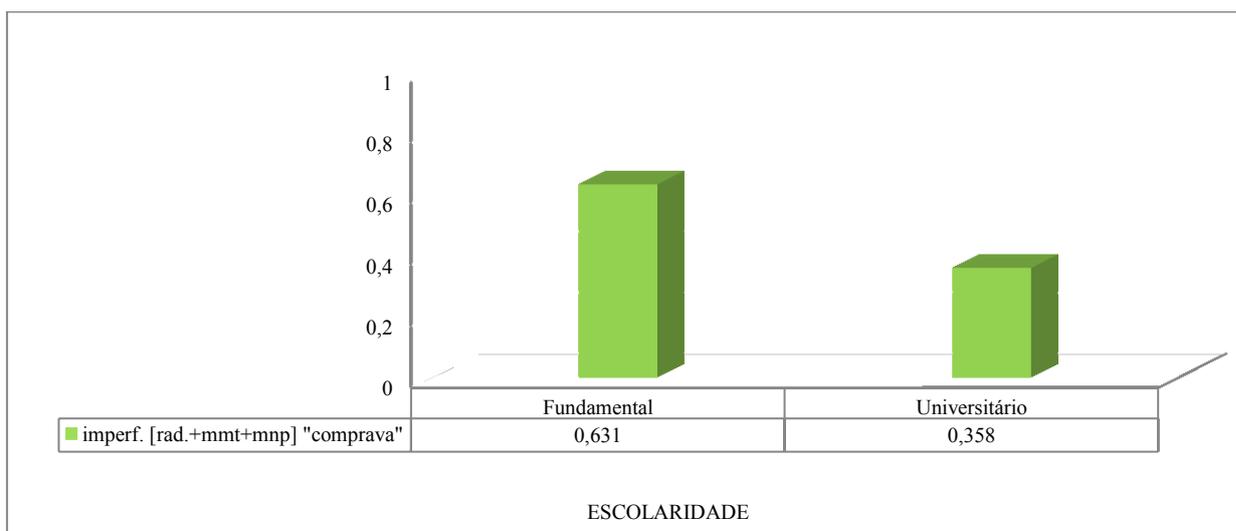
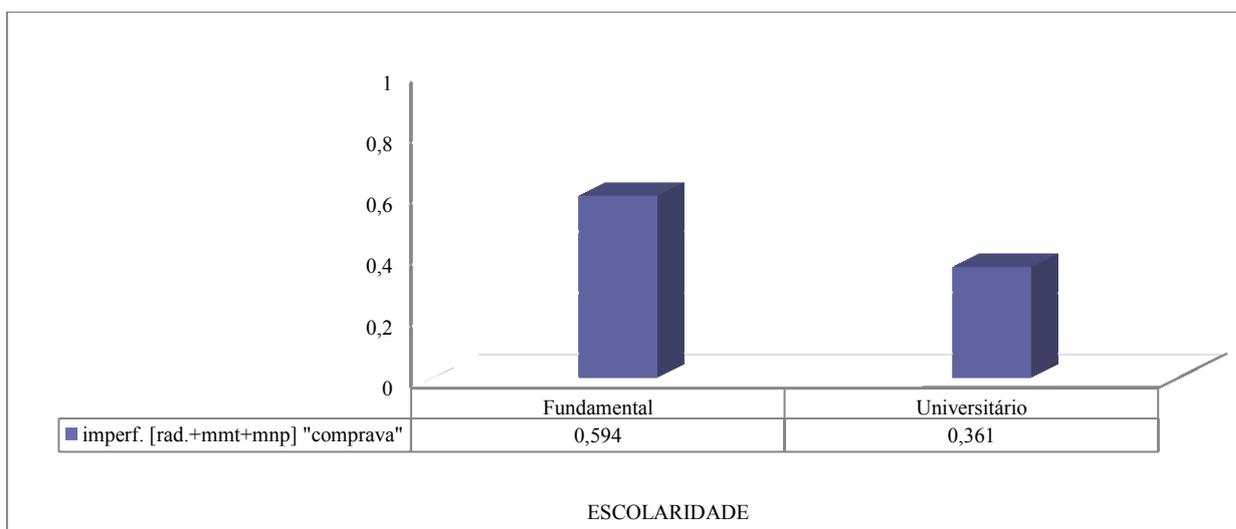


Gráfico 28 - Incidência da 'Escolaridade' na seleção de uso do *imperfeito* contraposto ao *condicional analítico*

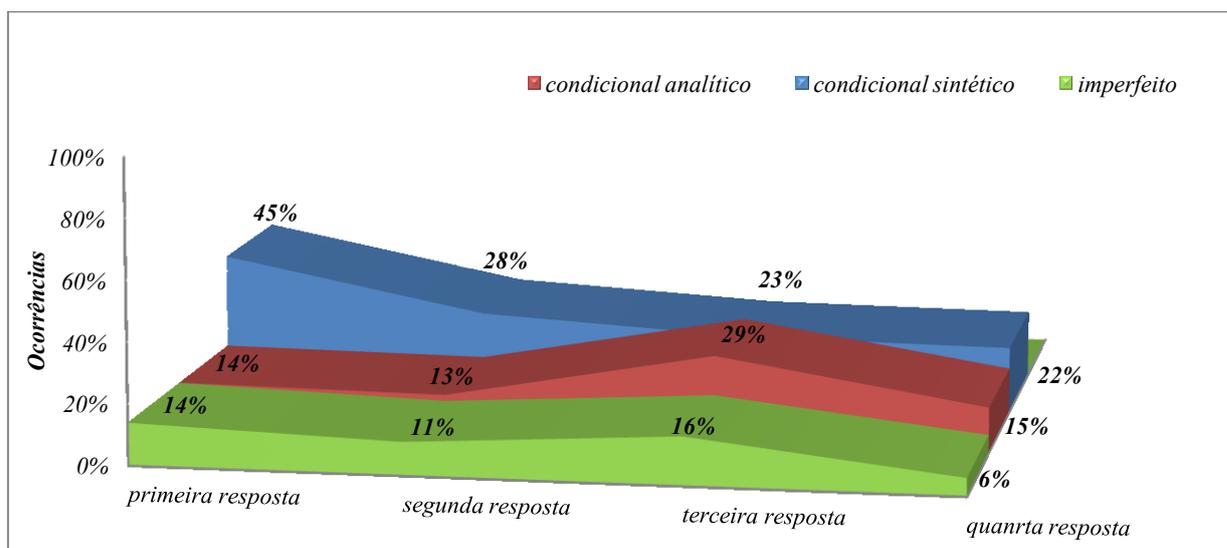


Como se verifica, em relação à escolaridade, em ambas as rodadas, observa-se maior favorecimento do *imperfeito* pelo fator nível fundamental.

Diante do que se apresenta, tornou-se pertinente observar alguns contextos que possam, de certa forma, influenciar o uso da forma canônica entre os universitários. Um resultado curioso refere-se ao uso das variantes pelos universitários no âmbito de todo o enunciado. Utilizou-se, para tanto, a ferramenta *cross tabulation* do Goldvarb.

Observem-se, a seguir, os resultados do cruzamento da variável ‘Escolaridade’ – dados concernentes apenas dos universitários – com a variável ‘Ordem das respostas’.

Gráfico 29 – Distribuição dos resultados do cruzamento das variáveis ‘Escolaridade’ e ‘Ordem das respostas’



Com base no que se apresenta, evidencia-se alto índice de realização de condicional sintético – a forma canônica – na primeira resposta e expressiva queda de frequência ao decorrer do enunciado, quando o falante tende à fala mais distensa e, portanto, oportunamente, vale-se de variantes não padrão.

Observe-se que, no fator ‘terceira resposta’ há uma elevação do *condicional analítico* em detrimento do *condicional sintético*, de modo que se pode atestar a predominância de uso da variante não canônica. Em suma, atesta-se que as variantes não padrão passam a ser mais frequentes ao decorrer do enunciado, em detrimento da forma canônica.

Diante dos fatos, pode-se pressupor que o monitoramento da fala entre os mais escolarizados, decorrente do efeito gatilho, viabilize o uso da forma canônica de modo a interferir no resultado real.

Por ora, atesta-se que o uso da forma canônica é mais comum entre os universitários, sobretudo em contextos menos distensos e propícios ao efeito gatilho.

4.1.3.2.4 ‘Diatopia’

É válido ressaltar que embora a diatopia seja uma das principais variáveis para a execução desta pesquisa, não foi selecionada pelo programa nas rodadas binárias. Apresentam-se, assim apenas a aplicação / não aplicação da forma documentada, a partir dos resultados obtidos com a rodada geral, com todas as variantes e todas as capitais.

Quadro 25: Distribuição diatópica das variantes documentadas que expressam *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*

| | | <i>Condicional sintético</i> | <i>Imperfeito</i> | <i>Condicional sintético-analítico</i> | <i>Condicional analítico</i> | <i>Infinitivo</i> |
|--------------|-----------------------|------------------------------|-------------------|--|------------------------------|-------------------|
| NORTE | <i>Macapá</i> | 50% | 50% | -- | -- | -- |
| | <i>Boa Vista</i> | 30% | 23% | -- | 15% | 30% |
| | <i>Manaus</i> | 18% | 54% | -- | 21% | 6% |
| | <i>Belém</i> | 48% | 17% | 6% | 6% | 20% |
| | <i>Rio Branco</i> | 29% | 27% | -- | 31% | 10% |
| | <i>Porto Velho</i> | 28% | 35% | -- | 21% | 14% |
| NORDESTE | <i>São Luís</i> | 38% | 30% | 3% | 19% | 7% |
| | <i>Teresina</i> | 54% | 9% | 18% | 18% | -- |
| | <i>Fortaleza</i> | 42% | 26% | -- | 31% | -- |
| | <i>Natal</i> | 26% | 21% | -- | 10% | 42% |
| | <i>João Pessoa</i> | 56% | 25% | -- | 6% | 12% |
| | <i>Recife</i> | 25% | 43% | -- | 25% | 6% |
| | <i>Maceió</i> | 60% | 26% | -- | 4% | 8% |
| | <i>Aracaju</i> | 29% | 12% | 8% | 29% | 20% |
| CENTRO-OESTE | <i>Cuiabá</i> | 15% | 30% | -- | 38% | 15% |
| | <i>Campo Grande</i> | 22% | 33% | 5% | 33% | 5% |
| | <i>Goiânia</i> | 38% | 23% | -- | 23% | 14% |
| SUDESTE | <i>Belo Horizonte</i> | 62% | 6% | -- | 20% | 10% |
| | <i>São Paulo</i> | 18% | 25% | 3% | 29% | 22% |
| | <i>Vitória</i> | 53% | 46% | -- | -- | -- |
| | <i>Rio de Janeiro</i> | 26% | 13% | 13% | 23% | 23% |
| SUL | <i>Curitiba</i> | 10% | 16% | -- | 32% | 40% |
| | <i>Florianópolis</i> | 30% | 10% | 15% | 30% | 15% |
| | <i>Porto Alegre</i> | 32% | 20% | 4% | 32% | 12% |

Legenda

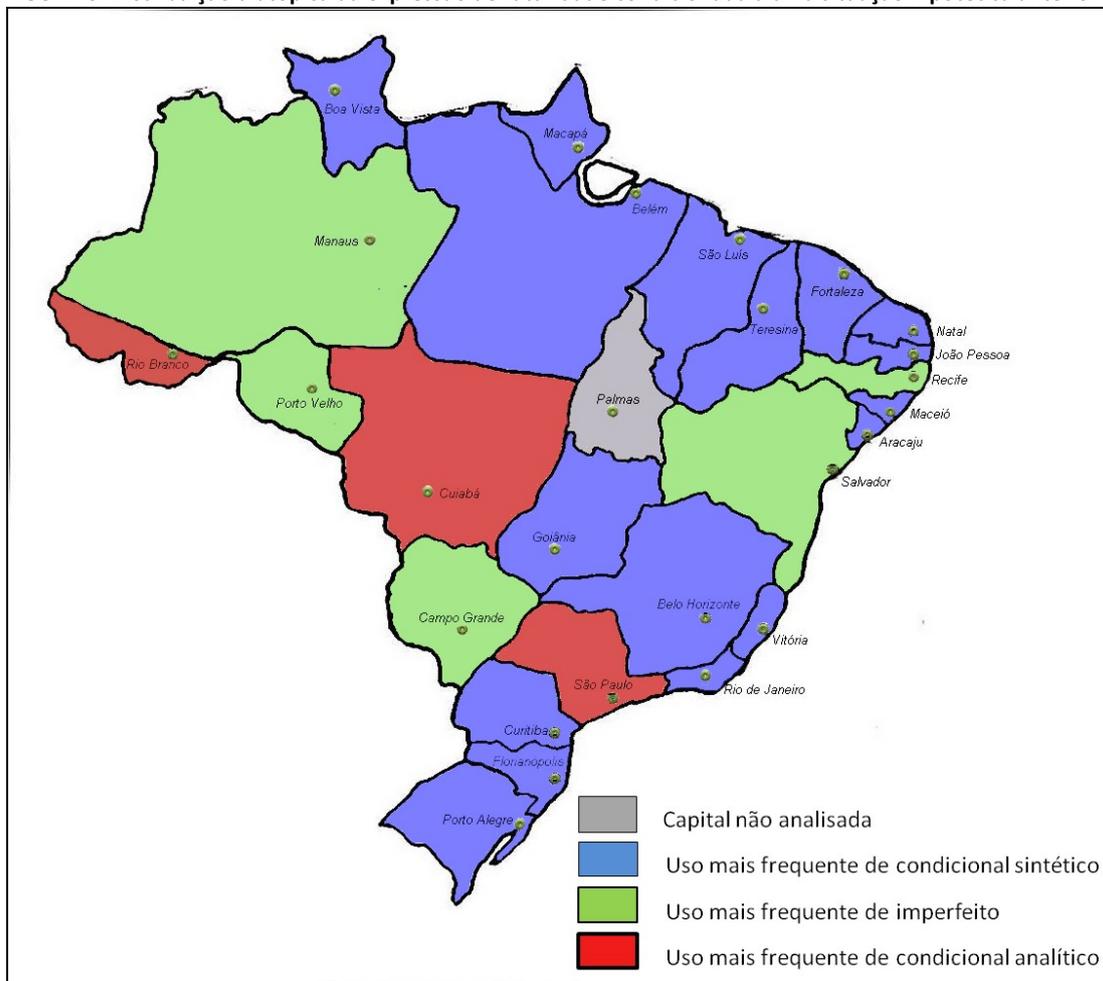
| | |
|----|------------------------------------|
| % | Forma verbal majoritária [> 50%] |
| % | Forma verbal mais usada [< 50%] |
| % | Segunda forma verbal mais usada |
| % | Formas menos usadas |
| -- | Não realização da forma verbal |

Conforme o que se apresenta, pode-se afirmar:

- i) Das cinco variantes documentadas, apenas o *condicional sintético* e o *imperfeito* ocorrem em todas as capitais. O *condicional analítico* apenas não se registra em *Macapá* e *Vitória*.
- ii) O *condicional sintético* é a forma mais frequente em 13 das 25 capitais em que se realiza, a saber: *Belém, São Luís, Fortaleza, Aracaju, Goiânia, Rio de Janeiro, Florianópolis, Porto Alegre, Teresina, João Pessoa, Maceió, Belo Horizonte e Vitória*, de modo que nas cinco últimas seu uso é majoritário. Registra-se, ainda, como a segunda forma mais usada em cinco capitais: *Rio Branco, Porto Velho, Natal, Recife e Campo Grande*. Nas demais, os percentuais se revelam baixos mas não irrelevantes, não ultrapassam 18%.
- iii) O *imperfeito* se realiza como forma mais usada em quatro capitais – *Porto Velho, Recife, Salvador e Campo Grande*, e apenas em *Manaus*, constitui-se forma majoritária. Ocorre também como segunda forma frequente em sete capitais: *Boa Vista, Teresina, João Pessoa, Cuiabá, São Paulo, Vitória, Porto Alegre e Goiânia*, tendo, nesta última, seu percentual equiparado ao de *condicional analítico*.
- iv) O *condicional analítico* é a forma mais frequente em *Rio Branco, Cuiabá e São Paulo*, com respectivos percentuais: 31%, 38% e 29%.
- v) O *condicional sintético-analítico* – “iria comprar” – documenta-se em 10 capitais, a saber: *Belém, São Luís, Teresina, Aracaju, Salvador, Campo Grande, São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis e Porto Alegre*.
- vi) Em *Macapá* e *Vitória* apenas são realizadas as formas sintéticas padrão e não padrão – *condicional sintético* e *imperfeito*.
- vii) No que tange à equivalência de percentuais entre as variantes as variantes *condicional sintético* e *condicional analítico*, as capitais *Aracaju, Florianópolis e Porto Alegre* se aproximam – 29%, 30% e 32%, respectivamente. Em *Macapá*, os percentuais de *condicional sintético* e *imperfeito* – únicas variantes utilizadas – se equiparam. Em *Boa Vista*, a equivalência se dá entre os percentuais de *condicional sintético* e a forma elíptica de marcação temporal expressa pelo *infinitivo* – 30%, respectivamente. No *Rio de Janeiro* os percentuais de *condicional analítico* e *infinitivo* são equiparados.

Observe-se, a seguir, uma representação gráfica da distribuição diatópica desses dados.

FIGURA 3: Distribuição diatópica da expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior



Assim, evidencia-se que a distância linguística ora se justapõe, ora se contrapõe à distância geográfica.

4.1.3.2.5 ‘Presença/ausência de elemento condicional *se*’

“O que você faria se ganhasse na loteria?” Além de envolver questões antropológicas que abragem o desejo, o sonho e o imaginário popular brasileiro, linguisticamente, essa pergunta apresenta algumas características instigantes que foram consideradas na observação dos dados: i) a ordem inversa (apódose); ii) o contexto condicional e hipotético (*irrealis*); iii) o uso da forma canônica “faria”, que pode influenciar a resposta do informante, partindo do pressuposto do efeito gatilho.

Costa (2005) investigou a ordem das sentenças em estruturas hipotéticas como contextos favorecedores para a escolha das variantes *imperfeito* e *futuro do pretérito*. Os resultados mostraram que a forma canônica favorece o uso do *imperfeito*, enquanto na ordem inversa, tende-se ao emprego do futuro do pretérito. A autora admite:

Essa preferência está relacionada ao princípio da iconicidade. A ordem inversa contraria as expectativas de que condições precedem fatos. Como o IMP pode veicular não somente uma informação no âmbito do *irrealis*, mas também um passado habitual, a presença desta forma verbal encabeçando a estrutura hipotética poderia causar uma ambigüidade temporária na interpretação do enunciado, desfeita a partir da apresentação da condição, logo em seguida (Eu MANDAVA ladrilhar essa rua [passado habitual?], se ela fosse minha [*irrealis*]).

Conforme o exposto, pode-se considerar que a estrutura condicional – “se fosse minha” – licencia o uso do *imperfeito* em lugar do *futuro do pretérito*, em sentenças hipotéticas. Com base nisso, buscou-se investigar se – e como – a ausência de elemento condicional no enunciado interfere no comportamento das variantes.

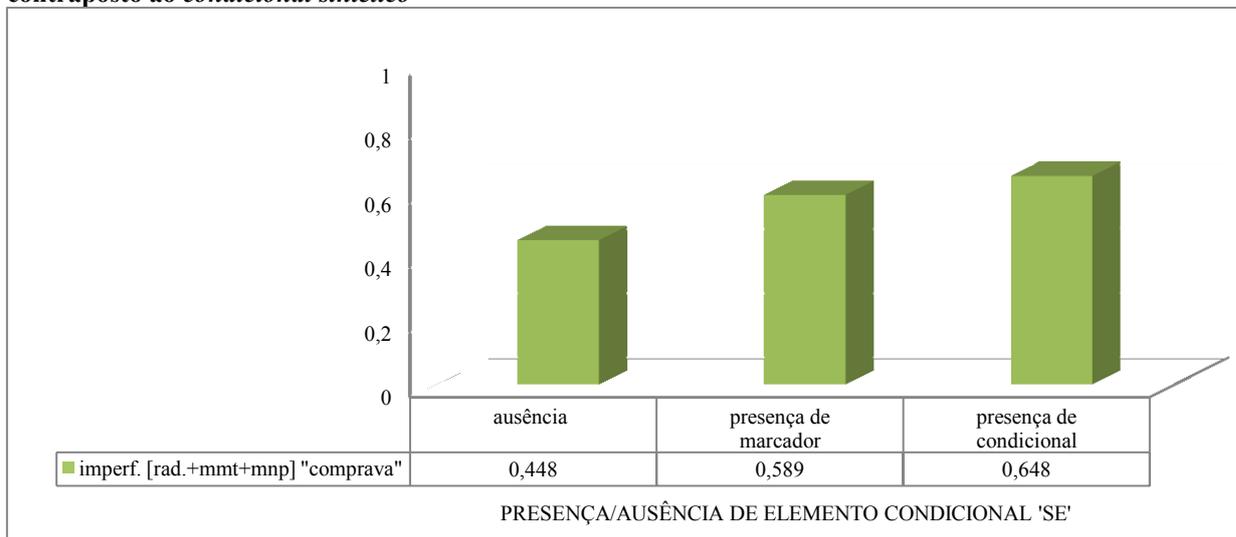
Para tanto, inicialmente, quatro contextos foram considerados: i) a ausência do elemento condicional *se*; ii) a presença de *se* na ordem canônica; iii) a presença de *se* na ordem inversa e iv) a presença de outro elemento condicional ou não.

Os resultados gerais com os quatro fatores apresentaram *knockout* para a presença de “se” na ordem inversa. E em outra, realizada apenas considerando a ausência/presença de elemento condicionante, o grupo não foi selecionado.

Assim, outra rodada foi feita, agrupando os fatores presença na ordem canônica e na ordem inversa. Consideraram-se, por fim, apenas três contextos: i) a ausência do elemento condicional *se*; ii) a presença de *se*, independente da ordem e iii) a presença de outro elemento. Ressalta-se que somente foram consideradas, como presença de elemento condicional *se*, as formas verbais que aparecem mais próximas à estrutura condicional.

Não por ironia do destino, este grupo de fatores apenas foi selecionado pelo *Goldvarb*, no nível *step down*, da rodada “imperfeito” versus “condicional sintético”. Observem-se os resultados:

Gráfico 30 – Incidência da ‘Presença/ausência do elemento condicional ‘se’ na seleção do *imperfeito* contraposto ao *condicional sintético*

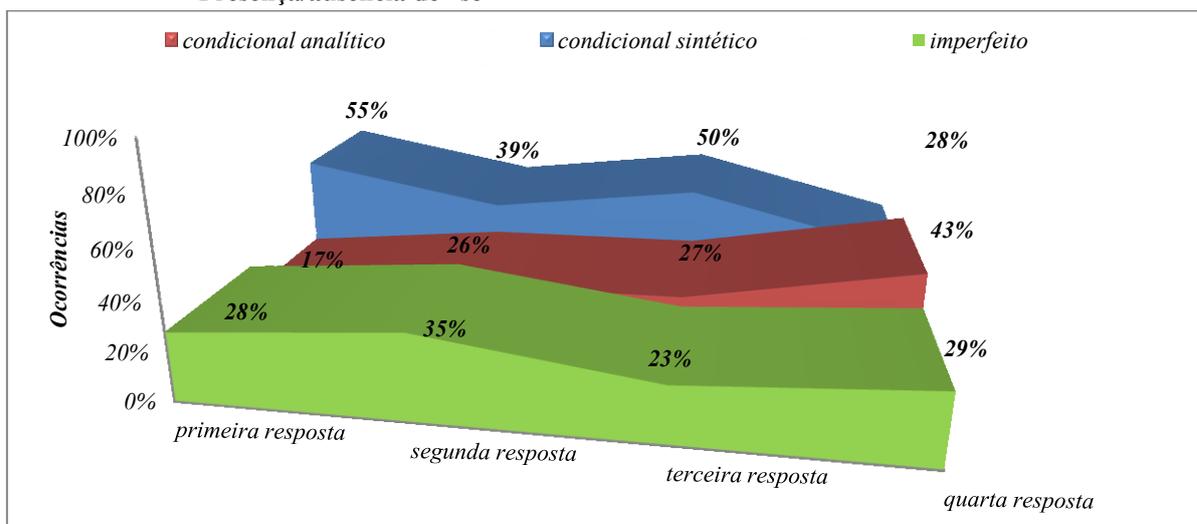


Como se observa, a presença do elemento condicional ‘se’ na resposta do informante favorece o uso do *imperfeito*, quer seja em prótase quer seja em apódose, confirmando o pressuposto de iconicidade, haja vista o traço *irrealis* – hipotético – ser intrínseco ao *condicional sintético*, tradicionalmente chamando de *futuro do pretérito*.

Embora indique o desfavorecimento de uso do *imperfeito*, vê-se que o contexto ‘ausência de elemento condicional *se*’ possui um alto peso relativo – 0,448. Contudo, a ausência não inviabiliza o uso do *imperfeito*, que é, portanto, realizável sem ambiguidades.

Diante desse fato, buscou-se verificar que contexto da estrutura frasal – no enunciado – mais propicia o uso do *imperfeito* sem a realização do elemento condicional ‘se’. Para tanto, utilizou-se a ferramenta *cross tabulation* do *Goldvarb*, visando à interação da variável ‘presença/ausência de *se*’ com a ordem das respostas no enunciado. É válido ressaltar que, embora o programa não tenha selecionado o grupo de fatores ‘Ordem das respostas’, nota-se a sua relevância, sobretudo no cruzamento de algumas variáveis.

Gráfico 31 - Distribuição dos resultados do cruzamento das variáveis ‘Ordem das sentenças’ e ‘Presença/ausência de “se”’



Como se percebe, a ausência do elemento condicional ‘se’ é um contexto desfavorável para o uso das variantes não canônicas. Há, entretanto, que considerar que a pergunta é feita com o uso de “se” em posição de apódose, o que viabiliza o uso da variante *imperfeito*, sem prejuízo semântico à comunicação.

Como já fora dito, a variável ‘Presença/ausência de elemento condicional’ somente foi selecionada pelo *software* na rodada entre o *imperfeito* e o *condicional sintético*. Vale ressaltar, porém, que as demais variantes apresentam comportamento regular aos contextos analisados, *i. e.*, não há preferência a um contexto específico. Observem-se, nos excertos, algumas das possibilidades:

INF. – Se eu ganhasse? *Ajudava* os pobre. Ah, *procurava tirá* essas pessoas da rua né, das droga, sofrimento
(Campo Grande, Inf. 2- mulher, faixa 1, nível fundamental)

INF. – *Arrumava* minha mala e me *arrancava* hoje. (risos)
Curitiba (Inf.8)

INF. – No momento assim não tenho assim... Primeira coisa que eu faria assim era pagar minhas dívidas, né. E tudo que eu fosse comprar *compraria* a vista. *Destruía* todos os meus cartões e depois eu *ia pensar* em ajudar algumas pessoas que eu conheço que tem necessidade né...
(Belém, Inf. 8)

INF. – Se eu ganhasse na loteria?... Antes de mais nada... *Procuraria* uma boa forma de investimento antes de pensar em gastar.
(Belém, Inf. 5)

INF. – Olhe, se eu ganhasse na loteria, primeramente, eu **ia comprá** duas casa pra minhas filha, porque quando elas casasse já tinham... E **ajudá** alguma criança, alguma pessoa assim [...]

(Maceió, Inf. 8)

INF. – Dependendo da quantia, de quanto eu ganhasse eu **daria**, eu **dividiria** ao meio, metade eu **ia dividí** entre os meus cinco filhos, e a outra metade eu **ia viajá**, **aproveitá** a minha vida, sabe? É isso que eu **ia fazê**.

(Rio de Janeiro, Inf.4)

| Legenda | |
|---------|-----------------------|
| | Condicional sintético |
| | Condicional analítico |
| | Imperfeito |
| | Infinitivo |

Com base nos dados pode-se depreender que a presença/ausência de elemento condicional não influencia o uso do *condicional sintético* e do *condicional analítico*. Já no que tange ao *imperfeito*, evidencia-se que quando não ocorrem com a presença de elemento condicional, ocorrem como primeira resposta, resgatando-o da pergunta.

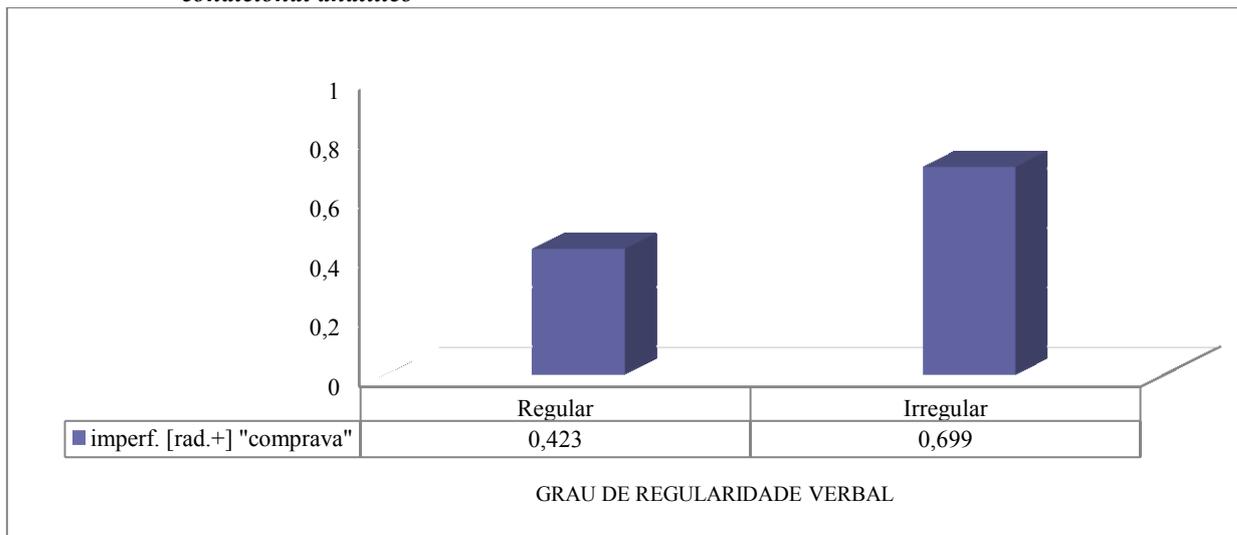
Além de examinar características pragmático-discursivas e sintáticas dos dados, buscou-se averiguar variáveis linguísticas relacionadas ao âmbito morfológico admitindo-as como possíveis contextos favorecedores à variação, das quais se passa a tratar.

4.1.3.2.6 ‘Grau de regularidade verbal’

Como já fora dito, adotou-se a variável linguística ‘Grau de regularidade verbal’ partindo do pressuposto de que as formas verbais não padrão que se constituem variantes do *futuro* e do *condicional* são mais comumente realizadas entre os verbos regulares, propiciando, assim, a averiguação do nível de mudança.

No que tange especificamente à quantificação dos dados relativos à *expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*, essa variável apenas foi selecionada pelo Goldvarb na rodada entre as variantes não padrão – “imperfeito” *versus* “condicional analítico”. Observem-se os resultados:

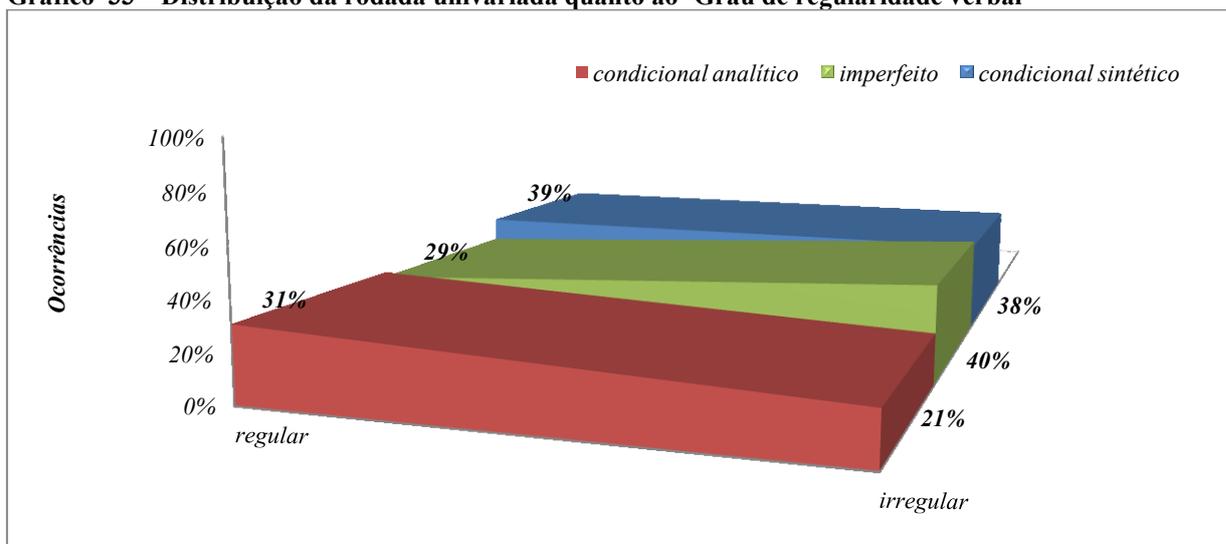
Gráfico 32 – Incidência da variável ‘Grau de regularidade verbal’ na seleção do *imperfecto* contrastado ao *condicional analítico*



Com base nos resultados obtidos e apresentados no *Gráfico 32*, e partindo pressuposto de que a mudança de dado fato linguístico atinge, inicialmente, os verbos regulares, pode-se inferir, que o fenômeno analisado encontra-se em um estágio mais avançado, haja vista que a probabilidade de realização do *imperfecto* – P. R.0,699 – é maior entre os verbos irregulares.

Considerando o fato de que os resultados obtidos referem-se apenas à rodada entre as variantes não padrão, tornou-se relevante apresentar os percentuais concernentes às variantes condicional analítico, condicional sintético e imperfecto.

Gráfico 33 – Distribuição da rodada univariada quanto ao ‘Grau de regularidade verbal’



Como se observa, no que tange à realização o *condicional sintético*, há estabilidade entre os graus de regularidade verbal – 39% e 38%. Em contrapartida, enquanto o índice de uso do *condicional analítico* é maior entre os verbos regulares, o imperfeito apresenta maior percentual de uso entre os irregulares. Constata-se, assim, que o *imperfeito* encontra-se em um estágio mais avançado de mudança em relação ao *condicional analítico*.

Diferente do *futuro sintético* que se revela em desuso o *condicional sintético* destaca-se como forma majoritária e mantém-se estável.

4.1.3.2.7 ‘Conjugação verbal’

A ‘Conjugação verbal’ constitui-se para esta pesquisa uma variável relevante, haja vista indicar quais verbos tendem a ser empregados na forma padrão e quais são mais propensos à realização de variantes não canônicas.

Na quantificação dos dados, essa variável apenas foi selecionada na rodada entre as variantes não canônicas – “imperfeito” *versus* “condicional analítico”. Na rodada “imperfeito” *versus* “condicional sintético” foi selecionada apenas no nível *step-down*. Apresentam-se, a seguir, os resultados obtidos.

Gráfico 34 – Incidência da variável ‘Conjugação verbal’ na seleção do *imperfeito* contraposto ao *condicional sintético*

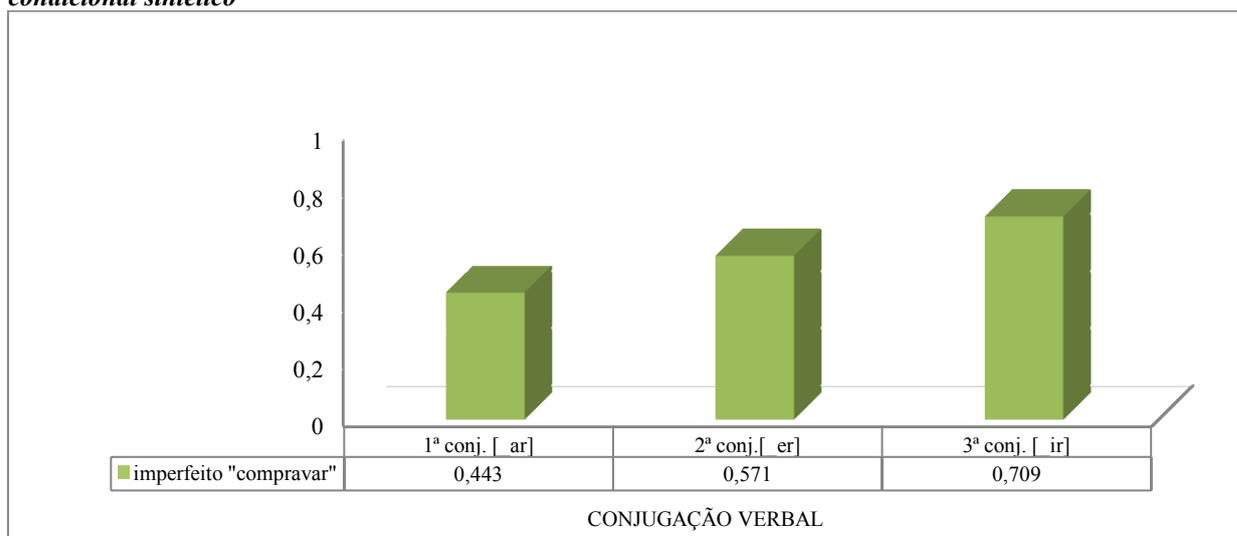
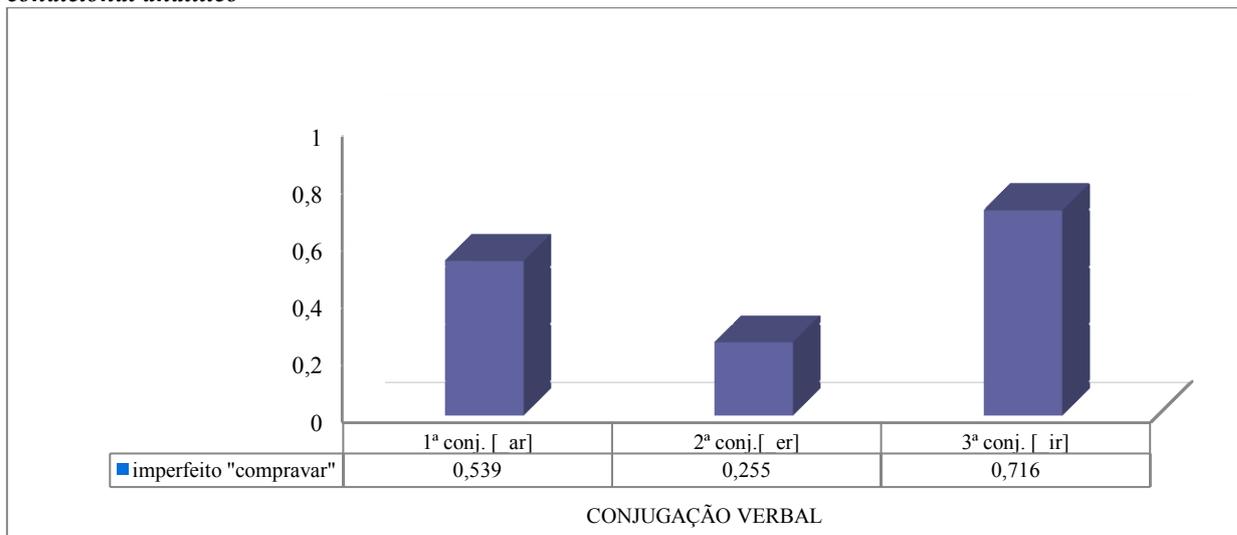


Gráfico 35 – Incidência da variável ‘Conjugação verbal’ na seleção do *imperfeito* contraposto ao *condicional analítico*



Com base na apresentação dos dados exposto nos gráficos 34 e 35, nota-se que a terceira conjugação – [_ir] – é a que mais favorece o uso do imperfeito, quer seja contraposto ao *condicional sintético*, quer seja em oposição ao *condicional analítico*.

Nota-se, ainda, que enquanto na rodada entre as variantes não canônicas o segundo contexto que mais favorece o uso do imperfeito é a primeira conjugação [_ar], na rodada em que o *imperfeito* se opõe ao *condicional sintético*, é a segunda conjugação [_er], que mais propicia o uso da variante.

4.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONFRONTO ENTRE AS ANÁLISES – HIPÓTESES *VERSUS* RESULTADOS

Confrontando ambas as análises quantitativas concernentes à expressão de *futuro próximo* e de *futuro hipotético condicionado*, pôde-se atestar que se encontra em níveis diferentes no que concerne à mudança linguística.

Os dados confirmam que o *futuro sintético* tende ao desuso em eventos de fala do português brasileiro, em razão do uso majoritário de *futuro analítico*. Em contrapartida, no que tange à expressão de *futuridade condicionada uma situação hipotética anterior*, atestou-se que a frequência de uso das variantes não canônicas – *condicional analítico* e *imperfeito* – equipara-se ao índice da forma *condicional sintético*, embora esta seja a mais usada.

Os resultados da rodada entre as variantes não padrão concernentes à expressão de *futuridade iminente em relação ao momento da fala*, mostraram que a variante mais usada – *futuro analítico* – é favorecida pelo contexto ‘variante subsequente à forma canônica’.

Ratifica-se assim, a relevância do discurso e a pragmática como principais articuladores da expressão de futuridade, de modo que as demais variáveis funcionam como coadjuvantes.

Em síntese, pode-se verificar com base nos resultados obtidos com a análise quantitativa dos dados, a validação das hipóteses iniciais, como mostra o *Quadro 26*, a seguir:

Quadro 26 – Confronto entre os tipos de expressão de futuridade: Hipóteses *versus* resultados

| HIPÓTESES | FUTURO | CONDICIONAL |
|--|---|--|
| Os falantes tendem a empregar as variantes não canônicas, em detrimento das formas padrão – futuro e condicional. | CONFIRMADA: Os falantes tendem a empregar as formas <i>futuro analítico</i> e <i>presente</i> em detrimento da forma padrão, <i>futuro</i> . | REFUTADA: O uso da forma canônica – <i>condicional sintético</i> – é a mais frequente entre os falantes, embora o índice de realizações das demais variantes seja alto. |
| A forma sintética é favorecida pelo emprego do <i>presente</i> como expressão de <i>futuro</i> e do <i>imperfeito</i> como expressão de <i>condicional</i> . | CONFIRMADA: A forma sintética é favorecida pelo emprego do <i>presente</i> como expressão de <i>futuro</i> . | REFUTADA: Os dados mostraram que o índice de realização do <i>condicional</i> é maior do que o <i>imperfeito</i> . |
| Quanto ao comportamento morfossintático, os falantes optam, com mais frequência, pelo uso da forma analítica em detrimento da forma sintética, tanto no que se refere à expressão de <i>futuridade iminente</i> , quanto à expressão de <i>futuridade condicionada</i> . | CONFIRMADA: Quanto ao comportamento morfossintático, os falantes optam, com mais frequência, pelo uso da forma analítica em detrimento das formas sintéticas – canônica e não canônica – a saber, <i>futuro</i> e <i>presente</i> . | REFUTADA: Quanto ao comportamento morfossintático, os falantes optam, com mais frequência, pelo uso da forma sintética canônica – <i>condicional sintético</i> . No tocante ao confronto entre as variantes não canônicas, opta-se pela forma analítica. |
| Os contextos linguísticos favorecem mais a variação do fenômeno do que os contextos extralinguísticos. | CONFIRMADA: Os contextos pragmático-discursivos e linguístico-estruturais favorecem mais a variação do fenômeno do que os contextos extralinguísticos. | REFUTADA: Os contextos pragmático-discursivos e os contextos extralinguísticos favorecem mais a variação do fenômeno do que os contextos linguísticos. |
| Os falantes tendem à repetição da forma dentro do contexto frasal, favorecendo o paralelismo discursivo. | CONFIRMADA: Em ambas os tipos de expressão de futuridade, os falantes tendem à repetição da forma dentro do contexto frasal, favorecendo o paralelismo discursivo. | |
| O efeito gatilho favorece o emprego das formas <i>futuro</i> e <i>condicional</i> , com respectivos morfemas modo-temporais. | CONFIRMADA: O efeito gatilho favorece o emprego das formas <i>futuro</i> e <i>condicional</i> , com respectivos morfemas modo-temporais. | |

Como se pode observar, as hipóteses iniciais levavam em consideração ambos os tipos de expressão de futuridade estudados, partindo do pressuposto de que ambos encontram-se em processo de mudança linguística.

Observa-se, porém, que há grande distinção entre as formas que expressam *futuridade iminente* de que o *futuro do presente* – conforme a NGB – se configura forma canônica, e as que expressam *futuridade hipotética condicionada*, sobretudo no que concerne aos contextos observados na presente análise. Esse fato nos leva a pensar na existência de dois futuros distintos ou na hipótese de mais de dois futuros, três futuros, haja vista o comportamento do *futuro do pretérito* em outras situações senão a de condicionalidade como foi observada.

4.3 ANÁLISE QUALITATIVA DE ALGUMAS ESTRUTURAS DOCUMENTADAS

É curioso observar que e como estratégias são desenvolvidas pelos utentes de uma língua com o intuito de suprir ou preencher lacunas formadas a partir do desuso de alguns usos em prol de outras realizações e do espraio semântico de algumas formas, sendo ambos decorrentes da variação linguística.

No que tange, especificamente, à expressão de futuridade nas situações observadas – execução de ações ou atividades pelo próprio indivíduo em um futuro próximo e concretização de ações pelo próprio indivíduo, com base em uma situação condicional, previamente elaborada e sugerida pelo inquiridor –, pôde-se perceber que a substituição da forma canônica – sintética – por formas analíticas e sintéticas não canônicas não é arbitrária, mas licenciada por contextos linguísticos e (ou) extralinguísticos.

Quanto aos contextos extralinguísticos – a diatopia, as variáveis pragmático-discursivas e as sociais – pode-se averiguar que embora influenciem o uso das variantes, não o determinam. Mesmo no que tange à expressão de *futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*, em que as variáveis sociais se revelaram fortes favorecedores do uso de dada variante, viu-se que não se trata de um fato linguístico restrito a um grupo social – uso peculiar de uma determinada região, ou de um gênero ou de um nível de escolaridade – ou a uma faixa etária específica.

Entende-se, assim, que o favorecimento de uso de uma variante não implica, necessariamente, o seu licenciamento, assim como o desfavorecimento não implica agramaticalidade – que não pertence à gramática de uma língua e, que, portanto, é não realizável.

A fim de evidenciar os traços que caracterizam as formas sintéticas e analíticas documentadas como variantes, fez-se necessário reconhecer, em ambas, as funções morfológicas, sintáticas e semânticas, a partir da análise dessas estruturas sob a perspectiva intralinguística. Para tanto, buscou-se selecionar alguns fatos que se destacaram na análise quantitativo-qualitativa dos dados: i) a realização do *presente* com valor de futuro e a incidência do verbo *ir*, em sua diversidade de uso ii) a possibilidade de intercalação de alguns elementos entre o auxiliar e o verbo pleno; iii) a elipse de marcação temporal no verbo, manifestada pela realização de *infinitivo* como variante de ambas as formas canônicas – futuro e condicional sintéticos.

4.3.1 “A semente do amanhã”: diagnosticando o *presente* com valor de futuro

Já cantava Gonzaguinha “[...] que o hoje é a semente do amanhã”. Evidentemente, o poeta não tinha como foco à investigação linguística, mas de uma reflexão sobre a vida – em que se inclui o futuro – podem-se extrair objetos de estudo em qualquer ciência.

A quantificação dos dados mostrou que o uso do *presente* com valor de futuro é favorecido por fatores linguísticos e extralinguísticos. É válido rememorar que, considerando ambas as rodadas binárias “presente” *versus* “futuro sintético” e “presente” *versus* “futuro analítico”, não foram selecionadas apenas duas das 10 variáveis: ‘Ordem das sentenças’ e ‘Faixa etária’, ou seja, são esses os contextos não favorecedores da variação.

Observem-se alguns excertos:

- a. *Eu vou à praia.*
- b. *Amanhã eu vou à praia.*

Nota-se que em *a.* não fica claro que se trata de uma construção que expressa futuridade. A sentença pode ser interpretada pelo interlocutor como uma ação habitual, uma ação realizada com frequência ou simplesmente como uma afirmativa de que a ação é realizada pelo locutor. Em contrapartida, em *b.* evidencia-se que, embora o valor assumido pelo *presente* seja o de futuro, esse não está na forma verbal, mas expressa pelo marcador temporal *Amanhã*.

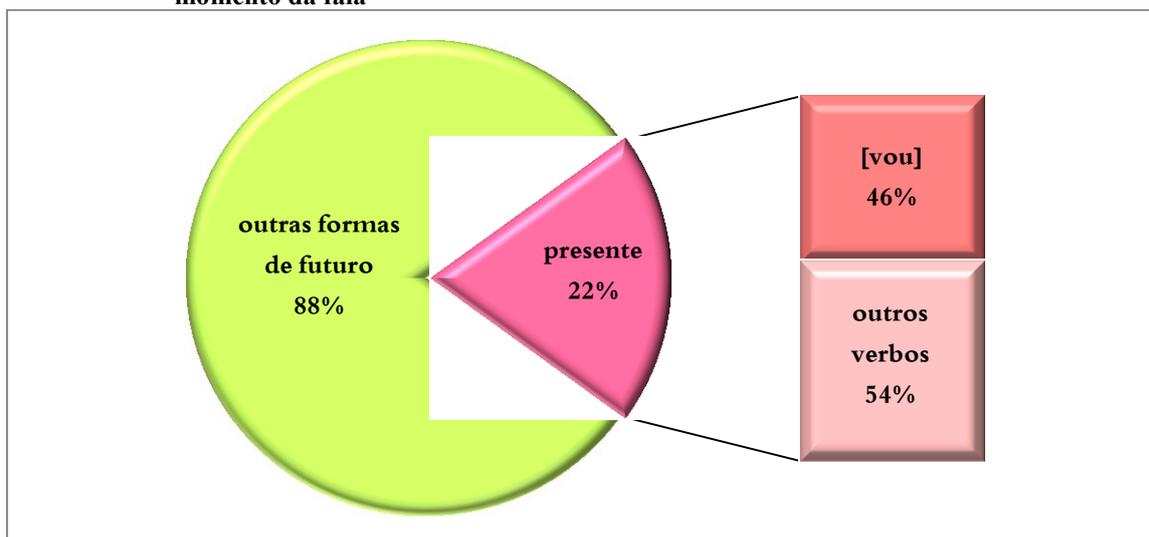
Admitindo, porém, um contexto discursivo mais amplo em que de alguma maneira esteja claro entre os interlocutores que se trata de uma ação futura, a sentença *a.* é perfeitamente aceitável.

Esse fato ocorre nos dados obtidos com a presente análise, já que a pergunta do questionário – “O que você fará amanhã?” – é veiculada com elementos gramaticais reconhecidos pelo informante, *i. e.*, a forma canônica de futuro – *fará* – reforçada pelo marcador temporal *amanhã*, propiciando, assim, ao informante um contexto confortável e abrangente ao emprego de diversas variáveis. Assim, o informante pode ou não utilizar o marcador junto à forma verbal que escolher sem prejuízo semântico, ou seja, sem que se perca a noção de que se trata de uma expressão de futuridade.

Sendo não realizado o marcador junto ao presente, pode-se atestar que a marcação de tempo não se encontra na morfossintaxe, nem na sintaxe, mas no discurso.

A relevância de uma análise qualitativa mais detalhada se deve, sobretudo, ao fato de que o *presente* representa 22% do total de ocorrências. Com a quantificação, pode-se perceber que isto ocorreu em razão da frequente utilização do verbo pleno *ir* no *presente*. Observou-se que dos verbos documentados como expressão de futuridade, 103 realizações ocorreram sob a forma *presente* e que dessas, 46% concernem ao uso de *ir*, como mostra o *Gráfico 36*, a seguir.

Gráfico 36 – Distribuição da realização do *presente* como forma de expressão de futuridade iminente ao momento da fala



Corroborar-se, assim, a inferência de que a frequência de uso do verbo *ir* no *presente* tenha sido grande motivador para o índice de ocorrências.

Esse fato é curioso, haja vista ser o *presente* uma forma de marcação modo-temporal nula – explicitada pelo morfema zero – que, porém, quando assume valores diferentes do prototípico, expressando um tempo fictício ou metafórico, pode tomar forma de outro tempo verbal ou exercer a função de formador de tempo – quando toma forma de auxiliar. Faz-se, ainda alusão à música *Copo vazio*, de Gilberto Gil: “É sempre bom lembrar que um copo vazio está cheio de ar.”

O fato de ser o verbo *ir* no *presente* o mais empregado tanto como verbo pleno quanto sob a forma de auxiliar, requereu uma abordagem detalhada, embora não possa ser, aqui, exaustiva e profunda, como se vê nas seções seguintes.

4.3.1.1 O verbo auxiliar “ir”: um compositor de futuros

O tempo verbal pode até não ser “compositor de destinos”, mas o tempo *presente*, especificamente o do verbo *ir* – “vou” – compõe em parceria com o *infinitivo*, um futuro fora do padrão, o *futuro analítico*, cuja realização é – conforme os dados desta pesquisa – majoritária em relação às demais formas de expressão de futuridade, sobretudo o *futuro sintético* – a forma canônica.

A fim de considerar que as formas analíticas de *futuro* e de *condicional* – “vou trabalhar” e “ia comprar” – se constituem variantes das formas sintéticas canônicas *futuro sintético* e *condicional sintético* – ou seja, assumem o mesmo valor de verdade, fez-se necessário reconhecer, em cada uma dessas estruturas, as funções morfológicas, sintáticas e semânticas.

Se se observarem as formas sintéticas “trabalharei” e “comprarei”, por exemplo, pode-se verificar que ambas apresentam no conjunto dos morfemas o papel temático, possuem marcação morfológica de tempo, modo, número, pessoa e aspecto – esta última é hipótese controversa entre os autores –, e selecionam argumentos. Similarmente, as construções analíticas “vou trabalhar” e “ia comprar” assumem as mesmas características, de modo que o auxiliar – quer conjugado no *presente*, “vou”, quer no *imperfecto*, “ia” – não obstante manter os traços semânticos, exerce função morfossintática que consiste em marcar as determinações gerais de número, pessoa, modo, tempo e, sobretudo, de aspecto, enquanto o verbo pleno realiza as funções sintático-semânticas de selecionar argumentos e exprimir a denotação do evento.

Desse modo, atesta-se que ambas as formas – sintéticas e analíticas – são variantes e, pressupõem-se possuam não só o mesmo valor semântico como o mesmo comportamento sintático.

É válido ressaltar, entretanto, algumas considerações de linguistas e gramáticos a respeito da auxiliaridade – processo de formação dos sufixos modo-temporais. Observe-se, que para Câmara Jr. (1954), o

[...] processo geral das línguas indo-européias, na conjugação perifrástica, é combinar uma forma nominal do verbo com qualquer forma flexional de outro verbo selecionado para “auxiliar” no padrão perifrástico dado. A significação lexical do conjunto está na forma nominal, como da forma simples flexional está no radical. Na forma flexional auxiliar está a significação gramatical, que é dupla: a) a de um lado, as categorias número-pessoal e modo-temporal, que se apresentam na flexão do verbo auxiliar; b) de outro lado, a nuance categórica, privativa da construção, e que resulta da associação da significação lexical do auxiliar com o tipo de forma nominal que o acompanha (em português: participio perfeito, gerúndio, infinitivo).

(CÂMARA JR., 1954, p. 163-164)

É possível inferir da assertiva do autor que o auxiliar tem significado gramatical e ganha significação junto ao verbo pleno. Assim sendo, nitidamente se percebe que não há perda de características, sendo possível, pois, admitir que o auxiliar exerce a função dos morfemas flexionais e o verbo pleno a do radical.

Entretanto, o comportamento sintático da construção analítica formada por *ir* + *infinitivo* não é habitual ao padrão do português, haja vista, desde a sua formação, a marcação morfológica ou flexional ser dada à margem direita do item lexical em que se percebe o valor semântico.

Rememorando a história, porém – na abordagem do passado do futuro, capítulo 2 –, vê-se que no processo de formação da língua portuguesa, conforme Coutinho (1962), o auxiliar *habere* podia ser realizado em posição anterior ou subsequente ao infinitivo. No entanto, optou-se, com o tempo, pela obliteração da primeira – *habere* + *infinitivo* –, deixando apenas como resquício a construção [haber + de + infinitivo], de possível realização, ainda hoje.

Interessante é perceber, que a construção analítica atual no português – [*ir* + *infinitivo*] – é similar à que existiu, evidenciando, assim que alguns fenômenos linguísticos são cíclicos ou possíveis de ocorrer mais de uma vez na história.

Segundo Castilho (2010, p. 405), na “perífrase de futuro *vou falar*, o auxiliar de novo se transforma num afixo, desta vez um prefixo, dando origem a estruturas como *vofalá*, análogas a *tofalano*, *tafalado*.”. Evidentemente, por ora, não é possível prever o futuro do *futuro analítico*, *i. e.*, dizer se se permanecerá ou se se tornará em uma forma sintética com marcação modo-temporal – e número-pessoal – prefixal.

Contudo, inegavelmente, admite-se que o auxiliar *ir* exerce a mesma função dos morfemas que indicam modo-tempo e número-pessoa, mesmo quando o auxiliar é constituído por um morfema zero, como ocorre com o *presente* “vou”.

Antes de tecer considerações acerca do que se documentou na pesquisa, é válido ressaltar a multiplicidade de uso do verbo *ir* no presente – “vou” – com base em Mollica (1996), texto em que a autora se atém às realizações em que *ir* expressa movimento embora mencione outros possíveis usos do verbo *ir* na “língua falada”: i) empregado como auxiliar; ii) usado sem complemento circunstancial; iii) empregado como “palavra discursiva” – *ex. Mas a Sílvia foi, virou bancária* –; iv) acompanhado do complemento circunstancial na forma de advérbio; v) com sujeito inanimado; vi) como parte de “frases feitas”.

Como se pode observar, dos seis usos citados pela a autora em três o verbo *ir* não expressa movimento: quando empregado como auxiliar, quando empregado como “palavra discursiva” e quando faz parte de “frases feitas”. Considerando, pois, a possibilidade de *ir* expressar (ou não) deslocamento, buscou-se analisar o traço [+/- deslocamento] em construções analíticas constituídas pelo auxiliar “vou”, tendo por base o *corpus* desta pesquisa. Observem-se algumas estruturas e excertos de formas que foram documentadas ou exemplos realizáveis:

a) [*irei* + complemento circunstancial ou locativo]

INF. – Irei à faculdade e darei aula à tarde.

(QMS 043, AliB. Cuiabá, Informante 6: mulher, faixa 1, universitária)

INF. – Irei pra casa.

(QMS 043, AliB. Fortaleza, Informante 1: homem, faixa 1, fundamental)

b) [*irei* + complemento circunstancial ou locativo + infinitivo]

Ex.: Amanhã, eu irei à feira comprar frutas.

c) [*vou* + complemento circunstancial ou locativo]

INF. – Amanhã vou a escola. Quando eu sair daqui? Eu vou pá festa. Aí de lá eu venho pra qui pra casa durmi.

(QMS 043, AliB. Belém, Informante 1: homem, faixa 1, fundamental)

d) [ir (“vou”) + infinitivo + complemento circunstancial ou locativo]

O que que eu fará amanhã? Ah! O que eu vou fazer amanhã. Amanhã eu vou levar a minha filha na rodoviária e vou voltar pra aças me deitar. Não. Eu vou levar a minha filha na rodoviária, minha outra filha pra se encontrar e aí a gente dá uma caminhadinha. É só.

(QMS 043, AliB. Porto Alegre, Informante 4: mulher, faixa 2, nível fundamental)

- e) [auxiliar (“vou”) + complemento circunstancial ou locativo + *infinitivo*]

INF. – *Amanhã, sexta-feira? Vou à feira, vou lá no hospital vê minha amiga, como ela tá passando e... à tarde, se nada acontecer, vô fica por aqui mes’ (=mesmo).*

(QMS 043, AliB. Goiânia, Informante 8: mulher, faixa 2, universitária)

INF. – *Amanhã eu vou pra universidade dar aula... e levar Mariana no colégio e resolver umas estória (risos).*

(QMS 043, AliB. João Pessoa, Informante 8: mulher, faixa 2, universitária)

INF. – *Amanhã eu vou pro colégio entregar a certidão de óbito da minha mãe pronto. Que mais? Vou tomar um cafezinho com a minha irmã depois.*

(QMS 043, AliB. Porto Alegre, Informante 8: mulher, faixa 2, universitária)

- f) [ir (“vou”) + ir (infinitivo) + complemento circunstancial ou locativo]

Ex.: *Vou ir à feira.*

- g) [ir (“vou”) + ir (infinitivo) + complemento circunstancial ou locativo + infinitivo]

Ex.: *Amanhã, eu vou ir à feira comprar frutas.*

- h) [ir (“vou”) + ir (infinitivo) + infinitivo + complemento circunstancial ou locativo]

Ex.: *Amanhã, eu vou ir comprar frutas na feira.*

Das sentenças, depreende-se:

- i) As construções *a.*, *c.*, *d.*, e *f.* são variantes, porém, apenas *f.* é estigmatizada.
- ii) Nas três estruturas *a.*, *c.*, e *f.* o traço [+ deslocamento] do verbo *ir* é perceptível. A estrutura *d.*, porém, não expressa movimento – [- deslocamento].
- iii) As construções *e.* e *f.* pressupõem deslocamento, entretanto não tão evidente como nas construções *a.* *b.* e *c.*

A descrição desses usos consiste na percepção de que o auxiliar *ir* na construção *d.* tenha perdido a carga semântica de deslocamento, expressando apenas uma marcação de modo-temporal e número-pessoal, em contrapartida às construções *e.* e *f.*, as quais além de se constituírem formadores de tempo, mantêm a carga semântica de deslocamento.

Destaca-se o fato de que alguns empregos causam certa estranheza entre os falantes do português em determinados níveis sociais, como é o caso de “vou ir” que aparentemente seria redundante. A partir dessa evidência, questiona-se: i) somente em construções *ir + ir* sente-se

o caráter semântico de movimento?; ii) em que nível de escolaridade o uso de *ir + ir* é mais frequente?

No que tange à observação no *corpus* analisado, pôde-se perceber que se trata de uma forma estigmatizada, haja vista ser somente documentada em um inquérito, quando se sabe que este é um uso comum – ao menos, tem-se ouvido com grande frequência. Entende-se, com base nos dados e na observação da lista de verbos mais usados – dentre os quais se destacam os verbos “trabalhar”, “fazer” e “ir” –, que a terceira conjugação desfavorece o uso da forma analítica tal como uma espécie de estratégia de esquiva.

Com base nos excertos citados parece não ser somente a construção analítica constituída de *ir + ir* que se é possível perceber o caráter semântico de movimento. Formas analíticas em que o auxiliar e o verbo pleno são intercalados por um elemento circunstancial locativo, parecem também manter o traço [+ deslocamento].

Observe-se que em *Amanhã, vou ir a festa*, “vou” funciona como marcador modo-temporal e número-pessoal. Já em *Amanhã vou ir comprar um livro*, *ir* guarda a carga semântica de deslocamento no espaço, enquanto “vou” funciona como formador de tempo futuro. Em contrapartida, em *Amanhã vou à feira comprar frutas*, “vou” além de marcar tempo, mantêm a carga semântica de deslocamento.

Interessante é pensar que tanto na construção *Amanhã vou ir comprar um livro*, quanto *Amanhã vou à feira comprar frutas* a perífrase é “vou comprar”, de modo que o “ir” funciona como um elemento de reforço como ocorre em “O que *é que...*?”, enquanto “à feira” se constitui um locativo. Essa discussão faz pensar na possibilidade de se intercalação um termo entre o auxiliar e o verbo no infinitivo.

Outra observação relevante deve-se ao espraiamento do uso de *ir + ir*, expresso como “vou + gerúndio” em que ora informa ação de ir, como uma despedida, ora significa estado. Observem-se, por fim, alguns excertos das músicas *Pai*, escrita por Fábio Jr. e *Sinal Fechado*, interpretada por Chico Buarque.

Excerto 1 – Sinal Fechado, de Chico Buarque

- Olá! Como vai?

- Eu vou indo. E você, tudo bem?

- Tudo bem! Eu vou indo, correndo pegar meu lugar no futuro... E você?

- Tudo bem! Eu vou indo, em busca de um sono tranquilo... Quem sabe?

[...]

Excerto 2 – Pai, de Fábio Jr.

[...] eu “tô” bem, eu “vou indo” [...]

4.3.2 Resultados das rodadas binárias com o infinitivo

No que tange ao uso do *infinitivo* como *expressão de futuridade iminente* e de *futuridade hipotética e condicionada*, durante o desenvolvimento da pesquisa aventou-se a ideia de que a forma elíptica de marca temporal expressa pelo *infinitivo* fosse elipse do auxiliar *ir* em uma perífrase. Contudo, considerando o fato de existir a realização do futuro sintético-analítico [*irei + inf.*] além da forma analítica [*vou + inf.*], não se pode evidenciar se se trata da elipse do auxiliar *ir* no *presente* – “vou” – ou deste no *futuro* – “irei”.

As músicas “Café da manhã”, de Roberto e Erasmo Carlos, e “Minha estrela” interpretada pela banda Jamil e uma noites, ilustram a indagação – a possibilidade de o infinitivo ser, de fato, elipse do auxiliar. Observem-se alguns excertos:

Excerto da música 3 – Café da manhã, de Roberto e Erasmo Carlos

Amanhã de manhã
Vou pedir o café pra nós dois
Te fazer um carinho e depois
Te envolver em meus braços
 E em meus abraços
 Na desordem do quarto **esperar**
 Lentamente você despertar
 E **te amar** na manhã
 [...]

Excerto da música 4 – Minha estrela, de Jamil e uma noites

[...]
Vou te ninar, te abraçar
 Te beijar a vida inteira
Serei seu fã, você pra sempre a minha estrela.
 [...]

Como se vê, no *Excerto da música 3*, o compositor inicia seu enunciado usando a forma analítica – “vou pedir” – antecedido pelo marcador temporal “Amanhã de manhã”. Em seguida, por toda a estrofe, vale-se de construções em que apenas o *infinitivo* é explicitado e, quase sempre, acompanhado de “te” em posição proclítica – “te fazer”, “te envolver”, “esperar” e “te amar”.

Observe-se, ainda, que o segundo uso do *infinitivo* – “te envolver” – é precedido de outro marcador temporal – “depois”. De que se pode depreender que a única marcação temporal da expressão de futuridade ocorre, unicamente, fora do verbo. Este fato objeta algumas definições expressas em gramáticas de língua portuguesa.

Percebe-se que as duas primeiras realizações do *infinitivo* como formas de expressão de futuridade são de fácil identificação, sobretudo pela presença de um marcador temporal e (ou) pelo uso do *futuro analítico* no início do enunciado. Essas formas podem, portanto, ser admitidas como elipse do auxiliar “vou”.

Entretanto, no decorrer, ao passo em que o poeta não retoma a expressão de futuridade através de um elemento linguístico, torna-se mais complexo identificar o *infinitivo* como uma variante de futuro, embora seja possível pressupor a elipse do auxiliar “vou”.

No *Excerto da música 4* pode-se pressupor a provável elipse de marcação temporal em “te abraçar” e “te beijar” que aparecem no encadeamento da estrofe iniciada pelo *futuro analítico* – “Vou te ninar”. A hipótese é, ainda, reforçada pela presença de elipse verbal que ocorre no último verso da estrofe refrão – “**Serei** seu fã, você pra sempre a minha estrela”.

Observe-se, a seguir, uma possível análise linguística pautada na hipótese aventada.

Vou te **ninar**, (vou = Ø) te **abraçar**
 (vou = Ø) Te **beijar** a vida inteira
Serei seu fã, você (Ø = será, vai ser) pra sempre a minha estrela.

Como se vê, a elipse do auxiliar “vou” é nítida. Porém, a elipse do verbo “ser” no último verso pode ser interpretada como “será” ou como “vai ser”, haja vista toda a estrofe ser composta ora pelo *futuro analítico* totalmente explicitado [*vou + inf.*] ora pela elipse de auxiliar [*vou (Ø) + inf.*]

Evidentemente, em ambos os excertos das músicas, os fatos podem ser justificados com base em argumentos relacionados à métrica da canção ou como licença poética, mas é preciso destacar que são de passível de realização em eventos de fala e de escrita, sobretudo em âmbito formal. Ora, sabe-se que a elipse no português brasileiro contemporâneo é um fato recorrente em diversos fenômenos.

Segundo Perini (2010, p. 186), “no PB, encontramos lacunas correspondentes a diversas funções sintáticas. O sistema funciona, ao que parece, assim: o receptor tem em sua memória a lista das construções sintáticas da língua [...]”. E, assim como um verbo pode ser suprimido sem que haja prejuízo na comunicação, também é possível que alguns de seus elementos – morfemas, sufixos e flexões – sejam não realizados foneticamente. No caso, inesperadamente, a elipse de auxiliar consiste na elipse da marcação temporal, embora a marcação modo-temporal de “vou” – que é *presente* – seja nula, morfema zero.

De volta para o futuro nesta pesquisa, ressalta-se que o *infinitivo* representa 31% das respostas válidas concernentes à *expressão de futuridade iminente em relação ao momento da fala* e no que se refere ao valor de *futuro hipotético condicionado*, foram quantificados 15% do total de respostas obtidas.

A priori, as realizações do *infinitivo* após a forma analítica ou sintético-analítica foram consideradas como elipses do auxiliar, e as que ocorrem após as formas sintéticas – padrão e não padrão – foram consideradas como *infinitivo*. Sendo, entretanto, possível ocorrer *infinitivo* após formas sintéticas parece não haver razão para considerar como elipse de auxiliar já que a elipse pode estar em qualquer nível da língua na sentença – mórfico, morfossintático ou discursivo.

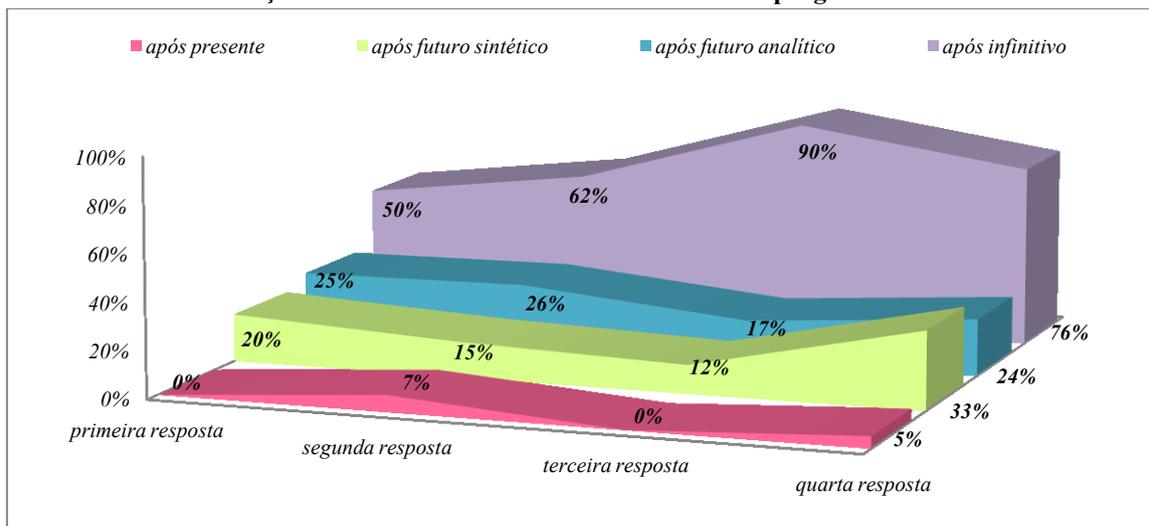
Tornou-se relevante, assim, analisar o comportamento dessa forma em confronto com a forma canônica – futuro sintético – e com as variantes, especificamente em dois contextos pragmático-discursivos a partir do cruzamento das duas variáveis pragmático-discursivas adotadas neste trabalho: o ‘Paralelismo discursivo’ e a ‘Ordem das sentenças’, a fim de identificar quando se trata de *infinitivo* e quando se trata de elipse do auxiliar *ir* – “vou” ou “irei”.

Observem-se, primeiramente, os resultados da realização de *infinitivo* obtidos a partir do cruzamento dos dados concernentes à *expressão de futuridade iminente ao momento da fala* e, em seguida, os dados que se referem à *expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior*.

É válido ressaltar que para esta investigação, a variável ‘Paralelismo discursivo’ compôs-se de quatro fatores: ‘após *infinitivo*’ – realização em cadeia –, ‘após *futuro sintético*’, ‘após *presente*’ e ‘após *futuro analítico*’. O fator ‘contexto subsequente ao *futuro sintético-analítico*’ não pode ser analisado em razão do não uso de *infinitivo* nesse contexto. Atesta-se, com base neste fato, que a realização de *infinitivo* como expressão de futuridade configura-se ora como elipse do auxiliar *ir* no presente – “vou” – ora como o próprio *infinitivo*.

Observem-se, a seguir, os resultados mais detalhados.

Gráfico 37 – Distribuição do infinitivo – cruzamento das variáveis pragmático-discursivas



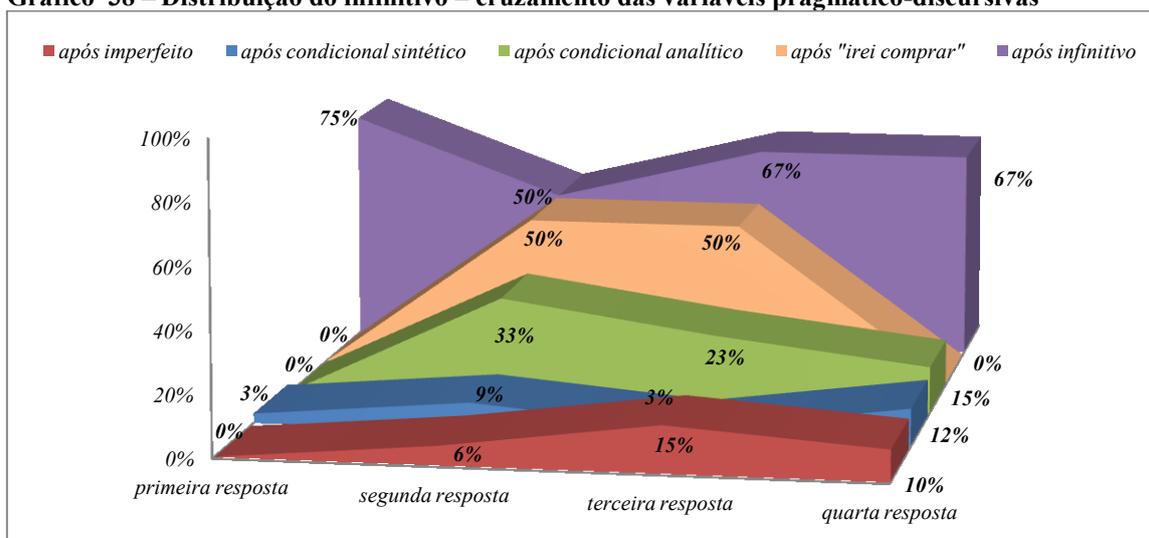
Como se percebe, a realização em cadeia – *infinitivo* após *infinitivo* – é o contexto mais proeminente, haja vista os percentuais serem maiores do que 50% em todas as situações propostas – as realizações no âmbito do período enunciativo – alcançando aos 90% quando em ‘terceira resposta’.

É importante ressaltar, também, que as realizações após as formas sintéticas – *presente* e *futuro sintético* – apresentam-se como os contextos menos propícios para o uso da forma infinitiva. Contudo, os percentuais de *infinitivo* após *futuro sintético* são maiores do que quando a variante se realiza após o *presente*, e em caso de ‘quarta resposta’, o índice eleva-se – 33% –, sobretudo em relação ao *futuro analítico* – 24%.

Aliás, o contexto *infinitivo* subsequente ao *futuro analítico* mantém certa regularidade no que concerne ao âmbito do enunciado, embora os percentuais não se revelem altos – entre 17% e 26%.

Similarmente, no que concerne à *expressão de futuridade condicionada uma situação hipotética anterior*, observou-se que a realização em cadeia é também a que mais favorece o uso da forma de marcação temporal elíptica, como se observa no gráfico, a seguir:

Gráfico 38 – Distribuição do infinitivo – cruzamento das variáveis pragmático-discursivas



Confrontando ambos os resultados apresentados no gráficos 37 e 38, atestam-se divergências. Em contrapartida ao que ocorre com o uso do *infinitivo* após a forma canônica *futuro sintético*, em que os percentuais se revelam baixos – entre 12% e 33% – mas não inferiores à forma sintética não canônica – *presente* –, o maior percentual concernente ao uso da forma elíptica após o *condicional sintético* equivale a 12%, em quarta resposta.

Um estudo mais acurado sobre o uso do *infinitivo*, quiçá, possa proporcionar uma melhor compreensão. Vale ressaltar, entretanto, que esta pesquisa objetivou, estritamente, descrever o comportamento de formas verbais que expressam futuridade, atentando para a incidência de fatores intra e extralinguísticos.

CAPÍTULO V
A REALIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA *VERSUS* OS
COMPÊNDIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

5 A REALIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA *VERSUS* OS COMPÊNDIOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O momento atual é de luta, de renovação e incita à mudança, a favor de uma participação cada vez maior de toda a população e de um exercício cada vez mais pleno da cidadania. O professor não pode ausentar-se desse momento nem, tampouco, estar nele de modo superficial. O ensino da língua portuguesa também não pode afastar-se desses propósitos cívicos de tornar as pessoas cada vez mais críticas, mais participativas e atuantes, política e socialmente.

(ANTUNES, 2003, p. 15)

Quase dez anos após a publicação de *Aula de Português*, de Irandé Antunes – obra em que se encontra a assertiva supracitada – e, infelizmente, as aulas de língua materna continuam evidenciando que a Educação ruma ao mais insano abismo, tendo em vista a abdicação do ensino do funcionamento da língua em sua diversidade em prol de uma norma congelada no ideal purista.

Infelizmente e em contrapartida, nada mudou no modo de ensinar língua nas escolas. As gramáticas continuam dizendo o óbvio, parecem obsoletas e não correspondem à realidade linguística brasileira.

Ao longo desta pesquisa, pôde-se perceber alguns lapsos em algumas gramáticas, no que tange à expressão de futuridade a saber:

- i) a omissão de alguns usos, que seja quanto à estratégia de uso da forma analítica sobretudo a constituída pelo verbo *ir* seguido de infinitivo, quer seja quanto ao *tempo fictício*, possibilidade de uso de um tempo com valor distinto do prototípico;
- ii) a não especificidade dos contextos em que pode ocorrer a variação entre as formas utilizadas para exprimir futuridade;
- iii) o tratamento incipiente e inócuo quanto às categorias semânticas do verbo: *tempo*, *modo* e *aspecto*, de maneira a não ser possível depreender os limites e as relações entre tais;
- iv) o não tratamento dado às noções semântico-pragmáticas, como a condicionalidade e a irrealidade, inerentes às formas verbais empregadas como expressão de futuridade;
- v) os equívocos e as noções obscuras no que se refere às categorias morfossintáticas como a auxiliaridade – haja vista não haver clareza quanto à especificação do que

é uma perífrase verbal e o que representa a locução verbal – e a subordinação condicional;

- vi) a inadequação da nomenclatura dada às formas canônicas, sobretudo o *futuro do pretérito*, conforme a NGB.

Esses seis pontos se enquadram em três principais “problemas” destacados neste trabalho, que se referem: i) ao conceito / definição; ii) ao uso; iii) à nomenclatura.

5.1 O PROBLEMA DO CONCEITO / DEFINIÇÃO

No que tange ao *verbo*, observou-se que em qualquer definição, recente ou antiga, a associação com a noção temporal é, com mais ou menos ênfase, inevitável e, por conseguinte, uma das questões centrais a respeito da enunciação. Evidencia-se, ainda, a relevância da noção temporal nas definições analisadas de maneira a parecer ser o “tempo” um aliado intrínseco ou a parte mais importante do verbo.

Em contrapartida, os dados desta pesquisa mostraram que em algumas construções a marcação temporal não se encontra no verbo. Observem-se algumas construções documentadas:

INF. – **Amanhã irei ao trabalho** após o trabalho, (init.) vou pegar um cinema [...] (QMS 043 - Fortaleza Inf. 5: homem, faixa 1, universitário)

INF. – Amanhã é quarta! **Amanhã eu vou no cinema a tarde** (QMS 043 - São Luis, Inf. 5: homem, faixa 1, universitário)

INF. – **Amanhã dormi** um pouquinho, **trabalhá a noite** amanhã eu chego de manhazinha e **a tarde dá** umas voltinhas enquanto a mulher chega. (QMS 043 - Fortaleza Inf. 3: homem, faixa 2, nível fundamental)

INF. – **Levantá** cedo, **tomá** banho, **vim** pá qui **carregá** o caminhão e **saí** pá rua (QMS 043 – Boa Vista Inf.1: homem, faixa 1, nível fundamental)

Observe-se que no primeiro excerto, a expressão de futuridade é marcada pela presença do morfema modo-temporal – e número-pessoal – em “irei” e reforçada pelo marcador temporal “amanhã”.

Em contrapartida, na segunda fragmento, o *presente* “vou” tem valor de futuro, identificado através do contexto no enunciado. Similarmente, no terceiro, nota-se que a expressão de futuridade só pode ser percebida pela presença dos marcadores “amanhã”, “a noite” e “a tarde”. Assim, em ambos os casos, pode-se dizer que a marcação temporal encontra-se fora do verbo, no nível da morfossintaxe, expressa pelo marcador “amanhã”.

O quarto excerto evidencia o pressuposto de que há casos em que a expressão de futuridade apenas pode ser identificada no discurso, em que a compreensão do enunciado é determinada pela formulação da pergunta “O que você fará amanhã?”.

Diante do que se apresenta é possível dizer que no cenário da variação concernente à expressão de futuridade, em alguns “atos”, os elementos coadjuvantes – os marcadores temporais – parecem “roubar a cena”, destacando-se e executando o papel que competia aos protagonistas – as formas verbais – exprimir.

5.2 O PROBLEMA DO USO

No que tange ao uso e à sua interpretação em gramáticas, é possível admitir que, talvez, seja esse o mais complexo problema diagnosticado ao confrontar a análise dos dados com os preceitos de gramáticas de língua portuguesa.

Viu-se que as gramáticas apenas citam alguns contextos e possibilidades de uso das formas verbais que expressam futuridade, haja vista admitirem a possibilidade de substituição de um tempo por outro e pouco mencionarem a respeito das formas analíticas.

Os dados mostraram forte uso das formas analíticas tanto para a *expressão de futuridade iminente em relação ao momento da fala* – forma majoritária, equivalente a 40% do total de realizações –, quanto para a *expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior* – equivalente a 23% do total de ocorrências.

A variação concernente à *expressão de futuridade condicionada a uma situação hipotética anterior* é mais visível, haja vista as três variantes mais usadas – a sintética canônica, a sintética não canônica e a analítica – apresentarem percentuais bastante equiparados. Em contrapartida, no que se refere à *expressão de futuridade iminente em*

relação ao momento da fala, vê-se desuso da forma canônica – *futuro sintético* – em prol da *futuro analítico*.

A volta ao “passado do futuro” possibilitou perceber que a possibilidade de uso de um tempo por outro já existia desde o latim, perpetuou no português em todos os períodos. Evidentemente, com algumas modificações.

Observe-se a seguir, as possibilidades de substituição entre as formas verbais e respectivos valores, apresentados nas gramáticas e em estudos linguísticos:

| EXPRESSÃO FORMA VERBAL | Futuro (futuro do presente) | Condicional (futuro do pretérito) |
|---|--|--|
| <i>Presente</i> | + | + |
| <i>Imperfeito</i> | - | + |
| <i>Pretérito perfeito</i> | - | - |
| <i>Mais-que-perfeito</i> | - | + |
| <i>Futuro do presente</i> | + | + |
| <i>Futuro do pretérito</i> | + (condicionado) | + |

Como se pode perceber, no que tange à expressão de futuridade, o uso das formas verbais não é marcado estritamente pelo tempo cronológico, mas e também pelo tempo da enunciação, o momento da fala, em que a comunicação se estabelece.

Ressalta-se, pois, a emergência em se propor e pôr em prática visões mais próximas da realidade linguística brasileira, a partir da compreensão da variabilidade da língua.

5.3 O PROBLEMA DA NOMENCLATURA

A comemoração do cinquentenário da oficialização da NGB não seria o momento propício para um repensar dessa nomenclatura à luz das contribuições da ciência linguística, acompanhada de uma análise crítica dos parâmetros que orientam a formação do professor de língua portuguesa, para fornecer a esse profissional uma sólida formação teórica que lhe permita estabelecer a relação básica entre língua e gramática e, conseqüentemente, tomar consciência da importância e do papel do usuário da língua no processo ensino-aprendizagem da gramática? Fica o desafio! (ISQUERDO apud HENRIQUES, 2009, p. 74)

Quem gosta de jogo e esporte – mesmo que não seja grande entendedor – sabe que “em time que está ganhando, não se mexe”. O ensino de língua, porém, há muito tempo “vai mal” e nada muda. A exemplo disso pode-se citar a NGB – Nomenclatura Gramatical Brasileira – que não sofre alterações necessárias há mais de 50 anos, e não tem suportado o peso da língua.

No que tange à expressão de futuridade no português brasileiro contemporâneo, a terminologia adotada para as formas canônicas – *futuro do presente* e *futuro do pretérito* – parece não ser conveniente, sobretudo por duas razões: i) a falta de clareza agregada ao nome; ii) o fato de não representar o uso linguístico.

A designação *futuro do pretérito*, por exemplo, no contexto analisado nesta pesquisa não “expressa um fato futuro em relação a outro já passado”, conforme afirma Faraco e Moura (1999, p. 347). A respeito dessa forma, Câmara Jr. (2007, p. 3), considera que o problema da nomenclatura é

[...] delicado e controvertido, porque se trata de uma forma que é criação românica e não foi por isso considerada pela tradição gramatical greco-latina. Do contrário, teríamos um nome – mais ou menos satisfatório, ou inexpressivo, ou impróprio, mas radicado na gramática e possível de ser aproveitado com maior ou menor modificação do seu sentido primeiro.

O autor não admite ser conveniente o uso do termo *condicional*, haja vista não ser aplicável a outras significações possíveis. Sob essa perspectiva, admite-se não ser também aconselhável chamar de *futuro do pretérito* um uso que representa hipótese em relação a um futuro condicionado por uma ação anterior também hipotética.

Por ora, a discussão firma em relação à nomenclatura e uso do *futuro* e do *condicional*, como se optou chamar, nesta dissertação, as formas canônicas que expressam futuridade em contextos distintos. Mas é válido ressaltar que a possibilidade de substituição entre as formas

verbais não é arbitrária e que essas formas também são usadas em outros contextos, como: i) o *futuro* pelo *presente* para expressar habitualidade; ii) o condicional ou futuro do pretérito como estratégia de polidez, como em: “Você fecharia a janela, por favor?”

Sintetizando a discussão, é possível dizer que no português brasileiro contemporâneo coexistem, no mínimo, dois *futuros do pretérito*; um que é hipotético, que pode ser chamado de *condicional*, e outro que tem o sentido prototípico. A estratégia de polidez fica, assim, “nem no passado, nem no futuro”.

Em relação às formas analíticas que as gramáticas insistem em chamar de locuções verbais.

[...] Afinal, se estruturas formadas pelo auxiliar ter seguido de um particípio passado são consideradas tempos verbais, *i. e.*, pretérito perfeito composto e pretérito mais-que-perfeito composto, por que essas duas outras estruturas, *i. e.*, ir seguido de infinitivo e estar seguido de gerúndio, não são consideradas tempos verbais? Não faz sentido.

No que tange à nomenclatura dada, sobretudo, ao *futuro do pretérito*, há controvérsias entre os autores. Notou-se que apenas o *futuro do pretérito* apresenta divergência entre os autores, haja vista ser chamado por Perini (2010) de *condicional*. Bechara (2009, pp. 222-223) utiliza o termo *futuro do pretérito* para a forma “cantaria”, por exemplo, e considera que esta implica também a modalidade condicional, já que admite a existência de cinco modos verbais na língua portuguesa. É válido ressaltar que a posição considera o *condicional* um *modo* e não um *tempo* é assumida pela Nomenclatura Gramatical Portuguesa, de 1967.

Quanto à variação e emprego dessa forma verbal, atestou-se que xx gramáticas registram a substituição do *condicional*, lê-se *futuro do pretérito*, pelo *imperfecto*, e que dessas, xx consideram ser um uso restrito à linguagem falada e (ou) coloquial. A respeito da frequência de uso do PB Perini (2010, p. 226) considera que as “versões com o imperfecto parecem mais coloquiais e espontâneas o que as com o condicional.”

Optou-se, nesta pesquisa, por assumir o termo *condicional* ao *futuro do pretérito*, porém como um *tempo* e não como um *modo*, haja vista considerar que, embora seja nítida a propriedade modal, a noção temporal de futuridade é mais evidente.

Partindo do pressuposto de que as formas verbais podem ser substituídas entre si porque há condições intra, inter e extralinguísticas favoráveis à oscilação, é possível dizer que o momento do evento subjaz ao momento da referência e ao momento da fala. Fica evidente que uma investigação sob a perspectiva variacionista precisa considerar que tudo é relacional.

Atesta Garcia (2007):

Os tempos podem ter tão variadas conotações à margem do seu sentido fundamental, tantos matizes semânticos sob a camada da mesma desinência temporal, que não seria descabido falar em tempos-aspectos, denominação que talvez cause estranheza, pois tempo é uma coisa, e aspecto, outra. (GARCIA, 2007, pp. 94-95)

A esses “tempos-aspectos”, tem-se optado por chamar de tempos fictícios, metafóricos, relativos. Nesta pesquisa, optou-se por designar os múltiplos usos que uma forma verbal pode ter de valores, distinguindo-se, pois, o ator de sua personagem.

Assim, tendo sido realizada a descrição dos usos peculiares às comunidades linguísticas documentadas e o cotejo entre os dados obtidos com a descrição e os preceitos descritos em gramáticas, propõe-se alteração de postura quanto aos fatos de língua e seu próprio conceito, considerando, sobretudo, o caráter variável intrínseco à língua e a natureza tridimensional da gramática: a estrutura/forma, o significado, e uso pragmático de determinada língua.

Considerando que essas três dimensões estão interligadas, é inadmissível que se estude/ensine somente a forma sem que se observe seu significado em determinado uso. Sobretudo, porque contextualizar a gramática é de fato apresentar como se processa o funcionamento da língua e mostrar que dada forma pode adquirir outra significação a ser depreendida do emprego, do uso linguístico.

Acredita-se não haver muito a mais para falar, mas sim, muito a ser feito. Passam-se, pois, às *Considerações finais*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dos caminhos trilhados nesta dissertação, eis que insurgem questionamentos, reflexões e novas perspectivas de estudo sobre o tema.

O presente estudo mostrou que o cenário da expressão de futuridade no português brasileiro contemporâneo é só diversidade. Com esta pesquisa, pôde-se atestar que o falante do português brasileiro possui um vasto leque de possibilidades de expressar seus desejos, vontades e (in)certezas quanto ao futuro quer seja na perspectiva da iminência dos fatos em relação ao momento da fala, quer seja no período hipotético e condicionado.

Considerando como Max Luccado que “Fé no futuro é poder no presente”, é possível admitir, no que tange à *expressão de futuridade iminente em relação ao momento da fala*, que ao utilizar o *presente* o falante torna o futuro mais próximo da sua realidade e da concretização da ação a ser realizada.

Uma cena da dramaturgia brasileira foi, por muito tempo, bastante comentada e, no âmbito da questão ora discutida, é válido retomá-la. Trata-se de uma cena interpretada por Eva Wilma na novela *A Indomada*, em que a personagem – carbonizada e entre a fumaça que se tornou – diz: “Eu voltarei”. Interessante, ainda, foi ver, alguns anos depois desse episódio, a mesma atriz, em outro personagem, em alusão ao ato e ao fato dizer: “Eu não disse que voltava?”

A vivacidade dos fatos analisados se confirma. Atestou-se o desuso – como entre a fumaça de si mesma – da forma canônica *futuro sintético* em prol das variantes não canônicas – *futuro analítico* e *presente*. Considerando que o fenômeno encontra-se em processo de mudança, é possível admitir que segue em direção à forma não padrão – a forma analítica.

No que tange ao *condicional*, com base nos dados analisados, não é possível identificar qual forma predominará, haja vista a coexistência de três – *condicional sintético*, *condicional analítico* e *imperfeito*. Se se admitir, porém, o português europeu como parâmetro, pode-se supor que o *imperfeito* em algum momento irá se sobrepor às demais formas. Parece confirmar assim o que canta Renato Russo: “Acho que o imperfeito não participa do passado”, haja vista as diversas possibilidades de realização dessa forma verbal.

Note-se que o *imperfeito*, além de substituir o *condicional*, pode ser empregado como presente, por exemplo, como ocorre em “Agora eu era o herói”.

O herói de agora é o *futuro analítico*.

Uma investigação futura pode contrapor os usos das formas que expressam futuridade nas variantes do português, observando possíveis influências sociais e contextos linguísticos favorecedores à variação e, por conseguinte, à mudança.

É interessante perceber que as perguntas constantes do *Questionário ALiB* (2001) também se veiculam em redes sociais. Evidentemente não há como identificar, nessas respostas, características sociais dos indivíduos que as usam e não se pretende, aqui, realizar uma análise comparativa - os dados do ALiB e o que é veiculado em algumas redes sociais.

A variação das formas que expressam futuridade é evidenciada, entretanto, quer em eventos de fala quer na escrita informal.

Cita-se, ainda, que na última Copa do Mundo, em 2010, após a seleção brasileira ser derrotada antes mesmo da semifinal, Galvão Bueno, comentarista da Rede Globo, anuncia através da emissora, a vinheta da Copa 2014, no Brasil:

Daqui a quatro anos, o mundo inteiro VAI TOMAR a direção do país do futebol e VAI SEGUIR o brilho das nossas estrelas. Copa do Brasil, em 2014 mais uma estrela HÁ DE BRILHAR por aqui. Copa 2014. A gente vê por aqui.

Nos dados analisados, não se registrou o uso da construção [*hei de + infinitivo*]. Em contrapartida, documentaram-se outras construções analíticas e sintético-analíticas, sobretudo a forma *ter que (de)* seguida de *infinitivo*, que foi, juntamente com outras – como se viu – expurgadas da análise quantitativa dos dados, sobretudo pelo caráter modal que apresentam. Eis, mais uma possível abordagem a ser realizada com maior rigor e detalhes em estudos posteriores.

É possível, pois, reafirmar que se trata de um fenômeno que está na língua. Assim como na moda, o conceito “vintage” é aplicável aos usos linguísticos, inclusive, ao fenômeno estudado.

Por fim, a discussão não se esgota aqui. Muito há para pesquisar em muitos outros “mares” a serem navegados quer em futuros próximos, quer em hipotéticos, quer sejam condicionados, quer não. Afinal, “sempre há de existir novo amanhã”, amanhãs e muitos futuros.

Fica como reflexão, parte de um relato de um informante desta pesquisa, que não pôde ser utilizado na análise dos dados em razão do critério dado a esta pesquisa de restringir os dados às duas perguntas específicas “O que você fará amanhã?” e “O que você faria se ganhasse na loteria?”, que diz: “Eu ainda não perdi o meu amanhã”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*.
- ANTUNES, Irlandé. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. *Atitudes sociolingüísticas: efeitos do processo migratório*. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos Estudos Linguísticos*. 6ª edição. Araraquara, SP: Companhia Editora Nacional, 1979.
- BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda, A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba. Espírito Santo, UFES, 2008 (Dissertação de Mestrado).
- BÜHLER, Karl. *Teoria del language*. 2.ed. Trad. esp. Julián Marías. Madrid: Revista de Occidente, 1961.
- CÂMARA JR. Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. 7. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1989.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *A forma verbal portuguesa em -ria*. 2007.
- Castilho Ataliba Teixeira de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal no português*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. 1968.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo, FAPESP/Contexto. 2010.
- CASTRO E PINTO, João Manuel de, e Manuela PARREIRA. *Prontuário Ortográfico Moderno*. 4ª ed. Lisboa: Edições Asa - Divisão Gráfica, 1990.
- Comitê Nacional do Projeto ALiB. Atlas Linguístico do Brasil. *Questionário 2001*. Londrina: Editora UEL, 2001.

CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. *O Tempo nos verbos do Português: Uma introdução à sua interpretação semântica*. SP: Parábola Editorial, 2005.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: USP, 1979.

COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1990.

COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. *O futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro: um estudo diacrônico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003 (Tese de Doutorado).

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 5 ed. Revista e aumentada. Livraria Acadêmica. Rio de Janeiro. 1962

CUNHA, Celso Ferreira da. & CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon. 2008.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

FARACO, Carlos & MOURA, Francisco. *Gramática*. 18a ed. São Paulo: Ática, 1999.

FERNANDES JR., Alcebíades. *Cronológica: um estudo do raciocínio aplicado a verbos*. São Paulo: Livro Pronto. 2007

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana A.M. *A Dialectologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 13. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, RJ: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GUY, Gregory Riordan, e ZILLES Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Nomenclatura Gramatical Brasileira: 50 anos depois*. São Paulo, Parábola. 2009.

ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto, 2001.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, M. Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. Rio de Janeiro: Parábola, 2008.

- LAROCA, Maria Narazé de Carvalho. *Manual de morfologia do português*. 4 ed revisada e ampliada. Campinas: Pontes, 2005.
- LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- LOBATO, Monteiro. *Emília no país da Gramática*. Ilustrações Osnei e Hector Gomez. São Paulo: Ed. coment. 2008, p. 55
- MACAMBIRA, José Rebouças. *Português estrutural*. 4ed. São Paulo: Editora Pioneira. 1998.
- MARROQUIM, Mário. *A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996. p. 89.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Horizonte: Bernardo Álvares. 1970.
- MATEUS, Maria Helena Mira; XAVIER, Maria Francisca (Orgs.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Edições Cosmos, 1992.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. “Uma compreensão histórica do português brasileiro.” In: *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*, por Rosa Virgínia MATTOS E SILVA, 166. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da lingüística histórica: "ouvir o inaudível"*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico. Uma Aproximação*. Vols. II - Sintaxe e fonologia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.
- MERCER, José Luiz da Veiga. O futuro nas línguas românicas. *Revista da ABRALIN*. v.10, n.3. 2011.
Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/abralin/article/view/32358/20557>
Acesso em: julho de 2012
- MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística Variacionista: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 9.
- MOTA, Jacyra Andrade, e Suzana Alice Marcelino (Orgs.). *CARDOSO. Documentos 2: projeto atlas lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.

MOTA, Jacyra, e ROLLEMBERG, Vera (Orgs.). “Atas do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística: conferências - mesas-redondas.” Salvador: FINEP UFBA, 1996.

MOURA NEVES, Maria Helena. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEIVA, Isamar. O “Futuro” no “Passado Século XVIII”: Estudo das formas de expressão de Futuro do Presente e Futuro do Pretérito em cartas de Luis dos Santos Vilhena. In: *Anais do V Seminário de Estudos Filológicos*. 2010

NOLL, Volker. *O Português Brasileiro: Formação e contrastes*. Trad. de Mário Eduardo Viaro. SP: Ed. Globo, 2008. p. 87.

OLIVEIRA, Josane Moreira. O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006 (Tese de Doutorado).

OLIVEIRA, Josane Moreira. A expressão variável do futuro verbal na escrita: Brasil e Portugal em confronto. *Revista da ABRALIN*. v.10, n.3. 2011.

Disponível: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/abralin/article/view/32357/20556>

Acesso em: julho de 2012.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Marilza. *Amare avava or amare iva?* A new look at the gramaticalization of Portuguese conditional. *Linguística* 15/16, 2003/2004: 175-184.

Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maril007.pdf>

Acesso em julho de 2012

PAGOTTO, Emílio Gozze. *Variação e (') identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

PAIVA, M. da C. de. Transcrição de dados lingüísticos. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolingüística Variacionista: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 135-146.

PAIM, Marcela Moura Torres; GUIMARÃES, Michel. Caminhos do projeto ALiB: reflexões sobre a emergência da identidade social de faixa etária. *Entrepalavras*, Fortaleza - ano 2, v.2, n.1, p. 293-305, jan/jul 2012.

Disponível em:

<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/56/107>

Acesso em: julho de 2012.

- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4 ed. Tradução: Eni Puccinelli et al. ORLANDI. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2006.
- PERINI, Mário. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola. 2010.
- RANGEL, Egon de Oliveira. Sobre as passagens das horas. In: CORÔA, Maria Luiza Monteiro Sales. *O Tempo nos verbos do Português: Uma introdução à sua interpretação semântica*. SP: Parábola Editorial, 2005.
- REBELLO, Adriana L. do P. Futuro do Pretérito ou Pretérito Imperfeito? – A abordagem das gramáticas e manuais de PBE. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 9. 2005, RJ: *Cadernos do CNLF*. RJ: 2005. v. 8.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- ROCHA, Talita de Carvalho; PAIM, Marcela Moura Torres. *VARIAÇÃO E IDENTIDADE: o uso dos marcadores temporais de estrutura pontual nas capitais das regiões sudeste e centro-oeste do Brasil*. In: Congresso de Dialectologia e Sociolinguística, 2010. (Comunicação).
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1992.
- SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa Gramática: teoria e prática*. 8 ed. São Paulo: Atual, 1986.
- SANTOS, Leandro Almeida dos.; PAIM, Marcela Moura Torres. *OS MARCADORES TEMPORAIS NO PROJETO ALiB: o que revelam dados das capitais nordetinas, Recife e Salvador*. In: Seminário Estudantil de Pesquisa, 2011. (Comunicação).
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática. 1986.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão verbal*. 4ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, Willian; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 87-126.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973. p. 212.

ZANOTTO, Normélio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. 4 ed. rev. Caxias do Sul: EDUCD, 2001.

GLOSSÁRIO

ÂMBITO FORMAL: nível de análise dos dados, com base na maneira intralinguística.

ANÁLISE MULTIVARIADA: etapa da quantificação dos dados em que são gerados os pesos relativos concernente à variante adotada como valor de aplicação da regra variável.

ANÁLISE UNIVARIADA: etapa inicial da quantificação dos dados em que são gerados percentuais e total de ocorrências de todas as variantes consideradas

CANÔNICA: a forma padrão, adotada tradicionalmente ou adotada pela Gramática Tradicional

CONDICIONAL: o *futuro do pretérito*, conforme a NGB.

DISCURSO: o produto de um ato de enunciação; a manifestação da língua na comunicação efetiva entre os membros de uma comunidade.

EFEITO GATILHO: em casos de interação, como em entrevistas sociolinguísticas, tendência à repetição de usos, ou traços associados, na resposta do entrevistado que foram antes veiculados na pergunta do entrevistador.

EXTENSÃO LEXICAL DOS VERBOS: o número de sílabas que tem a forma canônica conjugada

FORMA ELÍPTICA DE MARCAÇÃO TEMPORAL: uso do *infinitivo* como expressão de futuridade. Designação criada em função da ideia aventada, durante o desenvolvimento da pesquisa, de que o uso do *infinitivo* como expressão de futuridade fosse, de fato, a elipse do auxiliar *ir* em uma perífrase.

FORMA SINTÉTICA CANÔNICA: formas verbais que apresentam marcação modo-temporal expressa pelo sufixo ou desinência verbal e que são adotadas pela Gramática Tradicional. Ex.: futuro “trabalharei” e condicional “compraria”.

FORMA SINTÉTICA NÃO CANÔNICA: formas verbais que apresentam marcação modo-temporal expressa pelo sufixo ou desinência verbal, cujos usos não são adotadas pela Gramática Tradicional

FORMAS ANALÍTICAS: perífrases verbais que empregam o auxiliar na variante sintética não canônica. Ex.: “vou trabalhar”; “ia comprar”

FORMAS SINTÉTICAS: formas que apresentam marcação modo-temporal expressa pelo sufixo ou desinência verbal.

FORMAS SINTÉTICO-ANALÍTICAS: construções em que auxiliar se encontra na forma canônica. Ex.: “irei trabalhar”; “iria comprar”

FORMAS SINTÉTICO-ANALÍTICAS: perífrases em que o auxiliar se encontra na forma morfológicamente marcada. Ex.: “**irei** comprar” ou “**iria** comprar”

FUTURO: futuro próximo, expressão de futuridade iminente em relação ao momento da fala, futuro sintético, forma canônica, padrão

MARCADORES TEMPORAIS: os elementos que se caracterizam pela possibilidade de configurar tempo, os quais a tradição gramatical, habitualmente, tem rotulado de advérbios, locuções, conjunções e, até mesmo, orações adverbiais.

ORDEM DAS RESPOSTAS NA SENTENÇA: construção do período

PARADIGMA VERBAL QUANTO À REGULARIDADE:

PARALELISMO DISCURSIVO: observação de como as formas aparecem em cadeia frasal, buscando perceber se o falante tende à repetição da variante empregada na construção do período, partindo do pressuposto do efeito gatilho

PERÍFRASES VERBAIS: formas verbais construídas de auxiliar seguido de forma nominal do verbo, mais comumente, o infinitivo.

TEMPO FICTÍCIO: ou metafórico a possibilidade de uso de um tempo com valores distintos do real, do prototípico, ou mesmo a substituição de uma forma verbal por outra, independente do modo e do tempo verbais.

USO MAJORITÁRIO: que apresenta percentuais acima de 50% ou pesos relativos acima de 0,5 ou .50